



FISIOLOGIA,
MEDICINA E METAFÍSICA
DO
MAGNETISMO,

POR J. CHARPIGNON,

IPEAK

**Instituto de Pesquisas Espíritas Allan Kardec
Curitiba
2013**

FISIOLOGIA,
MEDICINA E METAFÍSICA
DO
MAGNETISMO,

POR J. CHARPIGNON¹,

DOUTOR EM MEDICINA DA FACULDADE DE PARIS,
MEMBRO DE VÁRIAS SOCIEDADES CIENTÍFICAS,
MÉDICO EM ORLEÃES.



Tradução: Maria Leonor Loureiro

Este livro consta do
Catálogo Racional das obras que servem para fundar uma biblioteca espírita,
com o seguinte comentário de Allan Kardec:
“Deduções de notável conformidade com os princípios da Doutrina Espírita.”

Traduzido do original francês *Physiologie, Médecine et Métaphysique du Magnétisme*,
publicado pela Germer Bailliére, Libraire-Éditeur, Paris, 1848.

Capa e diagramação: Cristian Macedo

¹Dr. Louis-Joseph-Jules Charpignon

INTRODUÇÃO



“Procuro um governo que perceba a necessidade de não deixar introduzir levemente no mundo uma verdade que, pela sua influência sobre o físico dos homens, pode operar mudanças que desde seu nascimento a sabedoria e o poder devem conter e dirigir num curso e rumo a um objetivo salutar.”

MESMER.

Quando uma doutrina filosófica, um sistema científico ou uma descoberta industrial, submetidos a exame, podem apresentar provas de fatos e de raciocínio, a validade de suas pretensões e a utilidade de sua aplicação são irrevogavelmente consagradas. Resta pôr em prática o princípio formulado, circunstância que pode ser mais ou menos difícil devido aos interesses sociais que o novo aparecimento vem agitar.

Há mais de meio século o magnetismo aspira a ser reconhecido como ciência, e ainda não o obteve. Será porque esta ciência nova é impotente para fornecer as duas ordens de provas que consideramos exigíveis, ou somente porque ela não foi suficientemente examinada pelos cientistas? Tal é a dupla pergunta que todos se fazem vendo de um lado as proscricções, com as quais os corpos de cientistas respondem às reivindicações dos magnetizadores, e de outro lado observando o incansável proselitismo dos partidários do magnetismo.

Certamente não é a parte experimental que falta a favor do magnetismo, pois hoje seria impossível contar todos os fatos que se produziram desde Mesmer. Podem-se aplicar ao magnetismo estas palavras do professor Trousseau: Quando um remédio se tornou popular, quando charlatães o exploram há muito tempo, e sempre com sucesso para eles, é preciso que ele mostre seu mérito por algumas propriedades úteis, que a teimosia ou o mau humor dos médicos lhe negarão em vão.

Mas o magnetismo foi suficientemente examinado pelos cientistas? Alguém que conhecesse a natureza do espírito humano diria logo: Não, as Academias não estudaram o que é o magnetismo. A história de todas as ciências, de cada grande descoberta, está aí para mostrar a proscricção que sempre acolheu e perseguiu, durante períodos frequentemente bem longos, toda verdade cujos desenvolvimentos deviam modificar profundamente as opiniões reinantes.

O magnetismo, amplamente concebido, é a síntese de todas as ciências que têm o homem por objeto de estudo; é o elo que une a antropologia racional à doutrina do espiritualismo revelado. Vasto feixe, do qual cada ramo estudado separadamente se torna a fonte de luzes novas sobre cada parte dos conhecimentos antropológicos. A vida não é mais um mistério nem uma abstração mecânica. Pode-se seguir sua essência na filiação dos fluidos imponderáveis que a física especializou, e

que o magnetismo nos mostra como sendo somente modificações da unidade etérea, do princípio criado, causa segunda da vida dos mundos. O homem torna-se compreensível, e sua dualidade é demonstrada, não mais pelo poder da filosofia, mas por outro muito mais impressionante, o poder experimental.

Quando aqueles que têm por missão dirigir os estudos superiores tiverem sabido fazer entrar o magnetismo na sua obra de ensino, os sofismas terão perdido a força que têm hoje para afastar os espíritos das sublimes verdades da filosofia do cristianismo. Mas esses tempos ainda estão longe, e a humanidade estará ainda por muito tempo privada das vantagens que o magnetismo lhe pode proporcionar: vantagens para seus sofrimentos físicos, vantagens para suas crenças religiosas. Os dois corpos científicos que compartilham esta dupla ação não se opõem igualmente a receber a nova ciência? O clero não imita os médicos? Dos dois lados encontram-se sem dúvida membros esclarecidos que estudaram a questão, que a aceitaram e põem em prática, mas é o menor número, é fraco e não ousa levantar a voz. É verdade que a autoridade eclesiástica, a corte de Roma, mostrou um julgamento profundo e uma imparcialidade completa em suas sentenças, as quais sempre proferiu como individuais e separadas da causa em si mesma. Quanto à Academia de Medicina e à de Ciências, não hesitaram em negar a possibilidade mesma dos fatos, e, por conseguinte, em recusar uma cooperação sincera e laboriosa ao estudo do magnetismo.

O magnetismo é portanto uma obra intelectual que reúne todas as condições para experimentar os maiores obstáculos a fim de se harmonizar com as inteligências de sua época de concepção científica e prática.

As convicções devem proceder individualmente para invadir os poderes de onde emanam as sanções. É uma infeli-

cidade, porque esse modo de ação progressiva traz consigo hesitações, lutas e desordens.

Desde 1784 o magnetismo continua a se espalhar. Muitos homens o professaram e praticaram, cada qual à sua maneira. Ora com a gravidade que convém a tudo que é nobre e sério, ora outras vezes com a leviandade da ignorância e o descaramento mesmo da imoralidade. Todas as classes da sociedade aprenderam assim o que era o magnetismo e o que ele podia ser. Viu-se desde então nascer o bem ao lado do mal. O homem de conhecimento e consciencioso confundido com o ignorante, o ímpio e o charlatão. Este estado de coisas existe hoje.

Muitos magnetizadores tentaram diminuir o mal, e uma sociedade exigia de seus membros a promessa de não realizar nenhuma sessão de experiências públicas. Eles pensavam com alguma razão que mostrar o sonambulismo em espetáculos era prostituir a ciência. Mas as experiências públicas são um bem ou um mal, segundo sejam feitas por tal ou qual pessoa, e é imprudente generalizar o anátema. Efetivamente, conhecemos homens muito devotados e verdadeiramente instruídos no magnetismo, que agiram convenientemente por experiências, as quais eles foram bastante corajosos e bastante desinteressados para irem produzir em muitos países, e ante incrédulos de todos os tipos. Esses têm realmente direito ao reconhecimento da humanidade, seu nome será distinguido de tantos outros que divulgaram apenas o escândalo.

Entretanto, hoje que o magnetismo é difundido universalmente, que ele é bastante conhecido para ser convenientemente estudado e praticado, não hesitamos em nos levantar contra as experiências públicas. Delas provém sempre mais mal do que bem. A doutrina não está em relação com a prática, a ciência dogmática é ensinada de maneira incompleta, e entregar

a prática sem uma doutrina que seja científica, moral e religiosa é pôr nas mãos de todos um veneno que pode vir a ser mortal.

Estas considerações são graves; assim, colocar o magnetismo nas mãos dos cientistas é um pensamento que todos os homens que apreciaram justamente o valor íntimo desta ciência nova tentaram realizar.

Qualquer outro pensamento seria insensato e ilusório. O que nasceu no oceano das inteligências não pode mais desaparecer. Não se pode senão criar diques e corretivos. Ora, aqui, e certamente aqueles que estudaram o magnetismo nos compreenderão, o princípio é virtualmente grande, belo e bom, mas o gênio malfazejo do homem vicia sua aplicação. É então contra a prática do magnetismo que é preciso dirigir meios de aperfeiçoamento. Ao mesmo tempo, as altas inteligências devem apoderar-se do fraco raio que os pensadores fizeram brotar, para coordenar os fenômenos, penetrar em sua essência e descobrir alguma grande lei que torne enfim mais estáveis essas oscilações que existem no magnetismo prático, oscilações desesperantes que ainda não puderam ser fixadas.

Então ocorrerá na França o que aconteceu em vários países do Norte, o magnetismo será exercido somente pelos médicos ou por práticos especiais, legalmente reconhecidos. Muitas serão as susceptibilidades alarmadas pelo desejo que expressamos; mas é preciso saber sacrificar os interesses particulares em prol do bem geral. A ciência aliás tem sua história, e os nomes daqueles que trouxeram ao magnetismo um trabalho de devotamento e de inteligência aí permanecerão para sempre.

As circunstâncias foram as mesmas para que a organização médica seja o que ela é hoje. Não há tanto tempo que as leis concentraram o poder de exercer a arte da cura somente nas mãos daqueles que se impuseram certas formalidades de recepção médica. Os tempos em que o irmão Cosme e o irmão Tiago percorriam a França, operando os calculosos, ainda são

recentes, e passaria agora pela cabeça de alguém querer ressuscitar a liberdade do exercício da medicina? Os estudos e os graus que cada médico tem obrigação de fazer e de obter são garantias tão sérias quanto é possível exigir para a sociedade. Não tememos dizer que aquele que quer praticar e professar o magnetismo deve dar garantias de uma ordem talvez ainda mais elevada.

Que fique claro que o magnetismo tem mais inimigos nos charlatães e sonâmbulos falsos do que nas academias. A resistência dos corpos de cientistas é um obstáculo que faz amadurecer a nova ciência, ao passo que o zelo dos ignorantes e dos charlatães envenena e faz morrer os frutos dos trabalhos conscienciosos.

Não ignoramos que o poder de um magnetizador é proporcional à vivacidade de seus sentimentos, e que nada contribui mais para extinguir tudo o que o coração do homem tem de fé e de caridade, do que os estudos escolásticos mal dirigidos; mas sabemos também que na maior parte daqueles que fazem magnetismo, a natureza dos sentimentos é mais ou menos falseada pelas ideias mais bizarras e mais errôneas, fruto de uma instrução incompleta. Há portanto inconvenientes dos dois lados, e acreditamos que o melhor meio de fazê-los desaparecer seria modificar a instrução filosófica da Universidade e criar cátedras de magnetismo na Faculdade de Medicina, na de Ciências e na Sorbonne.

Quanto a nós, as circunstâncias foram tais que conhecemos o magnetismo desde nossa primeira juventude. Estudamos muito, vimos muito, fizemos muito. Hoje em dia, nossa convicção é formal sobre a realidade dos fenômenos, sobre os perigos e sobre as vantagens do magnetismo. A balança está equilibrada no estado atual das coisas! O que devíamos fazer no fim de nosso trabalho? Sempre praticar e propagar? Ou então

abandonar tudo ou permanecer indiferente? Esses dois extremos teriam sido um erro.

A humanidade deve atingir um objetivo, e o homem, sem ter sempre consciência da contribuição que traz à marcha ascensional, é obrigado a trabalhar na grande obra.

Todas as ciências, todas as artes que se inspiram nas luzes da verdadeira filosofia são os degraus da perfectibilidade, e cada ideia nova que jorra entre as inteligências é um progresso, um progresso não para o século que a gera, mas para o que vem depois.

Seria preciso deixar-se abater em vista das amarguras que acompanharam a vida de todos os inovadores? Seria preciso, porque Mesmer e todos os que defenderam e divulgaram a ciência do magnetismo foram tratados de visionários e de patifes, seria preciso guardar para si o que se sabe ser verdadeiro e útil? Sem dúvida aquele que preferisse, ao triunfo da verdade, alegrias e repouso durante seus dias, deveria agir assim; mas essa indiferença não é possível para todos, pois há homens para os quais uma verdade é um raio emanado do alto, que os incendeia e os impele, mesmo contra sua vontade, a proclamar e propagar aquilo que conheceram.

O magnetismo terá uma influência poderosa sobre o futuro da fisiologia e da filosofia, e em seguida sobre a vida moral da humanidade. Pode-se efetivamente considerá-lo como uma doutrina que revela ao homem o mistério de sua organização física e psíquica. Quão culpados são então aqueles que, por interesse, por ignorância ou por ridículas prevenções, vêm entrar a marcha desta ciência nova. O que pode o egoísmo, o que pode a tolice, o que pode a apatia, o que podem os vãos escrúpulos diante da verdade? Algum tempo de parada, algumas lutas, alguns homens sacrificados, eis o que pode a vertigem insensata de um espírito revoltado. E o que pesa isso na

eternidade?... O que é verdadeiro triunfa sempre; os homens passam e a verdade fica.

Quantas coisas há a dizer sobre o magnetismo! Ele toca com efeito em tudo o que interessa ao homem. O estudo das leis que regem o mundo físico não recebe novos esclarecimentos a partir das observações do sonambulismo? Esses fenômenos de antipatias e de simpatias, observados em cada reino da natureza, são agora explicados muito naturalmente pela demonstração da origem comum de todos esses agentes de forças, esses fluidos diversos que a física especializara como essenciais.

A arte de curar também será profundamente modificada em seus princípios e sua prática. Mas essa transformação se realizará com mais dificuldades do que a que esclarecerá as ciências físicas, pois aqui há paixões a combater.

E a filosofia, o que receberá de nossos trabalhos? Adquirirá bases certas; o ceticismo terá satisfação, pois poderá quase tocar nesses mistérios do espiritualismo que chocavam sua razão.

Estas três categorias respondem às necessidades mais imperiosas do espírito humano: desejo de conhecer, instinto de conservação, sentimento das coisas metafísicas. Os gênios que brilharam na terra sempre procuraram, cada um em sua esfera, roubar este triplo segredo; mas todos aqueles que não quiseram como guia senão a razão humana, desviaram-se do caminho: são prova disso os médicos, que esqueceram completamente a medicina instintiva; e também os filósofos, que fizeram mil seitas.

Acreditamos que o estudo aprofundado do magnetismo deve ajudar a entrar na via que leva à verdade a física, a medicina e a filosofia.

Para fazer compreender nossas ideias sobre o valor do magnetismo, foi preciso tratarmos junto os três pontos de vista sobre os quais desejamos chamar a atenção dos cientistas. É

evidente que o quadro era vasto demais para ser perfeitamente preenchido. Embora tenhamos refeito inteiramente a primeira edição da obra que entregamos hoje ao público, a ponto de considerar nossa obra como inteiramente nova e não inscrever em seu título *segunda edição*, ainda não pudemos contudo entrar em todos os desenvolvimentos que sabemos dever serem dados; mas tentamos reunir o que era indispensável à inteligência dos fenômenos do magnetismo. Estamos convencidos de que será possível, após o estudo que seguimos, reconhecer o valor médico e a importância filosófica que pode alcançar a ciência cujos princípios expomos.

Orleães, maio de 1848.

FISIOLOGIA, MEDICINA E METAFÍSICA DO MAGNETISMO

PRIMEIRA PARTE.

FISIOLOGIA DO MAGNETISMO.



CAPÍTULO PRIMEIRO.

GERAÇÃO DO FLUIDO MAGNÉTICO E SUAS ANALOGIAS COM OS OUTROS FLUIDOS IMPONDERÁVEIS

Quando o homem, fazendo uso de suas faculdades reflexivas, se põe a contemplar num golpe de vista a natureza inteira, impressiona-o ver cada objeto revelar, de maneira mais ou menos expressiva, o movimento que germina em seu âmago. Ele vê tudo se agitar, passar, se transformar neste imenso lar que se chama *mundo*; e se ele interroga a filosofia sobre a causa desses grandes fenômenos, aprende que é a vida. Mas se, querendo ir mais longe, o homem pergunta à filosofia moderna o que é a vida e de onde ela vem, ele experimenta um sentimento de insuficiência ouvindo-a responder que a vida é “o estado complexo dos efeitos produzidos pela harmonia das partes do todo.”

Esta definição é a da fisiologia relativamente à vida humana; pois ela rejeita também uma força vital essencial em si mesma, causa primeira e não o efeito de um mecanismo organizado.

Há um fato bastante curioso na história da inteligência humana, que é ver a aproximação que acaba ocorrendo entre as ideias dos antigos e as dos modernos sobre as grandes questões de ontologia, embora os métodos de trabalho sejam completamente opostos. Assim, a antiguidade procurava, por visões gerais e experiências de uma filosofia sintética, ligar à unidade as individualidades fenomenais, por mais distintas que aparecessem, ao passo que os cientistas modernos procedem por um método inverso e aplicam a análise aos fatos, sem recorrer à síntese.

A análise, como método de estudo nas ciências, é um guia seguro que deixa dificilmente a razão se perder, mas seus resultados são sempre incompletos, no sentido em que trazem fatos isolados, e que, na falta de um vínculo comum, retardam os progressos e os benefícios de uma filosofia transcendente, à qual a época atual tem direito de aspirar.

Poder-se-ia aplicar aos partidários exclusivos do método analítico este pensamento de Chaptal:

“O estudo dos detalhes desseca as faculdades morais, extingue a imaginação, cansa a memória, sufoca o gênio; ao passo que o estudo dos grandes princípios engrandece a alma, repousa o espírito, dá alimento ao gênio, e faz engolir, por assim dizer, a ciência de um só trago. O homem incapaz desse impulso sublime pode se afastar do santuário; fraco demais para dominar sua arte, tornar-se-ia seu juguete; limitado demais para comparar fatos numerosos, empurraria penosamente o rochedo de Sísifo, e sua vida, traçada numa linha estreita, só lhe apresentaria a natureza em retalhos.”

A síntese ao contrário é própria do gênio. O gênio, com efeito, procede de uma maneira exclusiva, e estabelece subita-

mente uma lei que rege algum grande fenômeno, sem ter precisado passar pelas elaborações, sempre lentas e frequentemente estereis, da análise. Mas o gênio é apanágio de raras inteligências, ao passo que o estudo está à disposição de todos os que procuram conhecer a natureza. O gênio é a intuição de uma das leis da criação.

A ciência moderna reconheceu que os fenômenos da natureza não eram o resultado das qualidades próprias e íntimas dos corpos. A matéria, com efeito, não tem nenhuma propriedade intrínseca; pode-se dizer que ela tem somente uma propriedade negativa, a inércia.

É preciso então, para que as inúmeras formas e as propriedades infinitas que apreciamos nas diversas combinações dos corpos e dos seres da criação se realizem, que uma força particular e distinta da matéria inerte aja sobre os elementos moleculares dos corpos ¹.

A cristalização, a germinação, a meteorologia, a gravitação dos astros, e mil outros fenômenos que agitam o mundo criado e que constituem sua vida, são efeitos da ação de poderes imponderáveis e opostos à matéria inorgânica por seu estado elementar, simples e essencialmente *ativo*. Fez-se uma classe separada desses agentes da vida e chamaram-se: fluidos imponderáveis.

¹ O Sr. Debreyne comete um grande erro dizendo: a força atrativa para a matéria bruta, a força vital para o reino vegetal, e a força vital sensitiva para os animais, são grandes leis primordiais, independentes da ação dos fluidos imponderáveis.

É colocar uma abstração como uma causa de efeitos; em ciência não é permitido raciocinar assim. “Essas forças que, continua o mesmo autor, dão, como causas segundas, o movimento e a vida à matéria inerte e passiva, são imateriais, pois o que dá o movimento e a vida é ativo, e o que é ativo nada tem de comum com a matéria.”

Sem dúvida com a matéria inerte! Mas seguramente um imponderável, a luz ou o fluido elétrico, e mesmo o fluido nervoso, são forças reais e de natureza material, dotadas de atividade por Deus, e é pela ação delas que se operam os fenômenos da vida nos diferentes reinos da matéria.

A descoberta dessas forças essenciais foi obra do tempo e do método analítico; também estes agentes são múltiplos e correspondem a diversos grupos de fenômenos, ou à luz, o calórico, a eletricidade.

Eis o que trabalhos seculares produziram, mas não é a última palavra da ciência. O tempo gerará a concepção de uma doutrina sintética que, seguindo os diversos imponderáveis em suas propriedades absolutas, descobrirá sua geração unitária num imponderável elementar. Este imponderável elementar e primordial é, a nosso ver, o que a física chama o fluido luminescível; é a Lux do Gênesis.

Se este princípio criado, elemento primeiro entre as causas segundas, principal ministro de Deus na vida íntima das coisas materiais neste mundo, é para nós um agente motor que, pela propriedade de atividade da qual é dotado, preside às agregações e segregações dos elementos constitutivos dos corpos e das moléculas que entram na sua composição, não somos tão excludentes quanto Newton que tendia a considerar a luz como a unidade material e criada da qual tinham saído todos os corpos da criação.

Esse grande homem, que criou a teoria da emissão, abalado pelas dificuldades encontradas por esse sistema em suas mais altas apreciações, acabou por pensar que existia no universo apenas uma e única substância criada, cujas moléculas podiam, somente pela diferença de seu modo de agregação, produzir todos os corpos que existem, apesar da disparidade que parece reinar entre eles. A luz era para ele essa substância única, criada, causa segunda e princípio de todos os seres. (Opt. quest., p. 531.)

Esta opinião está em germe na primeira página do Gênesis, pelo menos quanto à maneira como a professamos pessoalmente, ou seja, considerando a luz, ou melhor, o fluido luminescível, como o elemento da vida da matéria inerte.

O Gênesis diz efetivamente: No começo Deus criou o céu e a terra.

A terra era informe....

E Deus disse: Faça-se a luz! *Fiat lux!*

A matéria informe precedeu portanto a criação de seu agente vital, e foi somente quando o princípio de vida foi dado, que as propriedades intrínsecas dos átomos precisaram, pelas leis das afinidades, compor as individualidades, as quais, desde então, tornadas centros de ação, puderam agir como causas modificadoras do princípio de vida, e assimilá-lo segundo os fins de sua criação.

Esta doutrina era a de Descartes, para quem o movimento era uma substância distinta da matéria; tudo estava cheio de um fluido, e era por ele que os planetas circulavam. Newton, ao contrário, antes de exprimir a teoria de que acabamos de falar, fizera do movimento uma propriedade da matéria; ele assegurava que tudo era vazio, e que os astros gravitavam em virtude de uma força relativa agindo através de grandes espaços, sem que houvesse qualquer intermediário.

Para legitimar nossa proposta, precisamos invocar o apoio das ciências humanas.

A luz, o calórico e a eletricidade, eis os três agentes que a física considera como potências essencialmente diferentes de todos os corpos conhecidos. Mas se o estudo analítico, que a lentidão das descobertas obrigou a aplicar a cada uma das potências para melhor as conhecer, determinou uma série fracionada de elementos que parecem outras tantas unidades elementares, não é provável que uma explicação perfeitamente sintética tivesse substituído a análise especialista dos fluidos incoercíveis, se no começo, a inteligência do homem tivesse sido tão esclarecida quanto ela se torna pela sucessão dos tempos? Sem dúvida, mas não podia ser assim. Talvez somente hoje seja possível estabelecer as bases de uma síntese exata dos fatos físicos

que a análise, resultado de trabalhos seculares, pôs à nossa disposição.

O esboço rápido que vamos traçar pode dar uma ideia desta síntese ontológica que uma filosofia superior poderia criar.

A luz, o calórico e a eletricidade parecem agentes distintos por suas propriedades, todavia os progressos da física e da química demonstraram entre esses fluidos analogias tão íntimas que é permitido considerá-los como congêneres e saídos de um mesmo princípio substancial, e crer que suas qualidades lhes sobrevêm somente por circunstâncias particulares de reação, de contato ou de combinação.

Newton, vendo o diamante e a água refratar os raios luminosos com mais força do que sua densidade comportava, não deduzia daí que essa grande afinidade dos corpos pela luz supunha neles um princípio de luz e de calórico?

Entre os trabalhos dos físicos modernos que concorrem para estabelecer a analogia dos fluidos incoercíveis, nós nos limitaremos a lembrar:

As observações de Herschell sobre a potência calorífica de cada raio de luz decomposta. Este cientista achou que essa potência se relacionava com o grau de refrangibilidade;

As experiências do professor Barlocci, o qual, fazendo cair os raios vermelhos e violeta de um feixe luminoso sobre dois discos de cobre, fazia contrair os músculos de uma rã quando se lhes aplicavam as extremidades dos fios condutores.

Também as do Sr. Matteuci que, expondo ao sol um eletrômetro condensador de extrema sensibilidade, obtém daí suficiente eletricidade para que as lamelas de ouro divirjam. As paredes da gaiola de vidro, expostas à luz solar, dão igualmente sinais de eletricidade, e esse efeito não é devido ao calor, pois os mesmos aparelhos, aquecidos por outro meio, não dão nenhum sinal de eletricidade.

A imantação não se desenvolve sob a influência do espectro solar, segundo o estado particular do sol, no lugar onde a experimentação se efetua?

E ainda, a influência dos ímãs, limitada a certos corpos metálicos segundo a opinião geral, não se exerce também sobre substâncias orgânicas e inorgânicas?

Mas deixemos essas considerações gerais de analogia para seguir com mais cuidado a força elétrica em suas diferentes manifestações.

Quando por volta dos primeiros anos do século 18, os gênios dos físicos Gray e Dufay criaram toda uma ciência sobre o fenômeno tão simples e por tanto tempo estéril de Tales, grandes mistérios se explicaram na natureza.

Uma vez traçada a via, o gênio do homem não se deteve mais, e o mesmo século não havia chegado ao fim quando Galvani e Volta davam à eletricidade uma forma tão nova que criaram uma verdadeira ciência de sua descoberta.

O mundo científico ficou tão impressionado que o fluido galvânico pareceu um novo agente, incomparavelmente mais puro e mais potente que o fluido elétrico, e pensou-se ter encontrado o princípio da vida, esse mistério que atormentava tão fortemente os sábios da Idade Média.

Entretanto os trabalhos incessantes dos físicos fizeram reconhecer a analogia, e se poderia dizer a identidade essencial dos fluidos elétricos e do fluido galvânico. O modo de geração desses fluidos, diferenciando seus caracteres e suas propriedades, é a única causa que fez dividir esses fluidos em duas forças distintas.

Aconteceu para a eletricidade desenvolvida pelo contato o que acontecera para a eletricidade estática. Dois cientistas, contemporâneos de nosso século, Ørsted e Ampère, descobriram nas correntes elétricas a fonte de uma nova ciência. Eles acharam o magnetismo na eletricidade voltaica.

Os fenômenos do ímã, conhecidos antes de Pitágoras, estudados e perfeitamente explicados no século 18, formavam entretanto uma ciência à parte, sem relações diretas com a das eletricidades. Com efeito, os fluidos magnéticos, admitidos por analogia, não haviam podido ser apreciados por experiências que os vinculassem intimamente aos fluidos elétricos conhecidos pelos trabalhos de Dufay, Franklin, Volta e do próprio Ørsted.

Ampère, portanto, detém a glória de ter criado a ciência do eletromagnetismo, e de ter vinculado os fenômenos do magnetismo às leis dos fenômenos elétricos.

Esses trabalhos, continuados pelos físicos Arago, Biot, Becquerel, começaram realmente a estabelecer os elementos da síntese das forças elétricas; e essa síntese que tende a reunir em uma única essas forças tão diversas na aparência, não teria certamente parecido nem provável nem possível, há poucos anos.

Mas seria a eletricidade dinâmica o último termo das descobertas sobre a luz, o calórico e a eletricidade, esses potentes agentes da vida dos mundos? E esta força que nos explica tantos fenômenos de combinação, de desagregação, de reação, de vitalidade enfim, nos seres inorgânicos e nos seres orgânicos, seria também a força que rege os sistemas nervosos dos animais, e que gesta esses admiráveis fenômenos da vida física do homem?

Sem dúvida a vida é um fenômeno complexo dos efeitos produzidos pela harmonia das partes do todo, ou, como dizia Bichat, o conjunto das leis que resistem à morte; mas há uma causa da vida que é independente do corpo e de seu mecanismo, embora lhe seja congenitamente solidária.

Fizemos compreender que, nas coisas criadas que não são do reino animal, este elemento de vida derivava de um primeiro elemento, criado como potência antagonista da matéria inerte.

Indicamos rapidamente que a ciência estudara essa potência em seus estados de *luz*, *calórico*, fluidos *elétricos* e *magnético*, e tentamos fazer compreender que as qualidades dessemelhantes que parecem individualizar os fluidos que examinávamos, não eram senão relativas e subordinadas aos meios que recebem o princípio gerador. Assim as cores não existem no raio luminoso a não ser quando este é modificado por certos corpos, e cada raio é, em decorrência de sua posição, mais ou menos afastado da potência primeira, ou seja, reúne mais ou menos as virtudes elétrica, galvânica, magnética. Com efeito, sabemos que o raio vermelho é mais elétrico que o violeta. Pois bem! Ele é também mais magnético, o que quer dizer que tem mais analogia com o fluido nervoso do homem, e que só ele pode ter a mesma ação sobre os temperamentos impressionáveis pelo magnetismo. Constatou-se que o vermelho, não só no estado luminescível, mas no estado de cor fixa, induzia ao sonambulismo certos doentes, ao passo que o violeta os irritava e cansava constantemente.

Os metais são os corpos mais eletromagnéticos: isto se deve a que suas moléculas têm mais afinidade para concentrar o princípio vital e imprimir-lhe a modificação eletromagnética. Segundo a natureza dessas moléculas, a modificação é mais ou menos perfeita; ela tem mais ou menos relações com a que o organismo humano faz o fluido gerador sofrer.

Esta propriedade fez classificá-los numa certa ordem de potência eletromagnética, e é justamente esta ordem que toma os sistemas nervosos e os impressiona à maneira do magnetismo animal. Assim todos os sonâmbulos magnéticos ou catalépticos são tanto mais desagradavelmente afetados quanto o metal que os toca ocupa uma posição mais inferior, ao passo que seu sofrimento diminui ao subir a escala; de modo que o ouro e a platina, os primeiros metais, lhes fazem experimentar um sen-

timento de bem-estar e aumentam suas forças. Voltaremos a esta interessante parte do eletromagnetismo.

Se agora fixarmos nossa atenção sobre o reino animal, vamos ver o organismo assimilar o princípio de vida segundo os fins de cada espécie, e chegaremos ao homem, o qual, síntese de todos os animais, do ponto de vista físico, prepara em seu sistema nervoso um fluido, última expressão de transformações sofridas pelo espírito de vida, e podendo então operar a união do indivíduo organizado com o ser simples ou espiritual. Teremos então no homem duas substâncias: a Alma e este princípio de vida; estas substâncias, em consequência de sua união com o corpo, fazem do homem uma *unidade trinária*.

Vistes aquele pontinho de matéria flácida perdido na água desta poça? Era inerte ontem, e hoje vive! É o animal chamado infusório... O que foi preciso para vivificar esta matéria? Calor, eletricidade!... Daí ao zoófito, ao pólipó, e deste à minhoca, a passagem é insensível; todavia, um aparelho centralizador da vida começa já, pois na minhoca percebem-se gânglios nervosos, os indicadores de uma medula espinhal. Estes gânglios são separados, cada um elabora sozinho, e de maneira semelhante ao seu congênere, o fluido vital; assim um único basta para a vida do indivíduo, e se se cortar a minhoca em pedaços, ela não morrerá, crescerá de novo.

Esta divisibilidade e esta repululação, que na minhoca já era menor do que no pólipó, pois era preciso poupar um gânglio, diminui ainda nos crustáceos; no animal de sangue vermelho frio ela quase não é mais possível, e enfim cessa completamente no animal de sangue quente. O organismo deste último forma um todo cujas partes são doravante solidárias uma da outra.

Assim, à medida que se sobe na escala dos seres, vêem-se as organizações se complicar, e estas combinações orgânicas produzir um centro novo de ação que tem poder sobre o prin-

cípio de vida e o faz sofrer as modificações necessárias. O indivíduo isola-se assim gradualmente da cadeia dos seres, no sentido de que tem relações mais amplas, mais livres e menos solidárias com o todo, com o qual estabelecerá relações mais extensas, sem entretanto jamais poder chegar a uma independência completa; pois então o *substratum vital*, o Espírito², abandonaria seus órgãos matrizes; e este isolamento, esta separação, seriam a morte do corpo.

Por esta solidariedade de todos os seres da natureza começa sua influência recíproca, e esta influência, submetida a leis elétricas, constitui o que chamamos magnetismo, denominação criada pelos sábios da Idade Média.

Mas antes de empreender o estudo das leis de simpatia e antipatia, continuemos o do molde-matriz que forma o princípio da potência. Para que este estudo fosse completo, seria preciso seguir todos os cérebros dos animais e comparar seus produtos, os fluidos nervosos, primeiro entre eles, depois com o do homem; mas o exame dos fluidos nervosos não pode ser completo, porque em muitos animais este fluido permaneceu até o presente imperceptível aos nossos sentidos, e se no homem pudemos estudá-lo, foi principalmente com a ajuda do sonambulismo.

Entretanto, sabemos que alguns animais preparam em seu cérebro um fluido completamente análogo ao fluido elétrico. Os mais conhecidos pertencem à classe dos peixes, e con-

² Sabe-se que para mim o espírito não é a alma. É o princípio universal, o fluido etéreo, *humanizado* e especializado pelo organismo; nesse novo estado ele recebeu muitos nomes: vida, princípios de vida, vital, fluido vital, nervoso, eletro-nervoso, magnético, magnetismo animal, eletricidade animal, arkhé (princípio), espíritos animais, alma sensitiva, princípio da sensibilidade, da irritabilidade, mediador plástico, etc.

Toda esta sinonímia prova que muitos filósofos e fisiologistas consideraram a *vida* do corpo como um ser e não como uma abstração, ou como um mecanismo puramente funcional, erro fisiológico professado por Richerand, Bichat, e a maioria dos médicos da Escola de Paris.

tam-se entre eles as lampreias do rio das Amazonas, a enguia de Caiena, o treme-treme do Senegal, a tremelga (torpedo).

Os notáveis trabalhos do Sr. Matteuci, sobre a anatomia do sistema nervoso da tremelga, demonstraram uma disposição que faz dele um verdadeiro aparelho galvânico.

Se os cérebros dos outros animais estivessem no mesmo estado orgânico que o dos peixes, eles apresentariam como estes fenômenos elétricos; aconteceria o mesmo ao homem. Um fato recente confirma o que antecipamos. Uma mulher deu à luz uma criança que, semelhante à tremelga, dava uma espécie de comoção elétrica ao médico que a pôs no mundo. Foi logo colocada num berço de vime suportado por pés de vidro, e deu sinais de electricidade. Conservou essa propriedade notável pelo espaço de vinte e quatro horas, a tal ponto que se pôde carregar uma garrafa de Leyde, tirar faíscas e fazer uma porção de experiências. A causa deste fenômeno insólito era devida, em nossa opinião, à constituição do sistema nervoso da criança, que, durante a vida fetal, não pudera elaborar senão fluido elétrico, sem poder chegar ao fluido nervoso.

Uma constituição orgânica anormal nem sempre é necessária para que o fluido elétrico seja produzido pelo sistema nervoso do homem; bastam modificações patológicas nesse aparelho. A natureza dessas modificações não nos é conhecida.

Encontramos em nossas notas este extrato, cuja data é 1840.

- *Echo de l'Orient*, publicado em Esmirna, número de 9 de março.

“Um fato dos mais notáveis excita há alguns dias a atenção e a curiosidade pública nesta cidade. Este fato ocorre em duas jovens pessoas do sexo feminino, com idade de 18 a 20 anos, gozando aliás de boa saúde.

“Colocadas ao mesmo tempo em volta de uma mesa coberta por um oleado, ouve-se imediatamente esta experimentar

estalos sucessivos que se poderia comparar a um movimento de deslocamento; logo após, intensas comoções, acompanhadas por detonações bastante sensíveis, fazem-se ouvir no apartamento quando as portas estão fechadas. Viu-se a mesa em questão, desprovida de ponto de apoio contra a parede, se mover sozinha e como empurrada por uma força repulsiva, recuar e percorrer progressivamente, por pequenos abalos, o espaço de cerca de um passo. Mudando de lugar uma das jovens, o movimento da mesa toma uma direção análoga; o oleado que cobre a mesa sendo retirado, o movimento se desacelera sensivelmente.

“Tudo isso se passou sob os olhos de vários médicos respeitáveis e de pessoas recomendáveis por sua instrução e conhecimentos. Buscando explicá-lo, elas acreditaram reconhecer, até um grau vizinho da certeza, que as duas jovens de que se trata são dotadas da propriedade de um fluido elétrico espontâneo num grau desconhecido até nossos dias, e que não se poderia comparar senão à dose da garrafa de Leyde. Em uma, o fluido elétrico seria positivo, e na outra, negativo quase no mesmo grau, o que constituiria um verdadeiro fenômeno.”

Em março de 1846, uma jovem apresentou fenômenos análogos. Seu médico, que entretanto conhece o magnetismo, acreditou agir bem enviando a garota perante a Academia de Ciências; mas ocorreu-lhe o que adveio à Srta Pigeaire com a Academia de Medicina.

Angélique Cottin preocupou vivamente os espíritos, em razão dos fenômenos extraordinários que apresentava. Esta jovem soltava espontaneamente descargas elétricas que imprimiam violentos abalos a todo objeto que se encontrava muito perto dela.

Como todos os fenômenos nervosos, esses efeitos eram variáveis em sua aparição, e influenciados pelas emoções morais que Angélica experimentava. Esta circunstância, ignorada

pelas pessoas que procuravam verificar o fenômeno, determinou as denegações destas.

Vamos citar algumas linhas de uma testemunha ocular, à casa de quem Angélique fora conduzida.

“Conduzi-a à sala de jantar, e, cinco minutos depois, ocorreram os primeiros efeitos. Primeiro foi uma cadeira que caiu. Apresentamos-lhe outra cadeira. No momento em que ela se dispunha a sentar-se, um violento movimento se declarou: a cadeira, que eu segurava, se balançou para a direita e a esquerda depois de ter sido repelida.

“A jovem Cottin recebia um choque todas as vezes que um efeito se produzia, e cada um desses efeitos era acompanhado por um movimento de terror de sua parte. De repente, voltando-se e tocando por acaso uma mesa, ela foi repelida a dois ou três pés: depois logo a seguir uma, duas, três cadeiras caíram, saltaram na sala.

“Depois que constatamos várias vezes esses efeitos como sendo bem reais, entramos na sala, os fenômenos continuaram, mas com menos intensidade.

“Adormeci diante dela a jovem sonâmbula Louise. Quando Angélique Cottin a viu chegar no estado extático, provocado pelos sons do piano, ficou fortemente impressionada; aproximou-se do piano, ao qual estava sentado nosso célebre autor do *Châlet*, Sr. Adolphe Adam, e subitamente o piano experimentou um abalo e saltou a um pé de altura. O Sr. Adam ficou profundamente impressionado.

“Para verificar a espontaneidade desse fato, tentamos levantar o piano, mas precisamos para isso fazer esforços extraordinários.

“O Sr. Adam continuou a tocar música, e o piano, desta vez, foi repelido por mais de um pé. Os olhos de todas as pessoas presentes não deixavam mais a jovem: ela não fez nenhum movimento, nem tocava no piano.

“... Quando ela aproximava o pulso esquerdo de uma vela acesa, a luz, de perpendicular, ficava horizontal, como se fosse soprada continuamente.

“Dez dias depois, a jovem Cottin voltou a minha casa; os efeitos não mais se produziram, e na terceira vez, houve alguns aqui e ali; mas não eram francos como da primeira vez.

“Fora no momento da menstruação, em 15 de janeiro de 1846, que esses efeitos apareceram pela primeira vez; foi pelo fim de fevereiro, um mês e meio depois, que esses efeitos desapareceram e não se mostraram mais regularmente.

“Não se poderia admitir que nessa jovem, com treze anos, ocorrera um fato inexplicável no momento do fluxo de sangue, e que o sistema nervoso recebera um abalo que perturbara o equilíbrio da circulação acumulando uma quantidade maior de eletricidade no cérebro? Esta suposição é tanto mais provável que os primeiros efeitos ocorreram após uma tempestade violenta³.”

Desde que Angélique Cottin veio revelar ao público o fenômeno de eletricidade que certos indivíduos podem desenvolver, a atenção se dirigiu a essa ordem de fatos, e um número considerável de outros semelhantes, tanto anteriores quanto posteriores, foi comunicado e observado.

Encontrar-se-ão alguns detalhes a esse respeito na obra citada e no *Journal de Magnétisme* [Diário de magnetismo] do Sr. Dupotet, ano de 1846.

Devemos agora nos deter com algum cuidado sobre o sistema nervoso do homem, e é com a ajuda dos trabalhos dos cientistas e as luzes dos sonâmbulos que vamos estudar suas funções.

³ Lafontaine. *L'Art de magnétiser*, ou le Magnétisme animal considéré sous le point de vue théorique, pratique et thérapeutique. [*A Arte de magnetizar*, ou o Magnetismo animal considerado sob o ponto de vista teórico, prático e terapêutico]. 1847. I vol. in-8º com fig. Página 273.

Os fisiologistas admitem duas grandes divisões:

O sistema nervoso da vida de relação;

O sistema nervoso da vida orgânica.

Um compreende a medula espinhal, o cérebro, o cerebelo com os pares de nervos que deles dependem. Existe uma contiguidade perfeita entre essas partes. Sua substância não é homogênea; distinguem-se aí dois elementos, um cinzento, vascular, substância cortical; outro branco, substância medular. Desses elementos, um está ora acima, ora abaixo do outro, ou então ainda são lâminas entrecortadas. Deve-se considerar esta disposição anatômica; ela foi a base de uma explicação para a formação do fluido nervoso, pois pensou-se que esses elementos dessemelhantes constituíam uma espécie de pilha.

Vazios simetricamente dispostos ocupam o interior do cérebro; eles comunicam entre si e com um outro ventrículo alojado no cerebelo; esse ventrículo se junta por sua vez com os dois pequenos canais cavados nos dois cordões que compõem a medula espinhal.

Esta comunicação interior dessas diversas partes é muito notável; ela pode ser a via de circulação do fluido nervoso, pois é somente para os nervos que ele parece correr no exterior à maneira do fluido elétrico.

Quanto à segunda divisão, o sistema da vida orgânica, é um composto de gânglios dispostos lateralmente na cabeça, no peito e no abdômen. Cordões nervosos os unem entre si, se entrelaçam em certos lugares para formar plexos, focos ativos de inervação.

Os dois sistemas do aparelho nervoso estabelecem entre si uma comunicação íntima por meio de redes nervosas.

Eis sumariamente a anatomia do aparelho gerador da vida do homem. Para nós, o cérebro é uma verdadeira glândula que elabora e secreta o fluido nervoso, como o fígado e os rins preparam a bile e a urina. Para nós, o sistema ganglionar é um

aparelho modificador do fluido recebido do cérebro; opera-se aí uma mudança que põe o fluido cerebral num novo estado; por conseguinte, os nervos da vida sensorial não têm o mesmo agente que os nervos da vida orgânica; assim os órgãos permanecem subtraídos à nossa consciência e à nossa vontade, enquanto essa diferença de fluidos existe. Mas se ela cessa, as funções orgânicas tornam-se sensíveis e são percebidas pela consciência; é o que ocorre no sonambulismo magnético, estado no qual o mesmo fluido nervoso invade o sistema cérebro-espinhal e o sistema ganglionar.

Essas funções, que acabamos de designar ao sistema nervoso, não são geralmente admitidas pelos fisiologistas. Alguns ainda olham mesmo a existência do fluido nervoso como muito hipotética. Não sabemos na verdade como se pode então explicar todos os fenômenos fisiológicos; e, por outro lado, as experiências de um grande número de cientistas sobre esse assunto nos parecem demonstrar peremptoriamente a circulação no sistema nervoso de um fluido análogo ao fluido elétrico.

Se a esses trabalhos acrescentarmos o valor das reflexões que fizemos estudando o modo de vitalidade de cada parte do universo, deverá sobressair desta dupla consideração que os atos fisiológicos do organismo humano são devidos a uma força absoluta, independente das leis de equilíbrio e de conexão mecânica, mas solidária, todavia, do organismo. Esta força é o fluido nervoso, modificação dos outros fluidos imponderáveis.

Fisiologistas, fazendo experimentos sobre a ação dos nervos pneumogástricos na digestão, constataram que a simples seção desses nervos não bastava para fazer cessar completamente a digestão; mas se se separasse uma porção, ou se voltassem suas extremidades a fim de impedir o contato e mudar a direção, a função era interrompida, ao passo que era restabelecida e se operava mesmo a quimificação estabelecendo uma corrente galvânica no estômago.

Não está claro que a ação nervosa é produzida por um fluido cuja circulação não é totalmente detida pela simples seção dos nervos? E a volta momentânea da digestão que o fluido galvânico traz prova-o igualmente, assim como isso demonstra também a analogia dos dois fluidos.

Outros, tendo cortado um nervo bastante volumoso num animal vivo, paralisaram os músculos onde esse nervo ia dar, depois a contração muscular despertava aproximando as duas extremidades do nervo. Tendo aproximado do nervo dividido uma agulha imantada, eles viram-na várias vezes desviar de diferentes posições. Esta experiência traz as mesmas conclusões que a precedente.

Eis algumas experiências de um médico inglês com um enforcado, que se relacionam com nosso assunto.

Exposto o nervo supraorbital, aplicou-se nele um condutor de uma pilha de volta, o outro foi posto no calcanhar; então as caretas mais extraordinárias apareceram no rosto do morto; foi um espetáculo tão hediondo, tão pavoroso, que vários espectadores saíram e um deles desmaiou.

Tendo posto em relação a medula espinhal e um dos nervos do braço, os dedos se agitaram como os de um tocador de violino. O braço alongou-se, parecendo designar com um dedo os diferentes espectadores, conforme o condutor variava seu contato.

Esse cadáver teria podido mover-se com a energia de um vivo, sob a influência do agente elétrico, se os músculos no estado de vida não fossem solicitados em seus movimentos por um fluido análogo àquele que aí se introduziu pela experiência?

Numa paraplegia que observamos, a paralisia começara pelos dedos dos pés, pés, e depois as pernas. O doente, após vinte meses de definhamento, e depois de ter feito todos os tratamentos, sucumbiu. Na abertura, dirigimos nossas pesquisas para a medula espinhal, e encontramos no canal raquidiano,

sob a quinta vértebra dorsal, um tumor do tamanho de uma avelã graúda, cheio de serosidade. Esse tumor se alojara à custa da medula, que nesse lugar estava deprimida e reduzida às membranas. Toda a medula estava saudável, somente a parte inferior à compressão não comunicava mais com o cérebro e não recebia mais seu agente; daí resultava a paralisia dos membros abdominais.

Para terminar nossas demonstrações práticas do fluido nervoso, devemos desde já falar das experiências magnéticas e dos ensinamentos fornecidos pelos sonâmbulos. Reuniremos assim num mesmo quadro todos os fenômenos que se vinculam ao estudo do princípio cuja importância é tal que ele é a base científica sobre a qual repousa a teoria do magnetismo.

Mesmer, dominado por ideias de uma fisiologia transcendente e sintética, procurara a natureza da força que vivificava o homem, e excessivamente convencido da influência geral do fluido universal, professou inicialmente as lições de Van Swieten, seu mestre, o amigo de Boerhaave, que esse fluido era o princípio de vida. Mas esclarecido logo por observações feitas sobre o ímã aplicado a doentes, ele reconheceu que o homem tinha em si uma potência própria, independente de todo aparelho físico. Ele chamou essa força de magnetismo animal, e acreditou que ela era uma porção do fluido etéreo, *modificado pelo molde matriz do homem*.

Descartes e Newton haviam colocado os dois termos do problema da causa da vida. Mesmer deu a solução neste aforismo: “A porção do fluido universal que o homem recebeu em sua origem, e que inicialmente modificada em seu molde matriz se tornou tônica, determinou sua formação e o desenvolvimento de todas as partes constitutivas de seu organismo.”

Os cientistas estavam então excessivamente preocupados com as descobertas de Galvani, e espantados demais pela singularidade dos fenômenos anunciados como caracterizando o

novo fluido, para examinar seriamente o sistema de Mesmer. As comissões nomeadas não puderam estudar convenientemente o novo agente; observaram somente fenômenos de modificações vitais, e podendo esses fenômenos nascer por outras causas, não se podia concluir pela existência de um novo agente.

A teoria e a prática do magnetismo eram portanto tão singulares que a rígida exigência das ciências exatas não podia ser satisfeita. Era preciso que o tempo tivesse permitido elaborar o sistema de Mesmer, para que ele pudesse receber uma sanção verdadeiramente científica. Hoje os elementos constitutivos de uma ciência são suficientemente numerosos e suficientemente sólidos para que essa sanção possa ser recusada.

Desde 1775, época na qual Mesmer formulou o sistema do magnetismo animal, contam-se poucos homens que tenham trazido importantes esclarecimentos. Isso se concebe facilmente quando se vê que pela natureza excêntrica dos fenômenos do magnetismo, muitas pessoas pouco familiarizadas com a ciência se faziam ardorosamente propagadoras desse sistema. Esse estado de coisas, tornando popular uma descoberta de alta importância, afastou desde o começo os homens que teriam pronta e seguramente estabelecido os elementos de um sistema científico.

De Puysegur deu, em 1785, uma aparência completamente nova ao sistema de Mesmer, revelando as faculdades psicológicas que certos magnetizados podem adquirir. A partir desse momento, para a maioria, as maravilhas do sonambulismo constituíram o magnetismo, e o que havia de físico e de científico desapareceu. Todos os magnetizadores entraram por essa via, ávidos de interrogar os novos oráculos.

Simultaneamente, um magnetizador observador, Tardy de Montravel, se entregava a pesquisas muito doutas sobre o fluido magnético animal. Infelizmente seus trabalhos foram

publicados de maneira incompleta; mas esse cientista modesto abriu a outros praticantes uma via plena de futuro para a ciência.

Deleuze apareceu, e por seus talentos e seu nome venerável o magnetismo começou a parecer ao mundo uma coisa séria e científica. Deleuze professou a existência do fluido magnético, mas não fez nenhum trabalho particular que esclarecesse essa parte prática do magnetismo.

Até 1838, nada de verdadeiramente importante foi publicado na França sobre o fluido magnético animal. Então saiu uma obra do doutor Despine, inspetor e diretor das águas de Aix, na Sabóia. Esse notável trabalho, por observações e experiências do mais alto interesse, estabelecia a existência do fluido magnético, e oferece dados completamente novos sobre as analogias desse fluido com os outros fluidos incoercíveis ⁴.

Assim que nos dedicamos ao estudo do magnetismo, procuramos particularmente achar as provas da existência de um fluido magnético animal.

Visto que o fluido dos ímãs é invisível, não podíamos esperar nenhum sinal visível do fluido magnético animal. Contudo, alguns magnetizados, no estado de sonambulismo lúcido, diziam ver sair de nossas mãos, de nossos olhos, de nossa boca, rastros de luz que os penetravam e determinavam neles modificações que variavam segundo suas doenças e os processos de magnetização que empregávamos. Essa asserção não era de resto senão a confirmação das que muitos magnetizadores relataram.

⁴ *Observations de médecine pratiques faites aux bains d'Aix, en Savoie, ou de l'emploi du magnétisme animal* [Observações de medicina práticas feitas nos banhos de Aix, na Saboia, ou do emprego do magnetismo animal], pelo doutor Despine pai. - 1840. I vol. in-8°, Paris, Baillière.

Para verificar de maneira certa o que a refinada sensibilidade nervosa dos sonâmbulos lhes permitia apreciar, fizemos uma série de experiências cujo resumo vamos relatar.

EXISTÊNCIA DO FLUIDO MAGNÉTICO ANIMAL.

Tendo quatro frascos de vidro branco, magnetizo um sem o conhecimento do sonâmbulo. Para isso, segurando a garrafa com uma mão, carrego seu interior de fluido magnético, mantendo durante alguns minutos os dedos da outra mão juntos em ponta sobre o orifício; depois tampando-o imediatamente, misturo esse frasco com os outros.

Apresentando esses quatro vidros ao sonâmbulo, ele indica um como estando cheio de um vapor luminoso. É efetivamente o que foi magnetizado.

Esta experiência, repetida muitas vezes com sujeitos diferentes, sempre deu os mesmos resultados.

Para que o fenômeno não fosse somente uma transmissão de pensamento, esses frascos foram às vezes magnetizados por outras pessoas, sem meu conhecimento nem o do sonâmbulo.

Os sonâmbulos bastante sensíveis para ver o fluido magnético são raros.

O fluido magnético emitido pelos nervos do braço é puro, com uma luz brilhante e branca. Aquele que a respiração emite é menos brilhante. É provável que seja por causa dos outros gases desprendidos pela expiração soprando dentro do frasco.

A apresentação dos frascos ao sonâmbulo deve ser imediata, porque o fluido magnético se evapora mais prontamente do que o fluido elétrico, mesmo através do vidro.

O sucesso dessas experiências depende em grande parte da habilidade e do cuidado com que são feitas.

O fluido nervoso ou magnético é mais ou menos brilhante, puro e ativo, conforme a idade, o sexo, a saúde e a energia moral.

Como os fluidos elétricos, o fluido nervoso pode ser acumulado sobre certos corpos. Há aqueles que o conservam mais ou menos, mas todos podem ser carregados.

COMPARAÇÃO DOS FLUIDOS ELÉTRICO E MAGNÉTICO ANIMAL.

Ligando uma máquina elétrica, e pedindo aos sonâmbulos para verem o que ocorre, eles declaram ver o cilindro se cobrir de um vapor bem mais brilhante e mais forte do que o fluido nervoso. Cada vez que impedimos a acumulação do fluido elétrico sobre o condutor, os sonâmbulos cessaram de ver esse condutor se tornar faiscante. Sabe-se que acumulado sobre o condutor de uma máquina, o fluido elétrico não é visível para nós; e os indivíduos com os quais experimentamos estavam muito longe de conjecturar da teoria da eletricidade.

Tendo carregado uma garrafa de Leyde e apresentando-a a esses sonâmbulos, eles viram-na cheia de um fogo brilhante que distinguiam perfeitamente do fluido magnético animal. Seguiam a perda gradual do fluido elétrico pela haste e através das paredes do vidro.

Essas experiências variadas e repetidas deram-nos resultados positivos. Mas para apreciar-lhes o valor, é preciso levar em conta a eletricidade natural que existe, como se sabe, em todos os corpos; ora, essa eletricidade é visível para a maioria dos sonâmbulos lúcidos. Assim, ainda que uma garrafa de Leyde não esteja carregada, esses sonâmbulos veem-na cheia de um vapor ligeiramente luminoso produzido pelas folhas de ouro que compõem a armadura interna. Entretanto, eles diferenciam

perfeitamente essa eletricidade do fluido elétrico comum e do fluido magnético animal, uma vez que os compararam.

A impressão do fluido elétrico nos nervos está em relação com sua força íntima, ou seja, os efeitos são mais violentos e menos em harmonia com o organismo do que aqueles determinados pelo fluido magnético animal que é mais puro, menos material e perfeitamente simpático ao organismo. Entretanto, acontece às vezes que a comoção elétrica não ocorre mais quando a descarga se opera num magnetizado suficientemente saturado do fluido magnético animal. Esse fenômeno ocorre em virtude de uma combinação de um novo modo que se efetua entre os dois fluidos, ou por causa da insensibilidade na qual se mergulhou o sistema nervoso? (Ver os fatos citados na página 48.)

COMPARAÇÃO DOS FLUIDOS GALVÂNICO E MAGNÉTICO ANIMAL.

A eletricidade desenvolvida pelo contato de substâncias heterogêneas tem, sobre o corpo humano, efeitos incontestáveis.

Submeti esse fluido, que chamaremos galvânico, para distingui-lo do fluido elétrico, à investigação dos sonâmbulos apenas em condições em que os meios físicos se tornam quase insuficientes para apreciá-lo.

Era de resto provável que o fluido produzido pelas pilhas, tendo grande analogia com o fluido elétrico que estudáramos, não teria de particular senão uma atividade mais profunda, uma natureza mais brilhante e menos molecular, se podemos exprimir-nos assim.

As experiências que fizemos foram apenas a reprodução das do doutor Despines; é portanto esse hábil observador que vamos citar.

Quando dois metais diferentes estão em contato, os sonâmbulos que podem ser impressionados por esse gênero de experiência veem-nos cobertos de um fluido mais luminoso, mais ativo e mais brilhante do que o da máquina elétrica ou do que aquele que eles chamam de natural, e que existe sempre sobre qualquer metal.

“Dispondo sobre uma mesa 40 discos de cobre e 40 discos de zinco, sem intercalação úmida (diz o doutor Despines), e fazendo uma sonâmbula tocar com os dedos as duas extremidades, ela experimenta uma comoção muito forte.

“Carregando uma garrafa de Leyde com essa pilha, colocando o botão e a armadura exterior em contato com cada pólo, a comoção sentida pelos magnetizados é maior do que com uma carga elétrica.

“Fora do estado magnético, esses indivíduos não sentem mais do que nós os efeitos do fluido dessa espécie de pilha.”

Aqui, como naquilo que precede, os indivíduos estavam na mais completa ignorância sobre os efeitos que podiam nascer do contato desses metais. Aliás, quando o Sr. Despines e eu tentamos, cada um isoladamente, essas diversas experiências, foi sempre sem saber o que devia acontecer, pois a eletricidade desenvolvida por esse contato a seco de discos tocando todos uma superfície não isolante, não impressionava nem os eletroímetros nem o galvanômetro.

COMPARAÇÃO DO FLUIDO DOS ÍMÃS E DAQUELE DO SISTEMA NERVOSO.

Tendo colocado diante dos sonâmbulos quatro barrinhas de ferro, das quais uma única era imantada, eles assinalaram sempre a barra imantada. Reconheciam-na pelas duas extremidades que viam envoltas num vapor brilhante. O vapor de cada extremidade era diferente, um menos brilhante do que o outro.

Ora, essa diferença na força do fluido magnético correspondia aos dois pólos, de tal sorte que a extremidade indicada como a mais luminosa era o pólo austral. Nunca pude fazer esses sonâmbulos cometerem um engano, eles reconheciam imediatamente a natureza dos pólos, *embora fossem absolutamente ignorantes sobre esse assunto.*

Uma haste bastante longa sendo apresentada horizontalmente a sonâmbulos, eles pretenderam vê-la carregada de um vapor luminoso; era a eletricidade natural do metal. Tendo levantado e colocado essa barra de ferro, na direção do meridiano magnético do lugar em que eu estava, eles se espantaram de ver esse fluido brilhante se acumular logo nas duas extremidades da haste metálica, e formar o que haviam notado nos ímãs.

Esse vapor dos ímãs é mais pálido e menos brilhante do que o dos fluidos anteriormente estudados, ele se aproxima muito do fluido nervoso, mas é infinitamente menos ativo e menos penetrante.

COMPARAÇÃO DOS FLUIDOS ELETROMAGNÉTICO E MAGNÉTICO ANIMAL.

As descobertas dos cientistas Erstel, Ampère e Arago sobre os fenômenos resultando da ação das correntes elétricas sobre os ímãs, fizeram pensar que o fluido produzido nessa combinação de efeitos era uma nova modificação dos fluidos elétricos, e chamou-se a esse fluido eletromagnético.

Esse fluido tem sobre o corpo humano uma ação menos violenta do que os fluidos elétrico e galvânico; mas essa ação é mais potente do que as do fluido do ímã e do fluido nervoso.

Para experimentar sobre magnetizados, utilizamos o aparelho eletromagnético de Clarke. Os sonâmbulos que submetemos ao aparelho experimentavam as mesmas sensações que

no estado de vigília. Distinguiam muito bem o fluido que deslizava sobre os condutores. Pretendiam que se fosse possível aniquilar o tremor nervoso que esse fluido ocasionava, poder-se-ia determinar o sono magnético com uma máquina desse tipo.

Submeti à ação do aparelho de Clarke um jovem de vinte e dois anos, habitualmente susceptível de sono magnético completo, mas sem sonambulismo. Após alguns minutos de um movimento lento imprimido à máquina, a cabeça curvou-se, o rosto ruborizou-se mais do que na magnetização, e um sono tão profundo e tão longo quanto pelo magnetismo se manifestou.

Viram-se, além disso, alguns exemplos de sonambulismo suscitado pela ação da pilha de Volta⁵. O Sr. Ducros comunicou à Academia de Ciências, na sessão de 31 de maio de 1847, que produzira a insensibilidade com a ajuda do aparelho de Clarke primeiro em animais, depois numa jovem que sofrera a extração de um dente molar.

Seria então possível que se encontrasse, numa modificação de um aparelho eletromagnético, um meio de agir sobre o sistema nervoso que teria o mesmo gênero de influência que o fluido magnético animal.

COMPARAÇÃO DA ELETRICIDADE NATURAL DOS CORPOS E DO FLUIDO NERVOSO.

Todos os corpos contêm um fluido particular que se pode considerar como a eletricidade natural admitida pelos físicos. Esta eletricidade, que não é apreciável comumente, vem a sê-lo para os magnetizados suficientemente impressionáveis.

Observáramos que os sonâmbulos que viam o fluido elétrico condensado numa garrafa de Leyde, pretendiam vê-lo ainda quando a garrafa não estava carregada. Essas asserções

⁵ Carta do doutor Koreff, no fim da instrução prática de Deleuze.

opostas fizeram-nos crer algum tempo que os sonâmbulos eram enganados por sua imaginação, dizendo a verdade quando o acaso os favorecia. Entretanto, tendo multiplicado nossas experiências, achamos que os sonâmbulos distinguiam perfeitamente o fluido elétrico, do fluido naturalmente espalhado sobre as folhas de ouro da garrafa, e que um fluido semelhante existia sobre todos os corpos no estado natural.

Apresentamos a esses sonâmbulos peças de ouro, de prata, de cobre, de zinco, de ferro, de madeira, e cada um desses objetos foi reconhecido sem que a visão ordinária ou o toque dos dedos fossem usados. A distinção ocorria pela natureza do vapor luminoso que cercava cada objeto. Esse vapor era mais ou menos brilhante, de acordo com tal ou qual metal, de maneira que fiquei muito surpreso de ver esses sonâmbulos colocarem o ouro em primeiro lugar e a madeira em último, intercalando na ordem a prata, o cobre, o ferro e o zinco. Era a verdadeira ordem eletromagnética dos metais.

Os sonâmbulos que eram menos lúcidos não viam nada para a madeira, a pedra, o ferro, o cobre, e distinguiam somente o fluido natural do ouro e da prata.

COMPARAÇÃO DA LUZ E DO FLUIDO MAGNÉTICO ANIMAL.

Experiências rigorosas feitas por hábeis físicos demonstraram que a luz solar não decomposta determina efeitos elétricos, e que o mesmo acontece quando ela é decomposta.

Ora, se a luz pode influenciar os corpos inorgânicos de tal sorte que decompõe a eletricidade natural deles, era de presumir que ela agiria também sobre a eletricidade de certos sistemas nervosos. O princípio essencial dessas duas potências é efetivamente idêntico, segundo as induções sintéticas cujos diferentes termos colocamos, induções que se puderam seguir.

Convencemo-nos, portanto, da ação do fluido luminoso sobre o sistema nervoso.

Observamos vários indivíduos que, em estado de sonambulismo magnético não podiam suportar a menor nuance de luz natural ou artificial. Precisavam de escuridão completa, e então as faculdades sonambúlicas adquiriam um desenvolvimento tão completo que a visão se tornava possível apesar da oclusão dos olhos. Os objetos eram iluminados, para esses sonâmbulos, pelo fluido magnético e pela eletricidade natural desses objetos. Eles os viam como num nevoeiro mais ou menos claro, mas a visão era sempre dificultada, lenta, e não abraçava ao mesmo tempo todos os pontos do objeto. Para cinco sonâmbulos nos quais observamos essa faculdade, a interposição de um corpo opaco entre seus olhos e o objeto não impedia a visão; esse obstáculo apenas a tornava mais lenta e mais laboriosa.

No estado atual da ciência cremos impossível explicar esse fenômeno a não ser pelo fluido magnético e a eletricidade natural dos corpos interpostos e daqueles a ver: esses fluidos sendo luminosos e atravessando todos os corpos, tornam sempre iluminado o objeto que acreditamos sem luzes.

Outro fenômeno, talvez mais extraordinário, veio aumentar nossas observações sobre a influência ainda tão pouco conhecida da luz. Convencemo-nos de que a luz fixada nos corpos, ou seja, *a cor*, agia sobre esses sistemas nervosos excepcionais com o mesmo modo de ação que a luz ambiente. Assim, as cores vermelha e violeta impressionavam realmente esses doentes, despertos ou adormecidos.

Nós observamos esse fenômeno, de que estávamos longe de suspeitar, vendo uma sonâmbula se queixar da cabeça, atormentar-se e ficar muito agitada sem que pudéssemos achar a causa disso. Ela acabou, porém, pegando um lenço que lhe envolvia a cabeça e o pescoço, e, jogando-o longe, disse-nos que

era ele a causa de seu mal-estar. Ora, esse lenço não era de seda e não tinha nada de extraordinário. Repetimos a experiência com lenços diferentes, e cada vez que a cabeça foi envolvida num lenço vermelho, o mal-estar voltou. Tentamos obter esse resultado com outros magnetizados, mas achamo-los quase todos completamente insensíveis a todos os tecidos e a todas as cores. Entretanto encontrei alguns que ofereceram o mesmo fenômeno quando usavam algum tecido de cor vermelha, e que me preveniram que essa cor os fatigava.

O doutor Despine, que se conduzira nessa estrada experimental da física do magnetismo bem antes de nós e com mais cuidados, devia ter algo análogo sobre essa singular influência das cores. Com efeito, eis o que se lê em suas importantes *Observações de medicina prática*.

“A impressionabilidade pelas cores é também um fenômeno digno de nota. O *vermelho papoula* punha em crise nossa jovem de Neuchâtel. - Annette Roux entrou em crise um dia num veículo público, porque um dos viajantes tinha um guarda-chuva de *seda vermelha carmesim encerrado num grande garrote* que lhe servia de bengala. Ninguém sabia disso no carro, a não ser o viajante ao qual ele pertencia, e foi a jovem que o indicou, quando seu condutor lhe perguntou, pondo-se em relação com ela, por que ela entrara numa crise que não anunciara...

“*O violeta* constantemente fatigou muito todas as minhas doentes⁶. Este fato parece dever-se em parte à classe dos fenômenos galvanométricos. Voltarei a isso numa outra circunstância para indicar tudo o que já obtive de minhas pesquisas, e o

⁶ A maioria dos doentes do Sr. Despine era de catalépticos que entravam naturalmente nas crises letárgicas ou sonambúlicas.

que observei de mais positivo e de mais curioso sobre esse assunto⁷.”

O objetivo dos estudos físicos e fisiológicos que acabamos de fazer foi estabelecer:

1^o Que um fluido da natureza dos imponderáveis circulava no sistema nervoso do homem;

2^o Que esse agente, assim como os outros fluidos, seus análogos, eram apenas modificações de um único e mesmo princípio, modificações operadas, como vimos, sob a influência das agregações e das combinações moleculares. De forma que o princípio etéreo, ou universal, é primeiro vivificador da matéria inerte, e depois, por uma elaboração que se eleva em razão da progressão ontológica, ele se torna produto da organização, cujos primeiros elementos ele agrupou em virtude das leis de afinidade depositadas nos átomos materiais pelo criador.

Esta doutrina era a de Mesmer o qual, como mostramos, compreendia que o princípio universal não era mais o princípio de vida próprio do homem. Assim, relendo o aforismo que citamos, vê-se uma ideia completamente diferente daquela dos antigos filósofos, e entre outros de Maxwel, o qual, dois séculos antes, escrevera um tratado de magnetismo universal no qual Mesmer se inspirara.

Maxwel diz: “É pelo espírito universal que tudo é mantido em seu estado. Nada daquilo que é corpo ou matéria tem atividade, se não for animado por esse espírito, e se ele não lhe servir de algum modo de forma e de instrumento. O espírito de vida universal que desce do céu, puro, inalterável, como a luz, é a fonte da vida que existe em cada coisa, pois é ele que as forma, as multiplica e lhes dá o poder de se propagar.”

⁷ Viu-se em Antuérpia, diz Huyghens, um prisioneiro cuja vista era tão penetrante e tão viva que ele descobria, sem nenhum auxílio de instrumentos e com facilidade, tudo o que estava escondido e coberto sob algum tipo de tecido, *exceto, somente, os tingidos de vermelho*. (História das superstições, *Lebrun*.)

Embora os progressos da ciência tenham conduzido a operar, entre as diferentes potências imponderáveis que presidem como causas segundas à vida da matéria, uma síntese que, reunindo todos esses agentes de ação, parece fazê-los sair de um único fluido imponderável, existe contudo uma profunda demarcação entre as duas doutrinas.

Com efeito, admitir que o princípio de vida é absolutamente o mesmo em todos os seres criados é consagrar a influência mútua de todos os corpos da criação. E como entre as criaturas, o homem tem o poder, como veremos em breve, de agir sobre o imponderável que vivifica sua espécie, seria preciso crer que ele pode agir também sobre os outros seres da natureza. Ora, esta opinião é um erro grosseiro. Ela foi a consequência dos princípios da doutrina do princípio universal visto como vivificando tudo, e aflagimo-nos vendo-a professada pelo Sr. Ricard, em seu tratado de magnetismo. Este autor diz que o homem dotado de uma vontade enérgica pode atrair ou repelir, afastar ou reunir, abaixar ou elevar, dissipar ou acumular as nuvens que dele se avizinham, e imprimir-lhes uma direção determinada. Com o apoio desta pretensão, relata que duas vezes, exposto à chuva de nuvens agrupadas acima do jardim em que se encontrava, ele saiu do lugar que ocupava, de modo que uma folha de papel colocada no chão não estava mais molhada, ao passo que outra estava molhada um pouco mais longe.

Há entre toda a natureza uma dependência manifesta; mas isso não é senão esta influência que torna a parte solidária do todo, sem que essa parte possa se isolar e agir à sua vontade sobre o todo, de outro modo a harmonia seria perturbada por um capricho da vontade humana. Então, Mesmer disse, todavia, uma grande verdade neste aforismo: “Existe uma influência mútua entre os corpos celestes, a Terra e os corpos animados.”

A experiência de todos os dias demonstra essa influência. Um céu tempestuoso fatiga certas pessoas, outras pressentem de antemão uma mudança na atmosfera. O começo da noite e a aproximação da aurora têm uma influência positiva e muito oposta sobre os paroxismos das doenças, e essas mudanças diversas coincidem com as oscilações da coluna barométrica. Mas há uma grande distância entre isso e esse magnetismo universal tal como Maxwel, Wirdig e o próprio Mesmer o ensinavam.

Sabemos que se pode objetar à nossa maneira de ver a ação que algumas vezes o homem tem sobre o animal e sobre os vegetais; mas essa ação, de que voltaremos a falar, é muito limitada e depende acima de tudo da disposição individual do operador, cujo fluido nervoso é mais análogo ao dos aparelhos vitais sobre os quais ele age. Isso não é, pois, senão uma exceção bem rara, que todavia se liga a uma faculdade particular da qual o homem era dotado em sua vida primitiva.

Da analogia que reconhecemos existir entre as diferentes forças motrizes da vida de todos os seres e o princípio etéreo, resulta evidentemente um certo grau de solidariedade entre cada parte da natureza, solidariedade que faz com que nenhum corpo possa se encontrar na presença de outro sem que se desenvolva um efeito tendendo, mais ou menos, a operar a fusão dos dois corpos, ou então a destruí-los, a fim de poder em seguida refazer uma nova combinação.

Com o auxílio do princípio que admitimos, a solidariedade pela qual todas as partes da criação reagem uma sobre a outra dentro de certos limites, explicam-se os fenômenos das atrações e das repulsões, das combinações e das decomposições químicas, das simpatias e das antipatias.

A videira plantada perto do olmo cresce com força e enlaça-o com seus galhos; o aloés procura apoio na oliveira, a figueira no plátano; os acônitos, as solanáceas crescem muito

bem à sombra do teixo; a papoula gostaria de ser da família das gramíneas.

Por outro lado, a videira morre perto do loureiro, a oliveira enfraquece junto do carvalho, a cicuta perece junto da videira e da arruda, o que fazia J.-B. Porta dizer que a cicuta não seria mais um veneno caso se bebesse arruda.

Os vegetais, que se convém mais ou menos entre si, também estão submetidos à influência dos astros de maneira bem notável. Recordamo-nos que o pessegueiro cujas folhas foram dirigidas para a terra torce seus galhos e volta sempre outra vez suas folhas para o céu? Os folíolos da acácia, assim que a noite cai, formam uma linha horizontal sobre seu eixo, e de dia tornam-se verticais. O céu fica nublado? As flores da *calendula pluvialis* fecham-se e anunciam uma tempestade, ao passo que as do *sonchus sibericus* se abrem à tempestade e se fecham assim que os nevoeiros se vão. Esta ação da atmosfera e dos astros sobre as plantas é tão regular, que Lineu classificou as flores com os instantes em que elas experimentam essa mudança simpática, e pôde fixar assim cada hora da revolução diurna da Terra; é o que ele chamou de *relógio da Flora*.

No reino animal, seria bem mais fácil ainda encontrar esses tipos de influências; mas elas começam a ser submetidas a certas condições. A família dos ofídios goza de um poder terrificante muito ativo, desde as enormes serpentes da América, que paralisam o animal que elas percebem, até a víbora que, toda contraída sobre si mesma, fixa com seus olhos faiscantes a rã ou o rouxinol, e força este pobre pássaro a cessar pouco a pouco seu canto alegre para lançar um grito agudo e descer de galho em galho até cair nos dentes assassinos. A serpente por sua vez é escrava do cervo; se este a encontrar, pára, levanta-se diante do réptil, o qual, se contraindo convulsivamente, é enfim forçado a rastejar sob os pés de seu inimigo. Em vão a ágil doninha quisera fugir, se seu olhar encontrou o de um sapo! O

próprio sapo é vítima da aranha, que o envolve com sua teia sem temer que o réptil hediondo escape. A perdiz não pode mais voar assim que os olhos fascinadores do cão lhe causaram vertigem.

Esta influência mútua das diferentes partes da criação fora observada desde a mais alta antiguidade e dera lugar a muitos sistemas. Estudada com uma espécie de predileção pelos filósofos da Idade Média, este conjunto de fenômenos recebera deles o nome de magnetismo.

Foi a comparação dos fenômenos de atração e de repulsão, produzidos pelo ímã, com os efeitos de simpatia e de antipatia observados nos diferentes seres da criação, que levou a englobar sob uma mesma denominação fenômenos que pareciam se referir à mesma causa⁸.

Lançamos uma olhada rápida a todos os tipos criados que precedem nossa espécie, e encontramos aí esses curiosos fenômenos de influência que os antigos chamaram de *magnetismo*, reunindo-os com razão sob uma mesma lei de causalidade física. Resta-nos abordar o estudo dos mesmos fenômenos na espécie humana, e pesquisar se estão submetidos à mesma lei.

Este estudo constitui o que Mesmer chamou de *magnetismo animal*, e o que com mais conveniência e lógica chamaríamos, de acordo com alguns autores modernos, de *magnetismo humano*.

⁸ *Magnes-ímã*. - Magnetismo mineral. - Magnetismo sideral. - Magnetismo universal. - Magnetismo animal. Denominações criadas antes de Mesmer.

CAPÍTULO SEGUNDO

MAGNETISMO HUMANO. - AÇÃO MAGNÉTICA - FENÔMENOS NERVOSOS.

Deleuze definiu o magnetismo: a faculdade que o homem tem de exercer sobre seus semelhantes uma influência salutar, dirigindo sobre eles, por sua vontade, o princípio que o faz viver.

Delausanne diz: “O magnetismo animal é a ação da inteligência sobre as forças conservadoras da vida.”

O Sr. Ricard aceita o mesmo pensamento e assim o expressa: “O magnetismo é a manifestação da faculdade volitiva que todos os seres possuem.”

O Sr. Dupotet dá o nome de magnetismo animal à influência oculta que os *seres organizados* exercem à distância um sobre o outro.

Estas definições restringem os fenômenos magnéticos, fazendo-os depender sempre da vontade, pois há uma ordem de fenômenos completamente independentes da vontade, e que todavia pertencem ao magnetismo animal; ou então elas confundem efeitos que diferem demasiado em sua causa geradora para serem agrupados sob o nome de magnetismo animal.

A palavra *magnetismo* deve ser consagrada para exprimir a grande lei que estabelece entre toda a criação as relações de solidariedade e de influências de que falamos no primeiro capítulo. Pode-se acrescentar a isso, para mais clareza, o epíteto de *universal*.

A influência dos corpos celestes entre si e sobre as outras partes da criação é o *magnetismo sideral*.

A do ímã sobre os metais, sobre o animal ou sobre o homem é o *magnetismo mineral*.

A dos animais entre si, ou a ação do homem sobre essas criaturas, deve somente levar o nome de magnetismo animal.

E parece-nos conveniente e lógico formar um grupo particular dos fenômenos que resultam da influência do homem sobre sua espécie ou sobre as outras, e chamá-lo *magnetismo humano*. Neste grupo se acharia, caso se quisesse levar mais longe a exatidão lógica, o *magnetismo animal*, como dissemos no parágrafo precedente, depois o *magnetismo vegetal*, quando o homem procura influenciar os vegetais, e enfim o *magnetismo inorgânico*, quando ele magnetiza a matéria bruta.

Qualquer que seja essa subdivisão, insistimos em compreender sob a denominação de magnetismo humano toda influência que tem seu centro de ação no homem.

É necessário, para estudar com facilidade tudo o que o magnetismo contém, estabelecer certas divisões em seus fenômenos. Assim consideramos: um estado nervoso, fenômeno fisiológico, compreendendo todos os efeitos magnéticos sob o sonambulismo;

Um estado fisiológico e psicológico, compreendendo o sonambulismo e o êxtase.

Cada uma dessas ordens de fenômenos pode nascer por uma influência estranha, refletida ou não refletida; pela influência do indivíduo sobre si mesmo, e pela influência de uma causa material qualquer, agindo como excitante do fenômeno fisiológico.

Digamos uma palavra sobre cada uma dessas causas, que são capazes de trazer modificações mais ou menos intensas ao estado habitual do homem.

A influência refletida e deliberada é a magnetização, ou o ato pelo qual se traz, por seu próprio poder, uma modificação qualquer ao organismo de um indivíduo que se quer submeter a essa ação. A vontade é o princípio virtual dessa magnetização, e como querer é determinar-se e tomar uma direção de ação,

decorre daí que a ação é o poder de querer reduzido em ato; a vontade leva portanto necessariamente à ação sobre um sujeito que a recebe; donde, em magnetismo, deve haver dois seres em dois estados diferentes, um ativo, outro passivo. Se ambos formarem uma vontade oposta, as condições de magnetização não existem; é uma luta em que o mais fraco sucumbirá por vezes.

O magnetizador deve portanto solicitar a ausência dos movimentos voluntários e a calma do espírito, porque de outro modo o sujeito secretaria ele mesmo eletricidade, saturaria dela sua organização, a exalaria mesmo, e estaria bem longe de poder recebê-la.

A imaginação do magnetizado está então longe de ser favorável à aparição dos fenômenos magnéticos; ela é ao contrário prejudicial, porque a alma, fazendo trabalhar os órgãos do pensamento, excita-os e faz circular por todos os nervos um fluido nervoso abundante que aumenta a resistência vital, e se opõe, algumas vezes completamente, à invasão do sistema nervoso por um fluido estranho.

Mostramos que o homem possuía uma espécie de eletricidade particular, e é com a ajuda deste imponderável que a alma age sobre o corpo, e percebe as sensações deste.

Todo movimento voluntário é produzido pela contração dos músculos, sob a influência do agente nervoso acionado pela vontade. Há nesses atos da vida de relações o germe dos fenômenos magnéticos, pois eles se realizam sob o poder da mesma lei.

Com efeito, assim como a vontade basta para enviar o fluido nervoso ao dedo e modificá-lo de maneira a produzir tal ou qual movimento, igualmente basta querê-lo para que esse fluido chegue com maior abundância à superfície cutânea, e fazê-lo sair pelos filetes nervosos que aí vêm ter.

Há certas partes da periferia do corpo rumo às quais a concentração e a emissão do fluido nervoso é mais fácil que em

outras; esta diferença encontra sua causa em disposições anatômicas particulares.

Desde que os magnetizadores experimentam, era conhecido que a emissão do fluido era mais ativa pelas mãos, dedos, cabeça, epigástrico e dedos dos pés; ora, os trabalhos posteriores e recentes sobre os *corpúsculos de Pacini*⁹ demonstraram um pequeno aparelho nervoso muito complicado existindo, como terminação dos filetes nervosos, no tecido celular subcutâneo da polpa, dos dedos, dos dedos dos pés, do epigástrico e outras partes periféricas do corpo. Existem também no mesentério; o objetivo desses últimos se vincula à dinamização do grande simpático, que possui, como se sabe, propriedades independentes do cérebro, e que para isso deve modificar o fluido nervoso do centro cérebroespinal.

Concebe-se agora como o corpo humano não perde toda a eletricidade que se forma em seu interior, visto que esse fluido é levado até a periferia por condutores que terminam num tubérculo esférico, e que são ainda recobertos pelo invólucro epidérmico, substância muito pouco condutora da eletricidade.

Apesar desta disposição, que até hoje pouco atraiu a atenção dos fisiologistas, há circunstâncias que favorecem a exalação do fluido nervoso, tais como a transpiração cutânea, que acompanha comumente uma sobreexcitação da vitalidade, os corpos ao redor que podem agir por atração, e a vontade, acima de tudo.

⁹ Os corpúsculos de Pacini são pequenos corpos esferóides, um pouco menores do que uma cabeça de alfinete, transparentes, atravessados por um canal que se prolonga em forma de pedículo, o qual aloja um filete nervoso. O pedículo é composto de lamelas, como imbricadas, lamelas que encerram um líquido. A fibra nervosa termina em botão.

Este aparelho nervoso, posto à superfície tátil, desempenha, como se pode imaginar, um grande papel nos fenômenos de eletricidade humana. A analogia é espantosa com o aparelho dos peixes elétricos, que são compostos de tubos cilíndricos com paredes lamelares e terminação esférica.

Uma organização poderosa, unida a uma grande atividade cerebral, são causas de uma produção abundante de fluido magnético, e de uma irradiação involuntária desta força. Assim, as pessoas dotadas destas disposições naturais dão ensejo a estes inúmeros fenômenos de simpatia e de antipatia, até hoje tão pouco compreendidos. Na presença de certas pessoas não se sente uma perturbação desconhecida, uma espécie de dominação, ou então algo suave e inexplicável? Outras vezes fica-se excitado, as ideias se exaltam no sentido daquelas do estranho, as forças físicas são aumentadas ou deprimidas. E se a inteligência daquele que impressiona assim os que o cercam fica excitada e desejosa de convencer pela palavra, então a ação torna-se extraordinária e invade as massas. É esta a alavanca com a ajuda da qual os grandes gênios, as almas fortemente penetradas do que dizem, transformam com suas vozes a multidão que os escuta.

É por esta lei fisiológica que se comunicam as paixões, as emoções, os terrores, as convulsões.

Aqueles que explicam estes fenômenos pela imitação, não explicam nada, pois resta-lhes dizer por que o organismo humano imita os atos de outra organização.

Todo homem que tem a faculdade de querer pode então magnetizar. Para isso, ele deve procurar saturar com o fluido que sabe emanar de si o indivíduo que ele quer magnetizar. Este efeito constitui a magnetização ordinária, e sua causa é mista, visto que dois agentes concorrem para isso: a vontade e o fluido. Fazemos desta magnetização um grupo distinto, porque veremos que há casos em que um destes dois agentes não é necessário para a produção dos fenômenos. Vamos então estudá-lo separadamente.

Efeitos sobre o homem. - A disposição para ser magnetizável está longe de ser a mesma em todos os homens. Há mesmo alguns, embora muito poucos, que não experimentam

absolutamente nada. Estas variações de sensibilidade devem-se a mil causas, seja à constituição, ao temperamento, às doenças, à idade, ao sexo, ao clima, à hora da experiência, ao estado moral, aos assistentes. Muitas destas causas podem vir da parte do magnetizador, de modo que um nada obtém, ao passo que outro magnetizará a mesma pessoa refratária.

Consagramos um capítulo ao estudo dos procedimentos, nada diremos deles aqui, e passamos imediatamente aos efeitos nervosos que resultam da magnetização.

Nos indivíduos magnetizáveis, as sensações e as mudanças sentidas são muito variáveis; mas vê-se que o sistema nervoso tende a operar uma crise que deve mudar seu modo funcional habitual. Os olhos lacrimejam, a pele fica quente, seca ou úmida; o suor às vezes é abundante; bocejos se sucedem; uma impaciência geral, formigamentos nas extremidades, sobressaltos nos membros, vontades de dormir ou movimentos intestinais se manifestam; o pulso fica acelerado, mais raramente fica lento; os olhos ficam pesados, *as pálpebras colam-se*, uma calma benfazeja toma o magnetizado; outras vezes arrepios correm ao longo da espinha dorsal; eles seguem a mão do magnetizador; algumas vezes, aparecem convulsões gerais ou parciais, ou então a respiração parece sufocada; há uma espécie de delírio. Vê-se por oposição certos indivíduos caírem numa espécie de letargia; atingidos por catalepsia, não podem mexer-se nem falar; ouvem por vezes sem poder faze-lo compreender; se lhes arranjarem os membros numa posição, ela se manterá por si só. Abalos semelhantes aos provocados por um corpo eletrizado se manifestam à aproximação do dedo do magnetizador.

Se houver disposição para o sonambulismo, então o cérebro sente primitivamente a ação. Os nervos motores do olho se contraem, e se o sujeito luta para manter os olhos abertos, esta tensão frontal, orbital e temporal torna-se dolorosa. A cabeça entorpece, as pálpebras piscam, o corpo todo sucumbe.

Ao mesmo tempo, na maioria das vezes, ou como nos fenômenos cerebrais, a mesma ação ocorre no grande simpático. Os plexos se fecham, o diafragma se contrai; há ansiedade, perturbação da respiração, às vezes um riso convulsivo, soluços, uma agitação barulhenta dos intestinos; enfim, logo há perda de consciência, e a passagem ao sonambulismo operou-se. Os dois aparelhos do sistema nervoso recebem a partir daí um mesmo fluido.

Esses diversos fenômenos nervosos são levados às vezes a tal grau de intensidade que assusta aqueles que não estão habituados ao magnetismo, e, em consequência de sua inquietação, a intensidade aumenta. Então, nunca se deve esquecer que se é sempre capaz de impedir o menor mal, e que, tão logo se queira, se recoloca o sujeito no seu estado primeiro; isto, de resto, demanda certas precauções que só a experiência ensina. Ocorre o mesmo com o período que os magnetizados atravessam para chegar ao sonambulismo; ele pode ser inquietante; mas sabendo dirigi-lo e ajudá-lo, se realizará facilmente, ao passo que no caso contrário não trará o sonambulismo, e deixará um cansaço geral. A crise sonambúlica se declara, como acabamos de dizer, após esta perturbação nervosa; entretanto, isto está longe de ser constante, e em muitas pessoas ela se manifesta após um sono calmo e profundo, de modo que é bastante difícil saber em que momento ela ocorre. Só o hábito pode ensiná-lo e dar o tato necessário para não questionar e forçar a falar antes do tempo, pois agir prematuramente é deter o efeito desejado, e assim se desperta o magnetizado.

Os fenômenos dos quais acabamos de falar se apresentam sem ordem, isolados ou reunidos, efêmeros ou persistentes, durante toda a duração da magnetização. Contudo, o magnetizador tem sobre sua aparição, seu grau e duração, um poder positivo, de maneira que quase sempre ele obtém os que ele quer, e anula os que considera inúteis.

Entre estes fenômenos nervosos há alguns que se quer produzir por motivos particulares, como para favorecer o sono, para excitar alguma crise, ou para levar à convicção.

Estes efeitos são principalmente a paralisia das pálpebras, ou a de um membro;

A atração de um membro ou de vários juntos pela mão colocada à distância;

A catalepsia ou a persistência da posição dada a um dos membros;

A insensibilidade às dores físicas.

Esses fenômenos são produzidos pela invasão do sistema nervoso do sujeito e de todos os seus órgãos pelo fluido do magnetizador.

Acreditou-se por muito tempo que a paralisia, a catalepsia e a insensibilidade podiam ser determinadas apenas em sujeitos que tinham alcançado o período de um sono magnético completo e mesmo do sonambulismo. Mas a experiência demonstrou que esses fenômenos podiam ser produzidos em pessoas que permaneciam acordadas.

Todavia, esses efeitos magnéticos não atingem seu ápice de intensidade e de frequência senão nos indivíduos eminentemente predispostos ao sonambulismo, e mesmo com mais frequência somente neste estado particular.

A insensibilidade às grandes dores não pode, a nosso ver, ser produzida a não ser em sujeitos capazes de sonambulismo e quase sempre neste estado. Quando se age sobre uma destas pessoas *despertas*, pode-se tornar insensível uma parte qualquer do corpo.

Mais raramente pode-se ainda produzir uma insensibilidade local em pessoas despertadas que não parecem susceptíveis a *nenhum efeito magnético importante*. O doutor Viancin crê mais explicitamente do que nós neste poder de localizar a in-

sensibilidade em quase todo o mundo; mas embora tenhamos obtido alguns sucessos, restringimo-nos à nossa maneira de ver.

Diremos a mesma coisa para a insensibilidade à electricidade das máquinas, das pilhas ou dos ímãs rotativos. Para que ela se estabeleça, é preciso que o sistema nervoso do sujeito seja completamente invadido pelo fluido magnético, e que um sono magnético profundo tenha sido provocado. Somente em sonâmbulos é possível manter o estado de vigília no cérebro, enquanto o corpo magnetizado é submetido ao choque de uma bateria elétrica sem sentir nada.

As experiências mais espantosas sobre este assunto pertencem ao Sr. Lafontaine. Deixemos que ele mesmo fale:

“Em Caen, no gabinete de Física da Academia, submeti *meu sonâmbulo* Eugene a uma pilha das mais fortes. O Sr. Delafoy, professor de física, dirigia as experiências.

“.....O doutor Lebidois se distinguia por sua incredulidade; duvidava até mesmo da lealdade do Sr. Delafoy, e acusava-o de não dar abalos bastante fortes.

“Para convencê-lo, propus-lhe suportar os choques com o sonâmbulo; ele aceitou: pegou com uma mão um dos cilindros, com a outra uma corrente segurada igualmente por Eugene, o qual com a outra mão segurava um cilindro.

“O Sr. Delafoy, ofendido porque se duvidasse de sua lealdade, e convencido pelas experiências precedentes que Eugene era completamente insensível, deu um choque tão forte que o Sr. Lebidois foi derrubado no chão, e ficou alguns momentos sem conseguir se restabelecer. Eugene pelo contrário permaneceu calmo, impassível, e não sentira absolutamente nada.

“Não era mais possível duvidar da insensibilidade, e a maior parte dos médicos da cidade, que estava presente, ficou convencida de que pelo magnetismo se podia tornar insensível todo o corpo de um indivíduo.

“Fiz mais, quis provar-lhes que completamente desperto se podia paralisar a sensibilidade de uma parte do corpo mesmo à eletricidade.

“Depois de ter despertado Eugene, eu cataleptisei seus os dois braços; agi fortemente sobre o peito, sobre os ombros, sobre os trajetos dos músculos e dos nervos, e submeti-o desta maneira à eletricidade.

Recolocaram-se os dois cilindros nas mãos de Eugene, depois de lhe ter molhado as mãos previamente com água acidulada, como nas experiências precedentes; o Sr. Delafoy deu um abalo elétrico; Eugene, que inicialmente estava muito amedrontado, restabeleceu-se logo sem ter sentido nada, e foi o primeiro a pedir outros ensaios que foram executados.

“Fiz a experiência nos membros inferiores, cataleptisei as pernas; e, depois de lhe ter molhado os pés descalços, amarramos neles os cilindros, e deram-se abalos; o que divertia muito Eugene, o qual, até esse momento, não acreditava em tudo o que lhe diziam das experiências feitas durante seu sono.

“Fiz esta prova de insensibilidade em muitas pessoas, e sempre a vi como a mais convincente. Eis um caso em que produzi suficiente insensibilidade, para que, logo na primeira vez, pudesse submeter o sujeito a uma bateria.

“Em Dublin, numa sessão pública, magnetizei o Sr. Ford; em alguns minutos ele foi adormecido, cataleptizado e insensibilizado. Submeti-o a uma bateria galvânica, e ele aguentou o choque sem provar a mínima sensação¹⁰.”

Magnetização sobre si mesmo. – Visto que o fluido nervoso pode ser acumulado, transvasado, e dirigido pela vontade sozinha ou ajudada por movimentos dos membros que servem de condutores ao agente magnético, é indubitável que estes efeitos podem se produzir em nós por nós mesmos. Não é mais

¹⁰ *Loco citato*, página 96.

uma saturação de um fluido estranho que determinamos, é um simples deslocamento. Por esta razão, os efeitos devem ser infinitamente inferiores na ordem fenomenal, pois para obter a insensibilidade ou a catalepsia, ou o sonambulismo, seria preciso que se operasse uma congestão do fluido próprio do operador no aparelho cerebral, o que traria uma perturbação séria às suas funções fisiológicas.

Têm-se exemplos de sono magnético e mesmo de sonambulismo provocado dessa maneira, e todos foram acompanhados por acidentes.

Quando é necessário magnetizar-se, deve-se então não procurar provocar o sono por passes ascendentes; é preciso limitar-se a agir sobre a economia por correntes gerais, e sobre as partes doentes por todos os procedimentos aplicáveis aos outros, como acumulação, subtração, estabelecimento de correntes. Pode-se assim obter efeitos sensíveis e salutares, quando se opera num estado de sofrimento que não reage de maneira intensa sobre as funções cerebrais.

Efeitos sobre os animais. - Haveria muito a dizer sobre o poder do homem sobre o animal. Cremos que ele era inerente à sua natureza, e podemos fazer ideia disso, refletindo sobre esses fenômenos oferecidos aqui e ali por alguns homens que puderam, seja com conhecimento de causa e voluntariamente, seja por natureza e por instinto, reconquistar alguma coisa dos restos do nosso poder primitivo.

Qual é o alcance deste versículo da Bíblia: “Dominarás todo animal que se move na terra!...” O filósofo Bautain se expressa assim: “Foi à luz de uma alta filosofia que reconheci que tudo o que existe, vive e se move na terra está subordinado ao homem, rei deste mundo por um direito verdadeiramente divino, e manifestando seu poderio e sua autoridade por seu porte, por seu olhar e por sua fala. Sim, eu o vi, vi um de meus semelhantes, um homem ignorante, mas fortalecido por sua vontade,

fechar-se sozinho dentro da jaula de um leão faminto, e aí, pela energia de seu olhar, dominar a ferocidade do animal mais feroz, e obrigá-lo com um sinal a deitar-se a seus pés como um cordeiro.”

A magnetização pode produzir nos animais os maiores efeitos, quando é praticada por certos homens, pois não acreditamos de modo nenhum na ação de todos aqueles que são, aliás, excelentes magnetizadores.

O cão, o gato, o macaco, o esquilo, a serpente, a aranha, o cavalo, o leão, a hiena, foram magnetizados, e sentiram o poderio do homem em graus extraordinários. Assim, não mencionando essas paradas súbitas, essa fascinação que muitos homens obtêm sobre cães irritados, essa sonolência e essa agitação que se provocam no gato, lembrando somente a atração dos encantadores de serpentes do Egito sobre as pequenas serpentes, citaremos os efeitos obtidos pelo Sr. Lafontaine, em sessões públicas, em cães magnetizados a ponto de ficarem insensíveis às picadas e aos golpes; o sono de dois leões, sob sua ação, e a insensibilidade desses reis do deserto às picadas nas patas e nos focinhos; o furor da hiena, sob esse poder desconhecido, furor se renovando unicamente pela presença, e tão medonho que o dono dos animais, temendo que a fera quebrasse a jaula, pediu ao Sr. Lafontaine que nunca mais aparecesse.

A influência magnética do homem sobre os animais é, pois, incontestável, e pode ser utilizada em seu proveito como ao dos animais que o cercam, quando têm alguma doença.

Efeitos sobre os vegetais. - Não temos a intenção de falar aqui da magnetização que se pode operar nas árvores, para torná-las condensadores de fluido magnético, não, é da ação magnética do homem sobre a vitalidade dos vegetais que queremos dizer alguma coisa.

De nosso lado, acreditamos pouco nisso; mas se as experiências que vamos citar se renovarem nas mãos de diferentes

pessoas e nas nossas, adotaremos plenamente esta extensão do magnetismo humano.

“Um horticultor tinha dois gerânios, dos quais um estava morrendo e nunca tinha mais de uma folha, que amarelava e logo caía; o outro estava constantemente verde e se mantinha muito bem.

“Magnetizei aquele que estava morrendo, e, após alguns dias, ficou com várias folhas que não amarelaram mais. O gerânio ganhou vida, e pouco depois ficou coberto de folhas; além disso, ultrapassara em muito aquele que não estava doente; continuei e ele deu flores antes do outro.

“Tive que pensar, e o horticultor igualmente, que o fluido comunicado àquela planta lhe dera força e vida; eu a regara com água magnetizada, enquanto a outra era regada com água comum¹¹.”

Eis agora um extrato do relatório de um médico de Saint-Quentin (Sr. Picard), a respeito de experiências feitas com vegetais: elas parecem provar de maneira decisiva a ação do fluido nervoso sobre os vegetais.

“Em 5 de abril, enxertei de garfo seis roseiras em seis belas e vigorosas roseiras-bravas. Eu as escolherei no mesmo ponto de vegetação.

“Abandonei cinco delas a seu desenvolvimento natural, e magnetizei a sexta de manhã e à noite, aproximadamente cinco minutos apenas. No dia 10, a magnetizada, que designarei como a n° 1, já desenvolvera dois rebentos de um centímetro de comprimento; e no dia 20, as outras cinco mal entravam em vegetação.

“No dia 10 de maio, a n° 1 tinha dois belos rebentos de 40 centímetros de altura, encimados por dez botões; as outras tinham de 5 a 10 centímetros, e os botões estavam longe de

¹¹ Lafontaine. *L'Art de magnétiser*.

aparecer. Enfim, a primeira floriu em 20 de maio, e deu sucessivamente dez belas rosas!.... Suas folhas tinham aproximadamente o dobro da extensão das folhas das outras roseiras.

“Podei-a logo que a flor murchou, e em julho ela adquirira 42 centímetros, e dava-me no dia 25 oito novas rosas. Podei-a novamente a 15 centímetros, e hoje, 26 de agosto, ela forma um belo topo com doze galhos floríferos de 64 centímetros de altura.

“Assim, este enxerto feito em 5 de abril, tendo dado em duas floradas dezoito belas rosas, está prestes a florir pela terceira vez, e tirei dos galhos que podei 36 enxertos de borbulha, dos quais vários já dão flores há três semanas, ao passo que as outras cinco floriram somente no fim de junho, e seus galhos obtiveram apenas de 15 a 20 centímetros, tendo um único chegado a 20!....

“Enfim, quis insistir ao extremo, e saber se poderia agir somente sobre uma parte de um vegetal.

“Para tal, num belo pessegueiro de pêssegos grandes em espaldar, escolhi um galho do centro com três pêssegos; magnetizei-os todos os dias durante cerca de cinco minutos, e ao fim de somente alguns dias esses três pêssegos se destacavam por seu volume! Continuei, e em 24 de agosto colhi esses três pêssegos em perfeito estado de maturação; tinham 24, 22 e 21 centímetros de circunferência, tamanho que quase nunca essa espécie de pêssego atinge em nossa região fria e retardatória; as folhas desse galho eram sensivelmente mais espessas do que as outras e suas nervuras tinham o dobro do tamanho; o resto das frutas deste pessegueiro está bem desenvolvido; está no mesmo ponto de maturação dos outros pomares da região, ou seja, os pêssegos têm todos por volta de 14 a 15 centímetros de circunferência, e muito provavelmente não serão colhidos antes do dia 20 ou 25 de setembro, o que constitui quase um mês de

antecipação em relação à mesma árvore e sobre todas as das redondezas.”

Estes fenômenos extraordinários, que tendemos a rejeitar, parecem bem menos inacreditáveis quando os relacionamos com aqueles produzidos pelo éter nos vegetais. Recentemente, com efeito, o Sr. Clémens, professor de ciências naturais em Vevay, comunicou à Sociedade Valdense de Ciências um memorial no qual relata experiências feitas com éter em alguns vegetais. Resulta desses curiosos ensaios que a irritabilidade dos estames do *berberis vulgaris* e a da *nimosa pudica* são abolidas pela ação do éter, e depois voltam quando cessa a ação desse agente.

Efeitos sobre os corpos inorgânicos. - Se o fluido magnético for dirigido para um corpo inorgânico, ele se acumula aí, permanece concentrado sem que nossos sentidos possam encontrar nenhuma mudança nesse corpo, e não podemos apreciar essa magnetização a não ser pela ação do corpo sobre indivíduos muito impressionáveis pelo magnetismo. Desse efeito magnético podem-se tirar grandes esclarecimentos sobre a existência do fluido magnético e sobre a sua natureza; Mesmer a reconhecera e aproveitara no que ele chamava de reservatórios.

Nem todos esses corpos magnetizados conservam igualmente por muito tempo o fluido magnético; isso depende sem dúvida de seu estado molecular, que os classifica num nível mais ou menos elevado na escala ontológica baseada no princípio de vida.

Os efeitos magnéticos podem, portanto, ser determinados por um corpo magnetizado, longe de todo magnetizador e sem seu conhecimento. Eis o segredo da maioria dos sonâmbulos de consultas, que adormecem por meio de um anel, uma medalha.

Os doutores Loeventhal e Reuss, de Moscou, publicaram algumas experiências sobre esse assunto. Tendo magneti-

zado vidro, este determinou prontamente o sonambulismo; esse corpo vítreo, lavado em água e esfregado com pano, e depois dado ao mesmo sujeito, adormeceu-o num minuto e meio. O mesmo vidro magnetizado, lavado em álcool, amoníaco, ácido nítrico, ácido sulfúrico, produziu igualmente o sono, sem parecer ter perdido nada do fluido magnético. Esses cientistas fundiram cera, colofônia, enxofre magnetizados, e após o resfriamento constataram os mesmos efeitos. Os objetos magnetizados, conservados com cuidado, davam os mesmos resultados seis meses depois. Esses médicos fizeram várias contraprovas com objetos semelhantes, mas não magnetizados; não houve resultado.

Esses relatos, a nosso ver, carecem dos detalhes necessários para que se possa apreciar bem a experiência, pois obtivemos efeitos um pouco contraditórios. Assim nossos sonâmbulos, longe de achar tão poderosos corpos após sua fusão, nos proibem de ferver a água magnetizada; nós bem sabemos que a água não é um corpo sólido, e que isso faz talvez alguma diferença. Pedacos de ferro magnetizados conservaram seu poder por aproximadamente um ano; mas mergulhados em água, durante uma hora vários dias repetidos, o sonâmbulo não sentiu mais nada.

Estes trabalhos concordam, entretanto, em provar a acumulação do fluido magnético nos corpos inorgânicos, e vamos citar experiências recentes que nos pertencem, e que demonstram o mesmo princípio.

Uma sonâmbula nos dissera ver certa planta exigida por uma doença da qual ela se ocupava, mas sem poder achar-lhe o nome. Para nos dar informações precisas, ela precisava de mais recolhimento, e sentiu que sua lucidez poderia chegar ao apogeu no meio de uma noite que determinou. Como nos era impossível magnetizá-la àquela hora, ela procurou e achou o seguinte meio: “É preciso magnetizar durante três dias, um quarto

de hora de cada vez, um pedaço de ferro do tamanho de uma moeda de cinco francos, entregá-lo a mim e me mandar pô-lo às onze horas sobre a minha cabeça, depois de ter pegado papel e um lápis. Esse ferro me adormecerá, minha clarividência será perfeita uma hora depois, então eu verei a planta, seu nome e o lugar onde ela cresce; escreverei isso e dá-lo-ei a vós.” Esta indicação da sonâmbula foi exatamente cumprida e funcionou perfeitamente.

O ferro fora um condensador de fluido magnético, e o perdera em contato com um corpo tendo mais afinidade por esse fluido do que o metal.

Tendo magnetizado uma garrafa vazia e tendo-a apresentado a outra sonâmbula, ela declarou ver aí um vapor luminoso que se evaporava nela logo que ocorria contato. Outras pessoas magnetizando cada qual por sua vez essa garrafa, a sonâmbula viu a cada vez um fluido diferente, mais ou menos brilhante, segundo a força nervosa delas e segundo seu sexo, nomeando as pessoas das quais ele saía quando uma relação magnética fora estabelecida. Tendo sido carregado um frasco por três magnetizadores imediatamente um depois do outro, a sonâmbula disse ver três fluidos superpostos em camadas, e indicou sua ordem exata.

Repetimos essas experiências com muita frequência, sem nunca encontrar divergência entre elas, e foram sempre feitas sem que as sonâmbulas suspeitassem do que queríamos obter. Fizemos também as provas em sentido contrário, ou seja, às vezes apresentávamos um frasco não magnetizado, e então não se via nada.

Tendo chamado a atenção de diferentes sonâmbulas para objetos magnetizados, elas os viram constantemente impregnados desse fluido luminoso que saía de nós, que umas chamam de vapor, luz, e que as outras definem como fumaça brilhante.

Compreende-se o partido que se pode tirar desses condensadores magnéticos. Os tratamentos de Mesmer, de Puységur e dos antigos magnetizadores pelas tinas e árvores magnetizadas eram baseados no princípio da acumulação do fluido magnético. Essa causa não era a única a agir sobre essa reunião de várias pessoas.

Os indivíduos susceptíveis de entrar facilmente em sonambulismo são aqueles que, como dissemos, sentem mais vivamente a ação dos objetos magnetizados. Mas as outras pessoas podem também experimentar algum efeito. Assim, veem-se dores aliviadas, forças mantidas, acessos febris ou nervosos estancados pelo contato prolongado com um lenço ou uma placa de vidro magnetizados. É preciso, para que esses objetos ajam nesses casos, colocá-los descobertos sobre a parte doente ou sobre o epigástrico.

Aqui é também o lugar de falar do pêndulo magnético. O pêndulo magnético, conhecido há muitos anos pelos magnetizadores, é uma bolinha de qualquer natureza, suspensa por um fio comum. Com o fio seguro pelos dedos, o braço bem fixado, e a vontade formando uma direção a seguir, a bolinha obedece sem que o menor movimento da mão tenha podido dirigi-la.

Nós operamos diante de uma sonâmbula; ela viu o fluido magnético deslizar ao longo do fio e balançá-lo como queríamos. Não podendo esta experiência convencer ninguém, tentamos agir fixando o fio num corpo sólido, e nossa mão tocava somente a extremidade do fio, que estava colado, mas não obtivemos nada. Outras pessoas tentaram tão infrutuosamente quanto nós; e confessaremos que a tentativa que vimos ser feita pelo autor de uma brochura que trata desse fenômeno não nos convenceu. Isso seria possível caso se encontrasse um corpo que pudesse isolar o fluido magnético, pois todos aqueles aos

quais se amarrar o fio do pêndulo absorverão o fluido antes que ele possa agir sobre o pêndulo.

Todos os corpos inorgânicos podem ser saturados de fluido magnético e agir em seguida sobre os *indivíduos impressionáveis*. Vimos a utilidade que se podia tirar de diversos objetos magnetizados, mas chamaremos a atenção para a água, que pode assim se tornar um medicamento ou um auxiliar terapêutico importantíssimo. Dada como bebida, quando é bem magnetizada, ela age no sentido da força reacional da vitalidade do organismo doente. Ela acalma ou tonifica; purga ou diminui as evacuações, segundo as necessidades da natureza.

O fluido magnético, combinando-se aos corpos inorgânicos e atravessando-os, leva alguma coisa da qualidade substancial desses corpos, e pode em seguida agir sobre a organização humana no mesmo sentido dessas mesmas substâncias.

Essa particularidade é ainda pouquíssimo estudada, seu valor científico deve portanto ser admitido somente com certa reserva. De nosso lado, ainda fizemos muito poucas experiências para nos pronunciarmos de uma maneira geral que nos faça adotar esse fenômeno como uma lei constante que agiria sobre todos os indivíduos.

Foi o doutor Viancin que tornou conhecido esse novo ramo do magnetismo, e eis algumas linhas de uma das cartas que ele nos escrevia a esse respeito:

“A ingestão das ações dinâmicas das substâncias é constante em todo mundo. Esta ingestão se faz por insuflações quase sempre, e com a ajuda de tubos de vidro cuja forma tem a maior influência.... Para a maior parte dos remédios, seja qual for o ponto que se magnetiza por insuflação ou outra forma, toda a organização não pode deixar de ser invadida pelo dinamismo do remédio, cujos sintomas se trairão nos seus pontos de eleição habitual, exceto talvez a ipecacuanha e várias outras substâncias. Assim, pelo magnetismo, a ipecacuanha dá o teta-

no como a estricnina, e age sobretudo sobre o coração e o pulmão; o mercúrio dá quase sempre o tremor mercurial....

“Leônidas Guyot quase matou um médico refratário, magnetizando-o através da noz-vômica; dissipou em seguida os acidentes, como se faz comumente, com passes. Com lírio-cólquico, purgou uma assistência inteira.... Curei de maneira espantosa, em dez dias, uma meningite crônica numa criança, magnetizando através do láudano Rousseau. O Sr. J...., magnetizando-se através de iodo por insuflação, curou-se de uma hidrocele complicada por edema do cordão. O Sr. Toupiolle acaba de corrigir um empregado, estúpido e velho refratário, magnetizando-o durante duas horas com o aloés; no dia seguinte, o velho recalcitrante ficou com uma diarréia que durou vários dias....”

O Sr. Viancin chama a este gênero de fenômeno de *fármacomagnetismo*. Se, como esperamos de acordo com nossos próprios ensaios, a ação magnética, exercida através de uma substância medicinal, se reveste das qualidades dessa substância, uma era nova se abrirá para o magnetismo terapêutico. Para que a opinião que enunciamos seja fundamentada, será preciso que as experiências tenham sucesso com pessoas reconhecidas insensíveis à ação magnética na ordem fenomenal, e que ainda, para mais certeza, o magnetizador aja sobre um medicamento encerrado dentro de um papel fechado, medicamento cuja natureza ele ignorará.

Para terminar o estudo do magnetismo do homem aplicado aos corpos inorgânicos, devemos dizer alguma coisa da imantação produzida pelo fluido nervoso.

Dissemos, no capítulo anterior, que tendo submetido ímãs ao exame de várias sonâmbulas, elas reconheceram os ferros imantados carregados de um fluido que diferia daqueles produzidos pela eletricidade e pelo magnetismo humano. Elas distinguiam a acumulação desse fluido magnético mineral nas

extremidades das barras imantadas. Uma dessas sonâmbulas, levada pela analogia do fluido do ímã com o nosso, quis que magnetizássemos uma agulha de tricô, assegurando-nos que isso devia imantá-la. Não conseguimos, mas ela manteve sua convicção.

Partingdon, em suas aulas de física, observou uma pessoa cujo polegar atraía um polo do ímã, e outro dedo da mesma mão que o repelia.

Beraudi, tendo mergulhado uma agulha de aço no nervo crural de um coelho, descobriu-a imantada de maneira a atrair a limalha de ferro.

Burdach, que cita esses fatos em sua *Physiologie, tom. IX* [Fisiologia, tomo IX], conclui pela existência do fluido magnético mineral no corpo humano. Não adotamos sua opinião de maneira absoluta, porque acreditamos que esse fluido se forma apenas acidentalmente por uma modificação do fluido nervoso.

Outros fisiologistas, e o Sr. Prevôt de Genebra entre outros, obtiveram resultados análogos. Este físico colocava agulhas de ferro macio perto dos nervos e perpendicularmente à direção deles: então no momento em que, irritando a medula espinhal do animal, se determinavam as contrações musculares, a imantação se operava.

O Sr. Ricard relata ter, de combinação com uma sonâmbula, imantado um ferro. Sabemos que o doutor Despine, de Aix, observou com muita frequência o mesmo fenômeno em vários de suas doentes, catalépticas naturais ou magnéticas.

Eis alguns fragmentos de uma carta que esse cientista nos escrevia sobre esse interessante fenômeno:

“Vi a imantação espontânea de vários pequenos instrumentos dos quais se servia a senhora Schmitz Baud, cataléptica de quem falei em meu livro. Esta senhora trabalhava com relojoaria. Chaves de fenda, pinças-bruxelas, etc., eram imantadas

nos dias que precediam suas grandes crises nervosas. Quatro a cinco dias, nessas épocas, de uso habitual desses instrumentos, imantavam-nos o suficiente para que pudessem levantar lima-lha, pequenos parafusos, agulhas de aço; o que impacientava no último grau a operária, visto que, colocando um parafuso em seu buraco, ela o levantava logo que afastava o instrumento. Tenho uma chave de fenda que, imantada assim há dois anos, conservou a virtude magnética. Não só esse fenômeno impacientava a doente, mas também o mestre com o qual ela trabalhava, porque assim precisava fornecer-lhe a cada oito ou dez dias novos instrumentos.”

O Sr. Lafontaine, e o Sr. Thilorier, este tão conhecido por ter solidificado o ácido carbônico, tinham obtido, em 1844, a nomeação de uma comissão da Academia de Ciências, para constatar o fenômeno da imantação pelo fluido nervoso. Mas o Sr. Thilorier, na ausência do magnetizador Lafontaine, experimentou sozinho diante do Sr. Arago, e obteve efeitos que o Sr. Arago renovou imediatamente, colocando-se na direção do meridiano magnético. Esta circunstância, que induziu talvez vários experimentadores a erro, não é contudo de nenhum valor em certos fatos bem observados, e permanece constante que o fluido magnético humano pode às vezes modificar o fluido natural que existe no ferro em fluido magnético mineral. Resta saber se o estudo das leis do magnetismo fará conhecer meios de obter voluntariamente este fenômeno.

Quando se tiver construído um instrumento capaz de fazer apreciar o fluido magnético humano, como o eletrômetro torna sensível o fluido elétrico, como o galvanômetro revela o fluido eletromagnético, como a agulha imantada é sensível ao fluido magnético do globo, então a física do magnetismo animal revelará segredos da natureza ainda incompreensíveis pelas teorias atuais.

É a esse gênero de instrumento que se vincula o singular fenômeno que as fibras vegetais experimentam nas mãos de algumas pessoas que uma causa excitadora transforma num centro de eletricidade. Assim um galho bifurcado, firmemente seguro por uma dessas pessoas, adquire um movimento de rotação assim que esta anda sobre um curso d'água, sobre uma mina metálica, ou somente quando elas seguram um metal numa das mãos. Esse aparelho, assimilado com a maior precisão pelo Sr. Conde de Tristan a um galvanômetro cujos reóforos seriam as mãos do experimentador, ofereceu-nos resultados de natureza a me fazer esperar encontrar nesse instrumento a solução do problema pesquisado.

Tendo juntado por uma de suas extremidades duas pequenas baleias cilíndricas, e segurando-as pelas extremidades livres com cada mão fechada em supinação, de maneira que, com os cotovelos apoiados ao longo do corpo e os antebraços mantidos perpendiculares ao braço, o aparelho forme um ângulo cujos lados curvos cheguem aos punhos, obtém-se um condutor que é móvel sobre seus suportes que são as mãos.

Segurando assim esse aparelho com seu topo perpendicular ao eixo do corpo, se uma corrente de uma eletricidade qualquer vem se estabelecer pelo corpo do operador, ocorre um movimento de rotação que levanta ou abaixa o topo do condutor.

O mais notável é que todas as eletricidades agem, quando todavia o corpo do experimentador *é capaz de deixar passar a corrente* pelas hastes do condutor.

O movimento desse aparelho é mais regular e mais acentuado quando se apresentam andando lentamente suas hastes no sentido da corrente magnética do globo, ou seja, seu topo no sul ou no norte.

O movimento é mais sensível em campo aberto do que num apartamento.

Para experimentar nas primeiras vezes é portanto indispensável operar ao ar livre e com tempo seco e quente.

Preenchidas essas condições, caso se esfreguem as mãos com resina, com uma pele de raposa ou outro corpo fortemente eletronegativo, e se voltar a pegar depressa na extremidade do condutor, sentem-se as hastes girar e vê-se o topo se abaixar mais ou menos.

Se, ao contrário, se carregar a mão de eletricidade positiva, vê-se o condutor se levantar.

A eletricidade natural dos metais produz os mesmos efeitos, de modo que para os metais eletronegativos o condutor se abaixa, e se eleva para aqueles que são eletropositivos.

O fluido nervoso age sobre esse instrumento. Assim, quando uma dor bastante forte existe num ponto do organismo, se se colocar a mão aí e logo se voltar a pegar na extremidade do condutor, ele se levanta ou se abaixa, segundo a causa da dor desenvolver eletricidade positiva ou negativa.

Era verossímil, em decorrência das teorias fisiológicas, que toda doença determinasse rumo ao órgão afetado um afluxo de eletricidade nervosa, ou operasse aí uma subtração desse fluido; mas nada pudera até aqui demonstrar essa opinião de uma maneira prática. Ora, nós nos asseguramos, com a ajuda do instrumento de que acabamos de falar e que chamaremos de *dinâmetro vital*, que não há no corpo humano nenhum sintoma de desarmonia sem que o equilíbrio do fluido nervoso seja perturbado, de tal modo que esse fluido, sobrando num órgão, falta num outro. Além disso, logo que com o dinâmetro se encontra em alguma parte do corpo um polo positivo, tem-se certeza de haver num outro ponto o polo contrário.

Tendo constatado a ação dos fluidos elétricos sobre o dinâmetro vital, devíamos experimentar a do fluido magnético animal sobre esse instrumento. Assegurando-nos então dos polos nervosos em doentes antes de submetê-los à magnetização,

depois procurando esses polos após algum tempo de operação magnética, encontramos em alguns uma inversão dos polos, e em outros um desaparecimento completo desses focos nervosos. Nos indivíduos nos quais os polos desapareciam, era manifesto que sob a ação do magnetismo o equilíbrio se reconstituía, e que essa influência, suficientemente continuada e repetida, devia trazer de volta o equilíbrio nos pontos que a doença tornara focos elétricos. A cura seria portanto a consequência evidente da aplicação racional e calculada do magnetismo animal à maioria das doenças.

Sonâmbulos que viam os diversos fluidos eletromagnéticos, sendo-lhes pedido para examinar o dinâmetro em ação, viram as hastes se cobrir de um fluido brilhante que aí circulava em espiral. Esse fluido é uma combinação da eletricidade do objeto que excita uma corrente no corpo do experimentador, com o fluido nervoso.

Estas experiências, completamente novas e *positivas*, são susceptíveis de um grande desenvolvimento nas mãos de magnetizadores instruídos dos fenômenos do eletromagnetismo, e *capazes*, por sua organização, de pôr em movimento o dinâmetro vital. Elas me foram sugeridas pelo Sr. Conde de Tristan, criador dessa aplicação física de uma faculdade natural na maioria dos indivíduos¹².

Até agora, expusemos apenas uma parte dos fenômenos que a colocação em ação das forças magnéticas do homem, por sua vontade própria, podia fazer nascer, pois, como anunciávamos no título deste capítulo, devíamos falar somente dos efeitos nervosos produzidos pela ação magnética.

¹² *Recherches sur quelques effluves terrestres* [Pesquisas sobre alguns eflúvios terrestres], in-8°, 1826, pelo conde de Tristann.

Vê-se que a varinha adivinha que tanto barulho fez recebe uma sanção experimental e científica.

A natureza desses fenômenos pareceu já bem extraordinária, e, contudo, o que acabamos de dizer não é senão o rudimento e como que o prelúdio de uma outra ordem de fenômenos bem superiores que aparecem numa grande quantidade dos magnetizados que a ação magnética já fez passar pelos diversos graus dos estados nervosos que assinalamos.

Esta ordem de fenômenos forma o grupo fisiológico-psicológico do magnetismo humano, e compreende o sonambulismo com todas as suas nuanças, e o Êxtase.

Vamos consagrar o capítulo seguinte ao estudo dessas admiráveis faculdades, que dão uma ideia da grandeza e da sublimidade do que existe enterrado sob as ruínas do homem conhecido. E, longe de dizer com o padre Lacordaire: “É como na Babilônia, às margens do Eufrates, este resto calcinado que impressiona a visão. O viajante apanha-o; pensa no grande edifício do qual ele fazia parte; mas esse resto não diz nada e não pode responder...” Nós diremos, de nossa parte: “O homem, espantado pelo brilho desses restos, se eleva por eles até o homem saindo de seu Deus, e de cético, de filósofo que era, se humilha diante do dogma da decadência que então ele compreende, e se torna cristão.”

CAPÍTULO TERCEIRO.

SONAMBULISMO.

Quando, depois de ter magnetizado alguém e observado vários dos estados nervosos de que falamos, vedes um estado de resolução geral invadir o corpo e sobrevir um sono cuja impassibilidade não é perturbada por barulhos imprevistos, sabeis então que o magnetizado dorme um sono magnético, e que em breve, no mesmo dia ou talvez só num dos dias seguintes, esse sono se transformará em sonambulismo.

O sonambulismo magnético se manifesta, em nossa opinião, quando um mesmo fluido circula nos aparelhos do sistema nervoso da vida de relação e naquele da vida orgânica. É pela saturação do organismo, pelo fluido de um magnetizador, que esse efeito é produzido, e que um novo modo de sensações e de percepções se vai desenvolver.

A crise sonambúlica se declara quase sempre após alguma perturbação nervosa; entretanto isso está longe de ser constante, e, em algumas pessoas, ela aparece no meio de um sono calmo e profundo. Nesses casos é bastante difícil saber o momento em que ela ocorre. Só o hábito pode ensinar isso e dar o tato necessário para não questionar e forçar a falar antes do tempo, pois agir prematuramente é deter o efeito desejado, e acorda-se assim o magnetizado.

Alguns sujeitos empalidecem no momento em que entram em sonambulismo, ou soltam um suspiro profundo; outros mexem-se ou sonham alto. É então que se deve falar ao sonâmbulo, pois quase todos ficam silenciosos, e sua lucidez permanecerá latente; ela precisa ser solicitada para se manifestar.

É raro que na primeira sessão se obtenha o sonambulismo, ainda menos a lucidez, pois pode haver sonambulismo sem que por isso haja clarividência.

A magnetização repetida várias vezes de seguida, na mesma hora se for possível, é necessária, porque há uma lei do sistema nervoso que o leva a repetir periodicamente as sensações que o afetaram, e que então o organismo já fez sozinho uma parte da ação excitada na véspera pela magnetização. Esta observação suscitou a objeção da imaginação; mas basta, para afastá-la, lembrar que os fenômenos nervosos provocados pela magnetização se produzem em pessoas dormindo um sono comum, em crianças de peito, em pessoas não prevenidas e em circunstâncias completamente diferentes daquelas em que são magnetizadas.

A repetição das magnetizações é às vezes muito longa antes de chegar ao sonambulismo; pode durar semanas, meses, e no fim coroar de sucesso a paciência do magnetizador. Outras vezes em que se espera muito de um estado cataléptico e de isolamento completo, aguarda-se em vão durante meses inteiros sem obter mais no último dia do que no primeiro. Para nós, quando a quinta magnetização não nos deu nada de aparente do lado do sistema nervoso, deixamos de esperar qualquer fenômeno; quando na trigésima um sono magnético com isolamento não se tornou sonambulismo, não o aguardamos mais. Entretanto, uma vez, obtivemos uma sonâmbula muito lúcida na quinquagésima sessão.

A palavra sonambulismo já fora criada muito tempo antes do magnetismo, e existindo uma certa analogia entre a crise da natureza e a crise da arte, deu-se a uma o nome da outra. O sonâmbulo natural difere muito, porém, do sonâmbulo magnético. No primeiro, com efeito, a percepção exterior exerce-se apenas numa única ordem de coisas, aquela que ocupa a consciência do indivíduo; ele tem um único objetivo, seu pensamen-

to não sai disso senão dificilmente, e ele só está em relação com tudo o que se vincula diretamente a seu plano. O sonâmbulo magnético, ao contrário, dispõe livremente de seus pensamentos, de sua atenção, e percebe as coisas das quais deseja ocupar-se ou que lhe pedem para examinar. Em ambos os estados, a percepção não se opera mais nas condições fisiológicas, os sentidos mudam seu modo funcional. No sonâmbulo natural, a perversão fisiológica não ocorre em todos os sentidos simultaneamente; um único parece enriquecer-se com a vitalidade de todos os outros, que permanecem mergulhados numa inércia completa. A inteligência aplica esse acréscimo de perfeição apenas ao único objeto sobre o qual ela reflete, e ela absorve-se aí tanto mais quanto, estando extinta a sensibilidade, não pode mais seguir outra ordem de pensamentos. Toda solicitação a essa mudança é impossível, visto que a percepção externa é interrompida em decorrência da perturbação ocorrida no sistema nervoso, e a espontaneidade da alma também não pode agir sobre as outras partes do cérebro que sofreram uma parada ou ao menos uma modificação da circulação do fluido nervoso.

Assim, um sonâmbulo natural lê com auxílio de uma vela; vós a apagais, ele vai reacendê-la sem ver que há outras velas perto dele; ele escreve, vós colocais um cartão entre seus olhos e sua pena, ele continua sua composição; esquece que está frio, abre sua janela, põe aí a camisa que acaba de lavar; está nu e não sente que gela; crê passear numa sala, e anda num beiral de telhado. O sonâmbulo magnético não age assim, porque a perversão dos sentidos é geral. A expansão destes coloca-o com o exterior numa relação bem mais íntima até mesmo do que no estado de vigília, e as relações de sua alma com seu cérebro não são mais limitadas; elas se exercem somente por intermédio de um novo mediador, que resulta da combinação do fluido nervoso do magnetizador com o do sonâmbulo.

Quando o magnetizado, depois de um quarto de hora, meia hora ou mais de um sono profundo, durante o qual estava isolado de todo barulho exterior, não ouve senão seu magnetizador, responde-lhe e não tem mais lembrança ao despertar, é porque está sonâmbulo.

A condição de isolamento não é rigorosamente indispensável, pois encontramos sonâmbulos muito bons que ouviam tudo e cuja audição ficara mesmo extraordinariamente aguçada. Esta anomalia é espinhosa e o magnetizador deve acautelar-se. Deve-se sempre procurar destruí-la, e com paciência isso se obtém após várias sessões.

Ocorre o mesmo com o esquecimento ao despertar, circunstância que consideramos importantíssima: pois, sem esses dois caracteres, o isolamento a tudo o que não for o magnetismo e o esquecimento ao despertar, que garantias sérias se pode ter do sonambulismo?

Acha-se a esse respeito, no n.º 34 dos arquivos do magnetismo, um fato muito curioso e absolutamente excepcional; eis-lo: “Uma mulher de 40 anos, doente e posta em sonambulismo, ficava um quarto de hora sem ver, depois repentinamente a clarividência sobrevinha; mas quando era despertada, conservava a lembrança muito exata de tudo o que vira, dissera e ouvira durante o sono magnético, e de tudo o que observara no interior dos doentes a respeito dos quais fora consultada; essa lembrança, tanto mais extraordinária quanto a perfeição do sonambulismo era muito marcada e caracterizada pelo isolamento absoluto e as outras circunstâncias requeridas, não prejudicava em nada o livre exercício de suas faculdades, e, coisa, bem espantosa, não perturbava em nada a ordem das faculdades próprias do estado de vigília ao qual ela era devolvida. Essa lembrança se prolongava a tal ponto que frequentemente ela retificava, no dia seguinte, ligeiras omissões no diário de seu tratamento. A Sra., que a magnetizava, quis que ela esquecesse;

teve sucesso duas vezes, mas foi preciso a cada vez renovar essa proibição, de outro modo essa faculdade singular reaparecia. Mais ainda, não só essa mulher conservava, depois de ter sido acordada, a lembrança do que se passara durante a sessão magnética, como tinha ainda, durante um quarto de hora ou mais, a faculdade de sentir sem poder dizer como, o estado atual dos órgãos internos, seu movimento, a circulação que deles dependia, etc., em todo doente com o qual fora anteriormente colocada em contato.”

O sonâmbulo sente, com mais precisão do que desperto, o órgão doente do seu corpo. Ele o vê, e indica muitas vezes um remédio adequado.

Esta visão anatômica é inicialmente confusa, pois é apenas pouco a pouco que ele dá detalhes precisos. Às vezes a primeira visão lhe faz tanto pavor que ele custa a se decidir a olhar de novo. Vimos alguns experimentarem tal sobressalto que despertavam.

Num grau mais elevado, o sonâmbulo vê toda a anatomia de seu corpo, e estende essa faculdade aos estranhos que se identificam com ele pelo mesmo fluido magnético.

É neste gênero de aplicação das faculdades sonambúlicas que é preciso uma grande experiência para não os confundir e para obter informações exatas, pois suas descrições são às vezes tão bizarras, as denominações que dão àquilo que veem são tão estranhas, que é necessário ser anatomista e médico para entender isso e dirigi-los convenientemente.

É no sonambulismo que os fenômenos de atração e de insensibilidade de que falamos podem ser produzidos com maior facilidade e intensidade.

Os membros do sonâmbulo podem ser atingidos por insensibilidade completa ou incompleta. Acreditamos que convém estabelecê-la no período de sono que precede o sonambu-

lismo, entretanto já a vimos provocada no meio da mais perfeita lucidez.

A paralisia, ou a abolição do movimento nos membros do sonâmbulo, embora ele faça esforço para movê-los, é fácil de produzir. Nós a distinguimos da catalepsia, na qual o membro permanece imóvel na posição em que é colocado, e sentem-se os músculos fortemente contraídos. Estes dois fenômenos podem ser continuados após o despertar, e desaparecem à vontade pelo efeito de passes feitos, de maneira a livrar o membro do fluido que aí se acumulara para produzir a catalepsia ou a paralisia.

O doutor Lepelletier, do Mans, fez conhecer que o calor ou o frio aplicado ao membro atingido por catalepsia destruía subitamente esse fenômeno. Foi aproximando a chama de uma vela do braço de um cataléptico magnético que esse médico descobriu isso.

A maioria dos sonâmbulos sente as dores das pessoas com as quais é posta em contato. Essa sensação é fugidia e não deixa traços ao despertar caso se tome o cuidado de romper bem a relação.

Se for o magnetizador que sofre, a sensação é das mais vivas, e persiste frequentemente ao despertar. Se se continuar vários dias a magnetizar nessa disposição doentia, inocular-se nesses sonâmbulos impressionáveis a mesma doença. Deve-se, portanto, ser muito severo sobre esse ponto e estender a prudência até as afecções da alma, pois não se pode acreditar quão terrível é a influência de um espírito agitado sobre certos sonâmbulos.

Esta identificação dos dois sistemas nervosos produz às vezes o fenômeno da imitação; assim, quer o magnetizador se associe, quer tussa, o sonâmbulo repete esses atos; se aquele cheirar tabaco, este espirra; quer o piquem, o queimem, o sonâmbulo sente nos mesmos lugares as mesmas dores.

Num grau ainda mais elevado, o sonâmbulo distingue na obscuridade ou através de um corpo opaco os objetos que lhe apresentam; pode mesmo ler e escrever.

Ele vê também o fluido magnético como estabelecemos anteriormente por fatos.

O magnetizador pode operar sobre um membro de seu sujeito uma atração semelhante àquela do ímã sobre o ferro, com a diferença de que sua mão está à distância de vários centímetros. O próprio corpo segue a direção, o sonâmbulo se levanta e se deixa ir inteiramente rumo ao magnetizador, com uma resistência cuja natureza é absolutamente particular.

Devemos completar este parágrafo copiando um fragmento de uma carta que o autor de um gênero de atração extraordinária nos enviou.

“Reims, 3 de setembro de 1840.

“Apresso-me a responder à vossa estimada carta do dia 31, e venho com o maior prazer satisfazer as perguntas que me mandais sobre o sujeito que me apresentou o fenômeno de atração por mim consignado no *Journal du Magnétisme* [Jornal do Magnetismo].

“1º Tenho ainda à minha disposição esse sujeito, e, oito vezes em dez, essa experiência é bem sucedida.

“2º Tendo-me apercebido de que seus membros seguiam, quando eu o desejava, todos os meus movimentos, resolvi atraí-los; como vários ensaios foram bem sucedidos, quis ver se poderia operar uma ascensão completa. Coloquei minha mão a duas ou três polegadas acima do epigástrico, e o corpo inteiro deixou o solo e permaneceu suspenso.

“3º Até o presente não vi ou produzi esse fato sobre nenhum outro sujeito. O Sr. Theron, de Montauban, com o qual tenho ligação e que se dedicou a magnetizar segundo meus conselhos, assegurou-me ter obtido o mesmo resultado sobre

uma sonâmbula; não o vi, mas sei que é homem honrado demais para alterar a verdade.

“Acrescentarei que, como a pessoa que magnetizo teve há seis semanas uma pneumonia, para não a fatigar parei de levantá-la horizontalmente; coloco agora minha mão acima de sua cabeça e faço-a deixar o solo de maneira a poder passar várias vezes a mão ou uma bengala sob seus pés.

“Se desejardes fazer a viagem a Reims, pedir-vos-ei para não esperar além de 20 de setembro, pois devo partir dia 25 para uma viagem. Dirigindo-vos a mim sob os auspícios do Sr. Guertz, ficaria muito feliz se minha carta vos fosse de alguma utilidade para a obra que propondes publicar.

Assinado BOURGUIGNON, negociante.

O Journal du Magnétisme do Sr. Ricard consigna em seu número de novembro de 1840 um fato análogo:

“O Sr. Schmidt, médico em Viena (Áustria), veio fixar-se na Rússia com a filha, a qual casou depois com o Sr. Pourrat (de Grenoble). Foi em Kiow (sic) que a Sra. Pourrat, que estava mal de saúde, foi magnetizada pelo pai. O efeito foi tão poderoso, que depois de ter feito alguns passes, a doente, para grande espanto da assistência, foi levantada da cama sobre a qual estava estendida, de maneira que se podia passar a mão entre a cama e o corpo sem tocar nenhum dos dois.”

Se compulsássemos os anais das vidas dos santos do cristianismo, encontraríamos aí inúmeros fatos análogos aos que citamos; mas seríamos levados longe demais, pois seria preciso demonstrar que o caráter de analogia não prevalece sobre o de identidade absoluta, e que efeitos semelhantes podem nascer de causas diferentes. Assim os êxtases aéreos dos santos, determinados sob o império de condições puramente sobrenaturais, e aqueles que alguns magnetizados operaram sob a influência de causas físicas, concorrem para mostrar que esse fenô-

meno não é incompatível com as leis da natureza humana. As propriedades espirituais concedidas pelo cristianismo ao corpo regenerado pela ressurreição recebem portanto uma sanção de um gênero novo, que poderá ter uma grande ação sobre as exigências da razão humana.

Entre os caracteres do sonambulismo, há ainda o deslocamento dos sentidos. A visão, a audição, o paladar parecem transportados para a nuca, o epigástrio, os pés. Outras vezes, após o deslocamento dos sentidos, sua perversão é completa; assim a visão não é mais localizada, está em toda parte, ocorre através dos corpos opacos e apesar das distâncias; a audição é requintada para certos sons, mesmo muito distantes, e insensível para as outras pessoas; o paladar acha um sabor diferentes nas substâncias, segundo a vontade do magnetizador.

Detenhamo-nos um pouco nesta interessante parte da fisiologia psicológica do magnetismo.

A crise do sonambulismo tende a relaxar os vínculos que encadeiam a alma às leis orgânicas do corpo. Quanto mais perfeita for essa crise, tanto mais os sentidos perdem sua localização. Cada ponto do organismo pode receber a sensação tanto quanto o aparelho que aí presidia no estado ordinário. O fluido imponderável que estabelece as relações comuns entre a substância espiritual e o organismo não está mais concentrado, nem retido, nem modificado em aparelhos sensitivos; ele circula uniforme em todo o organismo e através do organismo, de modo que a alma pode ser afetada pelo objeto do qual se ocupa, seja qual for seu lugar no espaço, e sem que se precise das condições fisiológicas comumente necessárias para o exercício dos sentidos.

Como o estado nervoso magnético, o sonambulismo tem mil nuances, mil graus, que refletem todos mais ou menos a soma das faculdades do ser simples e inteligente, segundo a expansão nervosa for mais ou menos requintada, segundo os

centros de sensação forem mais ou menos abolidos e se tornarem mais infinitos. O último termo desse desabrochar nervoso seria a morte, porque o fluido nervoso, tendo perdido seu modo habitual de circulação e de centralização, teria ultrapassado os limites de extensão que o organismo pode atingir, e os centros nervosos não poderiam mais voltar a exercer suas funções. A extrema exaltação do sonambulismo pode então apresentar perigos; falaremos deles ao tratar do êxtase.

Estas explicações nos permitem compreender como o sonâmbulo pode tomar conhecimento de todas as qualidades sensíveis dos corpos, sem empregar os órgãos dos sentidos. O cérebro, com efeito, é o centro aonde chegam todas as sensações que cada aparelho sensitivo a ele transmite; mas se se supuser a parte nervosa do órgão que preside à visão prolongada para fora, não só pelo olho, mas por ramificações através de cada ponto do corpo, é claro que a percepção ocorrerá em toda parte; acontece o mesmo aos outros sentidos. Pois bem! Esta suposição se realiza quando o fluido nervoso rompeu seus focos, fenômeno determinado pela crise sonambúlica. Um sonâmbulo que fosse o mais lúcido possível veria desse modo, mas, como dizíamos há pouco, é muito difícil alcançar esse grau de expansão vital.

A percepção, na maioria dos sujeitos, se opera nos lugares onde os nervos têm os principais focos de ação. Assim para um será somente através das pálpebras, para outro no epigástrio; para um terceiro, os diferentes lugares da medula-espinhal. Para aquele que não vê através das pálpebras, caso se puserem sobre seus olhos mil faixas, isso não deterá sua visão, como se concebe facilmente. Tivemos sonâmbulos que viam dentro de uma caixa, que liam num livro fechado, que ouviam o que se dizia num lugar afastado, e todos os práticos magnetizadores têm fatos análogos.

Em consequência desta extensão da sensibilidade, *nem todos os corpos são igualmente* perceptíveis; cada um afeta mais ou menos penosamente o sujeito, e age sobre ele mais ou menos. Isso ocorre em virtude da lei que aproxima os seres de mesma essência, e que afasta aqueles que são dessemelhantes, ou melhor, que estão muito distantes na escala ontológica. Assim, dissemos que os metais eram os corpos que mais afetavam os sonâmbulos, e que entre eles o ouro, a platina, a prata, faziam-nos comumente sentir bem-estar, ao passo que os outros, descendo até o ferro e o cobre, lhes causavam sofrimento; dissemos também que as cores agiam da mesma maneira, primeiro o vermelho e o violeta por último, e com irritação (V. p. 30-31). Pois bem! Do ponto de vista da visão, estas ações serão as mesmas, ou seja, de quatro coisas, das quais uma será metálica, o sonâmbulo verá quase sempre primeiro o metal, porque seu fluido tende a se combinar com o do metal. Para as cores, ele verá melhor o vermelho e o amarelo do que o violeta e o rosa, porque a cor não é senão luz decomposta, e o fluido magnético do sonâmbulo, que é a luz, tende a se fundir com a luz colorida do corpo, e ele tem mais simpatia por tal ou qual nuance, assim como tal feixe do prisma é mais elétrico e age mais quimicamente do que outro raio.

Tratando, no primeiro capítulo, da analogia da luz com o fluido magnético humano, citamos fatos que encontrariam igualmente seu lugar aqui.

Tivemos sonâmbulas que, na mais profunda obscuridade, distinguiam imediatamente as cartas de ouros e de copas que trazíamos por trás sobre sua cabeça, ao passo que não podiam nomear as outras cores.

Vimos uma vez uma sonâmbula à qual uma senhora trazia um xale comprado naquele mesmo dia, repeli-lo tão logo ela o estendera no seu colo. “Tirai-o, dizia ela, ele me cansa de tanto vermelho que tem!” Estávamos numa obscuridade pro-

funda, e depois de ter acendido a vela, vimos que efetivamente o xale era salpicado de palmas vermelhas.

Se não se apreendeu a lei fisiológica que motiva essas contradições, elas não se compreendem, e os incrédulos atribuem ao acaso os sucessos e negam o sonambulismo.

Para o sentido da audição, as modificações fisiológicas são da mesma natureza. Todo som para o qual a inteligência do sonâmbulo não está dirigida permanece perdido. Quase sempre não basta chamar a atenção, é preciso impor ao ar que vibra a saturação magnética; o som efetivamente não é mais uma qualidade dos corpos, não é senão um fenômeno de uma ação mista do corpo que entra em movimento e do ar que repete esses movimentos. Não há aí união possível entre o fluido magnético do sonâmbulo e o *som*. É preciso dar ao ar que vibra suficiente afinidade para que o fluido nervoso possa misturar-se aí, e por conseguinte continuar em direção ao *eu* o modo de ondas sonoras que se produzem. Às vezes, entretanto, a união dos fluidos é imediata. Certos sons, certas vozes determinam essa exceção. Notamos que a música, e principalmente a dos instrumentos metálicos, era ouvida apesar de um isolamento perfeito. Observamos também que o canto era apreendido mais depressa do que a fala normal.

Há, porém, sonâmbulos que permanecem insensíveis a todos os gêneros de sons, enquanto não se estabeleceu relação. Este fenômeno da modificação da audição pode oferecer experiências muito conclusivas. Por exemplo, uma sonâmbula está num salão; peço que me designem certas teclas de um piano e magnetizo-as; então o som da parte não magnetizada permanece perdido para a sonâmbula, que ouve apenas os sons sem sequência das teclas indicadas.

A audição, como os outros sentidos, desloca-se e manifesta-se também de preferência nos centros nervosos; isso foi quase sempre observado no epigástrico.

Quanto ao sentido do paladar, ele oferece os mesmos fenômenos de extensão e de deslocamento. O deslocamento se observa também mais nos extáticos espontâneos; assim vemo-los colocarem no epigástrio, nos pés ou em outra parte as iguarias que querem comer; a boca faz os movimentos de mastigação, e eles revelam o verdadeiro sabor.

Mas em razão dos princípios fisiológicos que expusemos, não cremos de maneira nenhuma que a sensação ocorra nas partes que o sonâmbulo revela como centros sensitivos. A sensação e sua percepção se operam nos focos cerebrais comuns, somente a transmissão se efetua por uma via insólita. Os nervos auditivos, óticos, linguais são como prolongados e confundidos com os nervos da periferia pelo fluido nervoso que circula uniformemente, sem sofrer a ação especial dos aparelhos sensitivos.

Observam-se às vezes fenômenos ainda mais curiosos, nos quais a realidade da substância é inútil para que o sonâmbulo perceba a sensação. Outras vezes a qualidade da substância pode ser pervertida e transformar-se numa outra factícia. A vontade do magnetismo basta para produzir esses efeitos psicológicos. O magnetizador cria e mantém formada em seu pensamento essa qualidade substancial; e é aí que a alma do sonâmbulo encontra essa ficção e fica impressionada por ela como por uma realidade.

Assim, demos muitas vezes a sonâmbulas a satisfação de tocar e de cheirar flores, acariciar lindos pássaros, beber xaropes agradáveis, quando nada disso existia, ou então era água pura que elas bebiam.

Numa experiência quisera-se que a água fosse champagne. O jovem que era sonâmbulo deleitou-se bebendo vários copos, e chegou logo a um estado de exaltação muito análogo à embriaguez. Essa alegria extraordinária só se pôde dissipar ao despertar.

Dissemos que o esquecimento ao despertar era um dos efeitos mais comuns do sonambulismo. Entretanto uma ordem firme pode deixar ao sonâmbulo a lembrança do que se deseja que ele retenha em seu estado habitual. Esta modificação da memória oferece grandes vantagens nos tratamentos da medicina e na filosofia do magnetismo; pois o doente consente em medicações desagradáveis, ao passo que desperto tem uma opinião bem diferente.

A faculdade de fazer passar para a vida comum a lembrança do que aconteceu no estado sonambúlico estende-se às modificações que se operam sobre as funções dos sentidos. Assim, tendo apresentado a sonâmbulas três laranjas, das quais só uma fora magnetizada e rodeada de uma camada espessa de fluido, com a intenção de que ela permanecesse invisível, essa laranja ficou, com efeito, invisível quando essas sonâmbulas foram devolvidas ao seu estado normal. Em vão afirmávamos que a bandeja continha três laranjas, elas riam de nós e apresentavam-nos as duas laranjas que apreendiam. Enfim, Tateando com a mão, elas encontram um corpo que pegam, o encanto desaparece, e as três laranjas tornam-se visíveis.

Perguntando a outra sonâmbula se vê a mesinha que está no centro da nossa sala, ela responde que sim. Então, envolvendo todo o pé com o fluido, ela se espanta de ver um tampo de mesa suspenso. Ao despertar, o espanto não pode ser descrito; essa jovem aperta de todos os lados essa mesa aérea, acha-a sólida, e vai-se embora muito inquieta conosco.

Variamos de mil maneiras essas experiências, que acreditamos muito pouco conhecidas (1840), e sempre tivemos sucesso quando lidávamos com um sonâmbulo bem lúcido.

Este fenômeno singular, combinado ao da criação de objetos fictícios, dá lugar às experiências mais espantosas.

Assim, tínhamos um cartão em nosso bolso, e veio-nos à ideia mudá-lo em uma pequena carteira que estava em nossa

casa, e a qual sabíamos ser muito desejada pela sonâmbula perto da qual estávamos.

Ela ficou encantada com o presente, e prometeu conservá-lo preciosamente. Quisemos para tal efeito que a ilusão perseverasse ao despertar, e para isso devemos dizer quer era preciso impormos nossa vontade *verbalmente*.

A Srta. Gabriel ficou feliz desperta, como em sonambulismo, por possuir a carteira; mostrava-a a suas amigas, as quais, avisadas do fenômeno, não a desenganavam. Esse engano durou dois dias, e cessou porque uma pessoa se obstinou contra Gabriel para provar-lhe sua ilusão. Ela não queria acreditar e acorreu à nossa casa para verificar o fato; mas entrando na sala, viu sobre a lareira a verdadeira carteira e reconheceu imediatamente que tinha na mão um cartão!!

Entramos cada vez mais, como se vê, no exame dos fenômenos psicológicos do magnetismo, fenômenos que se observam somente com os sonâmbulos privilegiados com uma grande lucidez.

A lucidez sonambúlica apresenta muitos graus que se acham raramente reunidos no mesmo indivíduo. Nota-se que a frequência das magnetizações a desenvolve, mas também que o abuso cansa o sujeito e obscurece suas faculdades. Não se pode fixar uma regra sobre a repetição e a duração do estado sonambúlico; a experiência deve servir de guia, e com ela a opinião do sonâmbulo.

A manutenção da lucidez prolongada além do que pode o sistema nervoso compromete a saúde de maneira gravíssima, e vemos como falta moral manter essa faculdade por meios artificiais, como a magnetização repetida dez vezes cada dia, o sono magnético prolongado às vezes doze e vinte e quatro horas, bebidas estimulando o sistema nervoso, vinho branco escolhido, café, etc., etc....

Entre as faculdades que se observam nos sonâmbulos muito lúcidos, há uma que se pode chamar *previsão* ou *presentimento orgânico*.

Esses sonâmbulos veem com efeito, espontaneamente, o estado em que sua doença os colocará, numa época ainda muito distante. Não há magnetizadores que não tenham encontrado desses fatos de previsão.

Exemplo, tirado do relatório do Sr. Husson, que fazia parte da comissão encarregada em 1826, pela Academia de Medicina, de examinar o magnetismo:

“A comissão se reuniu no gabinete do Sr. Bourdois, em 6 de outubro, ao meio dia, hora em que Cazot aí chegou. O Sr. Foissac fora convidado a vir ter aí ao meio dia e meia; ele permaneceu na sala, sem o conhecimento de Cazot, sem nenhuma comunicação conosco. Foram entretanto dizer-lhe, por uma porta falsa, que Cazot estava sentado num sofá afastado dez pés de uma porta fechada, e que a comissão desejava que ele o adormecesse e o despertasse a essa distância, permanecendo ele na sala, e Cazot no gabinete.

“Ao meio dia e trinta e sete minutos, enquanto Cazot está ocupado com a conversa que mantemos, ou examina os quadros que enfeitam o gabinete, o Sr. Foissac, colocado na peça vizinha, começa a magnetizá-lo; notamos que ao fim de quatro minutos Cazot pisca levemente os olhos, que tem um ar inquieto, e que enfim adormece em nove minutos. O Sr. Guersent, que cuidara dele no hospital de crianças, por seus ataques de epilepsia, lhe pergunta se ele o reconhece. Resposta afirmativa. O Sr. Itard pergunta-lhe quando ele terá um acesso. Ele responde que será dali a quatro semanas, em 3 de novembro, às quatro horas e cinco minutos da tarde. Pergunta-se-lhe em seguida quando terá outro. Ele responde, depois de se ter recolhido e hesitado, que será cinco semanas depois daquele que acaba de indicar, em 9 de dezembro, às nove e meia da manhã.

Tendo a ata dessa sessão sido lida na presença do Sr. Foissac, para que ele a assinasse conosco, havíamos querido induzi-lo em erro, e lendo-a para ele antes de fazê-la assinar pelos membros da comissão, o relator leu que o primeiro acesso de Cazot ocorreria no domingo 4 de novembro, ao passo que o doente fixara o sábado 3. Enganou-o igualmente sobre o segundo, e o Sr. Foissac tomou nota dessas falsas indicações como se fossem exatas; mas tendo, alguns dias depois, posto Cazot em sonambulismo, assim como tinha o costume de fazer para dissipar suas dores de cabeça, soube dele que era no dia 3 e não no 4 que ele devia ter seu acesso, e advertiu o Sr. Itard em 1^o de novembro, crendo que houvera erro na ata, cuja pretensa veracidade, porém, o Sr. Itard sustentou.

“A comissão tomou de novo todas as precauções convenientes para observar o acesso de 3 de novembro; foi às quatro horas a casa do Sr. Georges¹³; soube dele, de sua mulher, e de um dos trabalhadores, que Cazot trabalhara a manhã toda até as duas horas, e almoçando sentira dor de cabeça; que entretanto descera para recomençar seu trabalho, mas que aumentando a dor de cabeça, e tendo tido uma tontura, voltara a subir ao seu quarto, deitara-se e adormecera. Então, os srs. Bourdois, Fouquier e o relator subiram, precedidos pelo Sr. Georges, para o quarto de Cazot; o Sr. Georges entrou aí sozinho e encontrou-o profundamente adormecido, o que nos fez observar pela porta que estava entreaberta para a escada. O Sr. Georges falou alto com ele, sacudiu-o pelo braço, sem conseguir acordá-lo; e às quatro horas e seis minutos, em meio às tentativas feitas pelo Sr. Georges para acordá-lo, Cazot foi tomado pelos principais sintomas que caracterizam um acesso de epilepsia, e semelhantes em tudo ao que observáramos nele anteriormente.

¹³ Chapeleiro para quem Cazot trabalhava.

“O segundo acesso anunciado para 9 de dezembro, ou seja, dois meses antes, ocorreu às nove e meia, e foi caracterizado pelos mesmos fenômenos precursores e pelos mesmos sintomas que aqueles de 7 de setembro, 1º de outubro e 3 de novembro.

“Enfim, no dia 11 de fevereiro, Cazot marcou a época de um novo acesso no próximo dia 22 de abril, ao meio-dia e cinco minutos, e esse anúncio verificou-se como os anteriores, com uma aproximação de cinco minutos. Este acesso, notável pela violência, pela espécie de furor com que Cazot mordeu a mão e o antebraço, pelos abalos bruscos e repetidos que o sacudiam, durava há trinta e cinco minutos, quando o Sr. Foissac, que estava presente, o magnetizou. Em pouco tempo o estado convulsivo cessou para dar lugar ao estado de sonambulismo magnético, durante o qual Cazot se levantou, colocou-se numa cadeira e disse que estava muito cansado; que teria ainda dois acessos, um dentro de nove semanas a contar do dia seguinte, às seis horas e três minutos (25 de junho). Não quer pensar no segundo acesso, porque é preciso pensar no que acontecerá antes, e acrescenta que aproximadamente três semanas depois do acesso de 25 de junho ele enlouquecerá; que sua loucura durará três dias durante os quais será tão malvado que brigará com todo mundo; que maltratará até a mulher e o filho; que não se deverá deixá-lo com eles, e que ele não sabe se não matará uma pessoa que não designa. Será preciso então sangrá-lo imediatamente nos dois pés. Por fim, acrescenta ele, ficarei curado para o mês de agosto, e uma vez curado, a doença não me atingirá mais, aconteça o que acontecer.

“É no dia 22 de abril que todas essas previsões nos são anunciadas, e dois dias depois, no dia 24, Cazot, querendo deter um cavalo feroso que tomara o freio nos dentes, foi precipitado contra a roda de um cabriolé que lhe quebrou a arcada

orbital esquerda e o machucou horrivelmente. Levado para o hospital, morreu no dia 15 de maio.

“Vemos, nesta observação, um homem sujeito há dez anos a acessos de epilepsia. O magnetismo age sobre ele embora ele ignore completamente o que lhe é feito. Torna-se sonâmbulo; os sintomas de sua doença melhoram, os acessos diminuem de frequência, as dores de cabeça e a opressão desaparecem sob a influência do magnetismo; ele prescreve a si mesmo um tratamento apropriado à natureza do seu mal, e promete ficar curado. Magnetizado sem o saber e de longe, cai em sonambulismo e é dele retirado com a mesma prontidão do que quando era magnetizado de perto. Enfim indica, com rara precisão, um ou dois meses antes, o dia e a hora em que deve ter um acesso epilético. No entanto, capaz dessa previsão para acessos tão afastados, ainda mais, para acessos que jamais ocorrerão, não prevê que dentro de dois dias será vítima de um acidente mortal.

“Sem procurar conciliar tudo o que semelhante observação pode, à primeira vista, oferecer de contraditório, a comissão vos fará notar que as previsões de Cazot são relativas apenas a seus acessos; que elas se restringem à consciência das modificações orgânicas que se preparam, e chegam a ele como o resultado necessário das funções internas; que essas previsões, embora mais extensas, são absolutamente semelhantes às de certos epiléticos que reconhecem mediante diversos sintomas precursores, como a cefaléia, as vertigens, a morosidade, a aura epilética, que terão um acesso em breve. Seria espantoso que os sonâmbulos, cujas sensações, como vistas, são extremamente vívidas, pudessem prever seus acessos com muita antecedência, segundo alguns sintomas ou impressões internas que escapam ao homem desperto? É desta maneira que se poderia entender a previsão atestada por Arétée, em duas passagens de suas obras imortais, por Sauvages que relata um exemplo e por Caba-

nis. Acrescentemos que a previsão de Cazot não é rigorosa, absoluta, que ela é condicional, visto que ao predizer um acesso ele anuncia que ele não ocorrerá se o magnetizarem, e efetivamente ele não ocorre; ela é toda orgânica, toda interna. Assim, concebemos porque ele não previu um acontecimento completamente externo: saber que o acaso lhe faria encontrar um cavalo feroso, que ele teria a imprudência de querer detê-lo, e que receberia uma ferida mortal. Ele pôde portanto prever um acesso que nunca veio a ocorrer. É a agulha de um relógio que, num determinado tempo, deve percorrer certa porção do círculo de um mostrador, e que não o descreve porque o relógio é quebrado.”

Outras vezes, um sonâmbulo prediz, a um prazo mais ou menos longo, uma doença que ele determina e da qual ele parece não ter nenhum germe, e essa previsão se realiza pontualmente.

Viram-se sonâmbulos, e encontramos alguns, que determinavam o dia da própria morte, sem acreditar possível evitar esse acontecimento. No dia predito, ocorria efetivamente uma crise terrível na doença, tudo parecia desesperado, e acreditava-se ter a prova funesta da fatal previsão, quando, no meio de sua agonia, o doente, posto em sonambulismo por um resto de esperança, anunciava que ia viver. Era uma síncope, uma crise assustadora que ele confundira com a morte, não podendo apreciar o auxílio que o devotamento de seu magnetizador devia trazer.

Em semelhantes circunstâncias, não se deve desanimar, é preciso lutar até o fim, porque é possível que o sonâmbulo tenha tomado uma suspensão momentânea da atividade dos órgãos pela cessação completa da vida. Os autores não constataram fato bem autêntico em que uma previsão de morte se tenha realizado; e de nossa parte, as que ouvimos não se realizaram.

A previsão, exceto naquilo que interessa o organismo, é bem mais rara. Efetivamente não é mais uma apreciação calculada de uma crise cujas causas podem existir no mecanismo dos órgãos; é um fato futuro cujos motivos parecem depender daquilo que é chamado sem razão o acaso. Este gênero de previsão é para nós muito real; mas como não o observamos a não ser em casos de lucidez extraordinária e por assim dizer sobrevivendo como um relâmpago, falaremos disso ao tratar do êxtase.

Para enumerar todas as faculdades que se podem encontrar no sonambulismo lúcido, seria preciso proceder por uma classificação das faculdades da alma, pois à medida que a lucidez aumenta, novos fenômenos aparecem.

Digamos algo da visão à distância.

Uma noite, tínhamos em casa duas sonâmbulas, e numa casa vizinha havia um baile. Mal a orquestra começou uma delas se agitou, depois ouviu o som dos instrumentos. Dissemos antes que alguns sonâmbulos isolados eram no entanto sensíveis à música. Logo a segunda sonâmbula ouviu também, e elas compreenderam que era um baile.

- Quereis vê-lo? disse-lhes eu.

- Certamente....

E imediatamente eis as duas jovens rindo e conversando sobre as poses dos dançarinos e os trajes das dançarinas.

- Olhai só aquelas senhoritas com seus vestidos azuis, como dançam de maneira engraçada, e o pai delas que balança com a noiva... .. Ah! Como aquela senhora é sem cerimônia; queixa-se de que seu copo d'água não está bastante doce, e pede açúcar... Oh! E aquele homenzinho! Que terno singular!... Nunca na nossa vida tínhamos visto um espetáculo tão agradável e tão instrutivo. Duas pessoas presentes, duvidando de que houvesse visão real, foram à sala do baile e ficaram estupefatas vendo as senhoritas de vestidos azuis, o homenzinho de terno vermelho e o par da noiva que as jovens haviam nomeado!.....

Essa visão fora espontânea, mas fora provocada por um som que estabelecera uma relação física entre as sonâmbulas e o baile. Essa relação, como dissemos anteriormente, se opera pelo fluido nervoso do sonâmbulo, que se dirige ao ponto para onde é atraído ou dirigido. Assim, tendo perguntado a essas jovens como elas tinham podido ver achando-se longe dos lugares, elas nos responderam que tão logo lhes havíamos proposto assistir ao baile, uma luz viva se prolongara de seus olhos até a sala e a tornara visível.

Outra vez, uma de nossas sonâmbulas desejou, em um de seus sonambulismos, ir ver a irmã que estava em Blois. Conhecia a estrada e seguia-a mentalmente.

- Nossa! exclamou ela, onde está indo o Sr. Jouanneau?

- Onde estais agora?

- Estou em Meung, perto dos Mauves, e encontro o Sr. Jouanneau todo endomingado, o qual vai sem dúvida jantar em algum castelo.

Depois ela continuou a viagem.

Ora, a pessoa que se oferecera espontaneamente à vista da sonâmbula era um habitante de Meung, conhecido das pessoas presentes, e escreveram-lhe imediatamente para saber dele se estava verdadeiramente passeando no lugar designado, na hora indicada.

A resposta confirmou minuciosamente o que a Srta Céline dissera.

Quantas reflexões! Quantos estudos psicológicos nesse fato produzido tão fortuitamente! A visão dessa sonâmbula não *pulara*, como se observa tantas vezes, para o lugar desejado; ela percorrera toda a distância de Orléans a Blois, e vira nessa rápida viagem o que podia excitar sua atenção!

Comumente a *visão à distância* é confundida com o fenômeno da *transmissão de pensamento*. Assim a maioria das experiências que se cita consiste em pedir ao sonâmbulo para ir

à vossa casa, ou a um lugar que conheceis. Estais em relação com ele, e ele vos descreve quase sempre os lugares, os objetos com a precisão mais exata. Pois bem! Não há nisso, *quase sempre*, visão real; o sonâmbulo vê em vosso pensamento as imagens que aí traçais. Quanto mais atento fordes a segui-lo e dirigi-lo em suas descrições, tanto mais perfeitas serão.

Alguns magnetizadores procuraram utilizar a faculdade de visão à distância para descobrir pessoas perdidas, e a esse respeito a descoberta do corpo do artista Sixdeniers¹⁴, afogado no Sena, causou sensação; para achar tesouros enterrados; para seguir a pista de criminosos desconhecidos. Mas não hesitaremos em recomendar as maiores reservas sobre essas espécies de experiências; pois, para um fato positivo e bem sucedido, haverá dez que serão apenas ilusórios e vãs alucinações do sonambulismo. Aquele que confia cegamente nas previsões dos sonâmbulos reserva para si decepções bem cruéis.

Há outro gênero de visão à distância que se chama com acerto *visão retrospectiva*.

Alguns exemplos bastarão para dar uma ideia desse fenômeno.

A Srta A... passara o dia numa loja bordando uma peça de renda. À noite, enrola seu trabalho, coloca-o em sua cesta com outros objetos, e volta para casa; mas tirando um por um os objetos que acaba de trazer, não acha a renda. Primeiro fica preocupada, espera tê-la esquecido na casa da amiga; mas no dia seguinte de manhã, ninguém na loja vira a renda. Pensaram que ela a perdera no caminho na noite anterior.

¹⁴ Alexandre Vincent Sixdeniers, artista morto acidentalmente em 1846. O fato da descoberta de seu corpo pelo sonambulismo foi publicado no livro *Thérapeutique Magnétique*, do Barão Du Potet, páginas 85 e 86, publicado em 1863. Paris. (Nota da equipe revisora).

Essa renda era valiosa e pertencia a uma estrangeira. A Srta A..., aborrecida com a desventura, veio durante o dia nos pedir para adormecê-la.

Logo que entrou em sonambulismo, recolheu-se e viu-se no momento em que, enrolando seu trabalho, detém-se a conversar com alguém que entra, e coloca o quadradinho de renda ao lado de um livro volumoso, perto de uma borda do balcão; esquece-se de que não o colocou na sua caixa de trabalhos, e parte.

A noite passa e nada sai do lugar. De manhã, *limpa-se a loja*, e ao arrumar o balcão, empurra-se o livro e o quadradinho cai no chão.... Entram três mulheres: uma é a leiteira, outra uma vizinha, a terceira vem pegar o jornal.... usa tamancos, pisa na renda que se cola na neve dos pés... (2 de fevereiro de 1844). Essa mulher desce o degrau da loja e arrasta a renda. As ruas estão cobertas de neve.... A mulher sobe a rua, atravessa a rua Royale, entra em outra loja; perdeu a renda.... a neve abrigou-a por algumas horas, depois é arrastada.... ela não a vê mais.... A mulher toca à terceira porta daquela rua....

Quando a Srta A.... acordou, contamos-lhe sua visão; e embora não tivesse tido um resultado feliz, quisemos saber se era real. Ora, era bem verdade que a terceira pessoa vinda de manhã era a empregada de uma pessoa que morava na rua indicada. E o que tornava a visão mais evidente era que era possível que essa mulher fosse a décima a vir buscar o jornal, como fora a terceira a vir, pois essa loja era um gabinete de leitura, onde toda manhã vários assinantes mandavam buscar tal ou tal jornal.

Outro fato:

Michel, sonâmbulo do doutor Garcin, de Draguignan, por uma visão retrospectiva de um fato realizado, reportou-se em 1833 à partida de uma corveta da qual não se ouvira mais falar, e cujo destino preocupava vivamente aqueles que se acha-

vam presentes. Michel segue de Cherbourg o navio até a Islândia; ele o vê fazer escala numa costa por causa do mau tempo; volta a partir com ele, depois perde-o de vista; reencontra-o exatamente no norte; é no mês de maio, quatro anos mais tarde; o frio é excessivo; os habitantes não se mostram, e ele não consegue descobrir o nome do país. A corveta parte de novo; ele segue-a, em dezembro de 1837, num país ainda mais glacial; treme inteiro pelo frio que sente; está tão mal que não pode detalhar o acontecimento que ameaça o navio; ele o vê enfim afundar com todos os homens, e mesmo os gatos que diz estarem lá dentro.

Poderíamos relatar aqui inúmeros fatos análogos, mas ultrapassaríamos rapidamente os limites que esta obra comporta.

Sonambulismo determinado pela imaginação. - Nós reconhecemos, falando do magnetismo humano aplicado aos corpos inorgânicos, que os objetos saturados de fluido magnético agiam realmente por um efeito físico sobre os indivíduos susceptíveis de ser impressionados pelo agente magnético.

Com a ajuda de objetos magnetizados, todos os efeitos nervosos que a magnetização determina para trazer o sonambulismo podem se desenvolver longe do magnetizador. Uma vez produzido este estado, a lucidez sobrevém, mas em muitos sujeitos, ela é menor do que sob a ação magnética direta.

Estes fenômenos são conhecidos por todos os magnetizadores que veem geralmente neles a prova mais irrecusável da existência do fluido magnético.

Quanto a nós, se a demonstração da existência do agente magnético não nos fosse fornecida por uma outra série de provas teóricas e de fatos práticos, estaríamos longe de aceitar esta ordem de fenômenos no mesmo sentido que a maioria dos magnetizadores.

Com efeito, dissemos, no começo deste capítulo, que o sistema nervoso do homem tendia, por uma lei fisiológica, a

repetir periodicamente as sensações e as afecções que o atingiram.

Ora, neste fenômeno fisiológico se encontra a causa de grande número de efeitos nervosos e de sonambulismo lúcidos que nascem completamente fora da ação dos objetos magnetizados ou da magnetização que seria feita à distância.

Esta asserção, que se preste bem atenção, não invalida em nada o valor da magnetização mediata; nós a admitimos, é um fato. Mas afirmamos que muitas vezes os fenômenos, já desenvolvidos pela magnetização, se renovam por si sós e quase sempre sob a influência do pensamento do próprio indivíduo.

Os observadores, os médicos sobretudo, que reconheceram esta causa dos fenômenos sonambúlicos, tiraram daí a consequência, *muito ilógica*, de que todos os fenômenos que constituem a ciência do magnetismo não dependiam de outra causa, e que a emissão do fluido, a ação da vontade do magnetizador, não eram senão erros. As forças psíquicas e o sistema nervoso doentio dos sujeitos faziam tudo.

Ambos os campos têm portanto uma parte da verdade, e pensamos que as considerações que damos favorecerão a aproximação, tão necessária para a ciência, dos magnetizadores e dos fisiologistas.

Convencemo-nos do que apresentamos por um grande número de experiências que às vezes aconteceram por acaso.

Assim, vereis o sonambulismo sobreviver embora deis ao indivíduo um objeto não magnetizado.

Encontrareis vosso sujeito, para vosso grande espanto, em sonambulismo, quando não pensastes absolutamente nele; e ele vos dirá que o magnetizastes de longe.

Purgá-lo-eis com água que ele acreditará magnetizada, no entanto não é verdade. É preciso para isso que várias vezes antes tenhais usado esse meio como purgação.

A essas pessoas, de um poder psíquico tão notável sobre elas mesmas, dai um pó inerte, açúcar, alcaçuz, um pouco d'água, e que elas acreditem tomar um medicamento ativo, de efeitos gerais, purgativo ou emético, experimentam uma série de desarranjos evidentes em seu estado fisiológico.

Vimos menstruações aparecerem ou pararem, mal-estares, vômitos, arrepios se manterem sob a influência dessas substâncias inertes que dávamos então para nos esclarecermos sobre a virtude patogenésica dos medicamentos homeopáticos.

Esta ordem de fenômenos que apenas indicamos aqui, reservando-nos entrar em desenvolvimentos tão curiosos quanto importantes, abre um campo novo para o estudo dos fisiologistas, dos psicólogos e dos magnetizadores.

CAPÍTULO QUARTO.

ÊXTASE

O êxtase magnético mostra-se bem mais raramente ainda do que o sonambulismo; mal se encontra uma vez em cada vinte casos de sonambulismo lúcido, o que supõe quase duzentos sujeitos magnetizados, pois acreditamos que muitas vezes se tomou uma alta lucidez pelo êxtase.

Este fenômeno manifesta-se somente em sonâmbulos muito lúcidos, e principalmente naqueles que têm inclinação para sentimentos de uma religião terna e elevada ou que estão animados por um amor profundo; nesses sujeitos, a crise se opera espontaneamente; nos outros, ela pode ser provocada pela arte. Estudemos primeiro o êxtase determinado pelo magnetismo.

Acontece, ao magnetizar com energia um sonâmbulo predisposto à crise de que falamos, que ele deixe de repente de ouvir seu magnetizador; empalidece, seus membros amolecem completamente, e se não se sentissem ainda seus batimentos cardíacos, acreditar-se-ia que a morte acaba de atingir o sonâmbulo. É que o acréscimo de fluido magnético como que rompeu os centros onde a circulação nervosa se fazia, e que a alma inundada dessa luz se acha a ponto de perder seus laços com o corpo. Ela está no limite do mundo físico, atraída pelo mundo espiritual, que é luz pura. Então, se se permanecer observador, vê-se o rosto do extático exprimir um sorriso de felicidade, ele fica silencioso comumente, às vezes fala sozinho e muito baixo; o que se pode perceber são expressões de amor, de beatitude, dirigidas a um ser que parece conversar com ele, ou então são palavras de consolo, conselhos sobre um acontecimento futuro dirigidas àquele que ocupa os pensamentos do extático; muito raramente ele pensa para si; esqueceu a terra..... Depois de

meia hora de duração, essa crise se extingue, e o sonambulismo volta a mostrar-se como antes sem que reste qualquer lembrança do que aconteceu no êxtase.

Quando o magnetizador vê aparecer esses fenômenos, ele deve tentar de algum modo manter sua relação com seu sujeito; com paciência, doçura, isso se consegue, e tem uma vantagem imensa, pois se impede a alma do magnetizado de se apegar a pensamentos que lhe fazem desprezar o corpo e quase desejar a morte, o que dá uma excitação perigosa a seu sistema nervoso. Utiliza-se essa exaltação da lucidez para informações preciosas sobre a doença do sujeito ou sobre a de outras pessoas, ou então sobre o andamento de um acontecimento importante, enfim, sobre um ponto que o possa trazer de volta constantemente à vida. O extático cede com pouca vontade a essas solicitações; ele vos pede ao contrário para deixá-lo nesse estado de felicidade que não pode descrever; ele gostaria que fosse permitido ajudá-lo a acabar de romper os laços que ainda o retêm entre os homens; apressar-se-ia, diz ele, sua vida celeste; ele poderia estar com os anjos que contempla e com os quais o ouvis conversar. Com efeito, a maioria dos extáticos que se deixa *livre* na crise diz ver um anjo que se interessa por eles e os aconselha. Seu discurso absolutamente nada tem do caráter do sonho; aliás, seu estado é superior ao sonambulismo, no qual não eram acusados de sonhar; por que então se taxaria de ilusão o que acontece no êxtase?

Os extáticos que têm essas visões celestes e essas tendências de abnegação pessoal são sempre as pessoas jovens cuja idade ainda não permitiu ao sopro da paixão manchar a candura da alma, ou os indivíduos cuja vida é plena de virtudes. Seja qual for sua religião, o caráter místico é o mesmo, amor, indiferença pelas inclinações terrestres, desejo ardente do céu, visão de seres espirituais. Esta asserção, que repetimos segundo De-

leuze, nos parece muito contestável e demanda, para ser admitida, mais estudos comparativos em diferentes países.

Dissemos que a frequência das magnetizações favorecia a lucidez, mas acabava cansando o magnetizado; esta lei deve ser aplicada ainda mais severamente ao êxtase. Esta crise, com efeito, afrouxa por si mesma os laços da alma e do corpo, e determiná-la com frequência é destruir cada vez mais o modo de vida terrestre, por conseguinte aproximar a morte ou pelo menos naturalizar um modo de vida incompatível com o destino humano na terra.

Por pouco não causamos a morte de uma doente que havíamos levado, por sonambulismos reiterados, a um estado extático perfeito. Nesses êxtases, ela estava inebriada de alegria de ver o dia da libertação se aproximar; ocultou-nos isso durante muito tempo, porque sentia que teríamos mudado nosso sistema de tratamento, e foi apenas vendo esses êxtases se renovarem várias vezes por dia e espontaneamente, ou somente pela nossa presença no quarto, que desconfiamos de que o esgotamento, que aumentava a cada dia, provinha do relaxamento do sistema nervoso. A sonâmbula confessou com algum desgosto que tínhamos visto certo, e teve muita dificuldade em renunciar à morte, que ela via chegar com tantas delícias.

É somente no êxtase que se observam essas visões à distância súbitas e sem que haja qualquer relação entre os lugares e o sujeito, ou essas comunicações *íntimas* dos pensamentos, a tal ponto que o extático compreende uma língua estrangeira conhecida pela pessoa da qual se ocupa, ou então ainda que o vemos tomado pela doença de um estranho nos sintomas e nas dores, e o doente subitamente aliviado. Analisemos estes caracteres do êxtase.

O dom das línguas foi visto pelos teólogos como um sinal de possessão demoníaca, não nos extáticos magnéticos, visto que no momento em que a Igreja observava aquele fenômeno

não havia magnetização refletida, mas ela declarava-o sobrenatural para os extáticos espontâneos nos quais o fenômeno era acompanhado de convulsões. Nós não negamos a comunicação dos extáticos daqueles tempos com seres sobrenaturais, mas não podemos reconhecer a mesma causa para os extáticos magnéticos, posto que eles não compreendem uma pergunta de alemão, se aquele que a faz não compreende o que ele diz; o que prova que esse fenômeno não é senão uma extensão da percepção dos pensamentos, e que as palavras sendo apenas sons, se o pensamento não lhes der um sentido, a alma do extático não encontra nenhum valor moral nesses sons, sem nenhuma inteligência para a consciência daquele que os pronuncia.

Às vezes o extático fala sem que lhe façam pergunta alguma, seja em latim, seja em uma outra língua que nenhum dos assistentes conhece; mas se se prestar atenção, ouvir-se-á o latim cheio de erros, e ver-se-á aí apenas a ligação das lembranças das leituras que o indivíduo fez na vida, e que ele reúne em virtude da prodigiosa memória de que é dotado; ocorre o mesmo para as outras línguas; ele pôde aprender algumas palavras, algumas frases, que sua memória no estado habitual esquecera, mas que relembra com clareza nesses momentos. Há inúmeros exemplos do que dizemos, citados nas obras de medicina, pois certas afecções do cérebro produzem no órgão da memória os mais singulares efeitos.

No sonambulismo magnético, pode-se fazer o espírito do sujeito ir para um lugar afastado, e saber por ele como são esses lugares nesse momento; mas para isso é preciso que aquele que fala ao sonâmbulo conheça as localidades ou que este as tenha conhecido, pois se eu tiver a audácia de pedir a um sonâmbulo a descrição do gabinete do imperador da Rússia, seguramente ele não me dirá nada de exato, porque a luz magnética de que sua alma dispõe não pode irradiar em nenhuma direção defini-

da, visto que lhe falta um motor inteligente que saiba por onde determinar a expansão nervosa. Quanto ao extático, ele pode ser transportado a um lugar desconhecido por ele e por todos aqueles que o cercam; ele vê e ouve o que acontece de uma maneira exata; mas essa visão é espontânea e não pode ser provocada; em vão a solicitariam, ela exigiria as condições da visão sonambúlica; seria mais perfeita sem dúvida, mas necessitaria de um ponto de partida no qual o espírito pudesse tomar uma direção. Às vezes, entretanto, a lucidez do sonambulismo é tal que se operam essas visões à distância sem nenhuma relação.

Em 1838, tratávamos de uma senhora de lucidez notabilíssima. Ela estava prestes a fazer uma viagem muito distante, e era de temer que ficasse impossibilitada de realizá-la. No entanto, ela encontrou meio de se restabelecer bastante prontamente por uma medicação muito enérgica. Essa viagem ocupava-a muito em seus sonambulismos, falava sempre dela. Numa noite em que estava magnetizada, repousando pacificamente perto do marido e de mim, seu corpo amolece de repente e escorrega da poltrona; ela empalidece e parece agitar os lábios. Ao cabo de alguns minutos, eu conseguira me fazer ouvir, e ela nos fazia observações como se estivéssemos com ela nos lugares que percorria. A extática estava num barco a vapor, falava com os passageiros, tremia por causa da rapidez do Ródano; quando o barco passou debaixo de certa ponte, ela nos apertou com força, tal o medo que tinha dessa passagem; depois admirou os lugares da margem e a afluência do povo ao porto onde o barco se deteve; é Lyon, disse ela... De repente fala de pradarias.... ; saltara para o vilarejo ao qual se dirigia; ria dos chapéus das mulheres, e não entendia nada de sua linguagem; via carneiros nos campos, montanhas soberbas...; depois para de falar, agita-se, voltou a ficar sonâmbula, esqueceu-se de tudo..... Era uma visão extática.

Três meses depois ela voltara realmente dessa viagem, e deu-nos todos os detalhes que registráramos. Vira a seiscentos quilômetros localidades das quais não conhecia por ocasião de seu êxtase senão o nome, nem sabia de qual lado estavam situadas.

Entre os extáticos religiosos ou muito afetuosos, há alguns que se regozijam de poder aproveitar a faculdade de influência de que goza todo sonâmbulo lúcido para transferirem para si o princípio mórbido que mantém uma doença em uma pessoa pela qual têm amizade. Assim, perto deles o doente não sente mais seus sofrimentos; esse alívio continua por mais ou menos tempo; e se o contato é frequentemente repetido ocorre a cura, ao passo que o extático é tomado de febre e de dores, e os mesmos órgãos apresentam nele os mesmos sintomas de doença. Essa absorção dos males ocorre sem que se perceba; o extático está concentrado, pega habitualmente vossa mão como por amizade, e enquanto vós o contemplais e dais livre curso a mil reflexões, ele aspira voluntariamente o mal que vos destrói!... Lemos poucas observações dessas; devem ser efetivamente raras, pois encontram-se poucos devotamentos tão intensos; mas nós mesmos fomos objeto dessa caridade celestial, e podemos falar dela.

Este interessante fenômeno do êxtase poderia levar-nos a altas meditações, mas seria antecipar o que temos a dizer da filosofia do magnetismo; contentar-nos-emos em notar que essa faculdade de influência, que o extático usa para o bem, poderia ser desviada para o mal, se fosse possível a um anjo assim o desejar.

Devemos afirmar, com efeito, que o verdadeiro extático é sempre de uma caridade e de uma moralidade tão perfeitas quanto possível, quer ele seja assim em sua vida habitual ou não; pois neste caso, logo que o êxtase é completo, seus sentimentos mudam completamente, e ele se opõe a suas ideias da

véspera. No sonambulismo, ao contrário, o indivíduo conserva quase sempre suas inclinações habituais, e foi somente neste estado que se pôde observar a faculdade de influência dirigida para o mal.

Viu-se por exemplo o sonâmbulo, no coração do qual o magnetizador deixou fermentar as paixões do estado de vigília, empregar seu poder magnético para perturbar o equilíbrio nervoso daquele por quem se tomou de ódio, e causar incontinenti vertigens, convulsões, asfixias que alarmam mais do que valem realmente, pois seu efeito não dura se não se lhes der muita importância. Deve-se compreender que se o magnetizador pode, sem gesto, unicamente por sua vontade, acionar muito fortemente um indivíduo que esteja perto ou longe dele, com mais razão o sonâmbulo, que conhece as leis de um organismo que ele observa, pode agir sobre esse organismo de maneira a perturbá-lo. Estendeu-se o fato que assinalamos ao homem desperto, e disse-se que pela sua vontade o homem podia fazer mal a um outro que estivesse em seu estado habitual. Encontrou-se aí a explicação dos sortilégios que tanto assustam as pessoas do campo; e os feiticeiros, cuja existência, de resto, não pretendemos negar, foram vistos como uma espécie de magnetizadores. Isto é um erro, uma vontade de aumentar o maravilhoso, pois a ação do homem sobre seu semelhante tem limites, e quando ela produz um efeito, esse efeito ocorre no sistema nervoso, tende a paralisá-lo, a trazer o sono, ou se ele determina uma excitação e uma perturbação violenta isso é passageiro, e não dura como se pretende que duram os feitiços lançados. É preciso prevenir-se contra a imaginação e a credulidade, e ater-se, em magnetismo, ao que está bem comprovado; há já bastantes maravilhas sem procurar dotá-lo de fantasias.

O êxtase como o sonambulismo desenvolve-se somente nos indivíduos predispostos naturalmente a essa crise, e assim como se magnetizaria em vão para tornar sonâmbulo aquele

cuja organização se opusesse a tal, igualmente sobrecarregar-se-ia o sonâmbulo cujo temperamento não tivesse as condições indispensáveis para chegar ao êxtase. Ao contrário, aqueles que tendem a esse estado por sua natureza, pois existem esses seres privilegiados, chegam aí pela mínima causa de exaltação moral, e às vezes por uma excitação física.

Como é constante que a impressionabilidade seja bem mais delicada no sonambulismo do que num outro estado, não se deve dar ao sonâmbulo emoções fortes demais, seja qual for o gênero delas, pois pode se manifestar subitamente um estado de síncope profunda, que pode sem dúvida levar ao êxtase, mas que pode também provocar acidentes terríveis no sujeito, sobretudo se o magnetizador se alarmar e não tiver familiaridade com esse pavoroso quadro da morte que ocorre subitamente.

Eis um exemplo do poder da exaltação moral sobre o sonâmbulo. Com a palavra o Sr. Chardel¹⁵:

“Um dia, magnetizando uma sonâmbula, eu a fiz passar ao estado superior; ela passeava pelo apartamento com uma amiga, e pediu-me para recitar uma cena das tragédias de Racine. Entreguei-me imprudentemente aos sentimentos que esse autor tão bem exprime, e só me apercebi da emoção de minha sonâmbula quando a vi cair sem movimento aos nossos pés. Jamais privação de sentimento foi tão assustadora; o corpo tinha toda a flexibilidade da morte; cada membro que se levantava voltava a cair sob seu próprio peso, a respiração parara, não se sentiam mais o pulso e as batidas cardíacas; os lábios e as gengivas perderam a cor, e a pele, que a circulação não animava mais, ficou com um tom lívido e amarelado.

“Felizmente não fiquei perturbado, e tinha bastante domínio sobre mim para sentir que podia exercer grande poder sobre minha sonâmbula. Comecei magnetizando os plexos,

¹⁵ Chardel. *Esquisse de la nature humaine* [Esboço da natureza humana], explicada pelo magnetismo animal. 1826, I vol. in-8°. Página 278.

inspirei um sopro magnético nas narinas, fiz o mesmo na boca e nas orelhas, e pouco a pouco minha sonâmbula recuperou o uso da palavra. Eu soube então que nada de extraordinário alterara sua saúde, mas que sua alma, com a emoção, se separava do corpo acarretando a modificação vital que lhe obedeceu. O contato com a impressionabilidade cessara então, as circulações sanguínea e nervosa pararam, e a vida espiritualizada, pronta a deixar a organização, retinha ainda a alma incerta, vacilando como a chama acima da lâmpada que se extingue.

“A circulação sanguínea, por ocasião das minhas perguntas, já retomara seu curso; quanto à circulação nervosa, restabelecera-se somente na cabeça e no peito; pelo menos minha sonâmbula me assegurou que o resto da organização ainda estava privado dela, de maneira que ela via seu corpo como um objeto estranho que lhe repugnava vestir. Só consentiu nisso cedendo à minha vontade, e preveniu-me de que era minha vida espiritualizada (fluido magnético) que restabelecia nela o curso da circulação nervosa.”

Esta explicação da extinção da vida corpórea e dessa separação aparente da alma que considera seu próprio corpo como uma máquina estranha é de alto valor metafísico. Todos os extáticos nos quais esse fenômeno fisiológico se desenvolve se exprimem da mesma maneira.

Tratamos de uma doente que entrava em êxtase durante a noite, quando era necessário receber alguma luz sobre o andamento de sua doença. Eis como ela nos prestava contas do que acontecia:

“Entro, diz ela, num estado semelhante ao que o magnetismo me traz, depois pouco a pouco meu corpo se dilata e vejo-o muito distintamente longe de mim, imóvel, pálido e frio como um morto; quanto a mim, eu pareço um vapor luminoso, sinto-me pensar *separada de meu corpo*. Neste estado compreendo e vejo muito mais coisas do que no sonambulismo; ao

passo que, sonâmbula magnética, penso sem estar separada de meu corpo. Após alguns minutos, um quarto de hora no máximo, esse vapor se aproxima cada vez mais de meu corpo, perco consciência, e o êxtase cessou.”

O que precede deve ter feito compreender que o êxtase é o último termo de expansão que o sistema nervoso pode atingir, e que nesse grau o homem espiritualizado, ou, caso se prefira, fluidificado em todo o seu ser, goza de todas as faculdades do que se chama *espírito*. Ora, como entre o homem e o mineral há uma série de seres gradualmente crescentes em sensibilidade e em inteligência, igualmente entre o homem e Deus há uma série de seres inteligentes e imateriais.

Evidentemente não pretendemos confundir nesta progressão contínua naturezas essencialmente diferentes, como a inteligência do animal com a alma humana, ou o arcanjo com Deus. Resta a diferença da matéria ao Espírito, e do criado ao incriado.

O homem, com efeito, é o limite onde acaba o mundo material e onde começa o mundo imaterial; ele pertence às duas naturezas. Ele foi criado para estar em relação com toda a cadeia das criaturas; mas a observação geral constata que ele não tem hoje senão uma única das relações; perdeu o sentido pelo qual podia apreciar o ser espiritual. Acreditamos que esse sentido lhe é devolvido, em parte, pelo estado extático. O extático, mas unicamente o extático, pode então comunicar-se com o mundo espiritual. Quando dizemos que ele pode, entendemos que ele tem essa faculdade pela natureza do estado a que acaba de chegar; mas a realização do fato não depende da sua vontade; é preciso uma causa que a determine, segundo os desígnios de Deus.

Deve-se lembrar que reconhecemos como verdadeiro extático de acordo com todos os magnetizadores que aprofundaram esta questão importante, o indivíduo cuja moralidade se

achava, na crise, isenta de máculas, pois a observação mostrou constantemente que o retorno à virtude se operava mesmo naquele cuja vida habitual estava longe de ser pura. Por conseguinte, se há comunicação sobrenatural, só pode ser com a permissão de Deus e por intermédio de um anjo de luz.

De resto, é essencial notar que fatos dessa natureza são extremamente raros, e que a maioria daqueles que se apresentaram não eram senão sonhos sonambúlicos; pois no sonambulismo as alucinações são frequentes, e se revestem de um caráter tão preciso que os observadores entusiastas podem tomá-los por visões reais. Quisemos certificar a possibilidade da comunicação do homem com o mundo espiritual no estado extático, reservando a demonstração moral para o capítulo da *metafísica do magnetismo*.

Para alcançar o objetivo que nos propusemos, devemos agora considerar os fenômenos do sonambulismo e do êxtase de outro ponto de vista que não o do magnetismo; ou seja, tendo colocado em princípio que as faculdades adquiridas no êxtase eram apanágio de nossa natureza, devemos divulgar que o magnetismo não é o único meio de desenvolver esse estado singular que ajuda a nos fazer entrever o que podia ser o modo primitivo e tão curioso da existência humana de que fala o Gênesis.

Os fenômenos extraordinários da lucidez sonambúlica são inerentes à natureza da alma e sempre se manifestaram desde que o homem foi criado, muito antes portanto de que o gênio da observação tenha achado que a ação refletida da vontade podia fazê-los nascer. Há aí um mistério profundo cuja chave o estudo do magnetismo teria dado, se a revelação cristã não lhe tivesse já explicado o sentido! Relembremos aqui aqueles inúmeros relatos de êxtases, de profecias, de crisiacos, de possuídos, de arrebatamentos, dos quais as histórias sagradas e profanas estão cheias, e vejamos se agora uma luz completa-

mente nova não brilha à nossa inteligência? Compreende-se que tantos povos separados pelos lugares e pelos costumes, tantos historiadores de religiões opostas tenham podido traçar os mesmos quadros, se não tivessem tido à sua frente a realidade dos fatos? Compreende-se a sabedoria destas palavras de Ch. Nodier:

“Teria a natureza do homem uma necessidade secreta de se elevar até o maravilhoso, para tomar posse de algum privilégio que lhe foi roubado outrora, e que formava a parte mais bela de sua essência?”

As teogonias de todos os tempos, de todos os países consagraram o dogma de um estado mais perfeito que a espécie humana perdera. Mas o que tinha de poderoso essa opinião de filosofia, de seita, para o espírito do homem cético por natureza? A tradição! Os dogmas cristãos! Mas ele não quer crer nisso..... Ele pede coisas palpáveis para seus sentidos e sua razão. Pois bem! Esses fatos materiais chegaram! E hoje, na sequência de uma síntese toda histórica, depois toda científica, nós podemos, com os fenômenos do magnetismo, compreender os segredos de antropologia que mais nos importava conhecer; e para nosso espanto, encontramos completamente de acordo com o catolicismo sobre a origem do homem e sua queda.

Antes de operar essa síntese histórica é preciso colocar seus elementos; assim, no estudo dos fenômenos magnéticos, mostramos que a causa ocasional da lucidez mais extraordinária sempre tivera sua ação sobre o sistema nervoso, e que não era senão uma gradação do desenvolvimento da centralização nervosa que permitia à alma estabelecer relações mais extensas. Pois bem! Ocorre o mesmo quando as catalepsias, as convulsões, o sonambulismo aparecem espontaneamente; é o sistema nervoso que se acha acionado por outra causa que não a de uma vontade alheia. Todas as vezes portanto que um sistema

nervoso é predisposto a essa modificação, ele a realiza logo que uma excitação qualquer lhe sobrevém, e isso do mais ao menos, em razão da impressionabilidade da organização.

Podem ser feitas duas divisões no gênero das causas excitadoras do estado extático espontâneo; as que serão morais, ou seja, dependendo da atividade mental do próprio indivíduo, e as que serão puramente físicas e externas.

Entre as causas físicas, é preciso pôr na primeira posição as doenças que trouxeram uma perturbação notável nas funções do sistema nervoso. Assim, os espasmos, as convulsões, as epilepsias, a excitação de certas partes do cérebro, pervertendo o equilíbrio da circulação nervosa, suscitam fenômenos nervosos análogos a diversos efeitos do magnetismo, e as faculdades da alma achando-se, por conseguinte, mais isoladas das relações externas e concentradas em si mesmas, adquirem uma atividade ainda maior. Então, se as desordens nervosas não tiverem reação sobre os órgãos esplâncnicos, e não derem uma dor demasiado forte, o *eu* revela os pensamentos que o ocupam, sem ter consciência daquilo que o cerca. A lucidez de um êxtase natural se manifesta.

É a esta ordem de fatos fisiológicos que se relacionam o sonambulismo natural, a catalepsia, a letargia. Uma vez determinada a primeira crise nervosa, quer ela tenha sido por um trabalho orgânico ou por uma impressão de terror, de dor, de prazer, ou qualquer outra causa, ela tende a se renovar periodicamente; isto é uma lei fisiológica. Quase sempre é pela repetição idêntica das mesmas circunstâncias que o sistema nervoso entra em ação; pois, ocupando vivamente o indivíduo na hora da crise, evita-se esta frequentemente, todavia, se em vez de ter sua causa numa ação real e de efeito atual, ela não a tiver senão na memória.

Esta repetição da crise, sob a influência da preocupação do sujeito, ocorre também nas crises magnéticas, que tendem

igualmente, em decorrência da lei que assinalamos, a se repetir por si mesmas; mas essas podem ser impedidas, porque não têm nenhum motivo ativo. Ao contrário, procurar-se-ia em vão distrair o espírito de alguém que se magnetizaria, mesmo sem seu conhecimento, pretendendo que os efeitos sentidos são devidos à sua imaginação; pois mesmo que o espírito ignore o que se faz, o agente magnético não deixa de penetrar no organismo, e deve modificá-lo de bom grado ou à força; é um efeito físico que pode somente ser retardado e perturbado, mas nunca anulado, quando o indivíduo é bem magnetizável.

A distinção das causas dos fenômenos nervosos que examinamos é da mais alta importância; é por tê-la desconhecido que o doutor Bertrand e sua escola negaram o agente magnético e atribuíram todos os gêneros de êxtase à imaginação; concebe-se qual era a fonte do erro. Será também muito filosófico reunir sob o nome genérico de *êxtase* todos os fenômenos de insensibilidade, de catalepsia, de visões diversas, de lucidez, quer esses fenômenos sejam espontâneos, determinados pela magnetização ou então pela ação de inteligência sobre-humana?

Embora a significação absoluta da palavra êxtase (*de statu dejicio*, inversão do estado habitual) pareça legitimar esta maneira de ver, pensamos que seria mais conveniente classificar todos os fenômenos de que falamos dentro do magnetismo o qual, como dissemos, apresenta grupos bem definidos, seja relativamente às espécies nas quais ele é observado, seja em relação às causas ocasionais dos fenômenos que são sempre espontâneos ou voluntários. Conservaríamos o êxtase na grande família fisiológica dos fenômenos superiores àqueles da lucidez sonambúlica, e estaríamos assim, acreditamos nós, de acordo com o sentido que geralmente se atribui à palavra êxtase.

Para justificar o que acabamos de dizer, teria sido racional estabelecer nosso trabalho segundo este plano analítico, mas o que escrevêramos na primeira edição desta obra era coorde-

nado diferentemente, embora com as mesmas ideias, e não quisemos refazer inteiramente a obra que não teria mais sido reconhecível, e que nosso editor não teria aceitado.

Dito isto, para explicar o que se segue ao capítulo do êxtase, continuamos nosso estudo.

As crises nervosas naturais apresentam também *três grandes classes*, as que oferecem somente desordens nervosas, aquelas em que a inteligência age sem ultrapassar os limites habituais, e aquelas em que os fenômenos parecem incompatíveis com nossas faculdades habituais.

Na *primeira*, colocam-se todas as neuroses, entre as quais podem ser classificados esses singulares efeitos sentidos por certos indivíduos, pelo aspecto ou em contato com diversos objetos, ou então pela audição de certos sons. Sabe-se que há pessoas que experimentam verdadeiro mal-estar à vista de animais amados, ao contrário, por outras pessoas, à vista de frutos ou de flores. O marechal de Albret desmaiava ao ver uma cabeça de javali pequeno, e Olaüs Borichius, médico dinamarquês, relata que um fidalgo se sentia mal à vista de uma enguia.

Algumas pessoas sentem-se muito mal ao ouvirem um som de trompa, de órgão, o barulho de um fruto que se corta, a voz de tal indivíduo; outros experimentam sensações muito desagradáveis tocando tal ou qual metal, tal ou qual tecido, ou tal animal, ou ainda se aproximando da beira de um rio, de um pântano, do mar. Tudo isso depende da influência recíproca de cada ser da natureza, ou de seu magnetismo. Aqueles que são constituídos de modo a permanecer sem impressão sob a ação dessas diversas causas riem dessas queixas chamadas *ideias*, *vapores*, e mal lhes dão alguma atenção, quando veem sobrevir verdadeiros acidentes, como convulsões, desmaios, uma catalepsia, um sonambulismo, o que acontece a várias pessoas muito nervosas. Nós observamos, assim como muitos outros médicos favorecidos pelas circunstâncias, acidentes desses, produzi-

dos instantaneamente pelo toque de uma moeda de ouro, sonambulismos provocados espontaneamente por banhos de mar, pela dor de uma amputação ou qualquer outra causa excitadora da perturbação nervosa.

Na *segunda classe* das crises naturais, citaremos alguns sonambulismos naturais, letargias e delírios em que o instinto dos remédios surge de maneira muito pronunciada.

A letargia é um fenômeno nervoso, análogo ao período da magnetização em que o sujeito dorme insensível e imóvel, mas com esta diferença de que a vida orgânica participa da inação da vida de relação; assim, a circulação, a respiração, as secreções parecem suspensas; quase no fim da crise, o pensamento desperta e funciona muito tempo antes que o organismo recomece a agir.

Quanto aos delírios que sobrevêm a alguns doentes, e que apresentam traços de clarividência instintiva, não são tão raros quanto se imagina, e uma observação atenta das doenças mentais, das febres cerebrais, fá-los-ia encontrar mais frequentemente. O doente, no meio de falas incoerentes, pede um remédio que ele afirma dever curá-lo, ou prognostica um acontecimento na marcha de sua doença; muitas vezes é sua morte; outras vezes ele vê um amigo ausente, dá notícias dele, e tudo isso examinado se revela exato. Alguns médicos reconheceram esse fenômeno, e, tendo executado os desejos do doente em suas prescrições, tiveram bons resultados.

No entanto, é preciso ter grande prática do sonambulismo magnético para distinguir a verdade da ilusão nesses delírios; e o mais seguro seria buscar regularizar a crise pelo magnetismo, o que muitas vezes seria fácil, e ter-se-ia um sonambulismo lúcido no qual se poderia confiar.

Na categoria das crises naturais que oferecem um desenvolvimento extraordinário das faculdades comuns, observaremos certas catalepsias, doenças em que somente a vida de rela-

ção é interrompida, as percepções dos sentidos não mais se realizam, os movimentos voluntários cessam, e se se imprimir a um dos membros alguma posição, ele a conservará como se fosse de cera; o doente não ouve mais quem quer que seja, e no entanto às vezes dá detalhes minuciosíssimos sobre as ações e os pensamentos de diversas pessoas presentes ou afastadas. Ele canta com bastante frequência, ora romanças, ora sons ininteligíveis, e isso com o acento de um sentimento tão profundo que os assistentes ficam emocionados: os fenômenos desta doença nervosa aproximam-se muito do sonambulismo magnético mais lúcido, e quando se sabe dirigi-los pelos procedimentos do magnetismo, obtêm-se os fenômenos mais maravilhosos. Esta doença é bastante comum, os médicos da antiguidade descreveram-na mal; pois sob a influência das ideias da época, eles a viam frequentemente como sobrenatural, e é apenas a Pétetin, médico em 1760, que se deve uma descrição científica¹⁶. Desde então, muitos outros publicaram relatos sobre essa doença. Entre esses cientistas, limitar-nos-emos a citar o doutor Despine, o qual, por sua posição de médico das termas de Aix, observava diretamente grande número dessas afecções nervosas.

Depois de ter passado os meses de setembro e outubro em Aix, a sra. Schmitz, tratada nas termas de Aix de uma neurose, voltou a Genebra, e eis aqui, diz o Sr. Despine, o que me escrevia seu pai, em dezembro de 1838:

“Uma noite, ela estava muito doente, e manda-me dizer para não me ir deitar sem a beijar. – Papai, diz-me ela, vai buscar o doutor Julliard, quero mostrar-lhe os fenômenos da minha doença; ele não os conhece. – Obedeci de má vontade,

¹⁶ Pétetin. *Electricité animale* [Eletricidade animal], comprovada pela descoberta dos fenômenos físicos e morais da catalepsia histórica e de suas variedades, e pelos bons efeitos da eletricidade artificial no tratamento dessas doenças. 1808, 1 vol. in-8°.

pois quantas vezes ele me dissera: Senhor, é inútil falar-me das maravilhas de vossa filha, não acredito em vós.”

“Subimos ao meu quarto, acendo minha lâmpada, entrego papel ao Sr. Julliard, e saio; ele escreveu e volta ao quarto da doente. Ela pede que se cubra sua cabeça com um saio, um vestido e um casaco; eram duas horas da manhã. Ela indica a cada um o lugar que ele deve ocupar, e, após uma hora de sofrimentos, ela diz: “Eis minha luz.” – Então, ensopada de suor, minha filha sai da cama; estava tudo na mais profunda escuridão; ela vai sentar-se numa espreguiçadeira, toma o papel do Sr. Julliard, desdobra-o no chão, põe os dois pés em cima dele e lê em voz alta o que o doutor escrevera Quanto a ele, exclama: é isso mesmo! No entanto, ele ainda duvida; supõe que é com a ajuda do fósforo que ela pôde ler...

“Na noite do dia 22, os Srs. Julliard e Chaponnière repetiram a experiência e obtiveram os mesmos resultados. Em 10 de dezembro, Jenny me pede para ir buscar o Sr. Julliard; recuso-me francamente. Essa contrariedade aumentou sua crise. Ela ouve então pela palma da mão direita e a planta dos pés. No dia 11, o Sr. Julliard vem à meia-noite com os doutores Coindet e Maunoir; começam seus ensaios vendando os olhos de minha filha. Falam à mão dela tão baixo quanto possível; um deles, enquanto isso, põe-lhe os dedos nos ouvidos, apertando-os até fazê-la gritar. No entanto, ela leu, ouviu e respondeu, e esses senhores confessaram que estavam agora perfeitamente convencidos da realidade desses fenômenos verdadeiramente incríveis.

“Na quinta-feira, à mesma hora da noite, ela me manda buscar os srs. Faidy e Martin, que moram no andar inferior de minha casa. Objeto à minha filha que esses senhores estão dormindo e não se deve incomodá-los. Imediatamente ela me responde: “O Sr. Faidy está deitado, mas o Sr. Martin está desenhando pequenos amores numa nuvem; vai buscá-los, quero

mostrar-lhes os fenômenos de minha triste doença.” Obedeço, lembrando-me de vossas exortações formais de nunca a contrariar.....Bato à porta do Sr. Martin, que chega de lâmpada na mão....”Mas, digo-lhe, não estais deitado?... Não; o que posso fazer por vós? - Posso perguntar-vos o que estais fazendo? - Sim, estou desenhando, vinde olhar....” Eu entro, e vejo que ele desenhava os pequenos amores que minha filha vira de sua cama.

“No dia 22, o Sr. Bally estava perto de nós. Minha filha pede luvas e manda vendarem-lhe os olhos. Depois, rindo, diz-nos: Ah! Se esses senhores quiserem me pôr meias, vou enganá-los, lerei pela barriga.... O Sr. Bally dobrou um bilhete em quatro e entregou-lho; levam a luz, e Jenny pede à irmã para pegar seu violão e a mim para tocar uma valsa em meu violino. Logo ela exclama: “Bravo, papai, logo terei minha luz;” e poucos minutos depois ela leu o bilhete.

“A tia via Jenny pela primeira vez em crise; ficou tão espantada quanto os outros; mas ficou ainda mais quando a sobrinha lhe disse: Escreveste à sra. Tissot... tua carta não partiu.... falas-lhe de mim.... Essa senhora tem uma doença incurável, mas aliviá-la-iam.”

Tal é o gênero de faculdades que adquire o cataléptico ou o extático espontâneo.

Aqui tem lugar a relação de nosso confrade doutor Frapart, levado cedo demais da causa que defendia com tanto calor e talento.

Trata-se da doença da sra. Comet, extática espontânea.

“Paris, 6 de dezembro de 1839.

“Meu bom amigo¹⁷,

¹⁷ Estas cartas eram dirigidas ao Sr. Bazile de Courquetaine, amigo íntimo do doutor Frapart.

“Ainda o magnetismo! Ou antes o sonambulismo; e desta vez, eles o acharão, espero, de boa qualidade, pois é *natural*.

“Eis o fato:

“À vista e com o conhecimento de toda a Faculdade, de toda a Academia, de todo o mundo médico, o doutor Comet tem sua mulher, sua própria mulher, doente há treze meses. – A mulher de um médico doente durante muito tempo não é um fato muito curioso; mas o que o é muito mais, é que a datar do começo de novembro passado, a sra. Comet é a cada dia vítima, a tal ou qual hora da noite, de um acesso de sonambulismo natural e lúcido. O que aconteceu nos primeiros acessos, não o vi; e o que se conta? Palavra de honra, para os confrades que olharam, em geral, no máximo pelo buraco de uma agulha os sonâmbulos, deve ser um conto das *Mil e uma noites*. Todavia, o Sr. Comet não esteve com meias medidas, e depois de ter apresentado em 26 de novembro à Academia um relatório detalhado das maravilhas em questão, acaba de publicá-lo em *Hygiène*. Para não estragar vosso prazer, vou citar-vos algumas das passagens mais importantes desse relatório.

– “A Sra. Comet lê, de olhos fechados, através de corpos opacos, sem que os caracteres recebam luz direta. Ela designa o menor corpo que lhe apresentam fechado na mão.... Ainda mais, ela adivinha o pensamento que se refere a ela, e os atos improvisados que acontecem nos apartamentos contíguos ao seu; indica com precisão a hora em que terá seus acessos no dia seguinte, sua duração, atualmente variável a cada dia; prescreve a dose de ópio que lhe é necessária, fá-la diminuir ou aumentar segundo a necessidade, e sempre com sucesso. Enfim, no meio dos atos prodigiosos de sua alma clarividente, há um fato que domina e que deve servir para a apreciação da realidade de todos os outros: a doente anunciou, várias vezes e em acessos diferentes, o dia da semana, a data do mês em que ela recupe-

rará a saúde e em que ficará livre das crises. Essa época não está muito distante.

“Pois bem! Que dizeis desta descrição? Verdadeiramente ela deve ter custado muito a seu autor; pois, ainda não há muito tempo, ele era um dos mais fogosos opositores do magnetismo. Não o poupava em seus escritos, e a cada instante golpeava-o prazerosamente com sua arma favorita, o ridículo.

“Volto ao relatório do Sr. Comet, a fim de continuar minhas citações e comentários.

“A desgraçada afecção de minha mulher traz consigo um consolo, pois fará julgar soberanamente uma questão que foi objeto de grandes discussões nesta Academia, e na imprensa onde tomei parte ativamente. Quero falar da lucidez e da clareza dos sonâmbulos, dos prodígios que eles realizam, e nos quais, há três meses, eu não acreditava, e que hoje lamento ter taxado publicamente de manobras fraudulentas, de malabarismos interessados.

“Bem, muito bem, Sr. Comet!... sejais vós quem fordes, ou seja lá o que se diga de vós, pois tendes muitos inimigos, a começar por mim, eis palavras que não ecoam frequentemente no âmago das Academias; palavras cheias de coragem, e ainda mais, da mais estimável das coragens, daquela que consiste em confessar publicamente um erro e em assinalar uma verdade, mesmo na presença de mais fortes do que vós. Não vos conheço, Senhor, mas quero conhecer-vos; e na primeira vez que nos encontrarmos, se consentirdes, dar-nos-emos um aperto de mão que valerá mais do que nossas antigas unhas. Até breve.

“Quanto à esperança consoladora que expressais de ver dentro em pouco a questão do sonambulismo lúcido *soberanamente* julgada pela Academia, oh! Sr. Comet, meu bom Sr. Comet, não vos acreditava tão cândido. Todos os membros desta companhia célebre, médicos, farmacêuticos, droguitas, veterinários ou outros, seja qual for a importância que supõem

ter, ou que a plebe escolástica lhes atribui, estão firmemente convencidos de que têm algo de muito mais *proveitoso* a fazer do que se ocupar de uma descoberta que ensina a dispensar seu ministério, que derruba de alto a baixo sua ciência, que obscurece ainda seu incompreensível discurso. Exigir deles esse sacrifício é exigir que assinem sua condenação à morte! Não a assinarem....

“Ademais, todas as Academias se pronunciaram às cegas sobre o magnetismo, e já que foram injustas, não se retratarão; pois as Academias são potências! E toda potência, científica ou outra, age frequentemente como se pensasse que, quando ela foi injusta uma vez, não lhe resta outro meio de apagar sua injustiça senão persistindo nela, outro segredo para reparar suas faltas senão agravando-as. Estais longe de conhecer os corpos de cientistas, Senhor; em duas palavras eis o fato: *São déspotas que cedem somente o que lhes é arrancado, que não admitem senão o que lhes é imposto, que avançam apenas quando são arrastados, que só caem quando são abatidos.*

No entanto, direis, os médicos, partidários do magnetismo; aqueles, por exemplo, que viram o feito da Srta. Pigeaire e que o certificaram, esses, ao menos, levantarão a voz. Engano! Caro confrade, engano! Esses senhores estão arregimentados; são soldados que obedecem às ordens em vez de obedecer à sua consciência; eles devem andar na linha ou desertar, e para tanto não têm nem vontade nem coragem. Aliás, cada qual desses partidários envergonhados do magnetismo, salvo algumas honrosas exceções que reconheço com prazer, não tem seu pequeno motivo para se fazer de covarde? Assim, um tem medo de passar por tolo, outro por visionário; este apega-se à Faculdade, aquele visa ao Instituto; enfim, todos têm seus negócios a fazer, uma posição a defender, uma clientela a conservar. Sim, eis o estado em que eles estão, e em que devem estar, e em que nós estaríamos sem dúvida igualmente se tivéssemos a

grande honra de ser um deles; e isso, porque tanto nós como eles somos simplesmente homens; porque toda paixãozinha é eminentemente contagiosa; porque com os lobos é preciso uivar ou fugir; porque definitivamente as sociedades científicas estão organizadas antes no interesse dos cientistas do que no da ciência. Nada de surpreendente nisso, é mesmo bastante justo; o que custa caro não deve render muito? E uma cátedra acadêmica custa, diz-se, bem caro, horrivelmente caro!!! Assim, na imensa maioria dos casos, não pode ser sem um objetivo oculto de interesse pessoal que para se sentar aí se decide fazer, ante velhos ídolos que se gostaria de quebrar cem vezes, profundas reverências e grandes salamaleques, que se aceita abaixar-se, apagar-se, encolher-se, se dobrar em dois diante deles; enfim, que se percorrem sem consideração os degraus que levam, descendo, da destreza à astúcia, da astúcia à intriga, da intriga à baixeza, e às vezes mais longe!..... Posto que na idade de ouro em que vivemos esses meios são tão frequentemente os dignos auxiliares do mérito quanto os da nulidade.....

“Meu bom amigo,

“Minha última carta deve ter-vos feito compreender que eu tinha um vivo desejo de observar o fato de sonambulismo natural anunciado pelo Sr. Comet à Academia, e também de conhecer pessoalmente esse médico. Disse-vos sem dúvida: é um escritor extraordinário, que por conseguinte é extraordinariamente respeitado pelos *ilustres* da rua de Poitiers; e essa consideração, sem contar aquela do fenômeno magnético, me impelia a aproximar-me dele; tendo o Sr. Comet me enviado seu relatório, achei dever agradecer-lhe com o bilhete seguinte:

“Senhor,

“Ontem, tivestes a complacência de me enviar o número do jornal no qual prestais contas dos acessos de sonambulismo natural e lúcido da Sra. Comet: agradeço-vos sinceramente; li-o com prazer. As poucas palavras de retratação que aí notei são

dignas; e quanto aos sarcasmos a suportar, palavras penosas de ouvir, não temais nada, Senhor,.... *há homens que ninguém, exceto o tolo, ousa tomar como objeto de zombaria.*

“Em troca de vossa interessante observação, permiti-me oferecer-vos uma brochura que está muito longe de conter fenômenos tão extraordinários quanto os assinalados por vós; embora tenha sido escrita na ocasião da Srta. Pigeaire, trata pouco de magnetismo; mas *publicando-a, meu objetivo era menos convencer os incrédulos do que encorajar os crentes, e sobretudo menos trocar a fé de certos cientistas do que destacar sua BOA FÉ* ¹⁸.”

“Esta cartinha produziu o efeito que eu esperava: uma carta é às vezes um bom parlamentar! Duas horas depois de tê-la recebido, o Sr. Comet veio ver-me e trazer-me alguns exemplares de seu Memorando. Eu estava fora, mas ontem fui agradecer-lhe. Nessa primeira entrevista, expos-me toda a história da doença da Sra. Comet, contou-me as diligências que fizera na Academia, disse-me que fora nomeada uma comissão, e que essa comissão viera duas vezes visitar a doente. Não vos farei esse relato. Somente, acrescentarei que esse confrade me disse ao terminar: “No último dia 28 de novembro, minha mulher predisse, na presença dos membros da comissão, que em 5 de dezembro ela sentiria uma pontada lateral, e que, sem levar em conta a época de suas regras, seria preciso sangrá-la. Com efeito, desde anteontem, sofre de uma dor profunda no lado esquerdo; em seu último sono ela disse que essa dor reside no pulmão, que logo cuspirá sangue, e que amanhã, às nove horas da manhã, será preciso praticar uma sangria de vinte onças. Como hoje a Sra. Comet deve se prescrever iterativamente essa sangria que farei amanhã, desejo, a fim de que os fatos sejam assegurados por testemunhos autênticos, que os comissários da

¹⁸ *Lettre sur le magnétisme* [Carta sobre o magnetismo], pelo doutor Frapart, in-8º. Germer Baillière.

Academia venham esta noite para ouvir a prescrição e para constatar uma pneumonia bem caracterizada, mas que ainda não existia na última vez em que esses senhores vieram. Ademais, desejo que amanhã eles estejam presentes à sangria, e que dois ou três deles sigam diariamente o andamento da doença até o seu término favorável ou funesto. Avisei-os todos esta manhã, e conto com eles esta noite. O fato interessa bastante a ciência e a humanidade para que eles o constatem.

“- Nenhum virá, respondi logo ao Sr. Comet, nem esta noite, nem amanhã, nem mais tarde, porque o homem evita com cuidado a verdade que o fere, e quando ela o segue ele foge dela. Ouso portanto sustentar que pessoas que gastaram sua juventude a estudar uma ciência, que comeram seu patrimônio para comprar um título por meio do qual buscam comodidade, lugares, honras e consideração; ouso sustentar que essas pessoas, salvo algumas exceções que se poderiam contar, jamais consentirão de boa vontade em reconhecer e proclamar *que uma mulher adormecida é capaz, mil vezes mais seguramente do que eles todos juntos, de achar seu mal atual, descrevê-lo, curá-lo, e mesmo prever seu mal futuro!* Crer num sacrifício tão grande da parte deles é crer que não falta boa fé; é crer no desapego, na honra, na probidade, na força, na coragem, na abnegação, na virtude de todo mundo; numa palavra, na época de desmoralização em que estamos, é crer no impossível, no absurdo.

“Com efeito, como eu adivinhara, não veio nenhum membro da comissão.... O Sr. Comet estava atônito.

“Agora vou contar-vos o que já vi, e à medida que vir novidades, contá-las-ei.

“Após o encontro que tive ontem com o Sr. Comet, e que vos relatei antes, esse confrade teve a bondade de me apresentar à esposa, que me permitiu examiná-la medicamente, e voltar quando eu quisesse.

“A pele é quente, ligeiramente sudorípara.

“O pulso é pleno, bastante frequente.

“A respiração é um pouco curta.

“A doente acusa uma dor profunda na frente, em baixo e à esquerda do peito; essa dor parece aumentar na inspiração.

“Há tosse, e constato um escarro tingido de sangue.

“À percussão, não encontro nenhum abafamento do som; mas à audição pelo pectoríloquo, distingo facilmente na base do pulmão esquerdo picra dos brônquios, ou seja, uma respiração ruidosa e forçada.

“As outras funções nada oferecem de notável; as faculdades intelectuais parecem-me perfeitas; a língua é pálida, o sistema muscular flácido, e é fácil ver, pelo aspecto da doente, que a medicina *deles* passou por ali!

“Tal é o resultado de minha primeira visita; passo à segunda.

“Não se trata mais aqui, como esta manhã, de constatar uma simples pneumonia, e sim de observar um estado assaz extraordinário do sistema nervoso, ou antes uma doença estranha que me contentarei em descrever sem tentar dar-lhe um nome.

“Devendo o acesso começar às nove horas em ponto, e tendo-me o Sr. Comet recomendado insistentemente que chegasse pelo menos quinze minutos antes, não deixo de fazê-lo. A doente, a qual aliás não me permito examinar tão escrupulosamente quanto de dia, me parece ter a respiração ainda mais difícil, a pele mais sudorípara e o pulso mais amplo; sua mão direita está aplicada sobre seu lado esquerdo. De resto, a Sra. Comet fala de maneira a provar que sua inteligência está intacta, e nada anuncia ainda que dentro de alguns instantes fenômenos extraordinários vão desenvolver-se. No entanto, quando faltavam oito minutos para as nove horas, a doente pôe-se a bocejar uma primeira vez, depois uma segunda, e assim vai; às nove

horas menos quatro minutos, ela tem um espreguiçamento seguido de vários outros; em breve parece sentir mal-estar; enfim, às nove horas em ponto fecha os olhos. Então o Sr. Comet, que acaba de pesar diante de mim *duas oitavas* [em francês dois *gros* - um *gros* equivale a aproximadamente 3,8 gramas - NT] e *quarenta e quatro grãos de láudano de Rousseau*, misturados com aproximadamente outro tanto de água pura, administra-os imediatamente à esposa; em seguida fá-la beber, a fim de tirar o gosto repugnante dessa droga, duas colheradas de vinho branco.

“É supérfluo dizer-vos que eu degustara previamente o que se devia administrar à pobre paciente, para me assegurar de que era realmente láudano e vinho. Certo, em circunstâncias normais, não sou tão desconfiado; mas quando se trata de afirmar uma verdade que os corpos de cientistas negam, é preciso antes olhar duas vezes e mesmo três.

“Às nove horas e um minuto a doente cai numa imobilidade absoluta; às nove e cinco a cena muda: a Sra. Comet, deixando os cotovelos apoiados na cama, levanta lentamente as mãos que parece dirigir ao céu como para invocar Deus; depois ela diz numa voz fraca ao extremo: “Sofro muito do lado; amanhã, às nove horas da manhã, será preciso tirar-me uma libra e um quarto de sangue..... vinte onças fortes. Minha pneumonia é independente de minhas crises. Indicarei em um de meus próximos adormecimentos a época da cura da primeira dessas doenças; quanto às minhas crises, se seguirem exatamente todas as minhas prescrições, ficarei livre delas no sábado 28 deste mês. Amanhã minha crise me tomará às oito e meia, e durará um quarto de hora; administrar-me-ão seis gotas de ópio a mais do que hoje.

“São nove horas e dezesseis minutos: a doente para de falar, levanta um pouco a cabeça, parece recolher-se e rezar, depois diz: *Oh! Meu Deus!* De repente as mãos e a cabeça

tombam outra vez e ela exclama com um acento desgostoso: *Ele partiu!* Nesse instante ela leva a mão direita ao seu lado esquerdo e esfrega-o, o estado de êxtase cessou. Fala-se com a Sra. Comet, ela responde naturalmente; e sobre uma pergunta que lhe fazem, ela assegura que vê seu lado. Às nove e vinte, silêncio. O Sr. Comet me conta que sua esposa está, naquele momento, cataléptica; por conseguinte, agarro com dois dedos a manga da camisola da Sra. Comet, levo-a para cima, e o braço todo segue oferecendo tão pouca resistência quanto ofereceria um cabelo que se levantasse; solto a manga, o braço permanece no ar; faço o mesmo com o braço oposto, depois com uma perna: mesmo resultado, a paciente é uma estátua! Recoloco por compaixão a perna na cama, mas não toco nos membros superiores; eles não se mexem. Às nove horas e vinte e sete minutos, a doente abre os olhos: o olhar é fixo, mortiço e vazio; às nove horas e vinte e nove, as pálpebras piscam, os olhos se animam; enfim, quando soam as nove e meia, os braços fraquejam, abaixam e caem antes que o som do relógio tenha cessado de se ouvir. Dez segundos depois a Sra. Comet sorri à família que a cerca, e volta imediatamente a seu estado normal.

“Tal é, meu amigo, o espetáculo maravilhoso ao qual assisti e que em vão tentei vos descrever; mas também é um desses espetáculos que nem a pena, nem o pincel, nem a fala poderiam reproduzir, e que a natureza parece ter reservado para nossa admiração, como a erupção do Vesúvio, o nascer do sol, a imensidão dos mares.

“Presentemente, passo ao que foi feito esta manhã.

“Logo às oito horas, vou à casa do Sr. Comet, pois quero ver tudo e ver bem. E inicialmente determinamos de antemão o sangue que será preciso espalhar em tal vaso para tirar vinte onças, depois entramos no quarto da doente. É inútil dizer-vos como ela se encontra, basta-vos saber que a pneumonia avança. Em suma, às nove horas o Sr. Comet sangra sua mulher, e al-

guns minutos depois temos vinte onças de sangue. Pouco depois os sintomas parecem diminuir de gravidade, sem que a doente pareça mais abatida do que habitualmente; todavia, como está sempre deitada, é difícil apreciar suas forças.

“Paris, 16 de dezembro de 1839.

“Meu bom amigo,

“Retomo a história da doença da Sra. Comet no momento em que essa senhora acaba de perder vinte onças de sangue. Era no dia 8 deste mês. Desde então, todas as noites, a Sra. Comet tem um acesso de sonambulismo que dura ou um quarto de hora, ou meia hora, e durante o qual tudo acontece como naquele que vos descrevi; ou seja, ele oferece dois estados sucessivos bem distintos, um de êxtase, outro de catalepsia. Neste a doente *parece* nada ouvir, nada ver, nada sentir, nada compreender; não fala, não se mexe, mal respira, mantém imovelmente todas as posições que lhe dão, e, mal ousa dizê-lo, *parece* ter perdido parte do peso dos membros ¹⁹. Naquele, são outras maravilhas! A doente se acha, quero dizer *parece* achar-se em comunicação com um ser que ninguém vê, que ninguém ouve, que ninguém toca, e ao qual no entanto, se for permitido a um homem grave contar tais impressões, quase se estaria tentado a *crer* que ela fala e responde. O primeiro desses fatos é extraordinário! O segundo é atordoador! É nesse estado de êxtase que a Sra. Comet fala de seu mal, diz *onde* ele está, *como* ele irá, *quando* acabará, receita o tratamento que convém à pneumonia de que sofre, não esquece o regime, prescreve a dose de ópio que se deverá administrar-lhe, prediz a hora e a duração de seu acesso do dia seguinte, precisa enfim o dia em que não terá mais acessos.

¹⁹ Ver a este respeito o que é dito nas páginas 74-75 sobre a subtração do corpo às leis da gravidade.

“A cada sessão é a mesma coisa, com algumas variações que dependem sem dúvida do andamento da doença, e que vou indicar rapidamente. Assim, durante a crise do dia 8, a Sra. Comet assegura que as vinte onças de sangue que lhe foram tiradas de manhã são fracas quando deviam ser fortes, e que será preciso lhe subtrair de novo uma libra dali a dois dias. Pensamos o sangue tirado e verificamos efetivamente que não se obteve a medida certa prescrita. Se é por isso que é preciso recomeçar é bastante desagradável e mesmo um pouco alarmante, pois a doença é tão velha e a doente tão fraca que em breve de um lado não haverá mais combatente. Ademais, supondo a prescrição infalível, como se precaver de toda deficiência, de todo engano, de toda omissão ao executá-la? Isso me parece bem difícil: na prática de nossa arte, nunca é senão por exceção que mesmo os mais hábeis alcançam exata e diretamente o objetivo. Definitivamente, a Sra. Comet está em má situação, e por mais competente que seja seu médico, por mais devotados que sejam seus enfermeiros, inquieto-me sobre o resultado; creio que será penoso chegar ao porto sem novidade. Todavia, como neste caso não temos de desconfiar das receitas do médico, elas são executadas ao pé da letra. Por conseguinte, no dia 10, após todas as precauções tomadas de antemão, o Sr. Comet tira da doente perto de dezessete onças de sangue. Ao menos desta vez não pecamos por falta! O fato é que durante o dia, os sintomas da pneumonia diminuem, e que no acesso extático da noite, a Sra. Comet nos assegura que tudo está melhor, que está tudo bem, que tudo deu certo. No dia seguinte, mesma linguagem de sua parte, mesma segurança da nossa. Mas não há senão felicidade e infelicidade neste mundo: no dia 12, a doente anuncia que precisará ainda de uma sangria para destruir inteiramente a flegmasia pulmonar; que essa sangria não se fará nem no dia 13, nem no 14, mas no domingo dia 15; que se hesitará em fazê-la, e que ela não pode determinar-lhe a quantidade. Tal

predição nos encoleriza: o Sr. Comet não está tão habituado à obediência passiva que possa decidir-se facilmente a andar de olhos fechados; e, quanto a mim, embora um pouco mais flexível, estou quase prestes a duvidar e a me insurgir. Mas de repente, lembrando-me de minha longa experiência, – *que me ensinou que um sonâmbulo quando se prescreve qualquer coisa nunca prescreve inadequadamente, visto que sempre o salvam quando se seguem exatamente todas as suas prescrições*, – e minha profunda ignorância dos segredos da natureza, abaixo a cabeça exortando o Sr. Comet a fazer o mesmo. Enfim, ele também se resigna!....

“No dia 14, à noite, a Sra. Comet, que sem dúvida até então não quisera assustar-nos, anuncia-nos que será preciso tirar-lhe no dia seguinte *vinte e quatro onças fortes* desse precioso líquido que nos conserva a vida, e que mesmo se ela ficar fraca, não se deverá suspender a sangria, *pois é preciso uma síncope*: sem isso não se acabaria nunca, ou melhor, acabar-se-ia em breve.

“O Sr. Comet cambaleia, não é para menos! Sua pobre paciente está doente há tanto tempo, está tão fraca, tão pálida, tão exangue, tão estragada, tão agonizante, que na verdade é preciso ter uma fé estúpida ou uma convicção enraizada para ousar avançar numa estrada que parece tão semeada de escolhos. No entanto, quanto a mim, meu partido está tomado: é verdade que não é minha mulher que tenho de *jugar* assim....; e mesmo se fosse? Visto que estou convencido, não recuaria. Nunca um sonâmbulo se suicidou. No meio de um céu negro, não temos uma estrela que nos dirige, e que não desaparecerá a não ser quando não precisarmos mais dela? Mas se essa estrela viesse a faltar-nos antes do tempo? Ó obscuridade! Obscuridade!... então melhor morrer sozinho nas catacumbas.

“Sejam quais forem as esperanças e os temores que nos agitam, após termos tomado todas as nossas dimensões para

não passar nem à direita nem à esquerda do alvo, para não ficar aquém nem ir além, ontem, às nove horas da manhã, o Sr. Comet pratica uma grande sangria cujo sangue flui com toda a facilidade, uma dessas sangrias perfeitas e como eu as apreciava no meu tempo. Perto de vinte e cinco onças de sangue são tiradas! E não vemos vir a síncope. Enfaixa-se o braço, mas mal a faixa é aplicada os acidentes aparecem. Preocupamo-nos! Porém, eles acabam se apaziguando; deixo a doente. Vinte minutos depois, surgem novos acidentes, teme-se, fica-se perturbado, fica-se assustado, chora-se, grita-se, corre-se à minha casa...., como se eu pudesse fazer algo!

“No entanto, o dia transcorre com angústia; à noite a crise não se manifesta, como sempre, na hora em que deve ocorrer; há esforços cruéis de vômito; hesita-se para dar as *duas oitavas e meia de ópio*; não há senão um momento para a administração oportuna dessa bebida nojenta! Em suma, o acesso não sobrevém, a estrela não brilha mais, estamos desorientados. Armo-me de coragem e refugio-me em minha consciência. No entanto, ó felicidade! O acesso está apenas atrasado, ei-lo. “Foi tudo bem, diz-nos a doente em seu sono de êxtase; a sangria não foi forte demais. Dai-me logo a dose de ópio que eu devia beber. Amanhã a pontada do lado enfraquecerá, e quarta-feira que vem estarei inteiramente livre dela, quanto a meus acessos, seu desaparecimento será no dia 28 deste mês. Estou bem fraca, e ficarei assim por muito tempo; minha convalescença será penosa; é preciso começar a me alimentar bem para que minhas forças voltem pouco a pouco. Os alimentos que indicarei não me farão mal nenhum. Amanhã, às oito e meia, meu acesso chegará e durará quinze minutos. Administrar-me-ão tanto láudano quanto hoje..... Obrigada! Meu Deus!...ele partiu!” Em seguida sobrevém o estado cataléptico, que não tarda a ser seguido pelo despertar. E eu também acordo, e ainda bem, pois

tinha um pesadelo; a vida de uma mulher pesava sobre meu peito!

“Paris, 1º de fevereiro de 1841.

“Meu bom amigo,

“Estávamos no dia 15 de dezembro, e a Sra. Comet acabava de sofrer uma terceira sangria, ou seja, perder em oito dias sua quarta libra de sangue; depois, em seu sono extático, ela predissera a cura de sua flegmasia pulmonar para a quarta-feira 18. Com efeito, desde o dia seguinte os sintomas diminuíram sensivelmente, e na noite do dia indicado por ela, a doente assegurou não sentir o menos vestígio de sua dor no lado. Quanto a nós, não descobrimos mais nada de anormal nem na respiração, nem na circulação, nem em nenhuma outra função.

“Assim, em catorze dias, e *somente sob a direção de uma sonâmbula*, a inflamação de uma das vísceras mais importantes do organismo foi completamente tirada de uma pessoa atacada por uma doença antiga, abatida por incessantes dores, torturada por uma longa medicação. Em algumas palavras, tal é o fato. Quanto às reflexões que inspira, são numerosas e de mais de uma espécie; mas farei apenas uma, e apresentá-la-ei sob a forma de uma interrogação que dirigirei *somente* aos médicos de ciência ou de consciência; entre aqueles que curam de todos os países e de todos os tempos, há muitos que teriam feito melhor do que essa sonâmbula? Há vários? Há somente três, dois, um? – Não, não há, não pode haver, porque o melhor não pode ser ultrapassado. – Mas há alguns que teriam feito tão bem? Talvez não; em todos os casos, muito poucos. – A maioria teria portanto feito pior? – Seguramente sim; e sustentar o contrário é enganar-se grosseiramente, ou enganar descaradamente.

“O que acrescentar a isso? Se realmente os médicos jamais fazem melhor do que um bom sonâmbulo, se raramente

fazem tão bem, e frequentemente pior, para que servem então? Deixo adivinhá-lo; limito-me a dizer que os médicos que, de boa fé, tratam os partidários do magnetismo de prestidigitadores ou de patetas causam pena, e que aqueles que sabem o que o magnetismo esconde e que o calam são bem culpados! Sim, culpados em alto grau, pois matam, pois deixam matar.

“Presentemente que acabei com a pneumonia da sra. Comet, não me resta, para terminar inteiramente a história patológica dessa senhora, senão poucas coisas a acrescentar sobre sua afecção do sistema nervoso.

“Assim como a paciente previra, todas as noites, até o dia 27 de dezembro inclusive, ela teve um acesso de êxtase e de catalepsia semelhante em quase tudo àquele cuja descrição está contida na minha segunda carta. No acesso do dia 26, a doente afirmou novamente que não teria nenhum nem no dia 28 nem no 29, e que teria um no dia 30, durante o qual a advertiriam do andamento que se haveria de seguir subsequentemente. Com efeito, nada no dia 28 nem no 29, mas no dia 30 à noite, acesso. Neste último, a Sra. Comet nos prognostica outro para o dia 15 de janeiro, e nos assegura que no caso de até lá não se saber o que fazer, ela teria a tempo e por volta do meio-dia, em qualquer dia, um sono de meia hora, durante o qual lhe seriam revelados os meios de aplinar os obstáculos. Fato é que no dia 6 e no dia 11 de janeiro, ao meio-dia, ela adormece e nos assinala o que se deve fazer ou não fazer. Enfim, no dia 15 à noite, o acesso extático advém e não oferece nada de notável, a não ser a predição, para o último dia do mês, de um outro acesso; pois, diz a doente, preciso ter acessos de tempos em tempos para me dirigir. No dia 31, tudo vem no momento oportuno. Além disso, a Sra. Comet ainda se prescreve ópio, mas em doses fracionadas cada vez menores.

“Eis, meu amigo, o ponto em que estamos e no qual ficarei, pois é preciso acabar, mesmo com as coisas que nos inte-

ressam mais. Todavia, não me deterei sem fazer antes e sem resolver a pergunta seguinte: O que concluir de todos os fatos diversos que observei na Sra. Comet desde o dia 7 de setembro até hoje, 1^o de fevereiro, ou seja, durante sua pneumonia e seus acessos extáticos? Se, para que uma sangria se torne salutar é preciso que ela seja praticada a tal hora em vez de a tal outra, e que ela seja de tal quantidade e não de tal outra, deve-se *ao menos* concluir que é extremamente embaraçoso fazer oportunamente uma sangria, e por conseguinte torná-la útil. Ademais, se para curar é preciso ter *escrupulosamente* consideração pela natureza, quantidade e qualidade do remédio que se administra, pela hora, momento de sua administração, etc., etc., em outros termos, se todas as exigências dos sonâmbulos são respeitáveis e a respeitar, parece-me que se deve concluir, além disso, que não há para eles boa medicina senão a deles, e bons médicos senão eles mesmos.

“FRAPART, D. M. P.”

Estas observações são de valor inestimável para demonstrar a verdade da asserção que avançamos, a saber, que *a natureza humana tende a entrar por si mesma num estado diferente daquele que chamamos normal*, estado que lhe é superior pelas faculdades que aí se observam.

As observações de Pétetin, com efeito, que eram bem anteriores à descoberta do sonambulismo magnético, apresentam os mesmos fenômenos que nossos extáticos artificiais; as recentíssimas dos doutores Despine e Comet demonstraram também que o magnetismo humano não é *senão uma das causas* que favorecem a modificação do modo de ser de nossa vida fisiológica para trazer o desenvolvimento do êxtase psíquico.

O estudo a que acabamos de nos entregar, se não se perdeu o sentido dos estudos anteriores, deve ter feito entrever

a imensa cadeia que liga toda a criação, e que estabelece entre cada uma de suas partes uma solidariedade e relações tais que delas resultam essas leis de influências recíprocas que constituem a ciência do *magnetismo universal*.

Agora portanto que examinamos todas as causas que, agindo sobre organizações predispostas, determinam o estado extático, quer essas causas tenham tido seu princípio na vontade do homem ou quer elas lhe tenham sido completamente alheias, consideração que a última parte deste capítulo estabeleceu, resta-nos expor a síntese histórica que reúne a aparição dos *êxtases* em todas as idades do mundo. Então estará terminado o estudo das leis fisiológicas do magnetismo, o qual consideramos em todas as suas maneiras de ser e na sua mais ampla definição.

CAPÍTULO QUINTO

UNIVERSALIDADE DOS FENÔMENOS MAGNÉTICOS

Se os fenômenos que acabamos de examinar têm por causa de desenvolvimento uma exaltação moral, uma excitação física ou uma vontade alheia, é indubitável que se devem encontrar análogos nas idades que precederam o século que coordenou esses fatos esparsos de antropologia, e que estabeleceu regras para produzi-los.

Da síntese histórica que vamos apresentar se destacará a prova de um estado superior em faculdades de todo o gênero àquele que constitui o homem tal qual é conhecido;

A prova ainda de que é possível entrar nesse estado de uma maneira sempre incompleta, segundo diversas circunstâncias; e enfim a do conhecimento da ação da vontade e das práticas magnéticas por certos povos da antiguidade.

Quanto ao caráter natural e físico de cada uma das modificações da crise extática, pensamos tê-lo estabelecido nos capítulos precedentes; aliás, a analogia dos fenômenos que vamos relatar, seu número, sua aparição entre povos diversos, em épocas diferentes e sobretudo em indivíduos de religiões opostas, acabarão de tornar evidente o vínculo comum que liga esses fenômenos aos do magnetismo, e desse grupo de fatos tão curiosos nascerão novas luzes sobre o homem físico e moral.

A religião judaica é a única que mostrou sem hesitação, e com a autoridade da verdade, a Gênese do homem, embora no tempo em que surgiu seu legislador a nação judia pareceu pouco apropriada à pretensão de constituir-se na origem da humanidade. Pois ela estava então perdida no seio do Egito, cuja civilização já era prodigiosa, e por outro lado a Índia se erguia orgulhosa de suas tradições, desfigurando a verdade num panteísmo alegórico.

Se para gozar de uma maior liberdade de exame se quisesse, por um momento, ver como indiferente o conhecimento do povo do qual saíram as raças tão numerosas e tão variadas da espécie humana, não se encontraria em outro lugar senão na Bíblia a afirmação clara e precisa de um estado particular, superior àquele em que estamos, que tivesse sido apanágio da primeira família da nossa espécie.

Esse estado não é descrito com detalhes; mas quando se vê o que diz esse grande livro da comunicação direta que existia entre o homem e as *inteligências puras*, de sua dominação de todos os animais, do conhecimento das plantas boas e más, pois sem esse conhecimento ele poderia ter feito mal a si mesmo e morrido, e aliás teria sido inferior aos animais que são dotados de instinto, quando se veem, dizemos nós, todas essas prerrogativas das quais a natureza humana era dotada, e das quais restam tão poucos vestígios que são negadas tão logo se sai da religião cristã, é-se naturalmente levado a crer que existe uma certa analogia entre elas e as maravilhosas faculdades que o homem adquire em algumas circunstâncias. Com as faculdades do êxtase que conhecemos, poder-se-ia talvez fazer, em psicologia transcendente, o que fez Cuvier com um fragmento do esqueleto de uma espécie perdida, e aqui ainda a ciência viria emprestar seu brilho à revelação.

Para ajudar a admitir nossa asserção, seria preciso demonstrar que as faculdades que se manifestam no sonambulismo e no êxtase, ou espontâneas, ou magnéticas, podem passar às vezes ao *estado crônico*, e combinar-se assim ao estado de vigília sem que se perceba uma mudança notável na vida de relação habitual.

Esses fenômenos se realizam, felizmente, muito raramente, pois acreditamo-los, nesse grau e nessa forma, muito prejudiciais à saúde.

Não nos estenderemos mais sobre esse assunto, que é da área da metafísica do magnetismo.

Queremos mostrar aqui que em todos os tempos e entre todos os povos, o mesmo gênero de fenômenos se manifestou constantemente, sob a ação de causas diferentes e mesmo de natureza oposta.

Primeiramente, sob a ação imediata e direta de Deus, os profetas sagrados produziram entre os hebreus milagres de todo tipo. A natureza e o modo de produção de muitos desses fatos são tais que não podem ser classificados na ordem natural. Eles revelam a faculdade genérica da qual nos ocupamos, mas a solicitação de seu desenvolvimento é uma causa sobrenatural.

Ao lado dos profetas sagrados erguiam-se os das religiões idólatras, e sob muitos aspectos suas faculdades eram as mesmas, embora evidentemente produzidas, na maioria dos casos, por uma causa diametralmente oposta: o gênio do mal.

Esse fato de causas sobrenaturais, de natureza oposta, nos êxtases, parece-nos suficientemente estabelecido pela Sagrada Escritura, pela Santa Igreja e pelos Pais da Igreja, para que procuremos legitimá-lo pelo estudo das leis antropológicas.

Mas se esse fato fosse real, ele não deveria ser geral, e entre os extáticos da antiguidade, nem todos devem ter sido levados a esse estado pela influência de causas sobrenaturais. É preciso necessariamente levar em conta as organizações predispostas à crise nervosa, e por isso mesmo a todos os fenômenos magnéticos.

Um povo que, por sua posição política, pudesse entregar-se ao estudo das ciências, não teria deixado de reconhecer que a faculdade extática poderia receber diversas aplicações, segundo a direção que lhe imprimissem. Foi assim no Egito, cujos sacerdotes, encarregados de tudo que fosse religião, ciências e artes, haviam adquirido, sobre a questão de que tratamos, no-

ções quase tão completas quanto as que o estudo do magnetismo nos deu.

As primeiras pessoas que uma causa física, uma doença ou qualquer outra excitação nervosa levaram à crise extática, pareceram certamente entrar em comunicação com seres sobrenaturais, e como o instante da união misteriosa ocorria apenas na crise, devia-se esperar essa hora com ansiedade e respeito, pois estava-se longe de suspeitar que fosse possível provocá-la. Mas os extáticos devem ter cedo ou tarde revelado meios excitadores e reguladores, semelhantes de resto aos sonâmbulos magnéticos. Os egípcios conheceram esses meios; será que continuaram a crer nas comunicações superiores? Acreditamos que sim; mas o que é certo é que eles dirigiram as faculdades extáticas em todos os sentidos possíveis. Utilizaram-nas para os tratamentos das doenças, servindo-se como nós de sonâmbulos estrangeiros e do magnetismo como agente curativo.

Os egípcios tinham o hábito de representar por figuras tudo o que tinha alguma importância. Os monumentos, os templos eram depositários dessa história cuja linguagem pertencia somente às castas nobres e sacerdotais.

O templo de Ísis, consagrado à natureza, continha hieróglifos, cuja tradução não é senão a ciência do magnetismo. Vasos sagrados retraçavam os sinais misteriosos pelos quais se operava a comunicação com a divindade. São mãos fazendo o gesto magnético que ali se veem esculpidas.

A mesa sagrada tinha, gravada, uma divindade passando a mão sobre um indivíduo deitado, enquanto a outra, colocada na cabeça, parece carregá-la magneticamente.

No zodíaco que ficava na abóbada do templo de Dendera encontra-se a seguinte alegoria: Ísis segura com uma mão uma criança, e passa na frente dela a outra mão na posição que se toma comumente magnetizando assim. Essa figura assume um caráter significativo por seu lugar sob o signo da revivifica-

ção, o signo do leão; essa concordância do hieróglifo e do signo astrológico não deixa nenhuma dúvida. Esses desenhos são reproduzidos nas obras históricas do Egito, e o sentido que lhes atribuímos já não parecerá forçado quando tivermos citado certas passagens dos escritores contemporâneos. Contentar-nos-emos com algumas citações; eis o que se acha em Diodoro da Sicília: “Os sacerdotes egípcios pretendem que do seio de sua imortalidade Ísis se deleita em manifestar aos homens, durante seu sono, meios de cura; ela indica aos que sofrem os remédios apropriados para seus males; a observação fiel de suas advertências salvou, de maneira surpreendente, doentes abandonados pelos médicos.”

Prosper Alpinus, em seu Tratado da Medicina dos Egípcios, diz “que as fricções medicinais e as fricções misteriosas eram os remédios secretos de que os sacerdotes se serviam para as doenças incuráveis. Após inúmeras cerimônias, os doentes, envoltos em peles de carneiro, eram levados ao santuário do templo onde o deus lhes aparecia em sonho e lhes revelava os remédios que deviam curá-los. Quando os doentes não recebiam as comunicações divinas, sacerdotes, chamados *oneiropoles*, adormeciam por eles, e o deus não lhes recusava o benefício solicitado.”

- Na Índia, encontramos fenômenos análogos. Sua mitologia representa o deus Vishnu, com uma mão levantada, tendo na ponta dos dedos uma chama que, de acordo com os indianos, se precipita dos céus segundo a vontade do deus. A outra mão faz o mesmo gesto que vimos consagrado no Egito; os magos chamam-no *abeaston*, ou seja, tende fé.

Os Brâmanes, segundo um autor do tempo de Alexandre, e de acordo com os viajantes de nosso tempo que visitaram essas regiões, obtêm uma espécie de nova vida por certos processos. Eles passeiam as mãos desde o epigástrico até a cabeça, e

pretendem transportar a alma ao cérebro e se unir então à divindade.

Esse êxtase é o produto da arte e da vontade; mas observam-se frequentemente êxtases que são determinados pela exaltação do espírito sob uma impressão de dor física. Assinalamos essa causa como uma das mais poderosas nos êxtases naturais. Assim, entre as numerosas vítimas que a fogueira faz perecer na Índia, acham-se várias que entram num estado nervoso que produz ou a insensibilidade, ou uma espécie de sonambulismo. Cícero relata que tendo Alexandre condenado um indiano a ser queimado, esse príncipe assistia à execução. Calamus, do alto da fogueira, exclama com entusiasmo: “Oh! Bela partida da vida! Meu corpo, destruído pelas chamas, vai deixar minha alma se elevar livremente à morada da luz!” Alexandre perguntou-lhe ironicamente se ele ainda tinha o que falar. - “Sim, que te verei em breve.” Alguns dias depois Alexandre morria na Babilônia.

O fato seguinte, extraído de um jornal de Malaca, demonstra que os sacerdotes da China sabiam, como os de Brahma, provocar uma espécie de êxtase: “Descobriu-se, diz esse jornal de 1820, um bando de ladrões de crianças. Foi um tece-lão que, passeando nas proximidades de Cantão, reconheceu o filho de seu senhor que desaparecera há algum tempo. A criança não o reconheceu, permanecia estúpida; reconduzida à casa do pai, também não o reconheceu, e o encanto entorpecedor só desapareceu com as cerimônias dos sacerdotes de Buda.

“Fizeram-se buscas e encontrou-se o esconderijo onde estavam seis homens e três mulheres que faziam esse ofício há muitos anos. Permaneciam ali dez crianças, todas sob a influência do encanto entorpecedor, que desapareceu também pelas cerimônias dos sacerdotes.”

- A Grécia mostra-nos com tanta precisão quanto o Egito os mesmos fenômenos magnéticos. Sabe-se que o templo de

Esculápio era especialmente destinado aos sofrimentos dos humanos, e que tinha a seu serviço a família dos Asclepiades, descendentes de Esculápio, os quais conservavam entre si os segredos da ciência. Antes de serem introduzidos no santuário, os doentes eram submetidos pelos sacerdotes inferiores a certas cerimônias; então o deus lhes aparecia ou uma voz indicava-lhes os remédios necessários.

Plauto escreveu passagens que parecem ridículas, se não se interpretarem com a ajuda do magnetismo. Aristófanes ainda, depois de ter detalhado os mistérios do templo, com a ironia do céptico que não compreendia o sentido do que ocorrera, faz assim falar Carion, o escravo de Plutus: “Conduzimos Plutus cego a banhar-se, depois voltamos ao templo do deus, onde consagramos os pães e queimamos a flor de farinha; em seguida, fizemos Plutus deitar-se num pequeno leito, segundo o costume. Havia conosco um chamado Neoctide que era cego, e muitos outros acometidos de diversas doenças. Depois que o sacrificador apagou as lâmpadas, mandou-nos dormir e não dizer palavra se alguém ouvisse barulho. Quanto a mim não pude dormir.... Tive medo quando vi Esculápio chegar, e enfi-ei-me na cama, vendo tudo através de meu manto.

“O deus sentou-se perto de Plutus e primeiro *tocou-lhe a cabeça, em seguida enxugou-lhe os olhos*; assobiou, e duas serpentes saíram do santuário; creio que elas chuparam os olhos de Plutus, pois ele recuperou a vista.... Eu bati palmas de alegria e pus-me a acordar nosso senhor.”

Hipócrates, da família dos Asclepiades, criado entre eles e instruído nos mistérios da ciência na Grécia, foi iniciar-se nos do Egito. Foi ele que abriu ao espírito do homem a via experimental da observação, e que, sem o querer, fez esquecer a medicina natural. Pois, reunindo e formulando com ordem os preceitos e as práticas dos extáticos, deu nova direção à arte

médica. Perdeu-se pouco a pouco o vestígio da origem de seus *afórismos*, e o campo conjectural das opiniões foi aberto²⁰.

As prescrições dos extáticos eram sempre transcritas em tabuinhas e penduradas nas paredes dos templos. Algumas das inscrições dos templos de Heliópolis e de Mênfis chegaram até nós. Sprengel, na sua história da medicina, cita cinco traduzidas. Esse foi então o primeiro livro de medicina, livro para sempre reaberto por Mesmer e Puységur²¹.

Todos os templos da Grécia tiveram seus oráculos, que se acreditaram inspirados, tanto suas revelações pareciam incompatíveis com as faculdades humanas.

Diodoro da Sicília diz que “o oráculo de Delfos foi descoberto por cabras as quais, tendo-se aproximado de uma abertura praticada na terra, deram saltos tão extraordinários que o pastor, tendo olhado por cima desse buraco de onde exalavam vapores, foi tomado de delírio e profetizou. As pessoas que queriam respirar com demasiada frequência aquele vapor profético pereciam. Enfim um colégio de sacerdotes apoderou-se desse lugar e confiou o oráculo a uma mulher. Faziam-na sentar-se num tripé suspenso acima dessa espécie de abismo, e logo ela entrava em torpor, depois num delírio profético.”

Vê-se que a causa do estado extático era um excitante do sistema nervoso, que determinava a crise nos indivíduos predispostos²².

²⁰ O Sr. Aubin Gauthier, em seu *Traité du Magnétisme* [Tratado do Magnetismo], estabeleceu de acordo com os textos que Hipócrates acreditava nas faculdades sonambúlicas.

²¹ O doutor Auguste Gauthier, de Lyon, é de opinião contrária à que expressamos sobre a medicina magnética e sonambúlica entre os egípcios. Acreditamos que o estudo sério dos autores antigos não pode deixar dúvida a esse respeito. (Vide *Recherches historiques* [Pesquisas históricas] sobre o exercício da medicina nos templos entre os povos da Antiguidade, etc. Lyon, 1844. 1 vol.gr. in-18.)

²² Esse abismo, de onde se exalavam os vapores inebriantes, lembra-nos uma experiência que, para estupefação das pessoas presentes, quase renovaram os

“A pítia, diz Plutarco, não fica abaixo de ninguém pela pureza da conduta e dos costumes. Criada entre pobres camponeses, de onde não traz nem arte, nem experiência, nem talento, vem a Delfos para servir de intérprete ao deus. Consultam-na sobre as doenças e sobre qualquer outra coisa.... Tiramos muitas vantagens desse favor concedido às sibilas; as da Grécia prestaram os maiores serviços seja públicos, seja privados. É uma coisa tão conhecida por todos que não tem necessidade de provas.” (*Plutarco in Fedro.*)

Mart. Capella pensava que as sibilas traziam ao nascer a faculdade de prever o futuro. - Varron dizia: “Não suportarei que se conteste à pítia ter dado aos homens úteis conselhos.”

Chegamos aos romanos, e já se percebe que eles haviam observado os fenômenos magnéticos, mas sempre sob o véu da superstição.

Tácito relata que Tibério, instruído por Trásilo dos segredos dos caldeus, podia predizer o futuro. Uma noite em que ele estava com Galba numa alta torre, disse-lhe: “E tu também, Galba, saborearás o império, mas teu reinado será bem curto.” (*Tácito an. L6*)

O mesmo historiador conta ainda as curas extraordinárias que Vespasiano operou sobre um cego e sobre um coxo de Alexandria.

prodígios do oráculo de Delfos. Uma noite, em que tínhamos que magnetizar em diversos lugares três sonâmbulas, o que não era possível, devido às distâncias, e o tempo que cada uma exigia pessoalmente, imaginamos um meio para nos substituir junto a uma dessas sonâmbulas.

Durante o dia, fomos à casa onde à noite a doente devia encontrar-se. Pedimos um vaso no fundo do qual pusemos um pouco de água que magnetizamos. Depois recomendamos colocar a doente numa poltrona e trazer-lhe esse vaso, de onde ela devia beber um pouco de água. Voltamos às nove horas, e encontramos duas sonâmbulas em vez de uma; ademais cada uma das pessoas que assistia ia, como um desafio, se colocar acima desse vaso mágico e aspirar seu vapor; no mesmo instante efetivamente as sonâmbulas as ouviam. Era uma das duas quem impelira a ir respirar o vapor, que ela via rodopiar dentro do vaso, e que estabelecia a relação magnética.

Tácito, Plínio e vários outros escritores fazem-nos saber que os romanos, por ocasião de sua entrada na Gália e na Germânia, encontraram exemplos de previsão e de cura análogos àqueles que sua pátria, a Grécia e o Egito, haviam olhado como dependendo de certas faculdades ocultas.

- Os germanos chamavam seus oráculos *Alironies*, ou seja, *Fadas*, ou *mulheres inspiradas*. Os gauleses chamavam-nos *druidas*. Entre estes últimos, as druidas eram formadas para seu ministério numa ilha isolada, perto da Bretanha; quando elas tinham chegado ao grau de profecia, eram chamadas druidas titulares. Exerciam então a adivinhação e a medicina. Os romanos apressavam-se a interrogá-las; várias dessas consultas foram conservadas pelos historiadores contemporâneos. Relataremos apenas a que foi dada a Diocleciano. A druida de Tongres disse-lhe: “Serás imperador quando tiveres matado o javali. *Imperator eris, cum aprum occideris.*”

Diocleciano pôs-se a caçar javalis e matou muitos. Mas viu reinar Aureliano, Probus, Tácito, Carus, e dizia: “Sempre mato os javalis, e sempre outro os come.” Enfim o imperador Numeriano acabava de ser apunhalado por Arius Aper, quando Diocleciano se lançou sobre o homicida e gritou degolando-o: “Eis o assassino! E matei o fatal javali! *Aprum occidi!*” O povo proclamou-o imperador.

Todos esses fenômenos extraordinários apareciam ainda aqui e ali durante os primeiros tempos do cristianismo; mas eram obscurecidos pela superstição e o exagero do paganismo. Entre os cristãos, uns atribuíam-nos à obra dos demônios, outros acreditavam-nos naturais.

Santo Atanógoras expressava-se assim: “Quanto a essa faculdade de predizer o futuro e de curar, ela é alheia aos demônios, e é própria da alma. A alma, devido a sua qualidade de imortal, pode, por ela mesma e por sua própria virtude, pene-

trar no futuro e curar as enfermidades e as doenças. Por que então atribuir a glória disso aos demônios?”

São Jerônimo e São Juliano eram da mesma opinião e acrescentavam “que as sibilas tinham recebido de Deus o dom da profecia em recompensa de sua virgindade.”

Entretanto várias pessoas, confundindo fatos análogos, mas bem diferentes por suas causas e seus resultados, acreditaram poder explicar também naturalmente os milagres de Jesus Cristo e de seus apóstolos, e separaram-se assim da Igreja.

O célebre Tertuliano sucumbiu por um instante diante das maravilhas que apresentou o heresiarca Montan com seus discípulos. “Esses fenômenos consistiam em êxtases, visões, revelações, conhecimento das doenças, dos remédios, e na faculdade de predizer o futuro. (*Tertul., de anima*)

Marcos, heresiarca do século II, tinha, segundo São Irineu, um demônio que o assistia; com sua ajuda, ele profetizava e fazia profetizar as mulheres às quais queria conceder essa graça. Marcos, para conceder essa faculdade às pessoas que escolhia, praticava sobre elas invocações, e quando a imaginação delas estava suficientemente preparada, ordenava-lhes que profetizassem. Então, numa espécie de delírio, elas diziam mil coisas e acreditavam ser profetizas.”

Esta divisão de opiniões dentro da Igreja, cujo poder crescia a cada dia, trouxe lutas e perseguições. O rigor irritou os espíritos, e sociedades misteriosas se formaram para perpetuar segredos que assumiram, entre a maioria, um caráter verdadeiramente perverso e ímpio. As fogueiras foram acesas, e vítimas foram para aí arrastadas, acusadas de magia ou de relações com os demônios. Muitos confessaram que recebiam suas maravilhosas faculdades dessa fonte, por meio de certas iniciações. Os processos constataram a autenticidade de fatos que pareciam acima do poder humano, e as condenações pareceram legítimas.

Boissier e Santo André relatam um número considerável desses julgamentos, que foram mais tarde realizados pelos próprios parlamentos.

O estudo aprofundado dessa parte da história da Idade Média no mundo católico seria do mais alto interesse. Mas essa tarefa difícil está acima de nossas forças, pois reconhecemos que seria preciso juntar às nossas qualidades de fisiologista e de médico, a de teólogo. Sem essa tripla concordância de ciências especiais, é impossível estabelecer as depurações que são indispensáveis para distinguir, nessa quantidade de fatos extraordinários, o que pertence à natureza própria do homem do que se deve à ação sobrenatural do demônio.

Entre os acusados de sortilégios, é certo, ainda que não tivesse havido ação demoníaca, que muitos eram culpados de sacrilégio, pois acreditavam realmente obter uma comunicação com os demônios. Era com ajuda de meios perturbadores do sistema nervoso que os indivíduos predispostos à crise extática por sua natureza, entravam nesse estado cujas faculdades adquiriam. Assim as visões à distância, que se reconheceu ocorrerem entre vários feiticeiros, explicavam-se somente admitindo que seus espíritos se reuniam na assembleia de Herodias (sabá), enquanto seus corpos permaneciam insensíveis às dores que se lhes infligiam para estabelecer a prova da intervenção diabólica.

Alguns indivíduos, entretanto, embarçavam os juízes, pois não haviam utilizado seu misterioso poder a não ser para o bem, e sua vida parecia sem mácula. Mas ainda se ficava na incerteza, visto que o demônio pode se transformar em anjo de luz. Assim, em 1606, um senhor Beaumont objetava em vão ao parlamento de Saumur que se servia de seus segredos somente para curar as doenças.

O parlamento da Normandia condenava em 1700 Marie Buccaille, que muitas pessoas viam como santa. O padre do vilarejo dessa mulher relata que Marie caía em êxtases que du-

ravam três e quatro horas. Querendo experimentar se ela tinha conhecimento do que lhe pediam dirigindo-se a seu anjo da guarda, ele se levantou uma manhã às cinco horas, mandou em si mesmo que Marie viesse à casa dele, pedindo ao anjo da guarda de Marie que lho comunicasse. Cerca de uma hora depois ele a viu chegar. Espantado, perguntou-lhe aonde ia. Obedeço às vossas ordens, respondeu Marie; vós me mandastes esta manhã vir aqui.

A mesma testemunha relata que um dia, tendo entrado no quarto do senhor Golleville, e tendo mandado mentalmente Marie vir até aí, esta, que estava na cozinha, exclamou: “Chamam-me lá em cima, já vou.”

Numa outra vez Marie estava em êxtase; o padre pôs-lhe na mão uma carta que um amigo lhe escrevia a respeito de sua mulher muito doente. Imediatamente, Marie se pôs a rezar por essa doente que nomeou. (*Arquivos do magnetismo*.)

- Aproximadamente ao mesmo tempo, maravilhas quase semelhantes ocorriam nas Cevenas. A revogação do edito de Nantes fizera dois campos inimigos dos católicos e dos protestantes, e a perseguição feita aos protestantes foi a causa da extensão que tomaram alguns êxtases sobrevindos em camponezes. Eles foram vistos como profetas enviados por Deus nas circunstâncias difíceis em que os protestantes se encontravam. Esse pensamento tornou-se dominante, e os crisíacos não fizeram outra coisa; todas as suas faculdades se viraram nesse sentido, e foram ouvidos, em seus êxtases, anunciar a imensas distâncias os soldados que avançavam contra eles; predisseram muitas coisas, tornaram-se insensíveis às provas dolorosas, cantaram cânticos improvisados, e mantiveram assim por muito tempo o fanatismo entre seus correligionários. Sobre esse tema, remetemos à obra de Bertrand, onde se encontrarão os detalhes mais curiosos sobre essa história. Esse médico faz notar que a maioria dos profetas, chamados *trementes* das Cevenas,

eram homens, e que os crisíacos não conservavam nenhuma lembrança ao despertarem, analogia impressionante com nossos sonâmbulos.

A mesma causa, ou seja, divergências das crenças religiosas, e a luta travada, determinou as convulsões, profecias e milagres de São Médard.

Em 1731, uma multidão de doentes se reunia em volta do túmulo do diácono Páris, reverenciado como santo pelos jansenistas. De onde partira o primeiro grito de cura obtida sobre esse túmulo? Não se sabe; mas não foi preciso muito tempo para que ocorressem, nessa reunião de enfermos, as coisas mais singulares. O arcebispo de Paris, por instigação dos jesuítas, proibiu o culto do diácono Páris; o governo fez interditar a entrada do cemitério, e vários convulsionários foram presos. Esses meios violentos exaltaram os crentes, que se reuniram em casas particulares, e viu-se recomeçarem os milagres obtidos pela intercessão do pretense santo.

O efeito mais marcante da prece atendida eram as convulsões que tomavam o doente; imediatamente, segundo as organizações individuais em nossa opinião, e de acordo com os desígnios de Deus segundo os jansenistas, apareciam diferentes faculdades. Era a perda total da sensibilidade, o aperfeiçoamento da linguagem, que se tornava pura e elegante em pessoas muito ignorantes; era ainda a apreciação das doenças, o instinto dos remédios.

Existem sobre este episódio da história dos milagres inúmeros escritos; os únicos que oferecem uma justificação satisfatória dos fatos são de Carré de Montégron. Este autor relata as coisas mais estranhas que viu ocorrerem entre os convulsionários, e sem os conhecimentos que o estudo dos fenômenos magnéticos nos deu, teríamos certamente caído num dos dois partidos que dividiam as testemunhas dos fatos; tê-los-íamos atribuído a Deus ou ao diabo. Mas a analogia dos efeitos e das

causas faz entrar esses singulares fenômenos do sistema nervoso dentro da grande lei das propriedades magnéticas dos seres organizados, salvo, evidentemente, os casos excepcionais em que a intervenção sobrenatural podia sobrevir, devido às disposições individuais.

Como exemplo de insensibilidade, extraio as seguintes passagens de Carré de Montégroun:

“A Sonnet se expunha ao suplício do fogo; começava-se por envolvê-la num lençol; ela conservava um colete, um saiote e meias. Assim enfaixada, dois frades a colocavam sobre dois banquinhos postos de cada lado da lareira, sobre um bom fogo. A convulsionária ficava assim exposta ao fogo o tempo necessário para fazer assar uma peça de carneiro, e muitas vezes ela parecia dormir.”

Outros, não contentes de figurar o suplício da cruz, quiseram experimentá-lo e fizeram-se pregar a uma cruz, onde permaneciam de pés e mãos fixados na madeira por pregos de cinco polegadas de comprimento que os atravessavam de um lado a outro. Nessa situação, conversavam tranquilamente. Mandavam também furar a língua e enfiar espadas em diferentes partes do corpo. (ver *Hist. de Paris* por Dulaure, tomo VII).

Como exemplo de instinto médico, pode-se citar a jovem Durand, criança de doze a treze anos. Posta em estado de crise, ela executou sobre si mesma, várias vezes, operações para se livrar de um tumor carcinomatoso na boca, cuja extirpação os mais hábeis cirurgiões, entre os quais Ledran, não quiseram tentar. No estado de insensibilidade em que se achava a criança, ela pôde cortar seu tumor com tesoura e mesmo arrancar as últimas partes com as unhas, sem que lhe acontecesse qualquer mal, e curou-se radicalmente.

“Outra moça, Charlotte Turpin, de 29 anos, diz ainda Carré de Montégroun, estava horrivelmente deformada e afligida por duas corcundas, uma no ombro direito, a outra acima do

quadril esquerdo. Com algumas pauladas e pedradas administradas nas partes proeminentes, viram-se as corcundas se aplaínam e a moça se reerguer. É verdade que as pauladas e pedradas não foram os únicos meios, pois a anãzinha, *estando em convulsão*, mandava que a amarrassem pelo pescoço com um cordão forte, e mandava amarrar as duas pontas de dois outros cordões a cada pé. Ela pedia em seguida a dois espectadores para puxar com toda a violência possível, e para que eles o fizessem com mais força, ela lhes pedia para passarem esses dois cordões pela cintura e apoiarem os pés contra uma grande peça de madeira ali colocada para tal. Por esse meio, diz-se num requerimento apresentado ao parlamento para pedir-lhe que constataste o milagre, “o pescoço dessa jovem, que estava dentro do peito, se soltou e se alongou extremamente; seus ombros, que subiam até às orelhas, se abaixaram; ela ostenta a cabeça reta e levantada.....” O parlamento recuou diante do temor de produzir excessiva impressão sobre espíritos já dispostos ao fanatismo, pela proclamação de fatos tão singulares²³.”

À leitura de semelhantes relatos, o ceticismo se crê autorizado a proclamar uma denegação formal; mas se, sempre fiel ao nosso encaminhamento, não se perdeu de vista a síntese que buscávamos fazer, é-se levado, contra vontade, a não mais negar primeiro, e depois a nem mais duvidar, quando ao lado desses fatos, espantosos quanto ao instinto médico, à previsão e sobretudo quanto à insensibilidade, a escola dos magnetizadores atuais vem juntar maravilhas análogas e produzidas pelo magnetismo. Pois não é mais preciso um móbil tão suspeito quanto podia sê-lo para certos espíritos aquele que, nos séculos passados, suscitava os fenômenos das crises extáticas; o caráter místico e tão poderoso todavia das ideias e das controvérsias religio-

²³ Bertrand. *Du Magnétisme animal en France* [Do Magnetismo animal na França], etc., seguido de considerações sobre a aparição do êxtase nos tratamentos magnéticos. 1826. I vol. in-8º.

sas, perdeu sua influência, como causa excitadora, e as espécies de epidemias extáticas que daí resultavam não podem mais reaparecer sob o mesmo aspecto. Mas é isoladamente, fora de toda preocupação com sistemas, independentemente da imaginação, que os magnetizadores renovam hoje em dia grande número dos fenômenos que o Egito, a Grécia, a Alemanha, a Gália, Loudun, Paris de Saint-Médard, viram nascer.

Que diferença há com efeito entre os convulsionários e nossos sonâmbulos tornados insensíveis? Não se conhecem as operações de M. J. Cloquet de um seio canceroso; as do Sr. de Beaumont numa coxa, e as de muitos outros em amputações e operações de todo gênero? Não se sabe também que o sonâmbulo, em certas disposições, cai de maneira a se quebrar se estivesse acordado, e que não experimenta nenhuma marca das quedas e das batidas?

Mas não acabamos de percorrer os documentos que a história põe em nossas mãos, relativamente à existência dos fenômenos extáticos, antes que a arte aprendesse a produzi-los.

O grande Bossuet já morrera, por ocasião do caso do diácono Páris; mas durante sua vida, esse doutor da Igreja esteve bem colocado para observar fatos de natureza a embarçá-lo sobre seu caráter. Era ainda sob a influência de questões religiosas que a Sra. Guyon, de uma piedade toda de afeição e de um misticismo elevadíssimo, ficou em êxtase. As faculdades extáticas dessa senhora se desenvolveram numa doença pela influência, não calculada, porém toda magnética de seu confessor.

“Extremamente doente, diz a Sra. Guyon em suas memórias, fez-se vir o padre Lacombe para me confessar. Logo que ele entrou na casa, sem que eu soubesse, minhas dores se apaziguaram, e assim que ele entrou no meu quarto, me benzeu apoiando-me as mãos na cabeça, fiquei completamente curada e em estado de ir à missa. Os médicos ficaram tão espantados

que não sabiam a que atribuir minha cura, pois, sendo protestantes, não tinham vontade de crer no milagre.

“Um dia em que não se esperava senão minha morte, vós inspirastes, ó meu Deus! ao padre Lacombe pôr a mão sobre o cobertor, no lugar do meu coração, e com uma voz forte que foi ouvida por aqueles que não estavam no quarto, ele disse à morte para não avançar. Ela obedeceu a essa voz, e meu coração retornou à vida.

“Eu estava ainda seriamente doente pela quaresma. O bom padre, sem dar atenção a que devia pregar, vendo-me tão mal, disse a Nosso Senhor para me aliviar e que ele carregaria uma parte do meu mal; fiquei melhor, e ele caiu doente. Como soube que ele estava tão mal que na segunda-feira de carnaval acreditou-se que morreria, ofereci-me a Nosso Senhor para ficar mais doente e que ele lhe devolvesse a saúde. Nosso Senhor ouviu-me, e o padre Lacombe subiu ao púlpito na quarta-feira de cinzas.”

Em breve uma confiança sem limites tomou a alma da sra. Guyon, e ela obteve uma parte do poder que reconhecia no padre Lacombe.

“Uma garota estava tão doente que um dia recebera Nosso Senhor com tanta debilidade que não podia mais engolir a santa hóstia; eu tive um forte impulso de lhe dizer: Levante-se e não fique mais doente. Ela se levantou e curou-se.

“Um frade mendicante tinha as pernas tão inchadas que não podia mais continuar sua coleta de esmolas. Ele me confiou seu mal; eu disse-lhe: “Ficai curado,” e ele assim ficou no mesmo instante.

“Havia também uma garota atormentada há muito tempo por uma violenta dor de cabeça; toquei-lha, e ela ficou instantaneamente curada.

“Página 140. Foi então, meu Senhor, que vós me ensinastes pouco a pouco que havia outra maneira que não a pala-

vra de conversar com as criaturas que vos pertencem todas. Compreendi que Deus queria me mostrar que os homens podiam, desde esta vida, aprender a linguagem dos anjos. Pouco depois fiquei reduzida a falar ao padre Lacombe apenas em silêncio. Foi aí que nos entendíamos em Deus de uma maneira inefável e toda divina. Nossos corações se falavam e se comunicavam uma graça que não se pode dizer. Passávamos as horas nesse profundo silêncio, sempre comunicativo, sem poder dizer uma palavra.”

Bossuet, consultado sobre essas maravilhosas coisas, hesitava em pronunciar-se sobre seu caráter, e não compreendendo o estado extático sem ser puramente sobrenatural, escrevia à sra. Guyon, que não ousava chamar santa: “O que são essas comunicações de graças que comparais à comunicação que têm entre si os santos anjos, e quando marcais em vós uma plenitude que chamais infinita para todas as almas?”

Essa dama gozava, como se deve ter compreendido, das faculdades extáticas, desenvolvidas nela por uma predisposição orgânica; e a ardente fé que excitava em sua alma a fervente piedade de que ela estava imbuída levava para Deus todos os seus pensamentos; daí os fenômenos que citamos; daí também a possibilidade de uma comunicação real com os seres espirituais; pois assim como para chegar às faculdades extáticas é preciso de condições, disposições orgânicas, certas causas e certas circunstâncias especiais, igualmente, para obter a visão e a inteligência do mundo espiritual, é preciso de certas condições. Essas condições são primeiramente chegar a um grau de êxtase superior, e ser dotado de uma fé e de uma piedade evangélicas. Tal é o sentido desta fala de Swedenborg, filósofo sueco, à doutrina do qual muitos magnetizadores do norte, protestantes aliás, se submeteram:

“O homem pode ser elevado à luz celeste, mesmo neste mundo, se seus sentidos corporais estiverem mergulhados num

sono letárgico, porque nesse estado a influência celeste pode agir sem obstáculo sobre o homem interior.”

- Por volta de 1772, uma parte da Alemanha espantava-se com os prodígios que um homem sábio aí operava. Esse sábio era Gasner, padre de Ratisbona.

Depois de alguns anos de exercício de suas modestas funções, espalhou-se o boato de que ele curava todos os tipos de doenças pela imposição das mãos, sem nenhum remédio nem retribuição.

Os doentes acorreram de todos os lados, primeiro às centenas e logo aos quinhentos e seiscentos. Esse início extraordinário foi apenas o prelúdio das inúmeras curas que ele operou a seguir. Aumentando sua reputação dia a dia, e sendo o país montanhoso onde morava de acesso difícil ao público, ele obteve de seu bispo a permissão de se ausentar algum tempo de seu curado.

Percorreu várias cidades, sempre cercado de doentes que exorcizava e curava aos milhares. O cardeal-bispo de Constância, suspeitando de fraude ou de ilusão, mandou examinar Gasner, em 1774, pelo diretor do seminário. Gasner fez a profissão de fé mais ortodoxa; sustentou que utilizava apenas o poder conferido pela ordenação a todos os padres de expulsar os demônios, os quais, dizia ele, são com frequência a causa de nossas doenças.

Gasner exorcizava impondo as mãos. Começava fazendo o que ele chamava um exorcismo probatório. Se o doente não sentia fortes convulsões ou violentas crises, a doença era declarada natural; no caso contrário, ele procedia a um esconjuro definitivo, e, depois de ter acalmado o doente, despachava-o curado ou assim considerado.

É preciso dizer que muitos de seus doentes curados recaíam pouco tempo depois; o que tende a provar que ele usava uma faculdade magnética que lhe era natural.

- Os mesmos fenômenos haviam ocorrido na Inglaterra por volta de 1660. Gretreakes, simples fidalgo da Irlanda, curava pela imposição das mãos, acreditando-se inspirado pelo céu. Em vão santo Evremont escreveu contra ele, afetando incredulidade; os fatos eram notórios. Entretanto, deve-se notar que chamado à corte, Gretreakes produziu poucas curas, ao passo que em Londres seus sucessos continuavam. Tanto é verdade que os olhares escrutadores e pouco inclinados para o magnetizador paralisam suas faculdades! Esse efeito opera tanto pela emoção que o magnetizador experimenta quanto pela irradiação magnética dos espectadores.

A Escócia, esse país de céu cinzento, de solo montanhoso e sombrio de florestas, devia favorecer o desenvolvimento dos misteriosos poderes da alma; há poucas regiões que possuam tantas crônicas fantásticas às quais lançamos um sorriso de douta piedade, e que porém gostamos de ouvir, pois esse arrepio que elas nos dão faz passar por nós um relâmpago de dúvida!

“Se a evidência, diz W. Scott, pudesse autorizar-nos a crer em fatos que contrariam as leis gerais da natureza, poder-se-ia fundamentar em inúmeras provas a crença na segunda visão. Chama-se *Taishitarangh* na língua gálica (de *Taisch*, aparência fantástica). Aqueles que são dotados dessa faculdade, desse sentido profético, são chamados *Taishatun*, que se poderia traduzir pela palavra visionário.

“A segunda visão é uma faculdade singular de ver um objeto, aliás invisível, sem preparação prévia.

“A visão faz uma impressão tão vívida nos adivinhos, que eles veem somente essa visão e não são distraídos por nenhum outro pensamento enquanto ela continua. À aproximação de uma visão, as pálpebras se contraem e se levantam; os olhos permanecem fixos até que o objeto se desvaneça. A essas particularidades poder-se-iam acrescentar inúmeros exemplos, todos

atestados por autores graves como Bacon, Martin, Johnson. (*W. Scott*)”

S. Johnson, em sua viagem às ilhas Hébridas, relata que seus habitantes e os das montanhas da Escócia sentem, quando menos esperam, uma impressão singular à qual deram o nome de *segunda visão*, porque ela lhes faz ver o que acontece num lugar distante. Aqueles que experimentam essas espécies de visões não se orgulham delas e não tiram daí nenhum benefício, pois não as têm por querer. (*Johnson*.)

Um oficial inglês foi enviado a uma guarnição, em meados do século passado, na vizinhança de um fidalgo escocês que se dizia ser dotado da segunda visão.

Esse fidalgo estando um dia acamado, o oficial lia para ele. Era uma noite de tempestade; o barco de pesca estava no mar. O velho gentleman, depois de ter demonstrado várias vezes muita inquietação com seu pessoal, exclamou de repente: O barco está perdido!... – Como sabeis? perguntou-lhe o oficial. – Vejo dois barqueiros que carregam um terceiro afogado; ele escorre água; colocam-no em vossa cadeira.... Durante a noite, os marinheiros voltaram com um deles afogado.

O Sr. Brière de Boismont, que cita também esse fato em seu *Tratado das Alucinações*, explica a segunda visão por meio de uma alucinação²¹. Abercrombie diz que são reminiscências de sonhos esquecidos. Férier, na família do qual ocorreu o fato que relatamos, faz disso também uma alucinação. Foi o acaso que fez concordarem as circunstâncias!

Responderemos a esses senhores o que Frappart dizia a alguém que explicava também pelo acaso a visão do sonâmbulo Calixte, apesar da interposição de corpos opacos:

²¹ Brière de Boismont. *Des Hallucinations*, ou Histoire raisonnée des apparitions, des visions, des songes, de l'extase, du magnétisme et du somnambulisme. 1845. I vol. In-8°. Página 262.

“Seria preciso admitir que jogando ao mesmo tempo e em desordem, do alto das torres de Notre-Dame, toda a tipografia de Didot, que fosse possível, uma vez chegados ao chão, que os caracteres dessa tipografia compusessem à vontade a *Ilíada*, a *Eneida* ou a *Bíblia*.”

Terminaremos aqui a síntese histórica que havíamos prometido no começo deste capítulo. Sabemos perfeitamente os detalhes em que teria sido preciso entrar para torná-la completa, mas repetiremos aqui o que já dissemos: o espaço limitamos.

Convidamos então nossos leitores a se reportarem, para acabarem seu estudo histórico, à obra de nosso amigo abade Loubert, ao qual fornecemos várias páginas²⁵.

O que acabamos de dizer basta para estabelecer peremptoriamente a analogia dos fenômenos magnéticos de nossos dias com aqueles que extraímos dos anais da antiguidade.



²⁵ *Le Magnétisme et le Somnambulisme* devant les Corps savants, la Cour de Rome et les Théologiens. 1844. I vol. In-8°. 706 páginas.

SEGUNDA PARTE.

MEDICINA DO MAGNETISMO.

CAPÍTULO PRIMEIRO.

MEDICINA MAGNÉTICA.

“Eram bem poucos médicos, poucos fisiologistas aqueles que negaram que o magnetismo determinava mudanças na organização, e que ele não podia gozar de algum poder na cura das doenças.”

ROSTAN

Estudando a história das doutrinas médicas, fica-se impressionado com a importância que a doutrina do vitalismo sempre conservou; pois, embora ela aparecesse sob formas diversas em épocas diferentes, era a mesma ideia que continuava e que subjugava, com o poder de uma grande verdade, os gênios mais elevados.

O filósofo que compreendia que a matéria era inerte por si mesma, e que a via se organizar, funcionar e realizar os atos mais transcendentais da vida, devia necessariamente admitir um motor cuja atividade e movimento fosse a essência. A existência dos fluidos imponderáveis foi pressentida pelo gênio antes de ser demonstrada e aceita pela ciência.

Ora, se a criação tem seu motor, seu fluido vivificador, o homem, pensavam os antigos filósofos, deve também possuir uma força distinta de seu organismo.

Remontar à origem dessa doutrina é algo impossível, pois antes de Platão, que tratou com toda a lucidez do gênio de seu mediador plástico, Anaxágoras, chefe da Escola Jônica, criara um sistema de física geral no qual distinguia uma causa motriz diferente da matéria, mas inerente a ela. Hipócrates também falou dessa mesma força elementar, que chamava de *Cubis*; e antes de todos os filósofos, Moisés se exprimia de uma maneira precisa no Gênesis, relativamente à luz que foi a primeira força criada.

Toda doutrina que se ergueu sobre a existência dessa entidade positiva, admitida como princípio dos fenômenos do organismo humano, pertence evidentemente ao vitalismo; pouco importam em seguida as modificações que tal ou qual escola possa ter trazido ao princípio fundamental, a dualidade do organismo vivo estava consagrada.

Se devêssemos nos aprofundar sobre o estudo do vitalismo considerado como dogma filosófico, teríamos de deter-nos nas mais altas questões de ontologia e de metafísica. Con-cebe-se, com efeito, segundo o que dissemos, quão fácil é confundir a dualidade física, cuja existência acabamos de constatar na doutrina vitalista, com a dualidade psíquica e física da qual a filosofia espiritualista e católica reconhece ser o homem composto.

As controvérsias mais sérias mostraram mais de uma vez que muitos filósofos e médicos vitalistas, seguramente por erro, consideravam como sendo a alma a força motriz que eles colocavam como entidade real e distinta do agregado humano.

Nos primeiros séculos do cristianismo, e de tempos em tempos mais tarde, veem-se teólogos que, como se sabe, se aplicavam então ao estudo de todas as ciências; veem-se aqueles sábios cristãos discutir essas questões de fisiologia transcendente, e distinguir, como elementos positivos da dualidade huma-

na: a alma, entidade espiritual, e a carne, entidade múltipla decomponível em matéria inerte e matéria imponderável.

Tal é o sentido evidente da fórmula de Santo Tomás: *Anima rationalis et caro unus est homo*; daquela do concílio de Viena (1311), que diz: *Anima rationalis, seu intellectiva, forma corporis*; e enfim, da do apóstolo São Paulo que, como se tivesse previsto a confusão que traria o estudo da entidade múltipla material, diz nitidamente: que tudo o que está em vós, a alma, o espírito e o corpo, se conserve sem mácula. (Ep. aos tessalonicenses.)

Para os médicos que se postaram sob a bandeira do vitalismo, o problema da cura das doenças e do prolongamento da vida parecia simples, e consistia em achar o meio de preservar o elemento vital de toda alteração, de aumentar sua energia ou de diminuí-la, segundo o caso.

Semelhante raciocínio era evidentemente paradoxal e denotava uma apreciação incompleta dos diferentes elementos que compõem o homem, e uma falsa ideia da natureza da doença. Uma doença, com efeito, longe de ser um fato simples, é um fenômeno complexo que constitui uma tripla relação cujos termos são a causa mórbida, o órgão afetado e a resistência vital.

Considerando um dos três termos, a resistência vital produzida pelo imponderável, que vivifica o organismo como base única da doença, cometia-se um erro, e é nisso que o vitalismo exclusivo não podia e não poderá jamais satisfazer as exigências da observação prática.

Foi por essas causas que desapareceram, como meteoros brilhantes, os sistemas de Paracelso, Van Helmont, Maxwell, Wirtzig, que proclamavam todo-poderosa a ação do princípio pelo qual eles animavam o organismo, e que chamavam *doenças* as desordens causadas pela alteração essencial ou relativa do princípio vital. Assim Stahl, o qual, retomando essas ideias de

um ponto de vista mais elevado e completamente metafísico, queria que os elementos materiais do corpo fossem passivos e sob o império ponderado da alma.

Mas essas doutrinas de vitalismo exclusivo tiveram todavia a vantagem de continuar, no meio de um caos bem obscuro, sem dúvida, o dogma fundamental da doutrina-mãe, e de trazer aos gênios dos Bordeu, dos Barthez, dos Mesmer, os elementos de um vitalismo mais racional, assente na observação e nas descobertas das ciências físicas. Barthez que, pela meditação do passado, julgava perfeitamente erros aos quais a medicina podia ser levada pelo fato da admissão de um ser substancial reconhecido como força dinamizando o organismo, dedicou-se a arruinar a crença absoluta nesse ser como independente do organismo, procurando ao contrário estabelecer que sua solidariedade estava ligada ao conjunto da organização humana e era-lhe como necessária. Frequentemente ele parece falar desse elemento dinâmico como de uma força abstrata, e não lhe dar o nome de *princípio vital* a não ser para exprimir um fenômeno mais do que uma realidade. Essa era uma transição necessária que devia permitir a fusão do vitalismo antigo com o vitalismo moderno. Mas não poderia haver dúvida sobre a maneira de pensar de Barthez, quando se lê no fim de seus *Éléments de la science de l'homme* [Elementos da ciência do homem]: Quando o homem morre, seu corpo é devolvido aos elementos materiais, seu *princípio vital* se reúne ao do universo; sua alma retorna a Deus que a deu e que lhe assegura a imortalidade.

Na primeira parte desta obra que chamamos *Fisiologia do Magnetismo*, estudamos amplamente este princípio vital do qual falamos, vimos sua geração, sua natureza, suas analogias com os outros imponderáveis, e concluímos que sendo o princípio dinâmico do organismo, dele não podia ser isolado, e que ele lhe era congênito.

Reconhecemos igualmente que esse fluido tinha um poder particular sobre a organização da qual ele modificava o modo de ser normal segundo certas leis; ora, aqui resta-nos examinar se esse agente goza de um poder terapêutico qualquer, e se ele pode justificar, até certo ponto, as pretensões que os antigos tinham a esse respeito.

Mesmer, dominado pelas ideias de uma fisiologia transcendente cujas bases se achavam em todos os escritos dos filósofos místicos e vitalistas, reuniu esses elementos da doutrina dos Van Helmont, Maxwel, Wirdig, e formulou um sistema de fisiologia geral que repousava sobre a doutrina do fluido universal.

Para bem julgar o sistema de Mesmer que resume todas as pretensões das doutrinas vitalistas anteriores a ele, é indispensável ter à vista uma parte do memorial que ele mandou publicar para expor seus princípios.

Extrato do Memorial sobre a descoberta do Magnetismo, publicado em 1779⁹⁶.

“1^o. Existe uma influência mútua entre os corpos celestes, a terra e os corpos animados.

“2^o. Um fluido universalmente distribuído e contínuo de maneira a não sofrer nenhum vazio, cuja sutileza não permite nenhuma comparação, e que, por sua natureza, é susceptível de receber, propagar e comunicar todas as impressões do movimento, é o meio desta influência.

“3^o. Esta ação recíproca está submetida a leis mecânicas desconhecidas até o presente.

“4^o. Resultam desta ação efeitos alternativos que podem ser considerados como um fluxo e refluxo.

⁹⁶ Mesmer. *Mémoires et Aphorismes*, seguidos dos procedimentos de d’Eslon. Nova edição, 1846. I vol. gr. in-18. Página 42.

“5^o. Este fluxo e refluxo é mais ou menos geral, mais ou menos particular, mais ou menos composto, segundo a natureza das causas que o determinam.

“6^o. É por esta operação (a mais universal das que a natureza nos oferece) que as relações de atividade se exercem entre os corpos celestes, a terra e suas partes constitutivas.

“7^o. As propriedades da matéria e dos corpos organizados dependem desta operação.

“8^o. O corpo animal sente os efeitos alternativos deste agente, e é insinuando-se na substância dos nervos que ele os afeta imediatamente.

“10^o. A propriedade do corpo animal que o torna susceptível à influência dos corpos celestes e à ação recíproca daqueles que o cercam, manifestada por sua analogia com o ímã, determinou-me a nomeá-la *Magnetismo animal*.

“11^o. A ação e a virtude do magnetismo animal, assim caracterizadas, podem ser comunicadas a outros corpos animados e inanimados. Uns e outros lhe são entretanto mais ou menos susceptíveis.

“13^o. Observa-se pela experiência o escoamento de uma matéria cuja sutileza penetra todos os corpos sem perder notavelmente sua atividade.

“14^o. Sua ação ocorre a uma distância considerável, sem a ajuda de nenhum corpo intermediário.

“17^o. Esta virtude magnética pode ser acumulada, concentrada e transportada.

“18^o. Eu disse que os corpos animados não lhe eram igualmente susceptíveis; há mesmo aqueles, embora muito raros, que têm uma propriedade tão oposta, que unicamente sua presença destrói todos os efeitos deste magnetismo nos outros corpos.

“20^o. O ímã, seja natural, seja artificial, é, assim como os outros corpos, susceptível de *magnetismo animal*, e mesmo da

virtude oposta, sem que, nem num caso nem no outro, sua ação sobre o ferro e a agulha sofra alguma alteração, o que prova que o princípio do magnetismo difere essencialmente daquele do mineral.

“23º. Reconhecer-se-á, pelos fatos, segundo as regras práticas que estabelecerei, que este princípio pode curar imediatamente as doenças dos nervos, e mediatamente as outras.

“24º. Que com sua ajuda, o médico é esclarecido sobre o uso dos medicamentos; que ele aperfeiçoa a ação deles, e que ele provoca e dirige as crises salutares, de maneira a dominá-las.

“25º. Comunicando meu método, demonstrarei, por uma teoria nova das doenças, a utilidade universal do princípio que lhes oponho.

“26º. Com este conhecimento, o médico julgará seguramente a origem, a natureza e os progressos das doenças, mesmo das mais complicadas; impedirá o desenvolvimento delas, e chegará à cura, sem jamais expor o doente a efeitos perigosos ou consequências lastimáveis, sejam quais forem a idade, o temperamento e o sexo.

“27º. Esta doutrina, enfim, porá o médico em estado de bem julgar o grau de saúde de cada indivíduo, e de preservá-lo das doenças às quais poderia estar exposto. A arte de curar chegará assim à sua última perfeição.

“Os médicos, como depositários da confiança pública, no que toca de mais perto à conservação e à felicidade dos homens, são os únicos capazes, pelos conhecimentos essenciais a seu estado, de bem julgar a importância da descoberta que acaba de anunciar, e de apresentar as consequências.”

Em seu sistema, Mesmer admite, portanto:

A existência do fluido universal que determina as influências diversas de todos os corpos animados da natureza. Esta opinião é verdadeira em seu princípio e falsa em suas consequências.

Dissemos antes que a ciência moderna reconhecera, pela análise experimental, vários fluidos imponderáveis que ela considera como distintos uns dos outros, embora a analogia conduza a olhar esses diversos agentes como modificações de um mesmo fluido; e nisso, chegou-se aos mesmos princípios que os antigos, por vias diferentes. Mas se a ciência atual está de acordo com os filósofos antigos sobre o fato da existência de forças ativas que vivificam a natureza, ela não o está mais com Mesmer, quando esse cientista pretende que a mesma força vivifica todos os corpos, e que pela sua influência eles podem reagir uns sobre os outros.

É um erro, com efeito, dizer que o homem é vivificado pelo mesmo fluido que os vegetais e os corpos celestes; se assim fosse, sua ação sobre esses seres da criação seria real e possível, e então por quais desordens não seria a natureza agitada?

O homem é vivificado por um imponderável particular: é o fluido nervoso. Esse fluido, como a luz, o calórico, a eletricidade, é uma modificação do fluido etéreo, mas não é mais esse fluido; e, em decorrência de sua natureza especial, o fluido nervoso já não tem senão relações de analogia com esse imponderável e os outros. Essas relações podem permitir certas influências, mas que estão longe de constituir os fenômenos gerais e constantes que resultariam da doutrina de Mesmer.

Mesmer, admitindo que o organismo humano era vivificado pelo fluido universal, e que por procedimentos particulares era possível agir sobre esse agente, pensou ter descoberto o verdadeiro meio de restabelecer a harmonia destruída pela doença, e poder mesmo conjurar todo estado anormal do corpo. Nada, efetivamente, parecia mais racional; era agir sobre a vitalidade com a ajuda da própria vida, e essa doutrina nos parece bem mais sublime do que a de Hahnemann, o qual, para chegar ao mesmo objetivo, procura seus motivos de ação em forças heterogêneas às do homem. Mesmer tinha então a seu favor a

aparência ao menos de uma verdade-matriz, de um princípio elementar.

Como Hahnemann, e como todos os vitalistas, a doutrina do magnetismo admite que os sintomas de uma doença não devem ser comprimidos em sua manifestação, mas que devem ser ajudados ao contrário, opinião que ditou a Mesmer os aforismos seguintes:

Afo. 333. Uma doença não pode ser curada sem crise; a crise é um esforço da natureza contra a doença, tendendo, por um aumento de movimento de ação do fluido magnético, a dissipar os obstáculos que se encontram na circulação, a dissolver e evacuar as moléculas que os formavam, e a restabelecer a harmonia e o equilíbrio em todas as partes do corpo.

Afo. 334. As crises são mais ou menos evidentes, mais ou menos salutares, naturais ou ocasionadas.

Afo. 335. As crises naturais devem ser imputadas somente à natureza que age eficazmente sobre a causa da doença, e se livra dela por diferentes excreções, como nas febres em que a natureza triunfa sozinha do que a prejudicava e o expulsa pelo vômito espontâneo, diarréia, suores, urinas, fluxo hemorroidal, etc.

Afo. 337. Quando a natureza é insuficiente para o estabelecimento das crises, é ajudada pelo magnetismo que, posto em ação pelos meios indicados, opera conjuntamente com ela a revolução desejada. Ela é salutar quando, após tê-la experimentado, o doente sente um bem e um alívio sensíveis, e principalmente quando é seguida de evacuações proveitosas.

Esta consagração do valor das crises não constituía entretanto, para Mesmer, um princípio absoluto, pois, a exemplo dos vitalistas que tomam como guia a observação da própria natureza, Mesmer admitia que há certos sintomas que o médico deve combater, e crises que são prejudiciais. Eis como ele se exprime:

Afo. 341. Num estado de eretismo, de irritabilidade e de demasiada susceptibilidade, é perigoso provocar e manter crises fortes demais, porque se aumenta a perturbação que essas disposições anunciam na economia animal. Dá-se intenção aonde é preciso trazer remissão; aumenta-se a tendência à inflamação, suspendem-se, suprimem-se as evacuações que devem operar a cura, e faz-se diametralmente oposição às intenções e aos esforços da natureza.

Afo. 343. Vê-se a vantagem e a necessidade das crises, e por outro [lado] o abuso que se pode fazer delas.

Quase três séculos antes de Mesmer, Maxwel dissera: “Aquele que pode agir sobre o espírito vital de cada indivíduo pode curá-lo, a qualquer distância que seja, chamando em seu auxílio o espírito universal.... É perder seu tempo procurar esse espírito salutar em outra parte que não no cume dos montes mais elevados.”

Mesmer acreditou, segundo observações práticas, que o homem detinha o poder de agir sobre seu semelhante pela transmissão de seu próprio fluido vital, que não era para ele senão o princípio universal *modificado pelo molde-matriz* (*Afo.* 154); além de concentrar o Espírito universal sobre corpos orgânicos. Daí, toda uma doutrina, todo um sistema, toda uma arte.

Mesmer inventou procedimentos de magnetização, e imaginou reservatórios para acumular o fluido universal.

Os resultados obtidos e a força dos efeitos sentidos pelos magnetizados eram verdadeiramente extraordinários, pois se forem comparados aos tratamentos operados hoje em dia, observa-se uma diferença notável. É verdade que os procedimentos de magnetização eram bem distantes dos nossos, e estamos convencidos de que tinham grande poder.

Efetivamente, Mesmer e seus discípulos empregavam como auxiliar da magnetização um reservatório de natureza

qualquer, em torno do qual se dispunham mais ou menos os doentes, dando-se a mão ou segurando cordões que os faziam comunicar com o reservatório. Comumente esse reservatório era uma espécie de tina cheia de garrafas de água superpostas e dispostas de uma maneira regular; os vazios eram preenchidos com areia, limalha de ferro ou vidro moído. No centro desse aparelho elevava-se uma haste de ferro da qual partiam outros condutores. Cada peça era magnetizada, e seu conjunto formava o grande aparelho. Pois bem! Foi em torno dessa máquina que a comissão de 1784 fez as observações que o governo pediu, e seu relator, Bailly, teve a inconseqüência de colocar num relatório inteiramente hostil a passagem seguinte:

“Nada é mais espantoso do que o espetáculo das convulsões; quando não se viu isso, não se pode fazer ideia; e vendo-o, fica-se igualmente surpreso com o repouso profundo de uma parte desses doentes e com a agitação que anima os outros, acidentes variados que se repetem, simpatias que se estabelecem. Não se pode impedir de *reconhecer* nesses efeitos constantes *um grande poder* que agita os doentes, domina-os, e do qual *aquele que magnetiza parece ser o depositário.*”

Esse poder do magnetizador, nós o concebemos bem; mas o do aparelho, qual era seu valor? As relações dos tratamentos nos mostram que, sem o magnetismo, os doentes em comunicação com o reservatório experimentavam igualmente crises fortíssimas. O aparelho agia somente em virtude do fluido magnético do qual fora saturado, ou então por um poder intrínseco, dependente de sua composição heterogênea? Não havia desenvolvimento de eletromagnetismo e combinação dessa eletricidade dinâmica com o fluido magnético? Somos levados a adotar essa opinião pelas analogias que apresentam os fenômenos do eletromagnetismo, da máquina de Clarke, dos metais submetidos ao exame dos sonâmbulos, e das experiências da varinha de vedor.

Relembraremos efetivamente que a crise sonambúlica se produz às vezes sob a influência de certos metais, de uma descarga elétrica, e que uma sonâmbula, submetida à máquina de Clarke, dizia-nos que poderíamos adormecê-la com aquele aparelho, o que fizemos mais tarde com um jovem epiléptico.

Recordaremos ainda que andar sobre um solo que cobre um curso d'água ou uma mina metálica, desenvolve em certos sistemas nervosos sinais constantes de eletricidade positiva ou negativa. Por que então a combinação simétrica de corpos inorgânicos e heterogêneos, e sua reunião com corpos animados e diversamente doentes, não determinaria o desenvolvimento de uma eletricidade particular, não idêntica à dos aparelhos físicos, visto que ela não aparece no eletrômetro, mas análoga e podendo sem dúvida se revelar com o auxílio de um instrumento ainda desconhecido, mas que pressentimos dever aproximar-se da natureza do galvanômetro? E se ousássemos, diríamos que se está bem perto disso quando se conhecem os fenômenos da varinha de vedor.

Ou então seria preciso antes atribuir uma grande parte dos efeitos nervosos observados junto das tinas de Mesmer, à *febre imitadora* que se apodera sempre de uma reunião de pessoas cujos sistemas nervosos se acham elevados ao mesmo grau de tensão, pela influência de causas que agem sobre todos ao mesmo tempo?

Bailly, Lavoisier, Franklin e seis outros que, em 1784, examinaram o magnetismo na qualidade de comissários do Rei, explicaram os fenômenos nervosos que observaram pela influência da imitação, e não acreditaram, por conseguinte, na ação de nenhum fluido. Mas qual é o verdadeiro modo de ação da imitação? Procura-se explicar, com o auxílio dessa palavra, muitos fenômenos nervosos, sem haver acordo sobre a causa fisiológica desse elemento de causalidade. Duas cordas esticadas em uníssono vibram juntas, quando uma delas é posta em movi-

mento; eis a grande comparação sobre a qual se estabelece o modo de ação da imitação. Mas sem um meio, essas cordas não vibrariam simultaneamente, e no vácuo, elas perdem essa solidariedade vibrátil. Ocorre o mesmo nos sistemas nervosos, que só são simpáticos porque existe neles e em volta deles um fluido de mesma natureza, que comunica a um o que o outro sente.

Demonstramos a existência do fluido nervoso no organismo humano; dissemos também que todos os corpos mergulham numa atmosfera formada pelo imponderável que a física chama a *eletricidade natural*, alguns cientistas o *éter*, outros *fluido luminescível*; provamos ainda que o homem, por suas forças psíquicas, gozava da faculdade de irradiar o imponderável que o dinamiza; ora, compreendemos muito bem, em decorrência da reação dessas forças, o modo fisiológico da imitação e da imaginação.

Os fenômenos que as tinas magnéticas apresentavam à observação eram, de resto, de natureza a não poderem ser todos explicados pela imitação e a imaginação. Homens graves, sérios, cientistas de primeira ordem não se teriam deixado subjugar somente por espasmos e convulsões; e Jussieu, comissário com os cientistas que nomeamos, não teria encontrado aí motivos suficientes para se pôr em oposição a seus confrades e fazer um relatório em que reconhecia uma grande parte das pretensões dos magnetizadores mesmerianos.

Tenha sido qual for a causa dinâmica dos efeitos experimentados pelos magnetizados dos alunos de Mesmer, não nos deteremos mais nesta época da história do magnetismo. Esses efeitos permanecem como tipo da medicina magnética e podem ser considerados como uma transição entre o magnetismo da Idade Média e o da nossa época habitual.

A magnetização operada para o alívio de um sofrimento é completamente diferente por sua finalidade, seus meios e

seus efeitos, daquela que tende somente a obter uma modificação no magnetizado.

No último caso, efetivamente, pouco importam os procedimentos; basta que a circulação nervosa seja invadida por um fluido alheio, e os fenômenos fisiológicos ou psicológicos aparecem; mas numa doença, não é apenas a modificação nervosa que se deve provocar, é preciso que a ação seja calculada, refletida e dirigida segundo as necessidades do corpo desarmônico. Assim, quer se tenha de tratar uma doença aguda ou uma doença crônica, isso demandará por parte do magnetizador conhecimentos bem precisos sobre o modo de agir da ação magnética.

Os fluidos magnéticos, como todos os outros fluidos, é dinâmico, é a força vital; acumulá-lo no sistema nervoso é então aumentar as forças da vitalidade. Por conseguinte, se essa excitação vital for feita sem discernimento, e que um órgão já sobreexcitado receba um aumento de irritabilidade, seguramente isso favorecerá sua desorganização. Mas se, depois de ter reconhecido o órgão que concentra a irritação, se fizer uso da faculdade que o magnetizador detém de estabelecer correntes magnéticas, seja sobre a eletricidade que se desenvolve no foco orgânico, seja sobre aquela que ele emite dele, então o perigo é evitado e o alívio realizado.

A dor é o grito do órgão lesado; o ponto onde a ação deve ser dirigida é, portanto, sempre fácil de reconhecer, e se se duvida da sede da doença, que se magnetize então em grandes correntes, evitar-se-á assim toda concentração de ação, e acabar-se-á por trazer outra vez o equilíbrio da eletricidade a todos os centros nervosos e em seguida a todo o organismo.

Não se poderia acreditar quanto é salutar a influência sedativa dos passes de grandes correntes; estes passes acalmam sempre o organismo nervoso e a sobreexcitação do sistema sanguíneo.

A apreciação dos batimentos da artéria é o sinal mais certo que possa guiar; com efeito, depois de uma magnetização mais ou menos longa, operada tal como dizemos, na afecção mais aguda, encontra-se uma desaceleração notável na circulação.

Os anais dos antigos tratamentos magnéticos relatam muitos fatos desse gênero, pois naqueles tempos não se hesitava em aplicar o magnetismo nas doenças agudas, e os mais felizes sucessos coroavam as tentativas. Quanto a nós, magnetizamos em casos que se consideravam como devendo ser agravados pelo magnetismo; curamos às vezes, aliviamos frequentemente, e nunca prejudicamos. Assim, em várias febres cerebrais, destruimos constantemente a cefalalgia, detivemos o delírio, e numa pessoa já sonâmbula, atacada de uma febre cerebral, pudemos verificar, pelas suas prescrições, a exatidão do que dissemos sobre a maneira de magnetizar. Essa sonâmbula fazia-nos estabelecer correntes dos ombros aos pés, depois após cada passe desimpedir a cabeça, da qual ela via sair, pela ação das nossas mãos, rastros de *fogo* que redemoinhavam em volta do seu cérebro.

Os mesmos procedimentos devem aplicar-se às alienações mentais, doenças que, no seu começo, são muito favoravelmente impressionadas pelo magnetismo; e se os ensaios operados na Salpêtrière, sob a direção de Esquirol, não deram certo, é o modo de magnetização empregado que se deve acusar. Nós curamos uma loucura que começava a se declarar de forma intermitente, e estamos convencidos de que se teria tornado permanente se se tivesse recorrido à medicina comum. A doente era sonâmbula; ficou curada depois de ter sofrido três magnetizações, a horas que ela mesma fixara, e por aplicações de torradas de pão avinagrado sobre a testa e o peito, mais uma sangria de 750 gramas, operada num dia determinado.

Nas pneumonias com expectoração de sangue, vimos sonâmbulos prescreverem como remédio mais ativo o magnetismo, de preferência às emissões sanguíneas; mas, diziam eles, não passeis diante dos pulmões, vós os irritaríeis; começai por grandes passes desde as últimas costelas e baixai até os pés. Nós vimos uma sonâmbula magnetizar ela mesma numa hemoptise que as sangrias, as sanguessugas e outras medicações não haviam podido deter; ela assegurou dar-lhe fim imediatamente pela combinação de seus passes; e com efeito a expectoração de sangue, que há várias semanas ocorria de manhã e à noite, não voltou. O doente, de resto, sentiu poucos efeitos magnéticos. Esta sonâmbula prescreveu o mesmo modo de magnetização durante nove dias, para consolidar a cura, que foi perfeita.

Há certos gêneros de doenças agudas do tubo digestivo que atacam profundamente a vitalidade e mergulham o doente numa fraqueza extrema; as febres tifóides são dessa espécie. Obtivemos nesses casos sucessos constantes. A cada magnetização, as forças vitais saem do torpor que as oprime, e os sintomas inflamatórios nunca são aumentados.

Numa febre adinâmica, em que se haviam esgotado os tratamentos habituais, sem ter podido entrar a marcha progressiva da doença, fomos chamados. Quando chegamos, a enfermeira nos disse que o doente morrera; com efeito, estava frio, pálido; o coração não dava nenhuma batida. Esse estado durava há duas horas; felizmente, não acreditamos senão numa dessas lipotimias, tão frequentes nessas doenças em que o sistema nervoso está sempre comprometido; e com o objetivo de excitar a circulação nervosa, e em seguida a do sangue que estava suspensa, magnetizamos com força o cérebro e o coração. Em poucos minutos, o efeito foi obtido, e tivemos apenas que repartir a atividade vital que acabávamos de dar. Ao fim de poucos dias, com efeito, tendo cessado toda medicação ativa, o doente foi salvo.

As síncope são frequentemente observadas, é por isso que se chama raramente um médico, quando esse acidente sobrevém. A ciência teria no entanto muito a ganhar com o estudo dos fenômenos que se podem produzir nas síncope. Suas causas são diversas, mas há aquelas cujo trabalho produtor acontece todo no sistema nervoso.

Nesse gênero de síncope, os meios excitantes empregados comumente para reativar o trabalho dos órgãos são impotentes; a crise dura mais ou menos tempo e termina por si só; mas se se recorrer à ação magnética, dirigida principalmente às regiões cardíaca e epigástrica, fica-se espantado com o efeito que ocorre. Efetivamente, ou o indivíduo recupera os sentidos, ou, sem que o estado letárgico cesse, a circulação e a respiração se restabelecem, e quase sempre o indivíduo vos ouve e responde-vos, sem entrar em relação com outras pessoas.

Desconhecendo este gênero de síncope, e forçando, por toda sorte de meios, a crise a terminar, podem-se causar desordens que não desaparecem completamente e dão os elementos de certas neuroses.

A Srta. Bar** era sujeita a frequentes desmaios: um deles, durando mais do que os outros, e resistindo a tudo o que se fizera, foi-se buscar um médico que se apressou a aspergir o rosto e o pescoço da jovem com água fria. O efeito foi imediato; ela recuperou os sentidos, mas permaneceu incomodada; à noite e no dia seguinte delirou. Não se prestou atenção a esses acidentes que, de resto, não deixaram nenhum traço ao fim de dois dias. Mas quando os desmaios voltavam, eram mais rebeldes. Pouco a pouco o coração ficou doente, e a jovem perdeu seu frescor. Entretanto, esse distúrbio da saúde não alarmava. Num desmaio, fomos chamados, e em vez de tentar fazê-lo cessar bruscamente, magnetizamos o coração e o epigástrico. Ao fim de alguns minutos, tínhamos uma cataléptica lúcida, e cada vez que os mesmos acidentes se renovaram, fizemos a mesma

coisa com o mesmo sucesso. Se não podíamos estar junto dessa senhorita quando ela desmaiava, alguém de sua família fazia como nós e deixava a crise acabar por si só. Esses acidentes se tornaram cada vez mais raros e curaram-se perfeitamente de acordo com os conselhos da doente em estado de crise sonambúlica.

O doutor Despine de Aix relata fatos análogos em suas *Observations pratiques [Observações práticas]*, e que são do mais alto interesse.

Em cólicas violentas e súbitas, nas enterites agudas, nas enteralgias, acontece frequentemente que a dor esgote a sensibilidade, ou então que uma congestão ocorra no coração e que uma síncope se manifeste; nesses casos, magnetizando o coração sobretudo pela insuflação, reanimamos prontamente seus batimentos e conseqüentemente a vitalidade. Note-se que várias vezes tivemos de agir após o emprego dos meios excitadores habituais, e que sempre conseguimos restabelecer a vitalidade.

Ocorre o mesmo nas asfixias por imersão ou por um gás; a ação magnética, dirigida como ensinamos, é mais poderosa do que qualquer outro meio. A insuflação magnética convém bem melhor que a de um ar o qual, para agir sobre a economia, deve ser modificado pelo aparelho pulmonar, que se acha paralisado, ao passo que o sopro magnético traz consigo o princípio vital, o excitador do sistema nervoso. Resta ainda combater os acidentes; mas o principal é fazer cessar o estado de síncope, de asfixia, que, prolongado um pouco mais, traz infalivelmente a morte. O magnetismo é portanto o agente mais capaz de atingir esse primeiro objetivo; depois, a medicina deve empregar seus recursos.

Tivemos ocasião de operar num reumatismo articular agudo, em seu décimo segundo dia; é inútil rememorar a agudeza dos sofrimentos e sua permanência durante cinco ou seis septenários. Poucos dias de magnetização em grandes corren-

tes, visto o gênero e a sede da doença, trouxeram um alívio satisfatório, que não teria tardado a tornar-se completo se nós mesmos não tivéssemos pegado os sintomas dessa doença. Esse acidente nos ensinou o valor da recomendação dos magnetizadores, que dão o preceito de se *desmagnetizar* depois de ter operado sobre certas doenças. Tivemos, como muitos outros, de sofrer com demasiada frequência dessa negligência.

As dores reumáticas recentes cedem prontamente ao magnetismo; nós o experimentamos muitas vezes, e os magnetizadores são unânimes sobre esse ponto.

Se fomos compreendidos, deve-se ter visto que o magnetismo, aplicado no que se chama doença aguda, pode ser de auxílio primordial; somente é absolutamente necessário saber com exatidão o objetivo que se deve imprimir à ação, e isso não pode ser feito senão pelo homem cujos estudos o capacitaram a conhecer a anatomia dos órgãos, suas funções e os caracteres de suas doenças. Fora dessas condições, duvidamos que se possa recorrer com vantagem ao magnetismo em casos graves, pois corre-se o risco de aumentar o mal, de recusar sem razão um medicamento indispensável, ou de tomar uma exacerbação das desordens por uma crise salutar, ou então ainda de ver num esforço da natureza, suscitado pelo magnetismo, um perigo que se deterá quando seria preciso manter esse efeito crítico.

A ação magnética podendo ser, como acabamos de dizer, sedativa, calmante, tônica ou excitante, segundo as qualidades do magnetizador e segundo os meios que ele emprega, não é mais duvidoso hoje em dia que a aplicação do magnetismo possa ser prejudicial às vezes para aquele que se lhe submete.

Conhecemos uma pessoa afetada por uma nevralgia geral complicada por um reumatismo articular crônico. O magnetismo parecia dever combater vantajosamente esse estado mórbido, e no entanto a doente ficou muito mal. Havia sonambulismo, e a lucidez, pouco desenvolvida de resto, rejeitava o mag-

netismo como um agente demasiado excitante. Em vão tentamos os procedimentos mais calmantes, sobreveio uma agravação tão intensa que foi preciso renunciar a essa medicação.

Tratamos uma jovem mulher de uma cefalalgia violenta cujos caracteres faziam crer numa nevralgia, e a curamos em alguns dias.

Havíamos sucedido a um magnetizador que, a cada magnetização, determinava abalos convulsivos, um aumento das dores, e que deixava a doente num cansaço geral insuportável. É certo que a doença era mantida por magnetizações demasiado enérgicas para a doente.

Quando a irritabilidade de um órgão não foi vivamente solicitada, mas o foi frequentemente, os sintomas da irritação se traduzem de início apenas vagamente. Esta permanência de atividade lenta, perturba pouco a pouco as funções normais, e acaba por operar, na constituição orgânica do aparelho doente, desordens graves e profundas. Esta marcha da doença não comprometeu inicialmente a vida do indivíduo; seu estado só se tornou alarmante depois de um tempo mais ou menos longo. Uma doença crônica se estabeleceu.

Outras vezes, após uma perturbação violenta, e que ameaçou os dias de um doente, o período de crescimento para; aquele que a patologia chama de *período de estado* melhora também; mas apesar de tudo a saúde não se restabelece perfeitamente, o órgão tão vivamente afetado conserva perturbação em suas funções, e ainda sofre. As forças medicamentosas da natureza e da arte não puderam levar a termo as diversas modificações que o organismo tinha que sofrer para voltar ao equilíbrio. – A doença passou ainda ao estado crônico.

No primeiro modo de desarmonia, as doenças agudas, mostramos quanto era preciso estar atento para moderar e dirigir a ação vital que o magnetismo desenvolvia; nas doenças crônicas, as precauções são de outro gênero. Efetivamente, numa

doença antiga, deve-se tender acima de tudo a aumentar as forças medicamentosas da natureza, que fazem incessantemente esforço para operar as crises necessárias ao restabelecimento do equilíbrio. É preciso aqui certos conhecimentos de anatomia e de fisiologia; mas não há que temer aumentar a doença, a não ser, entretanto, que haja desorganização pronunciada, pois então o acréscimo de vitalidade que o magnetismo traria apressaria singularmente o trabalho de desagregação molecular e o de eliminação.

O que ocorre comumente nos tratamentos das afecções crônicas pelo magnetismo é uma diminuição rápida dos sintomas que existiam no começo, e o aumento de alguns outros que só apareciam de vez em quando, e que eram devidos à natureza para a cura. Esta distinção é a garantia do sucesso; pois se houver engano e se se quiser perturbar a marcha da ação, está-se exposto a graves desordens.

Os sintomas críticos referem-se primeiramente a certas dores que aumentam às vezes de maneira pavorosa, depois a um trabalho de eliminação; assim, sobrevêm vômitos, diarréia, suores, hemorragias, ataques de nervos, delírios. Esses efeitos variam naturalmente, segundo as idiosincrasias individuais; mas, enfim, como disse Mesmer num aforismo: “Nenhuma doença se cura sem crise”. Esta opinião, além disso, foi a da maior parte dos médicos da antiga escola, e é ainda a dos médicos vitalistas. Com o hábito, distingue-se bem depressa o que vem da doença ou do magnetismo.

Observamos crises salutares bem assustadoras, e sempre, quando os doentes nos deixaram conduzi-los até o fim, vimo-las trazer a cura.

Magnetizamos um doente paralisado quase completamente do lado direito, tendo tido no mesmo lado da face dores nevrálgicas tão fortes que o olho se perdera; esses sofrimentos estendiam-se pelo crânio e cérebro. Isso durava há nove anos e

aumentara gradualmente. O diagnóstico da medicina fora uma nevralgia do nervo facial, do oftálmico, e uma paralisia do nervo óptico. O diagnóstico sonambúlico, obtido por outro que não o doente, indicara um abscesso do tamanho de um pequeno ovo no hemisfério esquerdo do cérebro. Os medicamentos receitados pelo sonâmbulo não tiveram nenhum efeito.

Recorremos ao magnetismo; o doente nunca adormeceu; mas a cada sessão experimentava vontade de vomitar, um aumento da paralisia e uma diminuição das dores. Após a décima quinta magnetização, sobreveio uma febre muito grande, delírio e dores agudas tão violentas na cabeça, que se acreditou na morte próxima desse homem. Esse estado durou vinte horas sem que viessem falar-nos e sem que se procurasse aliviar o doente que morava no campo. Então ocorreram vômitos frequentes e uma diarreia abundante. Esses novos fenômenos persistiram doze horas com violência, depois o doente caiu numa grande fraqueza e num sono calmo do qual ele saiu perfeitamente curado.

Não é isso que um bom médico procuraria provocar? A simpatia do estômago com o cérebro é reconhecida, e nas afecções do último órgão, é com frequência ao outro que o médico dirige seus meios. Aqui o magnetismo determinou a crise de absorção e a de revulsão, e com mais poder do que poderiam ter feito os agentes da matéria médica.

Numa meningite crônica, que tinha como sintomas uma monomania e convulsões muito características por suas formas, obtivemos, sem que tenha havido sono, crises nervosas muito mais fortes que as habituais, e a cada uma a doente sentia sua cabeça desembaraçada. Depois de aproximadamente um mês ocorreu a cura.

Quando se trata uma epilepsia sem que o indivíduo se torne sonâmbulo, é somente pela chegada dessas crises extraordinárias do sistema nervoso que se pode estar certo de ter a

cura. Os exemplos de curas dessa doença são muito numerosos; pretende-se também ter curado mesmo sem crise aparente; mas nesse caso é preciso um tempo bem longo e que ultrapassa infelizmente os meios do prático.

Eis uma observação relativa a essa doença, que extraímos de nossas notas.

Até por volta dos vinte e quatro anos, a Sra. R*** não experimentara nenhum dos funestos acidentes da epilepsia. Criada no campo, seu temperamento adquirira um desenvolvimento robusto; no entanto, sem causa capaz de exprimir uma razão satisfatória dos ataques que sofreu subitamente, teve vertigens, perdas de sentimento durante as quais violentos movimentos do corpo, o estertor e a baba espumosa fizeram reconhecer a epilepsia. Apesar das medicações empregadas, os ataques tornaram-se frequentes a ponto de forçar a doente a não mais ousar deixar sua casa, e após nove anos de sofrimentos, fomos chamados para tratá-la pelo magnetismo. A Sra. R*** naquela época, junho de 1842, tinha cada dia um ou vários ataques. Quase sempre era prevenida dele por uma dor que se elevava do dedo do pé direito até toda a perna; esse membro agitava-se mais ou menos violentamente, depois era o corpo inteiro; a cabeça ficava zozna, a doente caía e o acesso seguia sua marcha durante um quarto de hora ou uma hora; no fim o rosto congestionado exprimia o idiotismo, e era preciso alguns minutos para que a doente voltasse a suas ideias e a seu estado normal. Ela estava, além disso, sempre indisposta; a perna direita era penosamente arrastada, a cabeça ficava pesada, o peito oprimido, cuspiendo frequentemente um pouco de sangue; a inteligência tornara-se obtusa, o caráter receoso e abatido.

À primeira magnetização, sobrevieram efeitos tais que acreditamos poder esperar a cura perseverando. A magnetizada não tardou a entrar num estado de semi-crise sonambúlica, que três vezes chegou a uma lucidez fugaz. Nesses momentos, de-

masiado raros para nossos desejos, a doente assegurava que se curaria; que não havia absolutamente senão o magnetismo a lhe administrar, e lhe fazer envolver cada vez o pé direito com uma grande compressa de pano embebido em água de malvas muito quente. – Ela tinha lembrança, depois da crise, do que dissera, e dava como razão de suas palavras, que era impelida a dizer o que ela parecia ouvir nela.

As magnetizações determinaram acessos que diferiam dos habituais pelo gênero e sua grande violência, mas foi bem depressa em benefício da doente, pois não teve mais acessos de perder consciência. Ela predissera o último que devia ocorrer no estado de vigília; ele chegou no dia fixado várias semanas antes: foi muito forte e longuíssimo; durou perto de doze horas, mas foi o último.

O pé e a perna permaneceram, ao fim de quarenta dias de tratamento diário, de uma hora cada vez, a sede de abalos convulsivos. A doente, em estado magnético, não previa o termo da cura dos nervos de sua perna; mas afirmava que ocorreria; de resto, não havia mais nenhum momento de lucidez.

A cabeça e o peito estavam desembaraçados, o rosto mudara de expressão, a inteligência retomava sua atividade, e a mulher reclusa começava a sair.

Notamos que nas crises produzidas pelo magnetismo, o cérebro se tornava a sede de um trabalho poderoso. Os músculos se contraíam para jogar a cabeça para a frente, e a força com a qual a doente dobrada sobre si mesma jogava a cabeça para diante era tal, que homens tinham dificuldade em opor uma resistência capaz de impedir o corpo de cair de cara no chão. Depois de cerca de vinte minutos dessa crise cerebral, que parecia ser do lado esquerdo, pois a doente levava aí as mãos, e eram sobretudo o braço direito e a perna direita que eram tomados de convulsões, sobrevinha um relaxamento completo nos músculos, e logo os membros enfermos, sobretudo o direi-

to, eram tomados de convulsões capazes de luxá-los em estado ordinário; frequentemente todo o corpo entrava em convulsões assustadoras: nossas forças eram impotentes para reter a doente em seu assento; ela rolava por terra, batendo no chão com os pés com uma velocidade incrível; por instantes, o corpo se erguia em arco, pés e cabeça formando os pontos de apoio; em outros, a cabeça batia contra os ladrilhos, guiada nesses movimentos pelas duas mãos que apertavam como um poderoso torno.

Motivos de saúde forçaram-nos a cessar de tratar dessa doente, que leváramos a uma melhora bastante notável sem dúvida, mas que estava longe de ser uma cura, visto que a afecção recuperava sua força assim que se deixavam passar vários dias sem aplicar o magnetismo. Fomos substituídos por um magnetizador dotado de grande energia, e que teve a paciência de prestar seus cuidados, completamente desinteressados, durante três ou quatro meses. Ao fim desse longo tempo, a doença estava consideravelmente atenuada, mas não podia, entretanto, ser considerada curada.

Magnetizamos vários outros epiléticos, e obtivemos na maioria deles efeitos magnéticos notáveis; apesar disso, não tivemos nenhum resultado positivamente vantajoso.

Os magnetizadores, como dissemos, louvaram muito o magnetismo nessa pavorosa doença; é então provável que não tenhamos tido sucesso nos ensaios que tentamos.

Com efeito, não se deve perder de vista que no magnetismo, as condições de sucesso se devem a circunstâncias indetermináveis. A energia física e moral do magnetizador, a natureza do temperamento do sujeito, as circunstâncias nas quais se opera, constituem tanto causas de sucesso como de insucesso.

O elemento principal é, com efeito, dinâmico, e não entra em ação a não ser sob a influência do agente moral; deve-se portanto compreender facilmente as enormes diferenças que as

experiências de magnetismo devem dar. As mesmas coisas ocorrem, além disso, na medicina habitual, e é a essas causas que se deve atribuir a pouca estabilidade e a fraca eficácia que tem realmente sua terapêutica. Considerando duas séries de doentes formando em seu conjunto duas doenças semelhantes na aparência, é impossível e absurdo tratá-las todas da mesma maneira. O corpo vivo não pode ser assimilado a um corpo inorgânico, pois, independentemente das reações que o cercam, ele tem em si mesmo poderes inapreensíveis que modificam subitamente seu estado. A medicação que dá resultado para tal doente será então mortal para outro, e pior ainda, aquilo que curou uma vez pode ser nocivo numa outra vez, para o mesmo indivíduo, embora a doença pareça a mesma.

No mês de outubro de 1839, havíamos pegado uma pleuropneumonia aguda que, após cuidados convenientes, sara-ra, mas deixando um pulmão muito doente. Três meses depois, não sabemos por qual causa direta, sentimo-nos asfixiar, em seguida cuspiamos, quase sem tossir, algumas colheradas de sangue puro. Esse acidente se renovou durante vários dias, acompanhado de febre, opressões e ardências no peito. Os remédios que empregamos fizeram desaparecer a hemorragia, e lutamos ainda alguns meses contra a irritação que continuávamos a sentir no peito. No mês de maio, o calor trouxe novamente a febre e a hemorragia. A medicina fez o que pôde, sem modificar nosso estado para melhor. Concebemos reais preocupações, pois sentíamos nossas forças diminuírem consideravelmente. Cada manhã, expectorávamos escarros de sangue misturados com mucosidades puriformes, e à noite goladas de sangue puro e coagulado.

Esta doença parecia-nos tão bem conhecida na medicina que não nos ocorrera o pensamento de recorrer ao magnetismo, aliás, sabíamos que não tinha habitualmente nenhum efeito em nós. Entretanto, um de nossos amigos nos magnetizou, se-

guindo procedimentos particulares. Na primeira sessão, que durou como as seguintes cerca de vinte minutos, sentimos no peito, e sobretudo no pulmão direito, a sensação que tínhamos quando devíamos cuspir sangue, mas com a diferença de que essa espécie de gorgolejo se fazia descendo em vez de se produzir subindo. Exceto uma prostração geral, não sentimos nenhuma outra coisa. À noite, não cuspiamos sangue; na manhã seguinte, também não. Magnetizamos-nos nessa noite, e sentimos aproximadamente os mesmos efeitos que na véspera. O dia seguinte se passou sem escarros, mesmo sanguinolentos. Continuou-se por dez dias, e desde essa época não tivemos mais hemorragia. Estamos então muito convencidos de que foi somente o magnetismo que, pelos procedimentos empregados, rompeu o *raptus* que se operava sempre em direção aos pulmões, e que a derivação nervosa que se operou inicialmente, determinando em seguida a do sangue, ocorreu mais eficazmente por esse meio do que por todos os derivativos que a medicina habitual nos ditava.

Em dezembro de 1845, a Sra. L..., com 35 anos aproximadamente, tivera uma afecção aguda do estômago, bastante grave, da qual se recompusera com dificuldade. Essa doença, segundo as informações que me deu a Sra. L..., fora caracterizada por dores epigástricas muito intensas, vômitos frequentes de mucosidades, inapetência insuperável, e fraqueza geral acompanhada de sonolência contínua. Fora tratada pelas emissões sanguíneas inicialmente, depois o agravamento dos acidentes fizera mudar o tratamento, e eles tinham melhorado consideravelmente sob a influência dos ferruginosos. De resto, fora preciso mais de três meses para que a saúde se restabelecesse de maneira conveniente.

Em abril de 1846, os mesmos acidentes reapareceram, menos os vômitos; as dores de estômago eram mais fortes e

irradiavam-se pelo peito e ventre. A doente tinha tanta repugnância pelas bebidas quanto pelos alimentos sólidos.

Ao fim de um mês, a Sra. L... veio pedir-nos para ser magnetizada, não querendo mais ouvir falar de medicamentos. Ficava muito pálida, ofegante e transpirando assim que andava um pouco. Não duvidamos de que a afecção fosse uma gastralgia que teria certamente cedido a um tratamento bem dirigido, mas desejava-se apenas o magnetismo.

Logo na primeira magnetização, a doente adormeceu, mas sem nenhuma espécie de isolamento, e despertou assim que lhe dirigimos a palavra; por instantes, seus braços eram agitados por movimentos nervosos muito leves. Ao despertar, sentia-se mais forte e não tinha mais dores de estômago.

A segunda e a terceira sessões não ofereceram nada de mais decisivo nos fenômenos, mas a melhora era sensível; ela se prolongava nos intervalos das magnetizações. O desejo de alimentos voltara; a Sra. L... tomou sopas sem sentir incômodo.

Nas cinco sessões seguintes, o sono tornou-se mais completo. Os movimentos convulsivos dos braços operavam-se sob a influência da vontade, à aproximação dos dedos, e a mão obedecia levemente à atração. As melhoras consolidaram-se perfeitamente depois de uma purgação enérgica ocorrida espontaneamente após a oitava magnetização. Quando a organização é sensível ao magnetismo, é muito frequente ver sobrevir efeitos críticos que decidem a doença. É fácil conceber esses efeitos; visto que o magnetismo é a vitalidade solicitando a própria vitalidade, daí resulta que quando o magnetismo age bem, o organismo tende, por um poder enérgico, a entrar novamente na harmonia de suas funções, o que se opera bem mais naturalmente do que pelos agentes da matéria médica, considerando a dificuldade existente de aplicá-los no tempo que o estado da organização exige, e de dosá-los na proporção necessária para determinar a reação conveniente.

Iríamos longe demais se examinássemos todas as doenças que se curam pela ação magnética simples. Lembremos somente que o magnetismo deve sempre aliviar, quando se observam efeitos magnéticos de certa intensidade, e os conselhos que demos são escrupulosamente seguidos. Também não se deve esquecer que, segundo a susceptibilidade magnética do doente, a afecção se cura mais ou menos radicalmente; a cura é tanto mais certa e mais rápida quanto sobrevêm verdadeiras crises, e não se deve detê-las, seja qual for então sua gravidade. Se estes conselhos fossem seguidos e os doentes recorressem mais cedo à medicina magnética do que à do sonambulismo, as curas seriam mais numerosas, mais perfeitas e mais rápidas. Com efeito, não é necessário ser sonâmbulo nem fazer remédios prescritos por um outro para sarar. O sonambulismo não é senão uma crise ligada a tal indivíduo, a tal doença; ela não é nem geral nem indispensável, e uma outra crise chega ao mesmo objetivo. Sem dúvida, quando ocorre o sonambulismo, tudo fica mais claro; sem dúvida, quando se soube por um sonâmbulo estranho o gênero de desordens que existem, é mais fácil tratar; mas isto não pode na maioria das vezes dispensar a magnetização.

Deve-se somente não empregar o magnetismo sozinho em indivíduos cuja insensibilidade à sua ação foi constatada em várias tentativas; para eles então é preciso o auxílio da medicina sonambúlica ou da medicina habitual.

O magnetismo goza de uma ação tão positiva, que não há sonâmbulo que não exija o magnetismo para ajudar os remédios que ele se receita.

Uma jovem apresentava como sintomas doentios palidez, inchaço geral, opressão, tosse, batimentos surdos e tumultuosos do coração, dores vivas no epigástrico e entre os dois ombros, uma supressão das regras havia oito meses, ocorrida em consequência do aumento de todos os seus sofrimentos. Não tendo

encontrado nenhum alívio na medicina, ela tentou o magnetismo. Três sessões levaram-na ao sonambulismo; mas ela nunca foi suficientemente lúcida para precisar anatomicamente a causa de sua doença. Nós nos limitamos portanto ao magnetismo, que, em três semanas, obtivera um estado de saúde já satisfatório; as regras reapareceram.

Tendo tido ocasião de consultar uma sonâmbula lúcida, esta indicou uma inflamação do coração, das pleuras e do estômago. Prescreveu uma medicação que seguimos exatamente, e deixamos o magnetismo. Mas depois de um mês de tratamento sonambúlico, não se notavam mais melhoras. Readormecemos a doente, que nos censurou por tê-la abandonado. “Vós acreditais então, disse-nos ela, que o magnetismo não seja nada por si mesmo? Os remédios sem ele jamais me curariam. Continuai portanto a magnetizar-me, e sararei muito mais depressa.”

Deve-se ter compreendido pelo que acabamos de escrever quão longe estamos de generalizar a influência do magnetismo. Porque com a ajuda do magnetismo curamos febres cerebrais, pneumonias, aneurismas, histerias, hemorragias e muitas outras doenças graves, não temos de modo algum a pretensão de curar igualmente todos os indivíduos sofrendo das mesmas doenças.

O magnetismo parece-nos um agente capaz de modificar, por vezes poderosamente, o organismo doente; o médico deve então ter à sua disposição esse meio, e tentá-lo. Se lidar com esses temperamentos excepcionais, de que falamos, curá-los-á imediatamente pelo magnetismo muito melhor do que pelo método habitual.

Achamos então completamente contrário à verdade e à ciência, que obras de magnetismo, tratando da terapêutica do magnetismo, coloquem por princípio que o emprego desse meio seja conveniente em todas as doenças cuja lista elas esta-

belecem. Primeiramente, entre essas doenças, há aquelas que seria absurdo tratar pelo magnetismo, e outras que seria perigoso, no sentido de que uma confiança ilegítima afastaria remédios verdadeiramente mais ativos. Em seguida, indicando dogmaticamente os procedimentos a empregar nas doenças que se enumeram, dá-se a pessoas sem experiência a esperança de curar com mais ou menos tempo, todos os doentes sofrendo da afecção que estiver classificada na patologia magnética. Ora, esse é um erro grave, que se compreende aliás por parte dos magnetizadores que não são médicos. Nem todas as doenças saram pelo magnetismo sem sonambulismo; há somente um pequeníssimo número de doentes que podem ser aliviados ou curados pelo magnetismo sozinho. O Sr. A. Gauthier, em seu *Traité pratique du Magnétisme et du Somnambulisme* [Tratado prático do Magnetismo e do Sonambulismo], diz ²⁷: “A catarata trata-se pela magnetização operada de tal e tal maneira!” Não atribuíamos ao magnetismo um poder sem limites! Onde estão então fatos constatados por homens que sabem verdadeiramente reconhecer uma catarata? Temos apenas esta passagem de Deleuze a citar: “Vi uma mulher cuja cegueira completa se atribuíu a uma catarata, curada em quinze dias.” Deleuze não viu a doente antes da cura; igualmente, ele não ousa afirmar: A cegueira era uma catarata; ele diz somente: Atribuíam-na a uma catarata; e não é a mesma coisa.

Diz-se ainda para magnetizar na apoplexia, friccionando longitudinalmente o peito, o estômago, o baixo-ventre, e atraindo para as extremidades. Depois, com o auxílio da corrente ²⁸, e

²⁷ Gauthier (Aubin). *Traité pratique du Magnétisme et du Somnambulisme*, ou resumo de todos os princípios e procedimentos do magnetismo. Paris, 1845. I vol. in-8º. Pág. 378.

²⁸ “Se tiverdes perto de vós várias pessoas saudáveis, que confiam no magnetismo, que se interessam pelo doente, e que querem ajudar-vos a cooperar na cura, disponde-as em círculo; que elas se deem as mãos, pegando-se reciprocamente pelos polegares, de maneira que a que está à direita do doente o

cita-se o seguinte fato: “O conde de Puysegur comandava seu regimento, quando à ordem : *Marche*, um dos oficiais cai inconsciente no chão. O Sr. de Puysegur manda fazer a corrente, e em alguns instantes o doente fica em estado de retornar a casa.” Este fato primeiramente não prova nada quanto ao que se deve entender por apoplexia. Esse oficial tivera uma congestão cerebral e não uma hemorragia. Uma pode desaparecer prontamente, a outra deixa sempre o doente mais ou menos paralisado. A reabsorção do sangue espalhado no tecido cerebral não pode ser instantânea.

A distinção entre a congestão e a hemorragia cerebral é portanto um fato capital para estabelecer o valor terapêutico do magnetismo no gênero mórbido *apoplexia*. Ora, nos relatos encontrados nos memoriais dos magnetizadores, faltam informações exatas, mesmo naqueles escritos por médicos, porque ainda há pouco tempo se confundiam, sob a palavra genérica *apoplexia*, estados mórbidos bem diferentes. É então induzir a um erro que pode ser funesto, aconselhar a pessoas que são estranhas à medicina, o emprego do magnetismo na apoplexia. É preciso juntar aos conselhos dados a condição imperativa de agir somente à espera do médico, o qual nada, em nossa opinião, pode substituir, a menos que se saiba que o indivíduo é *comunemente sonâmbulo magnético*, pois assim a ação do magnetismo não seria tão ilusória.

Permitir-nos-emos ainda chamar a atenção para o magnetismo aplicado à gravidez (mesma obra).

Nesse verbete, lê-se: *Pletora*: Magnetizações de grandes correntes, fricções e passes nos braços e tronco até os rins; não estender a ação aos membros inferiores.

O Sr. Gauthier²⁹ apóia-se nesta passagem de Deleuze:

toque com a mão esquerda, e a que está à esquerda com a mão direita.” (Deleuze, *Instruction pratique*. [Instrução prática])

²⁹ *Loco citato*. Página 394.

“O estado de gravidez nunca deve constituir-se em obstáculo ao emprego do magnetismo; é mesmo nesse estado que ele pode prestar os maiores serviços; ele foi visto com frequência remediar acidentes graves e que faziam crer num aborto espontâneo. Também foi visto facilitar o trabalho da natureza no parto; e isso é muito simples, visto que ele aumenta as forças e acalma as dores e as crises nervosas.

“*Creio* que no estado de gravidez, e sobretudo nos primeiros meses, não se devem fazer passes nas coxas e nas pernas. Eles poderiam imprimir ao sangue um movimento que é essencial evitar.” (*Instrução prática.*)

Estes conselhos, apesar de sua reticência, parecem-nos perigosos. Vimos o magnetismo, aplicado por dois magnetizadores não médicos a duas mulheres grávidas, e ambas pariram antes do tempo. Fizemos um dos partos. O feto não tinha senão cinco meses; estava vivo, e nada podia fazer supor, por parte da mãe ou da criança, uma causa que tivesse determinado o aborto.

Não esquecemos que se recomenda não magnetizar em direção às extremidades, e não sabemos se, nos casos que citamos, se tomaram essas precauções; mas proibiremos, em consequência de temores bem fundados, a aplicação do magnetismo repetido numa mulher grávida que não seja sonâmbula, pois esta ainda poderia guiar quanto à oportunidade do magnetismo, mas mesmo nesse caso temos muitas reservas, considerando a influência que o feto experimenta, influência que tem os maiores efeitos sobre sua constituição nervosa.

Para a pletora, tão frequente nas mulheres grávidas, não cremos de modo algum na eficácia do magnetismo, porque a pletora, aqui, é causada por um aumento dos princípios constituintes do sangue; esse fluido é, além disso, muito perturbado na sua circulação, e nesses casos em que os sinais da pletora são bem evidentes, é urgente tirar pela sangria uma certa quantidade.

de desse líquido. Abstendo-se disso, na esperança de que o magnetismo dissipe o mal-estar da mulher, está-se exposto a acidentes, como hemorragia placentária ou uterina.

Se se seguisse cada artigo da nosologia magnética, estabelecida pelo Sr. Gauthier, poder-se-ia encontrar outras críticas a fazer. Assinalamos erros nos quais era tão natural cair, para um magnetizador pouco familiarizado com a parte prática da medicina, persuadido de que estas críticas conscienciosas não ferirão um homem tão profundamente erudito como o Sr. Gauthier. Além disso, o Sr. Gauthier diz em algum lugar que o magnetizador, para reunir tudo aquilo que a ciência tem o direito de fazer esperar, deve ser médico, mas médico cientista, filósofo e muito conhecedor de tudo o que a ciência do magnetismo encerra.

Esse escritor pensa como nós relativamente ao exercício do magnetismo, e diz ao médico... “Mesmer disse de vós, desde o primeiro dia, que éreis o único capaz de pôr em prática o seu método. A experiência justifica a exatidão de sua colocação.... Sois a testemunha viva dos esforços que fizemos para vos transmitir os ensinamentos mais precisos sobre a maneira de empregar o método mesmeriano. Lá chegamos enfim; mas como a lei não permite senão ao médico exercer a arte de curar, estamos prontos a coibir-nos dessa prática, tão logo anunciardes vossa intenção de reunir o magnetismo à medicina habitual.”

É verdadeiramente incompreensível ver as perseverantes recusas da Academia de Medicina a aceitar o que os magnetizadores lhe oferecem tão nobremente. As negações dos fatos que constituem o princípio da questão, e as alegações de charlatanes, são hoje em dia ridículas demais para serem verdadeiramente a causa dessa conduta deplorável. Não se pode supor racionalmente, como motivos de oposição, senão essa aversão

que tem o espírito humano a admitir o que ele anteriormente renegou.

Diz-se: A doutrina que os magnetizadores nos apresentam é um caos de devaneios, à qual a experiência dos séculos fez justiça, e é deixar a via da razão e o método de observação positivo entrar nessas práticas quase místicas do iluminismo da Idade Média.

Que se tenham escrito, sobre os fenômenos do magnetismo, teorias que vos parecem imaginárias e ridículas, isso não pode infirmar a existência do fenômeno; que sem nenhuma razão, os magnetizadores tenham a convicção de poder substituir o método da observação em medicina e a administração dos medicamentos por um método natural que seria o magnetismo com seus procedimentos e seus meios auxiliares, essa pretensão não poderia destruir a realidade da ação terapêutica do magnetismo em certos indivíduos; nem a utilidade das prescrições médicas de alguns sonâmbulos.

CAPÍTULO SEGUNDO.

MEDICINA SONAMBÚLICA.

“Creio que não pode haver medicina perfeita a não ser a dos sonâmbulos consultados para si mesmos.”

GEORGET.

Vamos falar da medicina sonambúlica, e se a razão compreende que o fluido magnético, transmitido numa organização, pode trazer-lhe modificações, ela permanece incapaz de se dar conta do instinto inteligente do sonâmbulo, para conhecer o mal e achar seu remédio.

É preciso constatar o fato, crer nele, e dizer: É uma faculdade dada ao homem pela divindade; a alma nesse estado está em comunicação com toda a natureza, e como Deus vê o futuro infeliz do destino humano, o qual ele não podia impedir sem aniquilar o direito de liberdade, a essência do ser, ele precisou, em sua bondade, criar um remédio para todo o mal. Se, assim que sofremos, não vemos esse remédio, é preciso crer que perdemos o estado em que podíamos receber dele a simpatia, e que uma vez reproduzido esse estado, suas propriedades renascem mais ou menos completas, segundo esteja ele mesmo mais ou menos perfeitamente restabelecido.

E aliás, essa faculdade sensitiva dos medicamentos seria recusada unicamente ao homem? Quem ensinou o animal a escolher as plantas das quais ele se pode alimentar, e deixar as que lhe seriam prejudiciais? Quando fica doente, esse animal não procura então plantas particulares, não se submete a um

verdadeiro regime? Por que admitir esse gênero de instinto na besta e recusá-lo, pelo menos esse, à alma humana?

Antes de entrar no assunto, diremos, a quem acreditaria poder tachar-nos de impostura ou de loucura: quando operardes vós mesmos em doentes com a vontade e a perseverança necessárias, obtereis o que nós obtivemos; então aquilo que vereis derrubar e esmagará os sistemas precoces que havíeis adotado sobre a natureza do homem e o exercício de suas faculdades. Ponde mãos à obra, senão negar-vos-emos o direito de nos julgar; o que se acha absurdo não o é frequentemente senão pela incapacidade da inteligência que quer compreender aquilo que ignora.

Sede portanto prudente, vós que uma prevenção, talvez involuntária, leva a rejeitar a possibilidade dos fenômenos do sonambulismo magnético, vós não conheceis o homem por inteiro. Os altos estudos e as profundas meditações nos quais absorvestes tantos anos, aumentando vossa ciência sobre a natureza e sobre o homem físico, embotaram, talvez até mesmo extinguiram, o sentido pelo qual podemos crer numa outra natureza e perceber um novo homem imaterial. Acreditai, a última palavra dos seres e de suas faculdades não está inteiramente no organismo que hoje em dia não tem mais segredo para nós. Há outra coisa de que os filósofos suspeitaram, que uma religião estabelece por princípio, e que com o auxílio do sonambulismo podereis compreender.

É nesse ponto de doutrina que se encontra a barreira que separa o médico dos estudos da ciência magnetológica. A fisiologia escolástica não pode efetivamente admitir hoje faculdades mais extensas do que os órgãos podem produzir, e o exercício de faculdades sem a função sensorial.

Lemos, com efeito, numa obra clássica que está nas mãos de todos os estudantes de medicina, esta frase que somente uma filosofia estreita pôde ditar: “Não se pode acreditar

no sonambulismo magnético. Semelhante fé traria depois de si a fé nos milagres, nos sortilégios, etc....”

O sonambulismo tem portanto um lado psíquico, que, atraindo para seu estudo certos espíritos, afastará sempre um número maior deles.

Esse caráter psíquico será também causa de controvérsias eternas, em razão das anomalias e das aberrações que virão neutralizar, aos olhos de observadores superficiais, os traços de lucidez que se obterão dos sonâmbulos. Pois a mobilidade do pensamento humano, as mil causas que influenciam serão sempre obstáculos à manifestação regular e igual da clarividência sonambúlica. É em vão que o entusiasmo pretenderia infirmar nossa asserção, a experiência esclareceu-nos suficientemente sobre esse ponto capital da medicina magnética. Assim não tememos afirmar que o magnetismo jamais poderá constituir um método geral de terapêutica. As pretensões que tenderiam a fazer aspirar a esse grau de certeza, embora apoiadas nos fatos mais probatórios, serão apenas efêmeras e extinguir-se-ão como tudo aquilo que é exagerado. Mas o sonambulismo prestará eminentes serviços ao homem doente, e é como um modo de uma terapêutica especial que o recomendamos tão insistentemente aos médicos e aos homens prudentes e instruídos.

Colocamos então este princípio, que esperamos demonstrar:

Certos sonâmbulos magnéticos veem seus órgãos doentes e têm o instinto dos remédios que lhes convêm.

Era em 1837, nossos estudos de medicina ainda não haviam terminado, e acabávamos de fazer uma sonâmbula. Lêramos muitas obras sobre o magnetismo, e tínhamos uma confiança sem limites no futuro dessa ciência.

Um doente, cansado do pouco alívio que vários médicos, por ele consultados, traziam a seus sofrimentos que datavam de vários anos e sempre aumentavam, pediu-nos para tratá-lo. Esse

homem não deixava a cama há alguns dias. Rolava-se nela pela violência das dores que sentia na região epigástrica. Essa parte estava inchada, pastosa, sensível ao toque. A cada instante havia uma evacuação de arrotos fortíssimos; eram por vezes acompanhados de mucosidades que vinham do estômago. Era impossível que o doente mantivesse algumas colheradas de líquido. O rosto estava pálido, o pulso quase normal, embora um pouco fraco.

Esse estado chegara a tal nível de gravidade em algumas semanas; era a consequência do estado crônico da doença de estômago, pela qual se tratava do Sr. Lebreton há tanto tempo.

O magnetismo era desconhecido naquela casa, e pegamos, sob um pretexto qualquer, uma mecha de cabelos desse doente, sem dizer nada do que queríamos fazer.

Fomos magnetizar nossa sonâmbula, e demos-lhe os cabelos que acabávamos de cortar.

Ela nunca consultara doentes, e, para ela como para nós, era a primeira vez que sentíamos misteriosamente uma prova que nos parecia tão incompreensível.

Não se tinham passado quatro minutos e Constância grita, quase assustada, que vê um homem amarelo, bem doente.... depois seus intestinos lhe aparecem.... estão todos encolhidos, enovelados.... o estômago também está aumentado, e entre suas membranas há uma camada de um líquido espesso, enegrecido.... em seguida são manchas amarelentas que pontilham essa bolsa!

Por que pôr então sanguessugas nesse homem? Mas é matá-lo....

Na véspera, havíamos estado em consulta com um médico que, acreditando como nós num recrudescimento agudo de uma gastrite crônica, nos aconselhou a fazer aplicar vinte sanguessugas, e a insistir em seguida sobre tópicos emolientes lau-

danizados. Não tendo ocorrido nenhuma espécie de melhora, vinte e quatro horas depois recorrêramos ao sonambulismo.

- Mas o que fazer numa inflamação tão intensa?

- Não é o sangue! Poreis esse homem de pé, e ele viverá muito se seguir um bom regime.

Ide imediatamente pôr-lhe um grande vesicante no lugar de vossas sanguessugas.

E amanhã fazei-o tomar um pequeno purgante para forçar essa matéria preto-amarelada a deixar o estômago... .

- Como purgar, com dores de estômago tão violentas, vômitos repetidos?

- Dai alguma coisa bem suave de início, como uma meia onça de maná e quatro colheradas de xarope de flores de pessegueiro.... mais tarde dar-se-á mais forte....

Mandamos executar essa prescrição; e, com a ajuda de várias outras que consistiram em purgantes cada vez mais enérgicos, em bebidas diversas, ela conseguiu curar em algumas semanas aquele homem que desesperara três médicos.

Fatos análogos se repetiram, e acabaram por nos fazer crer na superioridade da medicina dos sonâmbulos sobre a dos médicos. Nós agíamos na sombra, ignorava-se como encontrávamos nossos meios de tratamento, e nós, jovem médico inexperiente, curávamos frequentemente por medicamentos opostos aos que a ciência nos ensinava, curávamos doentes que homens de reputação deixavam como incuráveis.

Foi sob a impressão dessas ideias que compúnhamos as notas que, alguns anos mais tarde, serviriam para fazer a primeira edição deste capítulo.

Eis o que dizíamos:

Ainda se pensa hoje em dia que só a experiência faz o bom médico. - Isso quer dizer que longos anos oferecendo ao prático uma imensa quantidade de fatos, ele pode submetê-los a observações comparativas, e adquirir daí uma superioridade

tanto mais acentuada no tratamento das doenças, quanto mais longa for sua carreira.

A medicina, considerada deste ponto de vista, é seguramente uma arte difícil, uma arte imperfectível, pois quando morre um decano, começa a vez de um iniciante que deve recommençar por sua conta os estudos cujas referências são apenas colocadas pelos escritos de seus antecessores. Entretanto esta maneira de considerar a medicina clássica é exata, pois em nossa vida atual, para conhecer é preciso aprender, comparar e julgar; ora, o jovem médico, seja qual for seu método, não pode, em fatos sempre práticos, julgar se não pôde comparar.

Mas se houvesse um meio de fazer ver a nu, no doente ainda vivo, o estado dos órgãos afetados, o problema tão difícil dos diagnósticos não seria resolvido? E os fundamentos dos sistemas de todas as inteligências mais esclarecidas não seriam destruídos e debilitados? Pois bem! Esse meio de conhecer sem erro a afecção de um doente existe!... Ele existe fora dos produtos dos trabalhos do espírito humano, ele existe para o jovem médico como para o doutor secular. É um maravilhoso prodígio da alma, ao qual o antigo Egito e todo o Oriente haviam consagrado templos, pois então a medicina era um sacerdócio; acreditava-se nas revelações dos deuses. Mas quando o apreço por uma filosofia analítica invadiu completamente os espíritos, a escola de Hipócrates quis refazer a medicina; nasceram sistemas, e as doenças foram classificadas metodicamente, de modo que se tornou fácil aprender essa espécie de nomenclatura. Traçado o caminho, homens de gênio não tardaram a fazer para a arte de curar o que Lineu, Jussieu, Cuvier haviam feito para a história natural. Broussais teve grande participação nesse progresso verdadeiramente satisfatório para o espírito e simplificador para o estudo. Sabemos bem que muitos médicos, reconhecendo a incerteza da arte e o perigo de um sistema, procuraram uma base que pudesse racionalizar seus princípios,

e essa base lhes é comum; é a anatomia patológica. É seguramente, confessamos, a única sobre a qual se possa assentar nossa fraca razão; mas apesar dos resultados positivos que ela oferece no exame do cadáver, ainda deixa incerto quando no leito do doente. Pois por mais numerosas que tenham sido as aberturas feitas por um médico, ele não pode saber se o doente que o consulta está no mesmo caso do que o morto da véspera; ele compara, julga mais ou menos acertadamente, mas não vê. Aliás, as desordens que se encontram no morto são bem diferentes do que são quando o indivíduo está vivo; com efeito, as funções de todos os órgãos estão suspensas, o grau e o gênero de suas simpatias não podem mais ser apreciados; é um caos sem ação que revela somente o ponto mais desorganizado, e que às vezes ainda não mostra nada. Quantas autópsias deixam de oferecer uma causa plausível da morte!

Que precioso recurso, se o médico conhecesse com precisão a causa dos sofrimentos daquele que vem pedir seu socorro! Se ele pudesse descobrir o foco do qual partem as desordens que quer combater! E se visse o jogo do organismo em atividade! Quantos sintomas efetivamente são comuns a diversas afecções; quanto eles são variáveis numa mesma doença, segundo a constituição individual! E de quantas maneiras as funções de um órgão podem ser perturbadas! Qual é o médico que não ouviu seu doente lhe dizer: “Não podeis abrir minha cabeça, meu peito, e ver o que lá está?” Sorri-se a essas palavras, ao passo que com menos orgulho poder-se-ia dar ouvidos às lições do sonambulismo, e adentrar assim uma das esferas da inteligência da qual o homem se banuiu. Nesta via, o médico sabe o que faz; não está mais tateando e temendo o efeito de um medicamento; não fica hesitando a cada nova fase da doença; pode ousadamente manter a confiança do doente, e se o perder ou não o curar, já o sabia de antemão; pode, portanto, ficar sem remorsos como sem censuras. Tais são os resultados

que o magnetismo promete, tal é o esboço da revolução que ele prepara para a arte de curar.

Passaram-se seis anos desde a publicação destas ideias, e quando nos perguntamos se hoje elas são as mesmas, achamos que sofreram certas modificações e que são menos exclusivas.

Durante todo este tempo, praticamos muito, observamos muito, e dessa experiência resultou para nós a certeza de que as indicações do sonambulismo, seja como elemento de diagnóstico, seja como elemento de terapêutica, não poderiam constituir uma doutrina médica que substituísse vantajosamente, *de uma maneira exclusiva*, o método racional pelo qual opera a medicina hipocrática.

Precedentemente estudamos o sonambulismo como um fenômeno fisiológico, e examinamos com alguma atenção as faculdades extraordinárias que o homem adquire nesse estado tão singular. Mas aqui, temos de pesquisar que recurso pode ter para a cura das enfermidades, o desenvolvimento das faculdades que o homem adquire no sonambulismo magnético.

Não levaremos nossas investigações à Antiguidade, já dissemos o suficiente sobre esse assunto na *primeira parte* deste tratado, para que fique evidente que o sonambulismo fôra conhecido no Egito e na Grécia, e que ele servira às vezes para praticar a medicina nos templos.

Desde esses tempos recuados até Mesmer, é impossível encontrar traços certos que indiquem que esse fenômeno tenha continuado a servir de base a uma espécie de doutrina de medicina oculta. Os fatos esparsos que a história nos transmite saem da esfera na qual se vê que a alta antiguidade havia classificado o sonambulismo magnético, e esses fatos, bastante numerosos na Idade Média, revestem um caráter completamente diferente daquele de uma doutrina científica.

Mesmer julgara apropriado não falar do fenômeno do sonambulismo que ele conhecia perfeitamente. Esse silêncio

deve ter tido uma causa de um interesse maior; entretanto, como se ele previsse que, cedo ou tarde, as faculdades que se desenvolvem nesse sono que ele mostrara a produzir-se, apareceriam em seu esplendor, Mesmer parece ter querido provar à posteridade que ele conhecia aquilo que acreditava ser prematuro divulgar.

Vamos citar alguns de seus aforismos, que deviam seguramente parecer bem obscuros antes que o Sr. de Puysegur fizesse conhecer o sonambulismo.

Af. 254. - Que teriam produzido os gênios de Descartes, Galileu, Newton, Kepler, Buffon, sem a extensão do órgão da visão? Talvez grandes coisas; mas a astronomia e a história natural ainda estariam no ponto em que eles as encontraram.

Af. 255. - Se a extensão de um sentido pôde produzir uma revolução em nossos conhecimentos, que campo mais vasto ainda vai abrir-se à nossa observação, se, como penso, a extensão das faculdades de cada sentido, de cada órgão pode ser levada tão longe e mesmo mais longe do que as lunetas levaram a extensão da visão; se essa extensão pode permitir-nos apreciar uma quantidade de impressões que nos permaneciam desconhecidas, comparar essas impressões, combiná-las, e assim chegar a um conhecimento íntimo e particular dos objetos que as produzem.

Af. 256. - O que é lastimável para a comodidade de nossa instrução, é que as pessoas sujeitas às crises perdem quase sempre a memória de suas impressões ao voltarem ao estado habitual; sem isso, elas mesmas nos fariam todas as observações que vos proponho, com mais facilidade do que eu; mas o que essas pessoas não nos podem descrever no estado habitual, não podemos informar-nos por elas mesmas, quando estão em estado de crise?

Af. 257. - Penso então que é possível, estudando as pessoas sujeitas às crises, obter delas um relato exato das sensações

que experimentam. Digo mais, é que com cuidado e constância pode-se, exercendo nelas essa faculdade, aperfeiçoar sua maneira de apreciar essas novas sensações, e por assim dizer fazer sua educação para esse estado. É com esses sujeitos, assim treinados, que é satisfatório trabalhar para se instruir de todos os fenômenos que resultam da irritação exagerada dos sentidos.

Af. 264. - Falarei disso mais detalhadamente num outro tempo.

Apesar dessas palavras, cujo sentido parece tão claro hoje em dia, o sonambulismo permaneceu um segredo, pode-se dizer, para todos os alunos de Mesmer, pois não se conhece senão o doutor Aubry que tenha então observado os sonâmbulos de Mesmer. Foi então somente alguns anos mais tarde que o acaso fez o Sr. de Puységur descobrir este interessante fenômeno, que devia em breve concentrar sobre si toda a atenção, em detrimento da doutrina mãe, o próprio magnetismo.

Do ponto de vista médico, o sonâmbulo é aquele que vê seus órgãos doentes e que tem o instinto dos remédios convenientes. Por extensão, o sonâmbulo magnético aplica a outrem essa faculdade.

Na aplicação do sonambulismo à medicina, o importante é constatar uma lucidez que seja infalível; poder-se-á crer que ela é assim todas as vezes que o doente ensinar espontaneamente um meio curativo, ou então quando ao ser interrogado ele pedir os remédios que diz *ver* ou *ouvir* ditados por uma voz alheia.

Estas formas do instinto médico são sempre certas quando se lida com um sonâmbulo novo; pois não falamos aqui dos sonâmbulos consultados para outros. Não é que um sonâmbulo que pondere sobre o tratamento que quer aplicar-se não deva ser pontualmente ouvido, dizemos somente que um sonâmbulo, entrando na esfera da reflexão e do raciocínio, nos inspira

mais dúvida do que aquele que permanece na esfera da instintividade.

A confiança na lucidez é tão indispensável ao magnetizador, que sem ela ele pode comprometer a vida do doente; pois se ele quiser modificar as prescrições do sonâmbulo, perturba completamente seu efeito. Não seria demais procurar então os caracteres do sonambulismo lúcido.

Uma vez adquirida a confiança, é preciso irrevogavelmente tornar-se escravo das vontades do sonâmbulo que prescreve um tratamento. Sabemos quão embaraçado se fica às vezes; pois em doenças graves os sonâmbulos pedem com frequência uma medicação completamente oposta aos conhecimentos da medicina clássica, e que, segundo suas regras, deveria inevitavelmente causar a morte. Não há transação possível; cabe a vós consultar vossas forças morais, antes de empreender um tratamento sonambúlico, e vos assegurar da lucidez do doente.

Poderíamos citar numerosos fatos dessa oposição da medicina sonambúlica à medicina comum; mas o espaço nos limita, e devemos ser breves.

Havíamos magnetizado, para o que se chama uma gastrite, uma senhora que, em seu sonambulismo, declarara que a inflamação do estômago era produzida por águas ácidas e de modo nenhum pelo sangue, o que colocara imediatamente nesse tratamento em contradição com o dela. Seis meses depois da cura, ela foi tomada de uma hemorragia uterina que, apesar dos cuidados mais bem dirigidos, a levou em quinze dias a um estado alarmante.

A fraqueza era grande, o estômago voltou a adoecer, e a perda de sangue continuava com abundância. Colocamos esta senhora em sonambulismo; ela nos pediu para deixá-la assim durante três horas sem lhe falarmos. Após esse tempo, disse-nos para escrever o que ia ditar.

“Amanhã, três lavagens com parietária (6 de julho).

“No dia 7, às quatro horas da manhã, uma colherada de vinho branco, no qual se porão dois grãos de emético.

“No dia 8, às quatro horas, purgar-me com jalapa e sene, de maneira a provocar uma dezena de evacuações.

“No dia 9, mesma coisa que no 8, a dose um terço mais forte.

“Deixar-me em repouso no dia 10; e no 11, dar-me o vomitivo do 7.

“No dia 12, purgar-me como no 8; então o sangue terá parado.”

A este tratamento pulamos de susto, e objetamos a fraqueza, a irritação intestinal; mas apesar disso, a sonâmbula ordenou-nos que a despertássemos e fizéssemos o que ela prescrevera. Obedecemos a tudo; mas como expressar o que sentimos vendo a doente três horas depois da crise do emético? Trememos diante desse corpo lívido e crispado pelas atrozes cólicas e a frequência dos vômitos. O marido quase nos acusava de termos envenenado sua mulher; quanto a nós, tememo-lo um instante..... À noite, quando ela ficou calma, magnetizamos a depressa, e foi para ver o sorriso de uma sonâmbula que zombava de seu médico! Continuai, disse-nos ela, e não vos preocupeis tanto.” Continuamos, e no dia 14 ela estava perfeitamente restabelecida.

Falaremos também de uma jovem, atacada de hidropisia no coração, no ventre, infiltrada nas extremidades inferiores, em consequência de uma inflamação crônica do pericárdio, com exalação de sangue em torno dessa membrana, desordens que ela reconheceu sozinha, contra a opinião dos médicos, e que ela assinalou em seu sonambulismo. Ela pediu uma dieta completa durante dezoito dias, uma sangria de quase um litro, e gelo sobre o coração, sobre a décima costela e nas têmporas.

Evidentemente, segundo os dados da medicina, semelhante medicação devia aumentar o mal e apressar a morte. Pois bem! Esse tratamento foi exatamente seguido, e a doente, tão fraca, tão esgotada, readquiriu uma saúde perfeita ao fim de quarenta dias!....

Meu Deus, que somos então com nossos sistemas pretensiosos? Que médico não nos teria esmagado, vendo-nos fazer uma sangria naquela hidrópica quase sem pulso?

Portanto, sejamos firmes e sem hesitação quando um sonâmbulo que reconhecemos como lúcido indica *para ele mesmo* um tratamento que parece mortífero ou irracional. Deixemos falar o instinto, e nunca proponhamos um medicamento; isso seria então dar ao sonâmbulo um impulso num sentido, e isso não deve ocorrer. A medicina natural deve ser separada de nossas ideias e de nossos sistemas. Os homeopatas não têm portanto razão ao dizer que um sonâmbulo percorre a estrada onde é colocado; é precisamente o que se deve evitar, sob pena de tornar em breve os sonâmbulos tão imperfeitos quanto nós.

Para dar uma ideia tão exata quanto possível do valor terapêutico de que a medicina sonambúlica pode gozar nas mãos de um magnetizador experiente, vamos relatar aqui algumas observações que nos são próprias.

Cérebro-meningite aguda (febre cerebral). - Em março de 1842, a Srta. Fanny Chauffour adoeceu. Tinha a cabeça pesada, com dores; seu sono era agitado. Em pouco tempo a saúde se alterou profundamente; sobrevieram movimentos convulsivos na face, nos braços e nas pernas. Fomos então chamados.

Pensando de início em alguma neurose, opinião que a idade e a probabilidade de um trabalho para a menstruação parecia legitimar, aconselhamos anti-espasmódicos e banhos. No dia seguinte, a cefalalgia era excessiva, a febre intensa, os olhos brilhantes; então reconhecemos uma encefalite e mudamos o tratamento. Apesar de emissões sanguíneas e derivativos

poderosos, a doença assumiu um caráter grave; o delírio da noite tornou-se permanente e furioso: por momentos os movimentos convulsivos eram extraordinários e característicos; em outros, a língua ficava paralisada durante três e cinco horas assim como o braço direito. A jovem não reconhecia seus pais, batia, insultava, quebrava e rasgava tudo o que lhe resistia. Era impossível submetê-la a qualquer medicação. O perigo era iminente: tentamos o magnetismo no meio de uma loucura furiosa, e depois de grandes dificuldades obtivemos um sono completo. Mal se tinham passado dez minutos e a jovem exclama: “Ah! Esse sangue que vem ao meu cérebro.... colocai depressa doze sanguessugas nas têmporas, gelo sempre, sempre.....; amanhã um banho de água completamente fria....., e subitamente os olhos se abrem; Fanny voltou a ficar louca.

Entretanto houve menos agitação; pôde-se manter a cabeça coberta de gelo e colocar as sanguessugas. No fim da tarde magnetizamos de novo; o sonambulismo logo aparece, e conversamos com a doente sobre o que ela diz ver dentro de sua cabeça. Ela nos prediz os acessos de fúria que teria à noite, volta a pedir o banho frio, não levando em consideração os temores que esse meio violento nos sugeria, e depois de meia hora de um sonambulismo muito calmo, desperta sozinha e subitamente. Permaneceu muito bem cerca de uma hora. - À noite, o número de acessos predito ocorreu; - mas eles foram tão violentos que o desespero se apoderou de todos. A doente está efetivamente muito mudada: o pulso é muito frequente, mas pequeno e duro; o rosto pálido com uma expressão que é impossível descrever. - Desde a manhã o delírio furioso é contínuo. Determinamos o sonambulismo e objetamos à sonâmbula que o banho não lhe pode convir; que vamos fazer-lhe uma sangria. Ela se zanga, assegura-nos que a mataremos se fizermos a sangria sem ter dado um banho frio que vai tirar a sobreexcitação de seus nervos. Ele será de dez minutos, e na saída apli-

car-se-lhe-ão sinapismos nos pés e nós a magnetizaremos. Fizemos executar tudo debaixo de nossos olhos. A temperatura do banho era de mais de dez graus, temperatura muito sensivelmente fria, sobretudo ao sair da cama e em meio a uma febre ardente.

O resto do dia foi sem loucura; houve repouso; mas no sonambulismo da noite, Fanny anunciou-nos que essas melhoras iam desvanecer-se e os mesmos acidentes reapareceriam. Não há nada melhor a fazer-me, disse ela, do que me magnetizar e seguir o que peço, segundo a necessidade do momento. Haverá quinze dias terríveis, sobretudo dois em que ficarei furiosa a ponto de querer matar quem quiser me reter, porém que se evite amarrar-me, pois seria minha morte, visto que o excesso de minhas forças não poderia gastar-se e se concentraria em mim. Naquela noite, como ela estava mais calma, seu sonambulismo prolongava-se, e ela pôde nos dizer o que via: “O que me faz ver é um nevoeiro luminoso que rodeia meu cérebro. Distingo uma pele que passa por cima e em volta; essa pele está tão vermelha, que se diria ensopada de sangue. Ela se enfia no cérebro e separa-o pela metade; é sobre a parte esquerda acima e exatamente no lugar em que a pele entra no cérebro que há um coágulo de sangue do tamanho de uma ave-lã. A pele vai furar, e quando o sangue tocar o cérebro, ficarei três dias tão mal que é possível que morra se vós não conseguirdes magnetizar-me nesse estado. Os olhos, a língua, os braços ficarão paralisados.” Desperta em sobressalto.

Nos dias seguintes, houve uma melhora notável. No estado magnético, Fanny dava sempre detalhes precisos sobre o estado das meninges, do cérebro e das veias da dura-máter. No dia 23, não houve meia hora de bom senso; Fanny, ora furiosa, ora loquaz, ora imóvel, deu as mais vivas preocupações. À noite, posta em sonambulismo, anuncia uma noite incomparavelmente mais terrível do que o dia. No dia 25, Fanny nos adverte

de que a membrana que separava ainda o coágulo de sangue do cérebro se rasgaria, e que ela teria acessos de loucura e de raiva tais que não sabia se suas forças poderiam suportá-los; que era de temer que o cérebro se rasgasse também num acesso, e que a morte chegasse subitamente.

Instada a encontrar algum meio para evitar esses perigos, ela rejeitava toda medicação: “Mas um único meio pode me salvar, disse ela; ele vos custará muito, mas continuarei viva..... Seria preciso manter-me a noite toda no sono do magnetismo, não vos afastardes do quarto, e não terei nenhum acesso, dormirei calma, e essas oito horas de um repouso tão completo farão o maior bem à minha cabeça.”

Permanecemos desde as dez horas da noite até o dia seguinte às sete horas, e Fanny dormiu como se estivesse curada. Essa trégua dada à doença teve evidentemente uma ação poderosa sobre seu resultado. Os sintomas melhoraram gradualmente. Fanny, em seus sonambulismos, via o trabalho que se operava para isolar o coágulo por um quisto que se organizava; ela contava com uma inconcebível inteligência as fases pelas quais a absorção e a formação da cicatriz deviam passar.

Ela procurava às vezes compreender como ela via, pois seus olhos não tinham nada a ver com isso, e ela não tinha outra coisa a dizer a não ser que seu cérebro era luminoso, que essa luz se deslocava e descia da cabeça para o estômago onde desaparecia assim que ocorria o despertar³⁰.

Pudemos observar nessa doença tudo o que fora anunciado: paralisia dos olhos, da língua, do braço com contratura: o melhor, o pior e as recaídas. Enfim, Fanny pediu, para consolidar sua convalescença que seria muito demorada, uma estadia no campo, um regime lácteo, e acima de tudo que lhe fosse evitada cuidadosamente toda espécie de contrariedade.

³⁰ Estas notáveis reflexões desta jovem sonâmbula merecem atenção. Elas encerram profundas revelações sobre a fisiologia do estado sonambúlico.

Numa recaída ocasionada por uma contrariedade, foi preciso fazer duas fortes sangrias. Enfim, depois de dois meses de doença, a convalescença se declarou e Fanny foi morar no campo. Por momentos, ainda foi tomada por leves acessos de loucura; eles eram sempre ocasionados por essas contrariedades que era impossível evitar.

Fanny, em seus sonambulismos, anunciara que seu cérebro levaria um ano para recuperar a estabilidade, e que, durante todo esse tempo, ela precisaria dos maiores cuidados. No mês de julho seguinte, Fanny retomou suas ocupações habituais com uma perfeita inteligência; e sem a inexperiência da juventude que nunca quer tomar precauções, ela chegou ao fim do período necessário para sua cura completa, sem lembrança de sua cruel doença. Hoje, esse momento passou há muito tempo, e não resta à jovem, atualmente mulher e mãe, nenhum desses terríveis traços que as doenças agudas do encéfalo deixam comumente.

Hipertrofia do coração e hidropericardite. - (Aneurisma e hidropisia do coração.) - Adèle, mulher de confiança em casa de um negociante, tem 32 anos; sofre há doze anos. Seguiu os tratamentos de vários médicos, e nenhum pôde deter a marcha da doença que todos reconheceram provir do coração. Hoje, maio de 1842, o estado da doente é dos mais graves. Não pode andar em consequência da fraqueza, das palpitações, da opressão e da dor que sente na região do coração; a cabeça não se pode sustentar sem apoio, por causa da grande dor, das vertigens e das palpitações que dela provêm. Uma tosse seca, quase contínua, trazendo mucosidades tingidas de sangue, cansa dia e noite a doente, cujo aspecto exprime abatimento. Seu rosto mostra uma palidez azulada que se destaca de um inchaço muito pronunciado. É-lhe impossível tomar mesmo sopas leves sem que haja aumento da sufocação, da tosse e da febre. O pouco sono que sobrevém é interrompido por sonhos penosos,

que provocam um despertar em sobressalto e uma ansiedade dolorosa. - À percussão, a região média do coração revela abafamento; à auscultação os barulhos do coração são surdos em baixo, mais claros e secos em cima; as costelas são fortemente levantadas, as carótidas batem muito vivamente; todo o sistema venoso do pescoço e da face está obstruído.

Foi nesse estado de doença que Adèle foi magnetizada pelo simples fato da curiosidade. Ela se tornou lúcida, explicou as causas que mantinham sua doença, e pediu como remédio muito urgente uma sangria de 100 gramas. A omissão de sua prescrição devia, segundo a sonâmbula, deixar desenvolver em alguns dias acidentes funestos do lado do peito, pois o coração ficaria mais doente, e ela cuspiria sangue em abundância. O magnetizador não sendo médico, fez o que pôde para levar os assistentes a mandar executar o que Adèle acabava de pedir; mas não foi levado em conta. Entretanto, contou-se essa história ao médico que a tratava, o qual se indignou pelo perigo de uma emissão sanguínea em semelhante caso, destacando o absurdo de se confiar no que podia dizer, num sono simulado, uma mulher ignorante em medicina. Passaram-se alguns dias, e os sintomas anunciados apareceram. O alarme despertou a consciência; duvidou-se, e na presença da morte, apelou-se para esse magnetismo que na véspera se tinha desprezado.... Procurou-se um médico para magnetizar; nós fomos escolhidos.

Perto da doente, observamos o que descrevemos, e tendo-a logo magnetizado, ela se tornou sonâmbula lúcida, pois satisfez todas as provas que acreditamos dever impor-lhe para esclarecer nossa convicção. Tendo sido sua atenção dirigida para a doença, descreveu-nos seu coração ³¹:

³¹ Enganar-se-iam aqueles que acreditassem que os sonâmbulos descrevem um órgão como um anatomista. Os médicos que se indignam ouvindo o diagnóstico de um sonâmbulo, esquecem que o conhecimento que têm de anatomia é o resultado de vários anos de estudo; e que no primeiro dia em que, sem ter

“Ele era maior do que devia; seu tecido estava inchado de sangue; o invólucro continha água chilra; a cavidade superior direita era maior do que as outras. – Os pulmões e os vasos da cabeça, cheios de sangue. – O estômago e os intestinos fortemente inflamados; eram vermelho vivo e escuro em alguns lugares.”

A sonâmbula via que estava muito mal, lamentando o tempo perdido sem a sangria que pedira; ela queria imediatamente uma sangria de 500 gramas, para ser aliviada da sufocação; mas não podia julgar se sobreviveria a alguns meses. – Seguimos a prescrição. – No dia seguinte, a sonâmbula começou uma dieta completa e continuou-a durante vinte dias; receitou como bebida uma infusão de flores de malvaíscio com xarope de orchata, e doze sanguessugas embaixo do coração. – Dois dias depois, mandou pôr sobre o coração um vesicante do tamanho da mão.

Os batimentos do coração tinham diminuído de violência; a opressão desaparecera, mas a cabeça continuava a doer e a fraqueza era tal que se custava a ouvir a voz da doente. – As noites se passavam durante três a quatro horas no sono magnético, sem isso a excitação nervosa que era muito grande nesta doente teria afastado o sono e exasperado a doença. – Seis dias depois da cicatrização do vesicante que foi mantido três dias, Adèle receitou-se seis ventosas escarificadas em volta do coração. Era preciso fazer duas uma manhã e as outras no dia seguinte; era preciso também que essa dolorosa operação ocorresse no estado de vigília, para que a emoção e a dor, agindo sobre o coração, favorecessem o efeito do remédio. Tudo foi pontualmente executado. Cada ventosa deu aproximadamente 15 gramas de sangue. No dia seguinte, a doente estava eviden-

lido nada antes, viram um cadáver aberto, teriam ficado muito embaraçados para descrever o coração, os pulmões e outros órgãos, e contudo eles viam-nos e tocavam-nos.

temente melhor. Durante alguns dias ficou-se só no magnetismo, que a doente exigia instantemente como o meio que melhor acalmava a febre e a irritação dos órgãos, ao mesmo tempo que ativava poderosamente a resolução da obstrução do tecido do coração e das membranas intestinais que ainda permaneciam fortemente injetados de sangue.

Em 2 de junho, Adèle, em sonambulismo, pediu uma sangria de 500 gramas. Anunciou que quase no fim da execução teria uma síncope da qual só se deveria tirá-la depois de um quarto de hora, e isso jogando-lhe subitamente meio litro de água fria na testa. Executamos fielmente a prescrição; mas depois de ter voltado a si, Adèle estava tão fraca que nos apressamos em pô-la no estado magnético. Então ela nos tranquilizou: ela via o coração de volta a seu volume normal, o derramamento reabsorvido, o estômago e os intestinos menos inflamados, mas a aurícula ainda estava mais aberta do que a outra; esse vício, dizia a sonâmbula, nunca vai sarar completamente, mas não causará outras desordens a não ser dores de cabeça, e prevenir-se-á todo acidente praticando uma sangria de quatro em quatro meses.

Para desviar do cérebro a obstrução e a irritação que o sangue aí mantém há muito tempo, a magnetizada receita, quatro dias depois da sangria, um grande banho a 29 graus, com duração de três quartos de hora. Depois que ela tiver ficado nele cinco minutos, derramar-se-lhe-á, durante dez minutos, água fria sobre a cabeça da altura de três metros, e apesar do desmaio que sobrevirá, não se deverá retirá-la da água antes do tempo determinado.

Esta operação era grave, em razão do esgotamento a que a doente chegara; entretanto não havia que transigir; obedecemos portanto ainda ao instinto sonambúlico, e embora durante e após a operação tivéssemos algum medo, ficamos plenamente tranquilizados à noite quando a doente ficou no estado magné-

tico. Ela se receitou, para acabar de curar a cabeça, que delirara uma parte do dia, nove fumigações, com sabugueiro, tabaco, beladona e cânfora, e três lavagens com sene.

Nos dias seguintes, Adèle pôde se alimentar de caldo de vitela, leite, bolo leve. Em 11 de junho, a magnetizada mandou fazer a terceira sangria. Essa sangria foi feita no estado magnético, e constatamos que, contrariamente ao que era habitual no estado de vigília, Adèle se deixou levar como se ignorasse o que ocorria. Mandou-nos parar o sangue a cerca de 250 gramas. Desde então, a convalescença se estabeleceu; Adèle entregou-se pouco a pouco a suas ocupações cotidianas sem sentir palpitações, sufocações e dores do lado.

Tudo transcorria pelo melhor, quando, em 20 de junho, Adèle se queixa de um ardor no peito; tosse muito, tem febre. Posta em sonambulismo, reconhece que os pulmões e o estômago vão ser tomados por uma grande inflamação. A causa da inflamação do peito deve-se, segundo a doente, ao ar escaldante que respirou desde a véspera (o quarto estava situado às margens do Loire, exposto ao sul, e o sol de junho era escaldante); quanto ao estômago, voltou a ficar doente, porque em vez de beber caldo de vitela ela toma há dois dias caldo comum. - Para impedir os acidentes que se anunciam como devendo ser graves, a magnetizada prescreve ser deixada no sono magnético durante trinta horas, fechar todas as aberturas do quarto de modo que a luz não penetre, ter na frente e atrás do peito um cataplasma composto de folhas de malvas, verbena, alecrim, linhaça, e molhado com láudano. Esse tópico será trocado três vezes. Ela terá perto de si, como bebida, água com xarope de orchata e um caldo preparado com carne de boi, amêndoas, agrião e açúcar. Estando os recipientes de chá magnetizados, ela beberá segundo for necessário.

Durante as primeiras vinte e quatro horas o estado da doente foi lamentável, devido à sufocação que ela sentia e à

frequência da tosse. Enfim, depois do tempo determinado, tudo melhorou, mas foi preciso, alguns dias depois, ceder às instâncias reiteradas da sonâmbula, e praticar uma outra sangria de 375 gramas. Foi a última, e com auxílio de uma atenção escrupulosa, conseguiu-se determinar uma convalescença sólida. Para abreviar essa convalescença que a localização da habitação contrariava, Adèle pediu para ir, durante quinze dias, para um campo longe do Loire; lá, seguiria um regime lácteo e beberia um chá feito com uma planta que encontraria num bosque dessa região. Seu patrão concordou em ceder a esse último pedido, e nós a conduzimos à Sologne. Magnetizamos Adèle num bosque de *La Ferté*, e assim que ficou clarividente, ela se levantou, avançou no bosque, procurando entre as folhagens do chão; arrancou folhas trepadeiras que reconhecemos serem as que ela indicara em Orleães.

Mais nada se tendo oposto ao cumprimento dos últimos avisos da sonâmbula, o mais completo sucesso veio coroar nosso trabalho, o devotamento da família e as benevolentes solici- tudes das pessoas que haviam contribuído para a execução deste longo tratamento.

Cirro e nevralgia do estômago. - Médicos de Paris, depois de terem tratado da Sra. H*** durante vários anos de uma doença do estômago segundo uns, e do fígado segundo outros, haviam-na exortado a deixar Paris, esperando que a mudança de lugar diminuiria os sofrimentos dessa senhora. A Sra. H*** veio estabelecer-se em Orleães, numa bela residência, perto do rio Loire, mas não sentiu nenhum alívio.

Solicitado para que fosse seu médico, investigamos cuidadosamente tudo o que se referia à sua doença. Essa senhora, com 58 anos, de constituição bastante forte, mas deteriorada, digeriu apenas com muita dificuldade e escolhendo os alimentos que menos lhe cansavam o estômago. Ela sentia continuamente, na região epigástrica, um incômodo doloroso que irra-

diava no flanco direito. Essas partes estavam inchadas, pouco sensíveis à pressão. A cada cinco ou oito dias, o mal-estar habitual aumentava, a região epigástrica ficava extremamente dolorosa, vômitos de mucosidades estabeleciam-se após cinco ou seis horas de atrozes sufocações, e quase habitualmente traziam os alimentos ingeridos na véspera. Então sobrevinha alívio, mas ainda restavam, durante dez a doze horas, espasmos, pressões e picadas tão violentos que a doente se contorcia e gritava. Em seguida as dores se acalmavam, a febre tornava-se intensa, e dois dias após a crise reapareceria o estado misto de sofrimento. A cor habitual era amarelo-palha; o rosto e todo o corpo estavam manifestamente infiltrados; havia constipação.

Essa doença datava de nove anos; fora aumentando gradualmente. Fora tratada na província e em Paris de diversas maneiras. Uns haviam diagnosticado uma doença do fígado e das vias biliares, outros uma afecção nervosa, outros uma inflamação franca, outros um câncer. Cada tratamento, especialmente dirigido, fora sem resultado apreciável.

Tratamos inicialmente essa doença pela medicina comum: não tivemos melhor resultado do que os homens eminentes que nos haviam precedido. A Sra. H*** pediu-nos para recorrer ao magnetismo. Concordamos, embora duvidássemos muito de sua eficácia no presente caso. Entretanto ficamos muito espantados vendo a doente apresentar os fenômenos nervosos que indicam uma grande sensibilidade à ação do magnetismo. Na terceira magnetização, ela tornou-se sonâmbula e disse ver seu estômago. “Esta bolsa é de um amarelo sujo; é tão espessa que parece um couro de porco... Meu fígado não está doente; certos nervos do peito, do estômago e do ventre estão doentes... Oh! Como me fizeram mal com as sanguessugas, os banhos.... Não há sangue! Humores que obstruíram a membrana do estômago, e ajudaram-nos a ficar e a chegar aí!...”

A magnetizada estava afetada pelo que via, seu sonambulismo era agitado; ela queria ser despertada. No dia seguinte, a lucidez reapareceu, a doente se ocupou dos remédios a aplicar a seu estado. Pediu o magnetismo todas as noites durante três quartos de hora, e avisou que diria no dia seguinte quais medicamentos deviam entrar num emplastro de que precisaria. Esses medicamentos seriam vistos por ela naquela noite em sonho, mas não se lembraria deles senão no sono magnético³². Durante o dia, questionada sobre o sono da noite, a Sra. H*** não tinha nada a observar; mas, no estado sonambúlico, lembrou-se do que *sonhara*, e disse que era preciso aplicar, durante dez dias, sobre seu estômago, emplastos compostos de farelo, de raiz de labaga, de bulbos de lírios e de gordura de carneiro; tudo cozido junto. - Beber três vezes por dia uma infusão de parietária com xarope de chicória. - Depois de oito emplastos, purgar-se com óleo de rícino.

Segundo a sonâmbula, esse simples tratamento devia curá-la perfeitamente. Foi seguido exatamente. Após os dez dias, a magnetizada fez gradualmente espaçar as magnetizações; purgou-se ainda duas vezes com uma mistura de maná e de óleo de rícino, e prescreveu-se um regime a seguir durante algumas semanas.

Ora, para nosso grande espanto, desde os primeiros dias desses singulares remédios, vimos a doente melhorar notavelmente. O empastamento, a tensão e as dores da região epigástrica desvaneceram-se, os vômitos não reapareceram mais, e as digestões tornaram-se fáceis. O rosto perdeu o inchaço e a amarelidão; enfim, não nos pudemos furtar à evidência: a Sra. H*** aconselhara a si mesma, no sono que determináramos,

³² A visão em sonho, por alguns doentes, dos remédios que lhes convêm foi admitida por muitos médicos: Hipócrates, tratado dos sonhos, - dos humores; Aristóteles, adivinhação no sono; Galeno, opúsculo sobre os sonhos, - comentário sobre o prognóstico; Areteu, das causas das doenças; Bacon, do desenvolvimento das ciências; Sauvages; Bordeu, e alguns contemporâneos.

meios que haviam vencido uma doença que resistira muito tempo à medicina comum.

Não gostaríamos de fatigar nossos leitores com demasiadas citações; entretanto, não podemos resistir ao desejo de lhes comunicar a seguinte, pois seu estudo pode esclarecer muito sobre a fisiologia e a terapêutica de certas afecções nervosas.

Histeria convulsiva. - Ainda criança, a Srta. Louise P*** apresentou os sinais de um sistema nervoso doente. Sempre irascível, sempre doente, traduzia seus problemas, suas dores por gritos, por espécies de convulsões que se tentou por muito tempo reprimir à força, atribuindo-as a um mau caráter. Mas desde a idade de 11 anos, foi impossível não reconhecer que essa exaltação geral, esses mal-estares e esses ataques de nervos constituíam uma verdadeira doença. A medicina combateu, durante oito anos consecutivos, essas desordens que aumentavam com o tempo de uma maneira terrível. Em 1840, com efeito, a Srta. Louise não podia mais sair; cada passo ocasionava dores demasiado fortes no ventre; quase não comia mais, sofrendo assim que os alimentos eram digeridos. Era fraca, abatida, magra, muito pálida, sem repouso de dia nem de noite. Cada dia, era presa cinco a seis vezes de acessos convulsivos mais ou menos violentos: então lançava gritos agudos, caía no chão debatendo-se, e rolava nas contorções mais assustadoras. Tudo em que batia se deslocava ou quebrava, e sua força, nessas crises, era prodigiosa. A intervalos, ocorria uma remissão dos movimentos convulsivos; então o ventre se dilatava, levantando-se e abaixando-se com uma velocidade extrema, e a doente tinha soluços abafados. As crises duravam de meia hora a duas horas.

Os médicos consultados acabaram por dizer que tudo isso era nervoso, e que a idade curaria essa doença.

A idade chegara; a menstruação regular, mas sempre penosa, se estabeleceu, e o mal aumentara. Ademais, o aparelho digestivo estava gravemente comprometido. A confiança na

medicina, que há nove anos lutava com uma desvantagem manifesta, extinguiu-se, e a família recorreu à medicina magnética.

Magnetizamos quinze dias a Srta. L. P****, sem obter efeitos sensíveis; foi então preciso renunciar ao magnetismo. Mas três semanas depois, encorajado por experimentos de procedimentos novos, que tentáramos em outras pessoas, recomeçamos a magnetizar a doente, e obtivemos um efeito espontâneo. Pouco a pouco, o sonambulismo se desenvolveu. Quando se tornou o que podia ser nesta doente, obtivemos, sobre a causa da doença, informações que se podem traduzir assim: “É a força vital, acumulada em todos os nervos do ventre, que, passando por intervalos aos outros nervos, excita convulsões e um delírio furioso.

“Os calmantes que me deram sempre aumentaram o mal, impedindo o restabelecimento do equilíbrio; ele teria voltado por algumas crises prolongadas, mas elas eram detidas.

“É preciso então agora crises muito violentas. Enquanto durarem, essa força que queima e excita os nervos do baixo ventre se repartirá nas outras partes do sistema nervoso, e a cura virá.

“Para isso, não há outro remédio a não ser o magnetismo, aumentado ou moderado, segundo o que eu pedir.”

O diagnóstico da sonâmbula era um ensinamento de alta fisiologia; os médicos o compreenderão, sobretudo se rememorarem os trabalhos recentes de alguns patologistas sobre as doenças nervosas e a histeria em particular.

Os meios terapêuticos aconselhados pela sonâmbula, sem nos parecerem certos, não podiam ser rejeitados por nós, que não tínhamos para substituí-los senão o que já fora empregado. Seguimos então os avisos da doente em crise.

Durante quatro meses, foi uma tarefa medonha. Cada noite, foi preciso ficarmos de duas a três horas a adormecer, a ouvir gritar, a ver sofrer, rolar, se contorcer, e a apoiar a desgra-

çada jovem. Mais de uma vez, os assistentes recuaram de pavor, e muitas vezes estivemos prestes a fazer cessar essas horrendas convulsões. Mas então, a doente em crise nos dizia para não fazer nada disso, “pois não me curaríeis.”

Não podemos relatar aqui os mil episódios que sobrevieram nesse tratamento. Todos os médicos que acreditam nos escritos de seus confrades, sobre os fenômenos que certas doenças nervosas podem apresentar, não leriam senão uma repetição do que os antigos publicaram, Petetin, Frank, Despine e muitos outros. No mês de maio de 1840, o quinto do tratamento, não ocorria mais, no estado de vigília, nenhuma espécie de ataque; a saúde reaparecera. Em sono magnético, a Srta Louise disse-nos que a cura estava quase terminada, mas que esta só seria estável e perfeita impedindo-se que o equilíbrio nervoso se rompesse novamente. Para isso, era preciso que estando ela completamente desperta, e sem que fosse avisada, a pusessem à força num banho de água gelada, e a mantivessem nesse banho por doze minutos, apesar de sua resistência e do lamentável estado em que ficaria; após esse tempo, seria retirada da água, adormecê-la-íamos, e ela nos diria o que se teria de fazer.

Depois de ter tomado todas as precauções que um médico deve tomar em semelhante circunstância, decidimos executá-lo de acordo com a família. Havíamos lutado durante oito dias com a sonâmbula, tentando fazê-la compreender as terríveis consequências que podiam resultar de um meio semelhante, mas foi em vão; ela pareceu tão certa do sucesso que decidimos seguir sua prescrição.

A Srta Louise acreditava tomar um banho comum, a banheira estava coberta por um lençol, a água indicava 0 no termômetro. Num aposento contíguo, escondido com um ajudante vigoroso, entramos subitamente assim que a mãe pronunciou um sinal combinado. Então pegando a jovem muito assustada, mergulhamo-la na água gelada com grande dificuldade, pois

pode-se imaginar o grau e o gênero de resistência que uma mulher de 20 anos, apanhada de surpresa e jogada no gelo, devia manifestar.

Mal o corpo ficou inteiramente mergulhado na água e uma espécie de tétano se apoderou da paciente, todos os seus músculos ficaram contraídos, o rosto se descompôs e ficou azul, a boca abriu-se, os olhos afundaram-se na órbita, a língua retrocedeu... foi terrível. Por momentos, ocorria um abalo geral, um grito agudo, uma palavra... Doze minutos se passaram!! Retiramos então nossa pobre vítima num estado quase cadavérico, colocaram-na sobre a cama, e tendo-a deixado com a mãe, entramos outra vez ao fim de alguns minutos.

A Srta Louise estava numa poltrona, com todo o corpo ainda tremendo. Fizemo-la entrar no sono magnético bem mais dificilmente do que de hábito, mas assim que foi estabelecido, o tremor cessou, o pulso ficou calmo, a reação que tínhamos não aconteceu! Enfim a sonâmbula falou; disse-nos rindo que estava muito bem, que dentro de um quarto de hora jantaria, e que em seguida devia fazer imediatamente, num carro não suspenso, um passeio durante uma hora. Executou-se o que ela pedia, e ficamos pasmado e confuso de ver que a Srta Louise estava bem melhor do que nós.

Desde então, não ocorreu mais nada desagradável, e para fortalecer seu temperamento que os hábitos da casa, a localização da residência contrariavam, essa jovem pediu, nos sonos seguintes, uma estada de quatro meses numa cidadezinha situada nas margens do rio Loire. Sua família consentiu nessa última prescrição. Hoje há mais de cinco anos que a alegria voltou a essa interessante família, pois sua filha mais velha possui a mais brilhante saúde.

Este tratamento é um dos mais interessantes dentre aqueles que tivemos ocasião de empreender com auxílio do magnetismo. O médico que se limita a prescrever antiespasmódicos

contra ataques histéricos, e a mandar pôr camisa de força quando as convulsões são acompanhadas por um delírio furioso, não pode fazer ideia das emoções e das fadigas que se sentem quando é preciso acompanhar todos os acessos de uma histérica furiosa, para dirigi-los em vez de dominá-los por uma força brutal.

Estas palavras da doente da qual se trata são admiráveis em ensinamento. É a força vital que está acumulada em certos nervos! É preciso, para que ela irradie para todo o organismo, comoções violentas! Não é como a eletricidade condensada que deve explodir para se recompor no estado natural? E deter a explosão de minhas crises, dizia a jovem, é aumentar meu mal; todos os calmantes me prejudicaram. Desenvolvi minhas crises, respeitai-as quando tiverem alcançado seu auge de intensidade, elas diminuirão de violência e de frequência!

Onde encontrar uma definição da histeria e das doenças nervosas em geral que seja tão luminosa? Sem dúvida a sonâmbula apenas nos confiou a ideia do que expomos, mas qual médico teria dito tão bem, e sobretudo teria encontrado tratamento semelhante e teria sabido conduzi-lo a bom termo? Pois sabemos que se poderão aconselhar os banhos frios, a surpresa, mesmo o magnetismo, mas tudo isso fracassará na maior parte do tempo se não houver o sonambulismo. Felizmente esse estado nervoso é facilmente obtido nas doenças histéricas de formas graves, de outro modo o magnetismo sozinho talvez fosse tão impotente quanto os medicamentos. Pensamos o mesmo a respeito das outras doenças nervosas, como as alienações mentais, a epilepsia, e ousaríamos acrescentar a hidrofobia. Se nessas afecções não obtiverdes o sonambulismo, renunciái, porque para voltar a reequilibrar esse sistema nervoso tão profundamente abalado, é preciso que a força moral do sujeito esteja em harmonia com a vossa para querer a cura e acreditá-la certa. Ora, não se pode obter a adesão da vontade do doente, e

sobretudo dar-lhe uma confiança absoluta em sua cura, a não ser no estado de sonambulismo, no qual as faculdades da alma adquirem tanto poder sobre o corpo.

Falamos da hidrofobia porque estamos convencidos de que, se algum desgraçado sofrendo dessa doença cruel tivesse as disposições naturais para se tornar sonâmbulo lúcido, seria curado por todo magnetizador que conhecesse bem seu poder.

Para dar uma ideia do que pode o magnetizador que sabe querer, sobre as doenças nervosas, citaremos o fato seguinte, que tiramos do livro publicado pelo doutor Pigeaire³³.

Quem fala é o Sr. Meijer, médico em Amsterdã: “No mês de agosto, o senhor Crooswijk, de Roterdã, de 25 anos, foi atingido por ataques epiléticos. Esses acessos se repetiram frequentemente e chegaram a tal gravidade, que no mês de outubro seguinte esse jovem passou ao estado de frenesi e de furor. Quatro homens robustos mal puderam contê-lo. Posto por precaução numa alcova, ele quebrou só com as mãos uma sólida cama de campanha; as portas da alcova, embora reforçadas por fortes suportes, foram estilhaçadas por suas pancadas violentas; foi preciso reconstruí-las até três vezes.

“Durante os meses de janeiro e de fevereiro houve alguma calma, mas no dia 1^o de março o furor se manifestou de novo, e o doente quebrou e demoliu tudo o que conseguiu alcançar.

Depois de ter esgotado, sem sucesso, todos os meios da arte médica, o último médico que fora consultado, o cientista Sr. Sander, aproveitou alguns instantes de calma para convencer o doente a se deixar magnetizar. Fui chamado. Na minha primeira visita, embora tivesse sido informado das circunstâncias precedentes, fiquei extremamente espantado e assustado ao

³³ Pigeaire. *Puissance de l'électricité animale* [Poder da eletricidade animal], ou do magnetismo vital, e das suas relações com a física, a fisiologia e a medicina. 1839. 1 vol. in-8°. Página 253.

ver o estado furioso desse jovem e os estragos que fizera. Quase recuei diante da ideia de arriscar minha própria existência na tentativa de salvar esse infeliz, tentativa desesperada aliás segundo todas as aparências. Consegui porém acalmar todas as minhas emoções diante das pessoas que assistiram a essa visita, e decidi-me. O sentimento de meus deveres perante a humanidade, o desejo de devolver um jovem infeliz à sua família em prantos, a ambição de reivindicar a honra da minha arte, me levaram à resolução de desprezar todo perigo pessoal, e dedicar-me ao destino do paciente.

“No dia seguinte, empreendi minha primeira operação. Pelo efeito da magnetização, o doente, passando ao sono magnético, acalmou-se, mas sentia puxões e movimentos convulsivos nos braços e nas pernas, junto com sacudidelas em todo o corpo. A língua saía da boca, e embora ele conservasse suas faculdades intelectuais, das quais me apercebi pelos sinais que me fez para responder às perguntas que lhe fiz, estava inteiramente privado da fala. Temendo a explosão da sua fúria, cujo terrível efeito eu tinha constantemente diante dos olhos, acalmei ora o movimento dos nervos, ora lhe deixei livre curso, conduzindo-o lentamente a termo.

“Após ter dormido o sono magnético durante uma hora, o paciente despertou, e estendeu fortemente as pernas por três vezes. Não tinha nenhum conhecimento do que ocorrera, mas sentia-se aliviado e confortado. Quando o deixei, estava bastante bem.

“Dia sim dia não, continuei a magnetizá-lo. O sono magnético, que se desenvolvia pouco a pouco, era interrompido por acessos de raiva, a tal ponto que o doente destruía suas roupas, a roupa de cama, a cama, etc. Consentí até certo ponto, e, interrompendo então bruscamente os acessos, exerci sobre ele essa grande força magnética soprando sobre ele. Geralmente ele despertava, depois de um sono magnético de uma hora,

aliviado e tranquilo. O efeito da magnetização e do sonambulismo cresceu de dia para dia. O número de pessoas que vinha assistir ao tratamento aumentou diariamente. Já se regozijavam de ver a calma suceder aos violentos acessos. Essa alegria era bem prematura. Em breve o furor do doente se tornou tão alarmante, que não só para mim, mas para todos os que deviam aproximar-se dele, a empresa era eminentemente perigosa. Minha força magnética conservava entretanto seu poder sobre o paciente. Após seis operações, consegui fazê-lo passar ao estado completo de sonambulismo; foi então que ele me declarou não poder ser curado senão pelo magnetismo, e me anunciou de antemão, com a mais perfeita exatidão, as horas e os minutos em que ocorreriam seus acessos. Obtive, dessa maneira, o conhecimento de todo o perigo que teria de correr, mas também dos meios para me preparar para tal.

“Após oito ou nove magnetizações, o momento crítico para o doente e para mim aproximava-se decididamente. Ele me predisse que ao fim de três dias teria um acesso de raiva que duraria duas horas e meia.

“Essa raiva, disse-me ele, será tão violenta que não poderia responsabilizar-me pelo perigo que tendes de correr. É uma grande tarefa para vós empreender minha cura. Quando o furor começar a manifestar-se, será preciso deixá-lo continuar durante vinte minutos, ele será então excessivo; mas depois de ter mandado arrombar as portas, é preciso bruscamente jogar-vos sobre mim e interromper meu acesso. Não ousou prometer-vos que conseguireis realizar esse grande esforço; mas se não o empreenderdes, para mim não há mais nenhuma esperança, devo perecer infalivelmente. O único meio que me resta, já vos disse: mas pensai bem nisso, em nenhum caso encontrareis solução sem quebrar *ovos*.

“Calou-se por um instante, depois, com lágrimas nos olhos, perguntou-me: “Ousareis empreendê-lo?” Fiquei comovi-

do até o fundo da alma; lutei com mil impressões diversas que dilaceraram uma a uma meu coração aflito. Tomei minha decisão. Em nome de Deus, assim seja! exclamei. O pobre homem pegou minha mão, beijou-a com ardor, testemunhou-me seu reconhecimento, e recomendou-me que não lhe dissesse nada quando ele despertasse sobre o que se passara em seu sono magnético.

“O dia temido chegou; logo às cinco da manhã fui à casa do Sr. Crooswijck acompanhado pelo digno cirurgião Van-Wageninge, o qual, em todas essas circunstâncias penosas, me prestou fielmente ajuda e assistência.

“Embora tivesse o coração oprimido, estabeleci meu plano de conduta. Tirei a gravata que substituí por uma fita de papelão preto, a fim de não ser estrangulado; tomei um cordial e preparei-me para o ataque. Às seis horas, momento previsto pelo doente em sonambulismo, o acesso começou. O furioso lançou um urro pavoroso; agitava-se com violência, rasgou os lençóis, os cobertores da cama e a camisa. Os vinte minutos estavam prestes a se esgotar. Tiramos as traves e os barrotes que trancavam as portas do quarto, a porta do apartamento foi fechada atrás de mim; de longe contemplei, não sem horror, o assustador rosto do frenético. Semelhante a um animal feroz, sua língua pendia para fora da boca, e as mãos estenderam-se para mim como as garras de um tigre; seu aspecto era medonho!... O momento fatal chegou, o combate deve começar. Reunindo todas as minhas forças, lanço-me sobre o infeliz, e agarro-o pelas omoplatas. Eis-nos postados, ambos, como dois inimigos irritados; ele pegou-me pelos ombros, e a luta começou. A terra parecia ceder debaixo dos meus pés, meus cabelos se eriçavam na cabeça; reavivei minha coragem, soprei sobre o furioso com toda a intensidade possível, sabendo, por experiência própria, que esse meio me dava sobre ele o máximo poder. Tive a felicidade de triunfar. Esta luta, que apenas esboço,

não durara mais do que cinco ou seis minutos, quando o paciente caiu no chão como morto; estava no sono magnético. Cai eu também completamente esgotado ao lado dele. Minhas roupas estavam em farrapos, todas rasgadas.

“Descansai um pouco, disse-me o sonâmbulo, dois acessos, mais violentos ainda, vão seguir-se; avisar-vos-ei fazendo este sinal com a mão...” O senhor doutor Wageninge e o irmão mais velho do infeliz entraram. Mal eu me recuperara de meu esgotamento, e o doente fez o sinal fatal. Esses dois senhores deviam segurar-me pelo rins; o paciente, em sua demência, fazia todos os esforços para me agarrar pela garganta; foi somente com toda a intensidade de meu sopro que consegui mantê-lo suficientemente afastado de mim para que ele não conseguisse saciar sua raiva. Imagine-se minha posição; estava a ponto de sucumbir, quando de repente esse acesso parou e sobreveio a calma. Após alguns minutos de descanso, o terceiro acesso se manifestou sob formas ainda mais medonhas. Passei de novo por provas terríveis, mas saí vencedor do combate.

“Acreditava-se ter superado o mal, já corriam lágrimas de alegria; o próprio paciente cobria minhas mãos de beijos ardentes para me testemunhar sua gratidão. Ai! Não havíamos conjurado senão a menor parte da tempestade. Na magnetização comum, e no mesmo dia, às onze horas da manhã, hora em que o magnetizei, o sonâmbulo predisse-me que, durante três dias seguidos, ele seria atacado de raiva e hidrofobia; no terceiro dia, o mal estaria no ápice; se nesse dia, antes das quatro horas da tarde, ele não tivesse bebido água três vezes, sua perda seria inevitável. Os dois primeiros dias passaram-se sob circunstâncias horrendas. O louco enraivecido estava mais perigoso do que nunca; quebrou com as mãos os móveis mais sólidos, demoliu a lareira e as janelas, correndo o risco de fazer desabar a muralha de apoio. O terror do terceiro dia está acima de toda concepção; o frenético pediu, uma terceira vez, de beber; pego

a taça, mas ele a entorna caindo em cima de mim para me dilacerar com os dentes. A hora fatal ia soar, estava tudo perdido. O infeliz louco continuava suas demolições sempre sem ferir as mãos, seus únicos instrumentos. Vai mesmo quebrar a porta, estamos prestes a fugir persuadidos de ter feito, para salvá-lo, tudo o que era humanamente possível. Quatro horas vão soar.... Mas a voz tonitruante do infeliz gritava três vezes beber! beber! beber! Corro para ele, apresento-lhe a taça, ele hesita, recusa; esgoto sobre ele toda a minha força magnética, e ele bebe.

“Nada estava feito ainda; durante as magnetizações ulteriores, alguns dias depois das últimas provas, ele me predisse três outros acessos, mais terríveis ainda, que ocorreriam em diferentes épocas mais ou menos afastadas.

“Ele seria salvo se eu pudesse continuar nele o mesmo tratamento.

“Essas três crises ocorreram efetivamente, e numa progressão pavorosa. O infeliz foi amarrado pela cintura com uma tira de cobre à qual se chumbara uma corrente de ferro, que se pregou com fortes grampos a uma estaca fixada no chão. Na primeira dessas crises, ele demoliu tudo o que o comprimento da corrente lhe permitia alcançar.

“Antes da segunda, foi colocado, com o consentimento da regência, numa casa que estava sendo demolida. Nada lhe pôde resistir. Mais de duzentas pessoas vieram para testemunhar esse delírio horrendo.

“Na véspera do dia em que o terceiro ataque devia ocorrer, o doente foi transportado a Schiedam, num castelo desabitado, e aí, amarrado a uma longa corrente fixada a uma sólida estacada, pôde saciar sua raiva nas paredes espessas e nas pedras de cantaria.

“..... As três últimas crises foram superadas como as precedentes.

“De volta a casa, o doente experimentou ainda alguns acessos novos que a magnetização acalmava depressa, e pouco a pouco os acessos foram diminuindo e não reapareceram mais.

“Esse jovem interessante goza de perfeita saúde, e associa a um espírito calmo todas as faculdades intelectuais.”

A observação que acabamos de relatar é certamente única nos anais da medicina. Poder-se-ia acrescentar-lhe, entretanto, como análoga, a que se encontra consignada no *Exposé des cures du magnétisme* [Relatório das curas do magnetismo]³⁴, na palavra *Loucura*; mas é ainda o resultado do magnetismo, pois não há nenhum médico que não confesse a impotência de nossa arte para levar à cura semelhante doença, através de todas as fases percorridas pelas loucuras furiosas.

No caso de que se trata, a doença complicou-se com raiva. Este fenômeno mórbido observa-se muito raramente. Distingue-se da raiva virulenta, neste sentido em que ainda não se chegou a um acordo sobre a possibilidade de sua transmissão pelo homem a seu semelhante. Este acidente é uma neurose que se chama *raiva espontânea*, e seu desfecho não é necessariamente mortal como na raiva comunicada e desenvolvida. Mas seus sintomas são os mesmos, e os perigos corridos pelas pessoas que se aproximam desses infelizes hidrófobos são muito grandes.

Apesar do sublime poder e dos felizes resultados que o magnetismo obteve nesses casos extremos, é preciso confessar que se fica contristado ao pensar que é ainda somente um meio bem excepcional, e que estaria longe de proporcionar os mesmos benefícios em muitas dessas loucuras furiosas, e nessas epilepsias complicadas como se encontram tantas vezes.

³⁴ Mialle. *Exposé des cures opérées par le magnétisme*, desde Mesmer até nossos dias., 1826. 2 vol. in-8º.

Todavia, por que não tentar a única oportunidade de salvação que resta, quando se está convencido de que em medicina pode-se aguardar apenas a incurabilidade e as dores de uma permanência perpétua no hospital? Seguramente se obteriam alguns sucessos, e dentre esse número tão alto de alienados, de epiléticos de todos os gêneros, encontrar-se-iam alguns que um tratamento pelo magnetismo devolveria à vida normal.

Ao ver os sucessos espantosos que os sonâmbulos lúcidos obtêm sobre si mesmos prescrevendo-se com muita frequência remédios enérgicos, perguntamo-nos se, nesse fenómeno, não haveria uma outra causa que dominaria a ação do medicamento. Não seria essa causa a *força psíquica* da alma que crê em tal efeito, no seu corpo, de uma medicação que ela prescreve e exige? Se essa causa não é todo-poderosa, ela se soma certamente à ação dos remédios. Ela seria evidentemente aniquilada, se a virtude da medicação ultrapassasse a capacidade da resistência vital.

Ocupar-nos-emos mais tarde dessa questão capital, que ainda não reteve a atenção dos magnetizadores.

Temos agora de avançar na aplicação das faculdades sonambúlicas ao tratamento das doenças.

SONAMBULISMO COM SIMPATISMO OU COM LUCIDEZ ESTENDIDA A OUTROS DOENTES.

Georget, fisiologista bem conhecido, foi um dos primeiros médicos franceses a dizer:

“Não pode existir medicina perfeita senão a dos sonâmbulos, no que lhes diz respeito, e *é possível utilizar para os outros o admirável instinto deles.*”

Georget, dizem os médicos, mudou de opinião. Não, pois escrevia, no leito de morte: “O sonambulismo não me permite mais dúvidas sobre a existência em nós e fora de nós

de um princípio inteligente, completamente diferente das existências materiais. Há em mim uma convicção profunda baseada em fatos que creio inabaláveis.”

Eis o que creem todos os magnetizadores, a respeito dos sonâmbulos consultados para um doente.

É Deleuze que fala por todos:

“Não há dúvida de que existem sonâmbulos dotados de tal lucidez que, quando postos em relação com um doente, explicam claramente a origem, a causa e a natureza da doença, e prescrevem os remédios mais convenientes indicando o efeito que eles devem produzir e as crises esperadas. Anunciam uma doença que deve desenvolver-se dentro de alguns meses, e as precauções que será preciso tomar quando se perceberem os primeiros sintomas; eles veem mesmo o estado moral do doente, penetram seu pensamento e dão-lhe conselhos consequentes; mas esses sonâmbulos são raros; e mesmo aqueles que deram provas dessa inconcebível clarividência não a conservam sempre, e não a possuem a não ser em certos momentos ³⁵.”

Esses sonâmbulos são raros! Retende bem esta declaração, e compara-a com o grande número de indivíduos que são apresentados como sonâmbulos capazes de consultar um doente. Não se terá a certeza de que muitos são imperfeitos e inábeis para cumprir a tarefa que se quer que cumpram?

Todavia, aqui também, como para o sonambulismo individual, o fato existe e merece a mais séria atenção.

Se uma pessoa doente for posta em relação com um sonâmbulo suficientemente lúcido, ocorre um destes dois fenômenos.

O sonâmbulo vê as partes doentes e descreve-as com maior ou menor perfeição, servindo-se de expressões sempre

³⁵ Deleuze. *Instruction pratique* sur le magnétisme animal [Instrução prática sobre o magnetismo animal], 2ª ed. 1846. Página 264.

figuradas, se não conhecer de antemão os nomes daquilo que vê.

Ou então ele sente, com frequência muito vivamente, os mesmos sofrimentos que o doente, e indica assim a sede do mal e todas as suas simpatias.

Nesse caso, a visão pode não se manifestar, ou sobrevir após a sensação.

A visão não tem nenhuma espécie de inconveniente: exceto a emoção e a repugnância que o sonâmbulo sente naturalmente nas primeiras vezes em que exerce essa faculdade, logo se habitua a isso, e nada mais vem perturbar as experiências que se tentam.

Não acontece o mesmo quando o sonâmbulo sente as dores do consulente, pois observam-se frequentemente acidentes que inquietam muito, mas que não deixam entretanto nenhum incômodo, quando o magnetizador sabe conduzir bem o seu sonâmbulo.

Puységur, esse hábil observador, que disse quase tudo sobre o sonambulismo, escreve em suas Memórias esta passagem notável:

“A susceptibilidade que têm os doentes em crises magnéticas de contrair com prontidão certas doenças foi-me várias vezes demonstrada. O perigo que os sonâmbulos correm tocando certos doentes, não deve contudo assustar a ponto de não mais os consultar sobre as doenças dos outros, mas é preciso fazê-lo com precaução... nem todos os sonâmbulos magnéticos são, creio eu, igualmente susceptíveis. Consultei um dia Viélet sobre as espécies de doenças que podiam se comunicar mais facilmente aos sonâmbulos; ele mesmo tivera duas ou três vezes essa triste experiência. A resposta, que ele me deu por escrito e a qual conservo, foi que as mais perigosas eram a epilepsia, o escorbuto, a diarreia, a paralisia fria, a gota ciática, a sarna, os humores frios, e todos os males venéreos.”

Efetivamente, observam-se por vezes os sonâmbulos, cuja faculdade é somente o simpatismo sem a visão ou mesmo com ela, sentir às vezes todas as dores de um doente, e é quase sempre quando o puseram em relação com uma afecção nervosa grave. Constatamos esse fato várias vezes para a epilepsia; quanto às outras doenças de que fala Puysegur, acreditamos que ele se engana.

A esse respeito, ele cita o fato seguinte:

“Agnès Rémont, quando para sua desgraça, e mais ainda para a minha, tive a imprudência, ou melhor a ignorância de lhe dar para tocar uma jovem doente que caía de epilepsia e estava quase inteiramente parálitica... Ao fim de sete a oito minutos empregados em tocar essa menina, qual foi minha surpresa ao ver Agnès retirar precipitadamente suas mãos e me dizer, depois de um grito de pavor que não se pode descrever, que ela acabava de pegar o mal. No mesmo momento foi tomada por males de nervos e grita: Estou perdida. Mando pô-la numa cama, precisava-se de dois homens para contê-la; ela fica assim mais de uma hora e meia antes de se tranquilizar; eram então sete e meia da noite: enfim ela anuncia que vai ficar tranquila um quarto de hora, mas ao fim desse tempo as convulsões recomeçarão com a mesma força, para se renovarem a cada quarto de hora, até quatro horas da manhã; então ela verá claro o seu destino e poderá dizer-me o que resultará de sua doença.

“A necessidade de socorro que o estado dessa mulher exigia fez-me todavia me distrair de mim mesmo e pensar só nela; restava-me ainda um pouco de esperança de obter por ela mesma às quatro horas da manhã notícias mais satisfatórias de seu estado; por conseguinte, não a deixei e velei-a toda a noite. A cada quarto de hora suas convulsões se manifestavam; eu tinha Ribault e Clément para me secundar; esperávamos ser recompensados pelos nossos esforços quando, para cúmulo da

desgraça, às quatro horas da manhã, essa mulher se pôs a chorar, o que ainda não fizera, e em vez de nos tranquilizar, disse-nos que não havia cura possível. Isso não é possível, gritei alarmado. Não, não podeis curar-me, eu vejo meu estado.... seria preciso demasiado tempo; vós partireis, e não posso ser curada antes de vossa partida. Enfim, depois de muitas lágrimas e soluços, ela me anuncia que é preciso que seja magnetizada durante dois meses e meio; caso contrário permanecerá epilética; todo o seu lado esquerdo se paralisará, e enfim ela perecerá miseravelmente.”

É inútil dizer que Puységur se devotou para salvar Agnès Rémont que recuperou perfeitamente a saúde.

O doutor Bertrand publicou dois tratados que preparavam grandes esclarecimentos na ciência do magnetismo, e consagra sem restrição o fenômeno da lucidez sonambúlica aplicada a outros doentes que não o sonâmbulo para si mesmo. Esse se retratou publicamente, dir-se-á. Também não, Bertrand não infirmou de modo nenhum os fatos que publicou, proclamou somente que o sonambulismo se produzia pela ação da imaginação do sujeito sobre seu sistema nervoso, em vez de ser o resultado de um agente emanado de um sistema nervoso estranho. Só a teoria, e não os fenômenos, foi renegada por Bertrand, o qual, agora, se sentiria muito embaraçado para sustentar sua opinião exclusiva.

Eis uma observação que tomamos emprestada dele para acabar de fazer compreender o que entendemos por sonambulismo com simpatia:

“Eu observava uma sonâmbula da qual me haviam dito que tinha a faculdade de reconhecer as doenças; eu a vira mesmo várias vezes dar consultas a alguns doentes que tinham parecido surpresos de vê-la indicar todos os males que os afetavam. Não me contentei com o que me relatavam, e quis pôr à prova a sonâmbula com uma doente cujo estado eu conhecesse

de antemão. Coloquei-a em relação com uma jovem cuja principal doença eram acessos de asma. Quando a doente chegou, a sonâmbula estava adormecida, e eu tinha certeza de que ela não podia conhecer a pessoa que eu lhe trazia. Entretanto, após alguns minutos de contato, ela pareceu respirar dificilmente, e logo senti todos os sintomas que acompanham uma forte revolução de asma. Sua voz extinguiu-se, e disse-nos que a doente estava sujeita ao gênero de opressão que ela acabava de sentir. Não se limitou a isso, e acrescentou o detalhe de um grande número de acidentes e de dores parciais às quais a doente estava sujeita, e que ela reconheceu com a maior precisão; mas o que manifestou de maneira incontestável a faculdade que a sonâmbula tinha, foi a descoberta que ela fez de uma afecção herpética de que a doente estava afetada nas partes genitais. Nenhum de nós tinha conhecimento disso, e só a doente pôde nos contar quanto ela acertara.”

Esses inconvenientes, ou até mesmo esses perigos, que os sonâmbulos podem correr consultando para outras pessoas, ditaram ao Sr. Gauthier um método que parece muito prudente, mas que retira uma grande garantia sobre o grau de lucidez do sonâmbulo.

O Sr. Aubin Gauthier diz: “A todo doente que pede para consultar um sonâmbulo, ou à pessoa que se apresenta por ele, deveis fazer esta pergunta: Para que natureza de doença quereis consultar³⁶? Se vieram até vós, é porque sois conhecido como médico magnetizador ou como magnetizador instruído em medicina magnética; escolheram-vos por vossa reputação e a do vosso sonâmbulo; então o que significa essa reticência a vosso respeito? Quando se vai a um médico para lhe pedir seus conselhos, não se lhe pede para adivinhar nada; expõe-se-lhe tudo

³⁶ *Revue magnétique* [Revista magnética]. Junho de 1845.

abertamente. É preciso que se faça o mesmo; senão menosprezam-vos, e então deveis fazer respeitar vosso caráter.”

Estas palavras parecem muito justas; mas hoje ainda não se poderia agir assim com muitas pessoas; a confiança no magnetismo não é suficientemente grande: todavia seria a mínima consideração se não houvesse outra de maior valor que interessa mais ao magnetismo.

Deleuze e todos aqueles que estudaram conscienciosamente o magnetismo, e que o praticaram muito tempo e numa ampla escala, reconhecem que a lucidez dos melhores sonâmbulos é variável; que os sonâmbulos capazes de consultar os outros são raros, e que quase todos estão inclinados ao amor-próprio, podendo dizer por conseguinte que veem quando isso não ocorre.

Ora o magnetizador mais experiente pode ser enganado por seus sonâmbulos, se, cheio de confiança na lucidez deles, lhes disser: Examinai a cabeça, o peito ou qualquer outra parte.

O magnetizador, diz o Sr. Gauthier, não revelará nada ao sonâmbulo; é unicamente para ele que a confidência da doença terá sido feita. Para que serve então? Para evitar essa relação, se se quiser consultar para uma doença que temeis que impressione dolorosamente demais o vosso sonâmbulo? Mas esse sonâmbulo é conhecido por vós, como tendo a faculdade de visão ou a de sensação. Se ele tem a primeira faculdade, sempre podereis pô-lo em relação; ele não apresentará o simpatismo físico a não ser muito raramente e num grau muito pouco intenso, e que vós detereis, além disso, imediatamente.

Se ele tem a faculdade de sensação, é mais desagradável; mas então sabereis dele as doenças que ele não deve consultar, e com um sonâmbulo semelhante fareis ao consulente a pergunta em termos mais gerais; perguntar-lhe-eis, por exemplo: É para a epilepsia, a loucura, a paralisia, que vindes consultar-me?

Pois, nesses casos, eu não poderia pôr meu sonâmbulo em relação senão depois de tê-lo avisado.

Como regra geral, preferimos que o sonâmbulo e o magnetizador ignorem do que se trata, porque aos inconvenientes assinalados, é preciso acrescentar que o magnetizador, pelas suas perguntas, pode pôr no caminho do que se deve dizer um sonâmbulo habilidoso que não veja e que, começando por informações gerais, conseguiria facilmente ser encaminhado por alguém confiante demais. Vimos muito frequentemente magnetizadores confiantes ajudarem, sem pensar, sonâmbulos que não viam nada, então exortamos todos a tomar todas as precauções para se assegurarem da lucidez dos sonâmbulos.

A lucidez sonambúlica estendida a outro doente por um sonâmbulo foi constatada pelos doutores Bourdois de la Motte, Fouquier, Guéneau de Mussy, Guersent, Husson, Itard, Leroux, Marc e Tillaye, reunidos em comissão por ocasião do exame do magnetismo, em 1830, pela Academia de Medicina.

Eis como se expressa o relatório lido, em 28 de junho de 1831, à Academia³⁷:

“Acabamos de vos oferecer dois exemplos notáveis da intuição, desta faculdade desenvolvida durante o sonambulismo, e em virtude da qual dois indivíduos magnetizados viam a doença que os atingia, indicavam o tratamento pelo qual se devia combatê-la, anunciavam o fim dela, previam seus ataques. O fato cuja análise vamos apresentar-vos ofereceu-nos um novo gênero de interesse. *Aqui o magnetizado, mergulhado no sonambulismo, julga a doença das pessoas com as quais ele se põe em relação; ele determina a natureza dela e indica o remédio.*

³⁷ Foissac. *Rapports et discussions de l'Académie Royale de Médecine sur le magnétisme animal* [Relatórios e discussões da Academia Real de Medicina sobre o magnetismo animal], com notas explicativas. Paris. 1833. 1vol.in-8°. Página 189.

“.....Em 21 de fevereiro de 1827³⁸, o relator foi procurar o Sr. Foissac e a Srta. Céline, e conduziu-os a uma casa, sem lhes dizer nem o nome, nem a residência, nem a natureza da doença da pessoa que ele queria submeter ao exame da sonâmbula.

“A doente apareceu no quarto onde se fez a experiência apenas quando o Sr. Foissac adormecera a Srta. Céline, e então, depois de esta ter posto uma das mãos da doente na sua, examinou-a durante oito minutos, não como faria um médico, pressionando o abdômen, percutindo-o, escutando-o em todos os sentidos, mas somente aplicando levemente a mão várias vezes sobre o ventre, o peito, as costas e a cabeça.

“Interrogada para saber o que observara, ela respondeu que todo o ventre estava doente; havia um cirro e uma grande quantidade de água do lado do baço; os intestinos estavam muito inchados; havia tumores do volume de um ovo, nos quais estavam contidas matérias puriformes, e esses tumores deviam ser dolorosos; havia embaixo no estômago uma glândula obstruída do tamanho de três de seus dedos; essa glândula estava no interior do estômago e devia prejudicar a digestão; a doença era antiga.....

“Ela aconselhou o uso de uma infusão de borragem e de grama com salitre, de 5 onças de suco de parietária tomado cada manhã, e de muito pouco mercúrio tomado com leite. Acrescentou que o leite de uma cabra que se esfregaria com unguento mercurial meia hora antes de ordenhá-la conviria melhor; prescreveu além disso emplastos de flores de sabugueiro, fricções no ventre com óleo de louro, uma lavagem com uma decoção de quina cortada com decoção emoliente.....

“Esse tratamento não foi seguido..... A doente morreu um ano depois; não tendo sido feita a abertura do cadáver, não

³⁸ Foissac. *Loco citato*. Página 192 e seguintes.

se pôde verificar em todos os seus detalhes o que a sonâmbula dissera.”

Mas eis o que dizia o relatório, antes da citação que acabamos de extrair:

“A Srta. de N... sofria, há cerca de dois anos, de uma hidropisia ascite, acompanhada de numerosas obstruções, umas do volume de um ovo, outras do volume de um punho, algumas do volume de uma cabeça de criança, e das quais as principais se localizavam no lado esquerdo do ventre.....

O Sr. Dupuytren já praticara dez ou doze vezes a punção nessa doente, e retirara sempre uma grande quantidade de albumina clara, límpida.....”

Ao lado dos homens distintos cujas experiências e opinião citamos, poderíamos arrolar nomes de estudiosos estrangeiros, pois o Norte se ocupa do magnetismo de maneira séria e científica há já muito tempo, e ser-nos-ia fácil e muito agradável poder divulgar os trabalhos dos Passavent, dos Wolfart, dos Frank e de tantos outros médicos em alta posição na ciência, mas basta o que acabamos de dizer para ter dado uma ideia exata do sonambulismo magnético, e do partido que a medicina pode tirar dele.

Esta extensão extraordinária da faculdade inerente ao doente sonâmbulo proporciona grandes benefícios, mas ela está mais sujeita a induzir ao erro. Não haveria nenhum perigo se se possuíssem as afeições do sonâmbulo, ou se se tivesse certeza de sua moralidade, pois ele fala então quando não vê o mal e quando não acha o remédio. Mas se sois um desconhecido para ele, se uma consulta é para ele apenas uma especulação ou uma questão de dinheiro, então correis perigo; efetivamente, ele pode muito bem dizer aquilo que o hábito e o raciocínio lhe sugerem quando o instinto não lhe traz nada.

Quando um médico pode conservar sonâmbulos que ele mesmo formou, que reconheceu lúcidos, e os emprega para

seus clientes, os inconvenientes desvanecem-se, porque é preciso supor que o magnetizador não utilizaria um sujeito cuja lucidez não conhecesse; quando a lucidez de seu sonâmbulo falta, o que ocorre por mil causas, ele o declara e adia a consulta. Se agisse de outro modo, a censura recairia sobre ele.

A faculdade de consultar para os outros conserva-se mesmo com boa saúde. O hábito do sonambulismo naturaliza de alguma forma esse estado, e se não se abusar, pode-se permanecer lúcido durante anos. O sonambulismo repetido uma a duas vezes por semana não causa, mas se ocorrer todos os dias e mesmo várias vezes por dia, não tarda a esgotar as forças e a tornar sujeito a afecções nervosas. Duvidamos portanto de que certos sonâmbulos de profissão, que são consultados da manhã à noite, estejam realmente em sonambulismo, ou pelo menos estejam lúcidos.

Assim que se esteja bem seguro da lucidez de um sonâmbulo consultado para outra pessoa, é preciso obedecer-lhe tão cegamente quanto se ele falasse para ele próprio.

Éramos iniciante quando tivemos de tratar, depois da medicina comum, uma jovem mulher que, depois do parto, sofria de febre puerperal. Era o quinquagésimo dia da doença. Os médicos que a tratavam haviam deixado a doente com três colheres de sobremesa de leite de burra por dia; isso às vezes era rejeitado, e a esperança abandonara todos os corações.

Tendo magnetizado em vão essa senhora, pusemos em sonambulismo sua amiga, que já tínhamos tratado. Ela nos detalhou o que dizia ver no interior da amiga, e receitou lavagens com água magnetizada, duas xícaras de caldo de carne por dia; em jejum, durante dois dias, duas colheres de um xarope que eu fazia com duas onças de maná, dois pedaços de jalapa do tamanho do dedo, e um pedaço de raiz de turbitó do tamanho do polegar. Esse xarope devia fazer evacuar matérias endurecidas e sangue coagulado. A doente devia ficar curada dentro de

um mês, com a ajuda de um regime que ela indicaria mais tarde.

Aturdido pelo que acabava de acontecer, perturbado pelas conversas dos assistentes, pelas queixas da moribunda, não refletimos imediatamente naquilo que a sonâmbula nos dissera. Quando nos dispusemos a mandar preparar o xarope, apercebemo-nos de que era preciso dar a cada dose uma onça de maná, meia onça de jalapa, e um *gros* [3,816 g, uma onça] de turbito.... E dá-se no máximo vinte e quatro grãos de jalapa! Na verdade era em decoção, mas era enorme para uma doença de semelhante caráter!.... A doente não pode suportar leite de burra, e é preciso fazê-la engolir caldo de carne e um purgante dos mais drásticos!.... Recuamos.... não pusemos senão a metade das quantidades indicadas, e ainda assim tremíamos muito.... Entretanto, houve apenas cólicas muito suportáveis e algumas dejeções sanguinolentas; mas não foram como o que a sonâmbula anunciara.... e o caldo fora bem aceito!....

No dia seguinte consultamos a sonâmbula, e antes que tivéssemos tido tempo de fazer uma pergunta, ela nos disse com um tom irritado:

-“É inútil me adormecer agora, já que não tendes confiança em mim; não destes senão a metade do que eu queria; assim, em vez de um mês, ela levará dois para sarar, e é preciso recommençar.”

Ficamos como que petrificado! Nosso pensamento fora desvelado! Acreditamos então! Não nos afastamos mais dos conselhos da sonâmbula, e desde então as coisas se cumpriram como ela predissera.

As consultas sonambúlicas oferecem portanto grandes vantagens. Quanto a nós, obtivemos por esse meio curas muito notáveis; mas consideramos difícil levar a bom termo uma empresa dessa natureza. Pois aos inconvenientes que assinalamos anteriormente, é preciso acrescentar o de não poder dispor em

dia e hora fixos de sonâmbulos, e ainda mais, não ter certeza da exatidão com que os doentes executam as prescrições. Com efeito, assim que partem, a maioria dirige sozinha seu tratamento, porque a consulta foi dada seja por uma sonâmbula sem magnetizador, seja pela de um magnetizador que não é médico e que se vê novamente só muito tempo depois; ou então, ainda porque não sois o médico da pessoa, e ela não pode vos deixar acompanhar a marcha da doença, por diversos motivos. Todas estas causas são nocivas ao magnetismo, porque tornam as curas completas mais raras do que elas poderiam ser.

Como demonstração das reflexões precedentes, vamos citar alguns fatos.

Neuralgia facial. - A Sra. Ch. *** tinha dores há algum tempo no lado esquerdo da mandíbula, e não podendo mais suportar essa dor, mandou extrair o dente que se pensava ser a causa da dor. Isso não deu resultado, e a dor agravou-se. A metade do rosto foi tomada por dores lancinantes que se concentravam com uma violência intolerável na têmpora e na ramificação da mandíbula inferior. A doente traçava o trajeto da dor, e esse trajeto era o do canal dentário. Em quinze dias a insônia, os gritos, as dores, a febre, determinaram uma alteração da saúde que se tornava inquietante, e apesar de todos os remédios que puderam aconselhar dois médicos consultados para tanto, foi preciso passar ainda oito dias nesse estado tão doloroso.

Quando chegamos, a Sra. Ch. encontrava-se num estado deplorável; incapaz de comer; não querendo entrar na cama tal o horror que tinha das noites; sem descanso de uma única hora num dia, e o que era pior, temendo com razão ficar nesse atroz sofrimento durante um tempo indeterminado, visto que os remédios não haviam tido efeito. Não contávamos senão com o magnetismo, e magnetizamo-la; mas em vez de acalmar a dor, como esperávamos, nossa mão, passando na frente da têmpora e da bochecha, produzia a sensação de um ferro em brasa, em-

bora estivesse bastante afastada. Essa ação sobre os nervos doentes foi tal que a doente saltou da poltrona como se tivéssemos lacerado seus nervos. Alguns minutos depois dessa crise as gengivas, sede de dores agudas, soltaram um pouco de sangue, e depois sobreveio a calma. Durante a noite que se seguiu, a doente dormiu algumas horas, o que não ocorria há muitos dias. O remédio agira eficazmente, mas fora tão doloroso que não pudemos convencer a doente a se submeter a ele de novo. Ela se retirava ao menor sentimento de ação. Resolvemos então consultar uma jovem mulher que lhe era devotada e que tinha um sonambulismo muito clarividente.

Assim que essa sonâmbula pegou a mão da Sra. Ch., levou a sua ao rosto, seguiu com o dedo o nervo dentário, e subiu até a têmpora e a mandíbula; depois disse: “Este nervo (o dentário) está unido a um vaso de sangue (a artéria dentária); acontece o mesmo aqui (na têmpora). Pois bem! Estes vasos estão tão inchados pelo sangue, e seu tecido tão inflamado, que eles comprimem os nervos e irritam-nos. São eles que é preciso curar.

“É preciso magnetizar da cabeça aos pés e não se deter na parte doente”³⁹.

“Fazer lava-pés, aplicar à noite emplastos de flores de sabugueiro, e daqui a dois dias fazer uma forte sangria no braço direito.”

No terceiro dia depois da sangria houve uma calma desconhecida até esse momento. Os acidentes não reapareceram e a cura foi perfeita desde esse dia.

Esta observação merece a atenção do médico, pois reunindo-a àquela que apresentaremos depois, relativamente à secção da artéria temporal para uma nevralgia dessa região, e a

³⁹ Vê-se a influência da maneira de magnetizar. Pode-se fazer mal com o magnetismo quando ele é dirigido no sentido contrário. Só a prática e o estudo da fisiologia podem formar o magnetizador.

outras que não relataremos aqui visto que são análogas, conclui-se que em certos casos a nevralgia não é primitiva nem essencial, que ela é ao contrário a consequência e o efeito de uma inflamação das partes vizinhas dos nervos. Esta distinção é da maior importância para o tratamento, como se acaba de ver.

Com alguns sonâmbulos muito lúcidos a relação do doente pode ser estabelecida através de cabelos, mais raramente com a ajuda de objetos usados pelo doente. Este modo de comunicação pode ser muito certo; porém ele ainda é causa de muitos semissucessos. Efetivamente, para que este meio funcione, é preciso que haja uma lucidez muito grande e que os cabelos ou objetos não tenham recebido nenhuma emanção alheia, o que é mais difícil de evitar do que se imagina. Preferimos então a relação imediata.

Entretanto, este gênero de consulta, conduzido com todas as precauções necessárias, pode ter uma dupla vantagem, a de levar a convicção ao espírito dos consulentes, e a de curar doenças da mais alta gravidade. Assim, tendo o magnetizador reconhecido uma *lucidez suficiente* em seu sonâmbulo, não receberá, por parte da pessoa que lhe traz os cabelos de um doente, nenhuma informação sobre a doença; ele deve, em nossa opinião, ignorar tudo. Então, entregando os cabelos ao sonâmbulo, este assinalará as partes doentes, com a descrição anatômica das desordens que aí existem, ou sentirá as mesmas dores que o doente. Com esta descrição, parece-nos que a boa fé e a justiça reconhecerão a veracidade dos magnetizadores, a preciosa faculdade dos sonâmbulos, e que, confiando na possibilidade de *ver e de sentir o mal*, o homem sensato e imparcial acreditará igualmente no *instinto dos remédios*; um não é mais extraordinário do que o outro, embora a existência de uma das duas faculdades não implique necessariamente a da outra.

Observação. - A força das batidas cardíacas, sua frequência pelo menor movimento e outros sinais, haviam feito

considerar como uma hipertrofia do coração, com começo de aneurisma, a afecção que atingia Henri Blot, jovem de 18 anos.

A carreira desse jovem foi interrompida; precisou viver enfraquecido longe dos lugares onde sua família o colocara para os negócios. Os médicos de Paris mandaram-no de volta para Orleães, onde ele seguiu os tratamentos aconselhados, mas sem experimentar nenhuma melhora, pois, no terceiro ano, seu estado se tornara alarmante.

Fez-se então o que se fará ainda muito tempo: recorreu-se ao magnetismo.... sempre os incuráveis da medicina!...

Tendo magnetizado Henri sem obter nenhum efeito apreciável, recorremos, com uma mecha de cabelos, a um outro sonâmbulo.

Eis seu diagnóstico:

“O coração não é nem maior nem mais dilatado do que o habitual; mas os vasos que se alastram sobre ele estão muito inchados pelo sangue. A bolsa que envolve o coração é excessivamente vermelha; esta membrana está espessada...; é ela que irrita o coração e o faz bater tão forte.”

Tínhamos então uma pericardite para tratar, com um estado pletórico dos vasos do coração; mas não era a fibra carnuda do órgão que estava hipertrofiada, e as cavidades estavam em seu estado normal.

O tratamento foi enérgico e completamente prescrito pelo sonâmbulo. Compôs-se de emplastos de plantas resolutivas e de sanguessugas na região do coração, de banhos aromáticos até o estômago, depois algumas purgações, uma sangria do pé e lavagens compostas. Toda essa medicação foi detalhada em seu modo e tempos de administração; foi exatamente seguida sob nossa direção, durante três meses. Nessa época, perguntamos ao sonâmbulo, sempre com cabelos, em que ponto estava a doença.

“A membrana mudou de aspecto: está rosa, mas ainda inchada demais. Continuai o tratamento algumas semanas, e tudo estará acabado.”

O frescor e a saúde voltaram efetivamente; o sentimento de incômodo e de ansiedade que oprimia continuamente desapareceu completamente com as palpitações, e hoje contamos vários anos desde a cura.

Outro fato. – Foi após a utilização das águas de Enghien, receitadas com sucesso para uma surdez, que o Sr. A. de Saumery se viu presa de uma viva inflamação do estômago e dos intestinos. Os tratamentos mais bem dirigidos não puderam impedir a doença de passar ao estado crônico, e de colocar esse jovem no maior marasmo.

Em 1838, quando o vimos, ele estava reduzido a só poder tomar, como único alimento durante o dia, algumas xícaras de leite. Nada, absolutamente mais nada era digerido. O definhamento extremo era acompanhado por uma febre lenta, dores surdas em todo o abdômen, e o doente, aos 20 anos, mal podia arrastar o esqueleto pelos seus aposentos.

Tendo submetido a uma sonâmbula uma mecha de cabelos do doente, ela viu:

“O estômago muito vermelho, uma *barra* de sangue partindo das costelas flutuantes e se estendendo sobre o estômago; os intestinos muito *inchados*, salpicados de um sangue negro.”

Seu tratamento se conciliou de resto com os dados da medicina. Compôs-se de semibanhos emolientes, seguidos da aplicação no ventre de cataplasmas compostos de certas plantas, depois de chás de agrião com um xarope laxativo, e líquen-da-islândia durante o dia. As bebidas deviam ser magnetizadas⁴⁰; os dias, as horas dos remédios foram também determinados.

⁴⁰ A saturação da água pelo fluido magnético torna esse líquido muito apropriado para fazer grande bem em certas doenças. O agente vital é efetivamente levado diretamente às vísceras. Os antigos magnetizadores empregavam esse

- Para dizê-lo de passagem, é a essa pontualidade minuciosa, e que parece ridícula, que os sonâmbulos atribuem seus sucessos. Os remédios que indicam, executados nas doses e nas horas prescritas, gozam de uma ação muito particular, pois o organismo, dizem eles, e sobretudo o organismo doente, é submetido a variações muito complexas no intervalo das vinte e quatro horas; portanto, se não se entendem e não se apreciam essas relações e esses distúrbios do sistema nervoso, não se pode tratar nenhum doente com precisão e certeza de sucesso.

Observação. - O Sr. abade *** aparentava muito boa saúde, no entanto sofria de asma cujos ataques mais ou menos próximos o cansavam muito. Os acessos consistiam numa grande dispnéia que forçava o doente a levantar-se, pois era sempre à noite que ocorriam; uma tosse seca, convulsiva, substituíra o sufocamento, e o acesso terminava pela expectoração de um muco muito claro. O outono era a estação em que os acidentes eram mais frequentes. O começo dessa doença datava da idade de 15 anos, e na época em que o Sr. abade nos consultou, tinha aproximadamente 43 anos, era em 1839.

Uma sonâmbula foi consultada por intermédio de uma mecha de cabelos.

Diagnóstico. - “Os tecidos que envolvem os pulmões estão fechados sobre si mesmos, e por momentos devem ficá-lo bem mais ainda. Os que estão perto das costas estão vermelhos.”

Esta sonâmbula oferecia mais o fenômeno da visão do que o do simpatismo.

Tratamento. - “Durante oito noites pôr na frente e atrás do peito um cataplasma com folhas de cicuta, artemísia e verbena.”

poderoso auxiliar bem mais frequentemente do que nós, e acreditamos que tinham razão.

Oito dias depois, segunda consulta com os mesmos cabelos.

“Durante seis meses tomar-se-á todo dia três xicarazinhas de uma infusão de flores de malvaíscio e de hera-terrestre, adocada com xarope de goma.

“A cada vinte dias, durante seis meses, purgar-se-á.

“Depois desse tempo, repousar-se-á dois meses, depois retomar-se-ão quatro purgações, a um mês de distância.

“Estar-se-á curado de uma doença que se tornou muito grave.”

Transcrevemos textualmente as palavras da sonâmbula, e temos certeza de que essa mulher, de uma educação mais do que comum, ignorava, antes como depois de seus sonos magnéticos, a arte de combinar um tratamento tão racional.

O Sr. abade ***, plenamente confiante no sonambulismo, seguiu com exatidão o que lhe fora prescrito, e viu-se livre da asma, como lhe fora prometido. Há seis anos que não sente nenhum acesso.

Observação. – Cartas do Sr. padre de ***.

“19 de julho de 1844.

“Senhor doutor,

“Adquiri no ano passado vossa excelente *Fisiologia do Magnetismo*¹. Tendo eu mesmo estudado e praticado essa ciência, pude convencer-me do domínio que tendes de vosso assunto.

“Venho portanto, senhor doutor, na qualidade de exadepto, e como doente, recorrer à vossa benévola caridade. Por conseguinte, proponho-vos esta pergunta, ou melhor estas perguntas: Teríeis alguns sonâmbulos com cuja lucidez se poderia absolutamente contar? Poderiam eles consultar com certeza por meio de uma mecha de cabelos?”

¹ Era nossa primeira edição de 1841.

“Desejaria recorrer a este meio, não tendo nunca podido obter cura pelas vias habituais. Vós me direis talvez, mas já que haveis praticado o magnetismo, por que não recorreis a ele? Minha resposta é simples: nunca pratiquei *ex professo*; meu estado (sou padre) e as prevenções da época mo proibiam. O que fiz foi então apenas em casos isolados, unicamente para o alívio dos doentes.

“Desejo imensamente, senhor doutor, que tenhais a bondade de me responder. No caso em que a resposta seria favorável, eu iria a Orleães, ou enviar-vos-ia primeiramente uma mecha de cabelos, se não preferirdes fazer uma tentativa com minha carta.

“Achareis talvez espantoso que na minha qualidade de padre vos faça semelhante pedido. A isso, respondo-vos que não compartilho as prevenções da maioria de meus confrades; que tendo eu mesmo consultado Roma, no ano passado, sobre o que os jornais anunciaram da condenação feita pela Inquisição, do magnetismo animal, foi-me respondido que não se tinha condenado o magnetismo *in se*, mas *pro ut exponitur*.

“Magnetizei minha carta, a fim de que possais vos servir dela, para fazer uma tentativa. Transmitir-vos-ei fielmente meu estado, comparado com a consulta sonambúlica.

“Vosso muito humilde, etc.”

“26 de julho de 1844.

“Senhor doutor,

“Vossa sonâmbula diagnosticou perfeitamente. O estômago, a cabeça e os intestinos são efetivamente a sede do estado mórbido de que me queixo.

“Que haja gastrite no estômago, é o que sempre suspeitei, e isso, como diz vossa sonâmbula, há muito tempo; estive

mesmo impossibilitado durante seis anos, de poder beber vinho. O licor, a aguardente sobretudo me faziam horror, e o café dá-me insônias cruéis, ainda agora.

“Suspeitei igualmente de que minha pobre cabeça, constantemente cansada, e que não fica um segundo sem me doer há muito tempo, devia também reconhecer como causa de suas dores a irritação do estômago, pois este, com efeito, funciona muito mal. Não tenho uma boa digestão, e mal os alimentos são ingeridos a dor de cabeça aumenta e não diminui a não ser no fim da digestão, que é quase sempre acompanhada por uma grande quantidade de arrotos. Notei mesmo que os alimentos que aquecem produziam-nos em abundância.

Quanto ao inchaço dos intestinos e sua leve irritação, é a terceira dor que assinalo igualmente. De dia presto-lhe pouca atenção, mas de noite é outra coisa. Tenho com frequência mil dificuldades para adormecer, tanto o mal-estar em questão me incomoda. Sou obrigado a me massagear muito o ventre, e só depois dessa operação é que consigo pregar olho. Se avaliar a congestão cerebral pelo peso que sinto na cabeça, pelos calores que sinto nela, por momentos, e pelas centelhas que me passam frequentemente diante dos olhos, será igualmente verdadeiro que vossa sonâmbula terá diagnosticado bem sobre este ponto como sobre o resto.

“Dizer-vos quantos médicos consultei, e entre outros os Srs. Recamier, Dubois e Roux, professores da Faculdade de Paris; dizer-vos quantas contradições encontrei entre todos esses figurões da ciência, seria coisa supérflua, e que não vos espantaria mais do que a grande quantidade de remédios e de prescrições aos quais fui submetido, inclusive aqueles e aquelas da homeopatia.

“Passo então a um assunto mais interessante para vós e para mim; e visto que é certo que, com uma simples carta, vossa sonâmbula apreendeu bem o estado geral de minhas indis-

posições, deve parecer incontestável que com uma mecha de cabelos poder-se-á aperfeiçoar seu diagnóstico. Junto portanto uma mecha a esta carta.

“Este meio dispensar-me-á da viagem que me disponho a fazer mais tarde, quando os barcos a vapor tiverem retomado seu curso interrompido, creio eu, desde anteontem. Eis então as coisas para as quais vos peço chamar a atenção de vossa sonâmbula:

“1º. Examinar o estado do cérebro; 2º. o dos quatro sentidos: olfato, paladar, visão e audição; 3º. da inteligência e da memória. As respostas que ela poderá dar sobre esses diferentes pontos só servirão para esclarecer mais seu diagnóstico; 4º. saber dela se, visto o estado crônico, cabe esperar cura; e mesmo, para mais segurança, se é necessário pôr-me em contato imediato com ela; enfim, qual é o tratamento que é preciso seguir.

“Se tivestes conhecimento da exposição feita em Roma, deveis ter visto que o *pro ut exponitur* não diz nada de mais severo do que aquilo que me recordais na última frase de vossa carta. Roma, por conseguinte, tantas vezes solicitada para a condenação do magnetismo, deu então provas de uma grande sabedoria, condenando o abuso, sem tocar na ciência mesma. No estado em que estão as coisas, creio que é o partido mais sábio e mais prudente. O clero, aliás, que fora enganado pelos jornais, e não refletia a não ser pela Faculdade de Medicina, começa a voltar atrás sobre as primeiras prevenções. Tenho tanto mais certeza disso, quanto sou consultado a cada instante por confrades que não são absolutamente hostis. Mesmo nosso bispo nada diz disso, e não condena o uso que ele sabe que certos confrades fizeram do magnetismo.

“Recebei, etc.”

A carta que se acaba de ler justifica suficientemente o acerto do diagnóstico da sonâmbula.

Os cabelos que nos foram enviados nessa segunda carta foram entregues a uma outra sonâmbula. Alguns minutos depois do contato, ela se queixou de dores de cabeça, principalmente na direção do occipício. Depois cessou de nos ouvir; estava surda em consequência de um zumbido que sentia nas orelhas, e mais numa do que noutra.

Tiramos-lhe imediatamente a mecha de cabelos, para atenuar os efeitos do simpatismo que se desenvolvera, e os acidentes cessaram.

O diagnóstico fora mais perfeito nesta consulta do que na primeira; pois às desordens patológicas já conhecidas, tínhamos a acrescentar a particularidade da afecção da audição. Numa carta subsequente, o Sr. padre de *** respondeu-nos que a sonâmbula indicara mais uma vez perfeitamente sua verdadeira enfermidade.

Quanto ao tratamento que foi aconselhado, consistiu em vesicantes e purgativos; mas foi dado apenas como paliativo.

Observação. - Em junho de 1844, o Sr. Leclère veio pedir-nos para entregar a uma sonâmbula uma mecha de cabelos que ele nos apresentou. Era para um de seus amigos doente, morando fora de Orleães. - Produzido o sonambulismo, a sonâmbula pegou os cabelos, e após alguns instantes de concentração, ela declarou ver.

“O peito está doente, disse ela; os pulmões estão vermelhos; mas entre eles e seu invólucro há um líquido espesso.

“O estômago e os intestinos estão muito inflamados.

“O coração está um pouco maior do que deve ser. *Sua bolsa* está vermelha e cheia de líquido.

“As pernas e o ventre estão infiltrados de água. Esses desarranjos, segundo a sonâmbula, só permitiam dar um fraquíssimo alívio ao doente que não poderia viver muito tempo.”

Entretanto, ela aconselhou:

“Chá de flores de parietária com 4 gramas de sal de nitro por copo, três vezes ao dia.

“Um vesicante na região do coração e um em cada perna.”

Ora, qual era o estado do doente, segundo as consultas de três médicos? Consultas essas que o Sr. Leclère nos contou depois da experiência.

Hidropericardite, com ascite e edema consecutivo das extremidades. O tratamento aconselhado na manhã de nossa consulta tinha por base vesicantes.

Esta sonâmbula, de uma lucidez tão notável, não era contudo sempre infalível. Assim o Sr. C*****, homem de alta capacidade, quisera pôr à prova o instinto sonambúlico, consultando com cabelos para seu pai então muito doente de um câncer de estômago.

A visão e o diagnóstico da doença foram de maravilhosa precisão. O tratamento muito racional devia, segundo a sonâmbula, prolongar a vida do doente, o que não foi exato a não ser por algumas semanas.

O Sr. C*****, impressionado com o imenso alcance que podia ter esse espantoso fenômeno, voltou alguns dias depois submeter outros cabelos à mesma sonâmbula. Ela nos descreveu uma série de desarranjos e de males que não tinham nenhuma relação com o que ela devia ver.

Estes inconvenientes são graves e são frequentes. Sê-lo-iam menos se o médico pudesse ter sonâmbulos cuja vida fosse posta, tanto quanto possível, ao abrigo das preocupações de toda sorte que afligem com tanta frequência os indivíduos cuja posição social é sempre precária e submetida a mil problemas? Acreditamos ter fundamento responder afirmativamente.

Observação. - Em outubro de 1844, a Sra. de R*** envia-nos dentro de uma carta uma mecha de cabelos. Entregamo-la a uma sonâmbula, e em alguns minutos o simpatismo se

estabelece sem visão. Ela é presa de tremores nos membros, de uma tossezinha, de uma dor muito violenta no hipocôndrio direito, com sensação de ter o fígado inchado; ela experimenta uma forte contração do estômago e sente que não pode haver sono durante a noite.

Questionada sobre os meios a tomar para remediar esses acidentes, ela responde que a doente está com todo o organismo comprometido demais para poder sarar; mas que para lhe conceder alívio, seria preciso diminuir o inchaço e a inflamação do fígado, e acalmar a contração do estômago; quanto à tosse, é somente secundária.

Ela insistiu sobre lavagens purgativas e numa mistura de xaropes de quinquina e de chicória dados em pequenas doses.

A resposta da Sra. de R*** confirmava com entusiasmo tudo o que a sonâmbula dissera.

Observação. - Recebemos de Bourges uma carta dentro da qual estavam cabelos cortados de maneira a deixar ignorar se eram de uma mulher ou de um homem. Postos nas mãos da mesma sonâmbula, ela simpatizou logo e disse: Que a cabeça está dolorida de maneira a comprometer os olhos; que o ventre também o está; que os intestinos desse lado estão inflamados; que há em *todos os membros um mal-estar particular*; que essa pessoa é uma garota que não tem doze anos.

O tratamento que não detalhamos consistiu em sanguesugas nas orelhas, emplastros de cicuta e sementes de linho no ventre, lavagens e banhos emolientes, chá de chicória em jejum, e de malvaíscó, arroz, alface e goma.

Esta consulta fora dada a pessoas desconhecidas, e ignoramos seu valor durante seis meses, época em que uma senhora veio consultar-nos pessoalmente para sua filha. Esta senhora disse-nos que diante de nós estava a pequena doente de que havíamos tratado tão bem de longe, e que as informações da sonâmbula tinham sido muito exatas e muito frutuosas; que

restava porém a sua filha esse mal-estar particular cuja natureza a sonâmbula não pudera precisar, e que consistia em movimentos nervosos.

Os resultados maravilhosos que acabamos de relatar são certamente de natureza a fazer nascer, para o sonambulismo, uma confiança e esperanças maiores do que para a medicina habitual, sobretudo quando se considera que todos os casos de doenças que citamos haviam resistido aos tratamentos clássicos, e tinham um caráter de gravidade bem constatado. Assim não se encontra um único escrito dos magnetizadores que não exalte a superioridade, a infalibilidade mesmo dos sonâmbulos no tratamento das doenças. Nós mesmos compartilhamos muito tempo dessa crença, mas uma experiência laboriosa e conscienciosa veio modificar essas pretensões verdadeiramente exageradas.

Nós constatamos, e dissemo-lo acima, que o sonâmbulo consultado para ele mesmo nem sempre receitava os melhores meios possíveis para se curar, porque nem todos os sonâmbulos chegam ao grau de lucidez necessário. O homem sem experiência ou demasiado confiante pode então cair em erros nocivos.

Ora, aqui onde se trata da lucidez aplicada a um outro sujeito que não o sonâmbulo, e também por intermédio de cabelos, declaramos que os resultados da lucidez sonambúlica são frequentemente sem correlação com a doença, e que eles nem sempre se aplicam a ela inteiramente.

Na aplicação do sonambulismo a outros que não o sonâmbulo, há três grandes dificuldades a vencer: Primeiro, o sonâmbulo, por motivos que têm sua causa em suas disposições morais, pode dizer que vê, que sente, sem que isso ocorra; então o que ele receita não significa nada, quando não é mau.

Segundo, o sonâmbulo vendo realmente ou entrando num estado completo de simpatia com o doente, nem sempre

experimenta a intuição das substâncias medicamentosas, e receita o que seu julgamento acha mais conveniente. Então, não há mais em sua medicação outro benefício senão aquele que um médico poderia ter trazido, excetuando-se o diagnóstico da doença.

Enfim, o sonâmbulo que deu provas de simpatismo e de instinto médico, não está constantemente no mesmo estado de lucidez.

Em nossa opinião, sobressai destes inúmeros inconvenientes que as faculdades do sonambulismo não podem ser usadas de maneira evidentemente proveitosa senão num pequeno número de circunstâncias, e ainda assim é preciso que a aplicação seja feita por alguém profundamente experiente na arte tão difícil do magnetismo prático. Interrogai a maioria dos magnetizadores. Cada qual vos dirá que tem sonâmbulos de uma rara lucidez, que consultam com exatidão e curam sempre os doentes.... Pois bem! Sua linguagem é muito exagerada, pois entre dez sonâmbulos que consultam, contar-se-á um que desfruta realmente das faculdades necessárias; os outros quase sempre raciocinam, mas não têm o sentido intuitivo dos remédios.

A impotência e o absurdo da terapêutica de certos sonâmbulos impressionaram mais de uma vez homens de ciência que, desejosos de encontrar a verdade, tinham vindo examinar o sonambulismo em sua faculdade medicinal, e apesar de toda a boa vontade, era-lhes impossível ver o caráter de uma faculdade excêntrica nesses diagnósticos genéricos e nessas prescrições polifármacas de remédios ora insignificantes, ora opostos na sua composição. Seguramente a faculdade existe e pode dar espantosos resultados; mas para se convencer disso e usá-la sem enganos, é preciso desenvolvê-la em si mesmo, e poder escolher, entre muitos sonâmbulos, aquele que a possui realmente; ora, repetimos, ninguém pode fazer essa escolha difícil a não ser um médico magnetizador, ou um magnetizador experiente

na prática do magnetismo. O médico em começo de carreira é demasiado receoso; afasta bons sonâmbulos. O magnetizador novo é ao contrário crédulo demais; aceita tudo.

O doutor Koreff, em *sua carta* a Deleuze, exprime seus temores sobre a pouca certeza que se pode encontrar nos sonâmbulos que consultam, e diz a esse respeito: “Não nego, e vi isso muitas vezes, que os sonâmbulos de profissão tenham frequentemente percepções muito exatas e muito surpreendentes, que operem curas extraordinárias; mas persisto na opinião que uma longa observação me fez adotar, que se encontra em vários deles uma mistura inextricável de percepções exatas, inspiradas por uma intuição instintiva, com reminiscências e mesmo com ilusões provocadas por uma singular vaidade inerente a esse estado, e que, nesse oceano obscuro, carece-se tanto de bússola, que é um dever confiar mais nas conjecturas racionais da ciência do que nas incertezas incalculáveis de um instinto tão facilmente corrompido pelo uso arbitrário que dele se faz.”

Os sonâmbulos que se podem consultar por muito tempo e para muitos doentes são, portanto, raríssimos. Porém, encontram-se alguns; e mesmo aqueles que estão num grau inferior podem certamente prestar serviços úteis àquele que sabe distinguir e dirigir seu gênero de lucidez. Assim, um sonâmbulo pode ver muito nitidamente o estado orgânico de um doente e ensinar somente remédios sem relação com o mal, ao passo que outro pode indicar meios eficazes sem ver o organismo.

Que o praticante se dedique então a classificar essas anomalias, a dirigi-las e usá-las cada qual em sua esfera. Certamente, não dissimularemos que essa tentativa é das mais difíceis; pois, ainda uma vez, a clarividência dos sonâmbulos brilha por centelhas caprichosas. Não hesitamos em predizer ao magnetizador sem estudo e sem experiência que, mergulhado num oceano tenebroso, ele tomará com frequência a enganadora imagem da sombra pela realidade.

CAPÍTULO TERCEIRO.

CIRURGIA.

Surpreenderá um dia que a cirurgia francesa tenha permanecido tanto tempo sem tirar proveito da insensibilidade magnética (1841).

Tudo o que entra na área da cirurgia está menos sujeito a erro e a contradição do que os princípios da clínica médica. É a essa causa que é preciso atribuir a pequena proporção dos casos de cirurgia que abandonaram a ciência habitual pelo magnetismo.

Esta parte da arte de curar poderia contudo receber grandes melhorias, tomando algumas vezes o magnetismo por auxiliar.

Há efetivamente nas feridas, externas ou internas, nas afecções do sistema ósseo, desvios, cárie ou necrose, nas luxações, nas próprias fraturas, e em outras doenças classificadas na cirurgia, certos modos de tratamento que são vistos como muito fixos e invariáveis, e que fracassam entretanto completamente, ou que levam um tempo extremamente longo para chegar à cura.

Ora, esta insuficiência da arte em casos em que o tratamento é tão bem conhecido e tão pouco sujeito a controvérsia, deve-se a causas individuais que fazem que a vitalidade seja impotente para reparar as desorganizações trazidas aos tecidos doentes.

Parece portanto racional, segundo o que sabemos da natureza e do modo de agir do magnetismo, que este meio aplicado como agente auxiliar seja, em certos casos de doenças cirúrgicas, imensamente vantajoso. Não precisamos repetir que

esse efeito será relativo à constituição do indivíduo; é um princípio estabelecido anteriormente.

Nas lesões graves, as simpatias orgânicas são postas mais ou menos em jogo; a reação febril, os espasmos nervosos, são ainda mais ou menos excitados, e segundo a intensidade dessas complicações, a vida do doente, o andamento da doença, o sucesso das operações estão também mais ou menos comprometidos.

Não é certo que a influência do magnetismo dirigido segundo a urgência seria da mais salutar utilidade contra essas desordens secundárias? Não se abordaria com mais chances uma operação, quando se tivessem desviado ou melhorado as desordens gerais que acompanham com tanta frequência uma ferida grave?

Embora o agente magnético desfrute por sua natureza de propriedades dinâmicas, ele pode se tornar sedativo em decorrência do modo de magnetização e servir então eficazmente para moderar os fenômenos de reação de uma lesão cuja intensidade é uma nova causa de padecimentos. Veremos em breve, com efeito, que o magnetizador pode, por uma direção conveniente de sua vontade, imprimir ao magnetismo um grau de poder mais ou menos enérgico, quer modificando essencialmente a propriedade do fluido nervoso por uma reação psíquica, quer operando sobre os focos de eletricidade vital e determinando aí subtrações ou correntes derivativas.

Em mais de um caso a magnetização, que é dirigida somente para desordens secundárias e complicando a afecção principal, pode, fazendo desaparecer essas desordens, curar por isso mesmo a lesão que era a doença.

Assim, uma hérnia se produziu, é irreduzível, os sintomas de cólicas, de febres, de espasmos se pronunciam cada vez mais e à medida que as tentativas de redução fracassam. Vós magnetizais três quartos de hora, uma hora, e o doente é suficiente-

mente impressionável para que um leve entorpecimento invada todo o seu corpo; seu estado de ansiedade se apazigua, suas cólicas acalmam-se, uma espécie de relaxamento se operou nas forças vitais sobreexcitadas, e a hérnia entra outra vez por si mesma ou com a primeira aplicação da mão.

Uma luxação do fêmur existia numa senhora, em consequência de reumatismos que determinaram tal retração dos músculos da parte interna da coxa ao mesmo tempo que a dos músculos nadegueiros, que depois de dores atrozes uma luxação do fêmur se operou e persistia após a diminuição das dores. A doente andava um pouco com muletas, apoiando a ponta do pé no chão, estando essa perna mais curta do que a outra.

Submetêramos essa pessoa a um tratamento magnético para sua afecção reumática, e o sono com sonambulismo sobrevieria. Não nos preocupáramos durante muito tempo senão com a afecção geral, sem prestar atenção particular a essa luxação. Mas tendo chegado a querer obter o afastamento das coxas que estavam tão juntas que os joelhos estavam deformados pela força da pressão, e que toda a força possível não podia afastá-las nem uma linha, ficamos espantado, agindo durante o sono da sonâmbula, de afastar os joelhos de maneira a poder passar o punho. Dirigimos nossa ação nesse sentido durante alguns dias, e obtivemos a redução do fêmur.

Nesse tratamento, pudemos convencer-nos da importância da direção dos passes, pois a doente sonâmbula, como dissemos, indicava-nos aqueles que agiam para vencer a contração muscular; esses passes variavam segundo o estado ao qual eram levadas as camadas de músculos em consequência das magnetizações. A sonâmbula avisava-nos dos passes que agiam em sentido contrário da circulação nervosa nas partes afetadas; esses passes, continuados da mesma maneira, teriam, de acordo com ela, paralisado o membro luxado.

Estamos então persuadidos, segundo este fato, de que para os indivíduos que fossem susceptíveis ao sonambulismo magnético, a redução das luxações seria extremamente fácil. A magnetização nesses sujeitos demasiado raros na verdade, abole a contratilidade muscular, e a sensibilidade para muitos, o que retira imediatamente o maior obstáculo ao sucesso das manobras do cirurgião.

Hoje em dia, quando o éter invadiu a área da medicina operatória, as linhas que escrevemos não têm outro mérito que o de terem saído há quase sete anos. Naquela época, a abolição da contratilidade muscular parecia um sofisma ridículo, e contudo o magnetismo possuía essa propriedade entorpecente cuja possibilidade o mundo médico devia mais tarde admitir.

Vimos reduzir pela eterização várias luxações, e particularmente as do fêmur, e reconhecemos com prazer a realização, para o bem da humanidade, daquilo que sabíamos existir há muito tempo pela ação de um outro agente.

Todos os tratados de magnetismo consignaram várias curas de feridas complicadas de necrose, operadas somente pelo magnetismo, após os tratamentos da arte clássica empregados durante vários anos.

Uma das mais notáveis é a que o cavaleiro Brice fez numa senhora cujos ossos do crânio se tinham exfoliado em consequência de uma úlcera que se estabelecera na cabeça há seis anos, e resistira aos meios habituais. Durante o tratamento, cinco esquirolas, das quais uma era como uma moeda de cinco francos, saíram da ferida que fornecia sempre uma supuração abundante. Após quatro meses de uso ininterrupto do magnetismo e de água magnetizada, a cura foi completa.

Consignaram-se ainda curas de úlceras crônicas nas pernas, de cáries em diversos lugares.

Entre as curas de cáries ósseas, uma das mais notáveis é a operada por Puységur num militar condenado à amputação da perna por Larrey.

À leitura destas observações que são muito numerosas, aqueles que não têm uma ideia exata e completa do magnetismo, são naturalmente propensos a recusar a veracidade dos narradores, ou a acusá-los de ignorância no que eles terão, em consequência de prevenções, atribuído à ação do magnetismo o que era simplesmente a obra da natureza.

Mas em todos os casos em que a vitalidade reage com dificuldade seja pela natureza da própria afecção, seja devido a uma complicação diatésica ou caquética, seja enfim pelo próprio temperamento do sujeito, é indubitável que o magnetismo, aplicado como poder dinâmico, se junta às forças vitais e solicita sua reação de maneira frutuosa e positiva.

Para um observador esclarecido, é impossível não reconhecer, num dado caso, a ação de um agente auxiliar que vem imprimir à doença um andamento mais ativo e que acelera a cura. É assim que nas feridas crônicas degeneradas em úlceras, e cujo tratamento é por vezes interminável, vê-se, após alguns dias de magnetização conveniente, a ferida se animar, a supuração mudar de natureza, e a cicatrização começar. O efeito do magnetismo nas necroses, no raquitismo, explica-se da mesma maneira. *As forças medicadoras* são aumentadas por uma força que lhes é homogênea, e levam então a melhor sobre a causa da desorganização.

Compreende-se, pelo que acabamos de dizer, que a ação do magnetismo deve ser longa antes de produzir um resultado importante, e que seu grau de eficácia apenas pode ser apreciado pelo aparecimento de alguns epifenômenos incidentes, os quais, sozinhos, devem legitimar a continuação do emprego desse meio.

Ocorre com frequência no magnetismo o que ocorre também na medicina habitual, que, numa afecção incurável, veem-se, após algum tempo de magnetização num sujeito impressionável, os sintomas melhorarem, e o doente se sentir melhor, de modo que se espera pela continuação do tratamento obter uma cura radical, ao passo que não é nada disso; apenas se paliou o mal, dissiparam-se algumas complicações, e a doença retoma em breve um andamento inevitavelmente funesto.

É sempre um grande benefício para aquele que sofre poder encontrar um alívio das suas dores. Ora, estamos certos de que nenhum meio poderia, melhor do que o magnetismo, satisfazer esse objetivo que se deseja alcançar, a saber, conduzir o homem à morte com o menor sofrimento possível.

Como exemplo da capacidade do magnetismo de dissipar fenômenos mórbidos, acessórios de uma afecção principal, citaremos a seguinte passagem de uma carta que o doutor Despina nos escreveu:

“Conduzi uma doente a Montpellier para estatuir sobre a natureza de um mal singular, advindo no indicador da mão direita, depois da degenerescência de um nevo, e para que, se a operação parecesse praticável, pudesse ser feita com insensibilidade magnética. O sujeito, uma jovem de 22 anos, que parecia nervosa e linfática, não pôde ser completamente adormecida. A operação foi julgada impraticável por causa do desenvolvimento varicoso-aneurismático que invadiu todo o braço direito, e se estendeu desde o nevo até a subclavicular e a jugular externa.

“Submetemos a jovem aos mais fortes magnetizadores, para lhe propiciar ao menos um pouco de alívio. Embora não se tenha podido mergulhá-la num verdadeiro sono magnético, conseguiu-se todavia acalmar toda a dor.

“O Sr. de Guibert pôde fazê-lo de longe como de perto, assim que estabeleceu uma relação suficiente. Ele agia em al-

guns segundos, quando eu e outros só obtínhamos o mesmo efeito em trinta e cinquenta minutos¹².”

Na nota abaixo, vê-se um número de sete glândulas do seio e do pescoço curadas. É impossível concluir algo desses sucessos, pois não se diferenciou o lugar ocupado pelas glândulas. Em seguida, não há nada certo sobre o caráter da doença, coisa extremamente importante, como vamos fazer compreender.

Todos os tratados de magnetismo proclamam a eficiência do magnetismo para a resolução das glândulas do seio, e registram-se inúmeros casos de sucesso. Mas seria preciso, para poder decidir sobre o valor real do magnetismo aplicado a esta doença, que se tivesse indicado se essas glândulas eram de natureza cirrosa ou adiposa, se constituíam um corpo estranho ou se eram formadas pela própria glândula mamária hipertrofiada. Uma vez estabelecido esse diagnóstico diferencial, ter-se-ia podido saber se verdadeiramente o magnetismo curava uma glândula cancerosa, pois é somente nesse caso que a certeza da incurabilidade fora dos meios cirúrgicos é permitida; nos outros, embora a glândula, sobretudo se for de natureza gordurosa, possa permanecer e aumentar de volume, a saúde e a vida quase nunca são comprometidas, e a resolução se obtém às vezes por uma mudança na constituição, e pelos progressos da idade.

¹² O Sr. Marquês de Guibert estabeleceu, em sua propriedade de Fontchâteau, comuna de Tarascon, um tratamento ao qual foram 3315 doentes de 1834 até 1840.

Desse número, houve 1194 homens, dos quais 424 sonambulizados, 663 curados, 180 aliviados, 171 resultado desconhecido, 180 efeitos nulos.

2121 mulheres, das quais 1259 sonambulizadas, 1285 curadas, 195 aliviadas, 317 resultado desconhecido, 324 efeitos nulos.

Numa tabela o Sr. de Guibert detalha cada doença. Encontra-se em doenças cirúrgicas: 14 contraturas dos membros, das quais 7 curadas.

25 glândulas no pescoço e no seio, das quais 20 curadas. - Úlceras cutâneas 12, das quais 5 curadas. - Tumor branco 1 curado.

Até prova em contrário, admitiremos portanto que o magnetismo pode curar obstruções glandulares de toda natureza exceto o cirro.

Nós tratamos pelo magnetismo duas mulheres sofrendo de glândulas no seio, de natureza cirrosa. Numa delas, nenhuma espécie de modificação se manifestara; essa pessoa não era absolutamente influenciada pela ação magnética.

Na outra, um sono magnético muito profundo se declarou e persistiu sem outro fenômeno durante cinquenta dias, ao fim dos quais sobreveio um sonambulismo lúcido.

Quando começamos o tratamento, o seio estava inchado, maior do que o outro; sentia-se ali uma glândula além da glândula mamária. Essa glândula, do tamanho da metade de um ovo de galinha, era um pouco móvel e bosselada em diversos lugares. Era a sede de dores lancinantes que se irradiavam na axila e no braço correspondentes.

Ao fim de dois meses, após os procedimentos indicados para essas espécies de doenças (*ver* página 295, *Magnetização fundente*), a glândula estava reduzida ao tamanho de uma amêndoa; tornara-se muito móvel e permanecia bosselada num único ponto.

A sonâmbula declarou sempre que a ação do magnetismo chegara a seu ápice de intensidade, e que seria preciso *um fluido mais forte* para resolver *esse caroço da glândula*. Tentamos a eletricidade sob todas as formas, mas sem obter melhoras.

O alívio acentuado que obtivéramos fora precedido por verdadeiras crises, que consistiram sobretudo em purgações naturais levadas até dar matérias puramente serosas.

Quando num tratamento de uma afecção cirúrgica, o sonambulismo vem a manifestar-se, ele pode se tornar a fonte de luzes preciosas, e, com a ajuda de medicações particulares, favorecer a cura.

Assim, nada é mais curioso do que a relação do tratamento da Sra. Perrier, afetada por várias fistulas no reto com encurtamento desse intestino. Essa doente, tratada durante muito tempo por Sabatier, Boyer, não pudera ser aliviada com os meios empregados por esses cirurgiões célebres. Seu estado piorara tanto que ela era obrigada a ficar de cama quando seu marido a magnetizou. Ficando sonâmbula, dirigiu sozinha o tratamento de sua doença, e curou-se perfeitamente após medicações diversas e isentas de meios cirúrgicos.

As indicações dos doentes sonâmbulos foram algumas vezes opostas às dos médicos, e por vezes da maneira mais singular. Assim, o doutor Koreff cita o fato seguinte:

“Durante uma viagem que uma doente fez longe de mim, ela luxou o fêmur, e quando voltou, tendo-a posto em sonambulismo, ela me assegurou que ela mesma o pusera de volta no lugar num acesso de sonambulismo que fora ocasionado pela dor que sentira. Quando a vi, achei-lhe a coxa imobilizada pela dor da parte superior, a anca intumescida, reluzente, vermelha e ardente. Não se podia imprimir o menor movimento a essas partes sem lhe arrancar gritos; mas, no sonambulismo, eu a via levantar-se, andar com a maior facilidade, executar sem dificuldade movimentos rotatórios; e, durante esse violento exercício, o inchaço, a dureza, a vermelhidão e o calor da anca desapareciam para se reproduzirem assim que o sonambulismo cessava. Ela explicava o motivo dos movimentos que realizava, e dizia que era para não deixar solidificar os humores dentro da cápsula e para impedir que se formasse uma ancilose. Ela dirigiu sozinha seu tratamento e curou-se perfeitamente.”

O que dissemos será talvez dificilmente admitido, entretanto ainda não falamos da insensibilidade às operações cirúrgicas.

Contudo, é preciso divulgar este benefício inapreciável, ao qual podem aspirar alguns doentes privilegiados! Perder um

dente, um dedo, um seio, uma coxa, e não o sentir! É incrível, sem dúvida, mas o que fazer? *é assim!*

A insensibilidade magnética é hoje um fato aceito pela ciência. As primeiras experiências espantaram tanto e pareceram ter tão pouca relação com as leis da fisiologia, que se podem compreender, até certo ponto, as oposições e as tentativas bárbaras que alguns médicos acreditaram e acreditam ainda poder se permitir para constatar esta estranha pretensão dos magnetizadores.

Sabe-se que, por ocasião das experiências feitas sobre o magnetismo nos hospitais de Paris, moxas, sinapismos e outros gêneros de suplícios foram aplicados aos sonâmbulos de Dupotet, de Robouam, de Georget, de Foissac, para constatar a insensibilidade, e que ela foi invencível.

Os homens de espírito elevado e de caráter independente não hesitam em reconhecer o fato em si mesmo. Assim, o Sr. Malgaigne, em seu *Manuel de médecine opératoire* [Manual de medicina operatória], menciona como meio de diminuir a dor nas operações o magnetismo que, diz ele, teve sucesso uma vez numa mulher amputada do seio pelo Sr. Jules Cloquet.

Efetivamente, em 12 de abril de 1829, o Sr. J. Cloquet, professor na Faculdade de Paris, operou uma senhora Plantain de um câncer ulcerado no seio direito. A operação foi demorada por causa de vários gânglios doentes que foi preciso dissecar nas imediações da artéria axilar. A doente magnetizada pelo doutor Chapelain não deu nenhum sinal de sensibilidade, e conversou tranquilamente com o operador. Havia sonambulismo.

“Afirmo, diz o Sr. Andral⁴³, que, sob a influência de certas manobras magnéticas, pelas quais um indivíduo fica sonâmbulo, ele perde toda a sensibilidade.”

Muitos outros médicos de alto nível admitem a insensibilidade magnética, e hoje em dia caso se quisesse ainda negá-la, seria por excesso de teimosia ou de ignorância.

Todavia, não se deve perder de vista que nem todos os sonâmbulos magnéticos podem ser atingidos pela insensibilidade, e que por conseguinte esse fenômeno não é um resultado absolutamente necessário da produção do sonambulismo.

Nós acreditamos que a insensibilidade obtém-se apenas nos indivíduos dispostos ao sonambulismo magnético. Ela pode ser produzida ou antes do desenvolvimento do sonambulismo, ou durante, e às vezes no estado de vigília.

Tendo alguns magnetizadores observado o fenômeno de insensibilidade estabelecida em indivíduos despertos, concluíram daí, entre outros o doutor Viancin, que era fácil obter a insensibilidade em quase todo o mundo, carregando fortemente de fluido nervoso a parte designada. Mas, como acabamos de dizer, pensamos que, nesses casos, trata-se de organizações susceptíveis de uma invasão completa pelo fluido magnético.

O fenômeno da insensibilidade não é portanto, a nosso ver, fácil de produzir. Primeiramente nunca é, ou pelo menos muito raramente, logo à primeira magnetização que a insensibilidade se estabelece; em seguida, há certos sujeitos nos quais só se pode obtê-la no período de sono; ou seja, tão logo há o desenvolvimento da lucidez eles percebem, apesar de tudo, as sensações.

Antes de executar uma operação, é preciso assegurar-se de que a insensibilidade que se tentou estabelecer é completa,

⁴³ Andral. *Cours de pathologie interne* [Curso de patologia interna], proferido na Faculdade de Medicina de Paris, compilado e publicado pelo Sr. doutor A. Latour, 2ª edição, 1848. 3 vol. in-8º. Tomo III, p. 178.

pois haveria o risco de pavorosas desordens. Se há sonambulismo, é preciso consultar o indivíduo e se entender com ele sobre todos os pontos necessários.

Há outros sonâmbulos nos quais é impossível aniquilar a sensibilidade; alguns têm-na mesmo muito exaltada. Mas mesmo que houvesse um único sucesso em cem tentativas, seria sempre um benefício para a humanidade e uma descoberta fisiológica muito interessante para a ciência.

Nós precisávamos obter a insensibilidade em nove circunstâncias, em sonâmbulos, para operações de importância progressiva, e a obtivemos sete vezes. Nesses sete casos, houve dois sérios pela dor que devia produzir-se; os outros não apresentaram senão um valor relativo.

O primeiro caso foi um dente molar, muito sólido, extraído de uma sonâmbula sem que ela sentisse a menor dor. Durante a operação, ela fora mantida no estado cataléptico e num sono profundo.

O segundo foi a secção da artéria temporal com a dos nervos vizinhos. O sujeito era uma senhorita de 26 anos, sofrendo de dores nevralgias na têmpora e na mandíbula superior, do lado esquerdo. Essas dores persistiram um mês, violentíssimas, apesar dos meios que, como médico, pensamos dever empregar. A doente, sonambulizada, assegurava que esses meios eram ineficazes porque se dirigiam aos nervos, e o princípio do mal estava na artéria a qual, inflamada, comprimia e irritava o nervo.

Era portanto, segundo ela, urgente cortar a artéria para trazer a cura.

Apesar da oposição dessas asserções à fisiologia, nós nos rendemos, e tendo-a magnetizado fortemente em seu sonambulismo, nós a mantivemos num estado cataléptico, enquanto um confrade, tendo feito uma incisão na pele, passava o bisturi sob a artéria e o nervo, e operava sua secção completa.

Não percebemos o mais leve sinal de sensibilidade, e tínhamos certeza, ademais, de que ela não se obstinava contra uma dor que não tinha nenhum interesse em dissimular.

Nessas circunstâncias, com efeito, a posição social e os antecedentes das pessoas são garantias tão poderosas da realidade da insensibilidade, quanto a aparência dessa insensibilidade mesma.

O resultado dessa operação foi uma cura instantânea e permanente.

Os outros cinco casos de insensibilidade ocorreram somente para sangrias do braço.

Sem dúvida, isso parece pouco; mas que os médicos se lembrem de quantas mulheres têm dificuldade em deixar que lhes piquem a veia! Como elas se impressionam, como gritam quando se aproxima o instrumento! Pois bem! Perguntamos, se essas mulheres, cuja sinceridade é bem conhecida, deixassem que lhes abrissem a veia num sono sem hesitar, sem se mexerem, sem contrair o rosto, poder-se-ia duvidar de que esse sono não fosse real, e que ele não tivesse embotado profundamente a sensibilidade?

Em outra ocasião, tratava-se de extrair um dente molar da mandíbula superior. Sabíamos que a pessoa não era insensível quando estava sonâmbula; quisemos, entretanto, fazer-lhe essa operação nesse estado. Ela demonstrou tanta hesitação quanto no estado ordinário; enfim decidiu-se, e gritou muito alto; mas, desperta, não se lembrou de nada, e acreditou não ter sofrido.

A proporção é então bastante grande, visto que em nove casos podemos contar sete. Mas relembremos aqui que as pessoas que foram o sujeito destas observações já eram sonâmbulas, e que para todas as outras que exigiram de nós o sono insensível, não obtivemos nada.

Desde que tivemos conhecimento das experiências do doutor Viancin⁴⁴, o qual pretende que, sem sonambulismo, sem sono magnético, sem isolamento geral e em muito pouco tempo, pode-se tornar insensível um grande número de indivíduos por uma magnetização parcial, tentamos em quatro pessoas, das quais três nunca tinham sido magnetizadas, a magnetização local para torná-la insensível, e obtivemos sucesso três vezes. Tratava-se da extração de dentes molares. Após oito minutos de magnetização exclusivamente limitada ao lado da face onde estava o dente, a insensibilidade foi estabelecida, de maneira a não deixar sentir senão o abalo, sempre penoso quando não há insensibilidade completa, que é comunicado à cabeça pela manobra da extração.

Apesar dessa aparência de sucesso, não ousamos acreditar ainda no valor dessa extensão que a aplicação do magnetismo às operações cirúrgicas receberia, e persistimos em pensar que nos casos em que a insensibilidade foi completa, o que não aconteceu para nós, que nesses casos, dizíamos, dirigiam-se a organizações susceptíveis de sonambulismo e de catalepsia magnéticos.

Se a experiência viesse sancionar essas pretensões, o magnetismo poderia talvez reconquistar seu direito de primazia sobre um rival, o qual, nascido ontem, deixou-o bem longe da entrada das Academias. Este rival poderoso, que soube fazer-se receber pelos médicos que negavam tão fortemente a insensibilidade magnética, é o *éter*.

O aparecimento do *éter*, como agente produtor de insensibilidade, no mundo médico, no momento em que o magnetismo parecia prestes a forçar as faculdades rebeldes, não é obra do acaso. Não queremos expressar aqui nosso pensamento, diremos somente que, em todos os pontos, as operações

⁴⁴ V. *Revue d'Anthropologie catholique*. 1847, n^o4.

feitas durante o sono magnético se multiplicavam, e que a opinião estava vivamente impressionada a favor desses admiráveis sucessos. Mas a aceitação do magnetismo como ciência e sua aplicação às necessidades sociais não são do nosso século. Outros grandes princípios de filosofia e de economia política devem amadurecer ao mesmo tempo, pois as grandes coisas estão ligadas por relações íntimas e convergem para um mesmo objetivo.

Sem falar do que datava já de longe, como as operações do Sr. Cloquet, do Sr. Brivasac em Condom, no Gers, para a abertura de um abscesso atravessado pela artéria femural, de extirpações de tumores, de extrações de dentes, vira-se há pouco tempo operações sérias serem feitas por médicos na mais completa insensibilidade, determinada pelo magnetismo.

Eis o sumário de alguns fatos:

Em outubro de 1842, amputação da coxa de um homem de 42 anos, magnetizado sem sonambulismo pelo Sr. Topham, operado pelo doutor Ward.

Em março de 1845, amputação da coxa de um jovem de 18 anos, pelo doutor Fanton.

Em setembro de 1845, amputação do braço da Sra. Northway, pelo doutor Jolly.

Pela mesma época, amputação da coxa da Srta. Lakin, pelo doutor Toswell.

Todas essas operações foram feitas na Inglaterra, e é bem certo que não temos conhecimento de muitas outras.

Na França, eis as operações principais que conhecemos, e que são recentes:

Em outubro de 1845, amputação da perna da Srta. Marie d'Albanel, feita em Cherburgo, pelo Sr. Durand, professor de filosofia, e os doutores Loysel e Gibon. Houve sonambulismo.

Em maio de 1846, dissecação e excisão de uma massa informe de glândulas degeneradas, em número de 7, das quais

algumas se aproximavam do volume de um ovo, situadas na região submaxilar e cervical. O sujeito era Baysset, de 18 anos. Foi magnetizado pelo Sr. Delente; ficou sonâmbulo. Operado pelo doutor Loysel, em Cherburgo.

Em setembro de 1846, mesma operação na região cervical submastoide, em Anne Lemarchand, de 30 anos. Dissecção da artéria carótida aderente a uma glândula; dissecção das camadas musculares superficiais para destruir a aderência de uma das glândulas sobre os músculos escalenos. Sonambulismo. Sr. Durand, magnetizador, e Sr. Loysel, operador.

Em 1847, mesma operação com particularidades análogas.

Estamos longe de consignar todas as operações que foram feitas em Cherburgo mediante a insensibilidade magnética, pois poderíamos contar aproximadamente trinta.

Em Poitiers, e em outras cidades, sabemos que os mesmos sucessos foram obtidos no começo deste ano.

Como se vê, o magnetismo avançava a grandes passos, mas uma parada temporária veio reduzir o campo de suas aplicações às operações cirúrgicas.

A ação do éter é bem mais certa e encontra menos organizações refratárias ao seu poder. Isso se concebe, pois essa substância age somente invadindo o sistema nervoso, à maneira de um imponderável; e estando a evaporação de uma maior ou menor quantidade de éter submetida à vontade do experimenter, pode-se obter assim uma saturação do sistema nervoso por um fluido que, por sua heterogeneidade, diminui e extingue a sensibilidade. Esta heterogeneidade do éter, em relação ao fluido nervoso, é tal que uma saturação forte demais extinguiria a vida. As experiências e as explicações do Sr. Flouvens não deixam nenhuma dúvida sobre esse perigo.

A descoberta desta propriedade estupefaciente do éter presta evidentemente grande ajuda, mas não podemos deixar

de reconhecer ao sono produzido pelo magnetismo vantagens bem superiores.

Estamos certos primeiramente de que se os médicos experimentassem o magnetismo em milhares de doentes, como fazem com o éter, obter-se-ia uma proporção que talvez fosse a mesma da eterização.

Em seguida, aqueles que viram a insensibilidade magnética serão de opinião que sua natureza difere essencialmente daquela provocada pelo éter. Que fixidez, perto do torpor fugaz do éter! Aproveitai os poucos minutos de insensibilidade, ou então o doente recobra os sentidos. Outras vezes, acreditais que esse torpor está bem estabelecido e bastante durável para mergulhar a faca nas carnes paralisadas; mas mal o sangue corre e os gritos do operado revelam seus sofrimentos, e vós terminais em meio às angústias! E depois, qual é a ação dinâmica do éter sobre a vitalidade? Nada de desagradável se observa se o doente estiver apenas ferido; mas se houver uma complicação de uma inflamação orgânica, a absorção do éter é prejudicial.

Enquanto que o magnetismo, além de não produz nada disso, age por propriedades completamente opostas.

Preferimos portanto sempre a insensibilidade magnética à do éter, para os indivíduos que tiverem a sorte de serem suficientemente magnetizáveis, e exortamos todos aqueles que tiverem que sofrer alguma operação bastante grave a pedir primeiro ao magnetismo a insensibilidade que o éter lhes promete⁴⁵.

⁴⁵ Nós provamos que os egípcios praticavam a medicina magnética e a medicina sonambúlica; vamos ver que eles sabiam igualmente produzir a insensibilidade, fenômeno que atribuíam à virtude de uma pedra particular. Eis o que se lê em Plínio: *Vocatur et memphites a loco gemmantis naturae. Hujus usus conteri, et iis quae urenda sinta ut secanda, ex aceto illini. Obstupescit ita corpus, nec sentit cruciatum.* (XXXVI, II. 2) O uso do mármore chamado de mênfis é ser reduzido a pó, dissolvido com vinagre e aplicado sobre as partes que se devem queimar ou cortar. Ele amortece de tal forma o corpo que ele não sente. Dioscórides fala assim dessa pedra: Seu tamanho é o dos seixos; é gordurosa e de diversas cores (Ψπφιδαι, λιπαρόζ δ.. χχι ποιχιλοζ). Se for

As páginas que acabamos de ler sobre a ação do éter estavam escritas, quando o surgimento de um novo agente de propriedades mais enérgicas do que o éter veio espantar o mundo científico, e recuar ainda os limites que as Academias creem sempre poder colocar ao possível.

Este agente, conhecido pelos químicos há somente poucos anos, é o *clorofórmio*.

Depois de alguns ensaios comparativos, os médicos hoje empregam o clorofórmio de preferência ao éter, para produzir a insensibilidade. Sua ação é com efeito geralmente mais pronta, visto que a média de seu tempo de entorpecimento é de um a dois minutos. Também não se acha nenhuma organização que seja refratária ao seu poder. Sendo o seu modo de agir sobre o organismo menos perturbador do que o do éter, concebe-se facilmente a preeminência que o clorofórmio conquistou tão depressa sobre todos os meios capazes de produzir a insensibilidade.

Comparado ao agente magnético, o clorofórmio tem de preferível a certeza e a presteza de ação; e os inconvenientes que são vinculados a seu emprego, como produção de opressão, de irritação brônquica, e irritação nervosa, esses inconvenientes, dizíamos, sendo fraquíssimos e muito raramente elevados a um grau não perigoso, mas somente nocivo, declaramos que, para doentes cuja susceptibilidade magnética não nos fosse bem conhecida como sendo muito desenvolvida, nós empregamos o clorofórmio.

Mas quando se tratar de um doente já susceptível ao sono magnético com insensibilidade, ou cuja natureza da doença permitiria esperar as longas preparações que cremos quase

reduzida a pó, e for posta em linimento sobre as partes que se quer queimar ou cortar; elas se tornam, sem que resulte daí qualquer perigo, tão insensíveis que não sentem a dor.”

Estas descobertas são de alto interesse para a história.

sempre indispensáveis para trazer o sono insensível; para esses, dizemos, aconselharemos o magnetismo. Pois a insensibilidade magnética, quando pode ser obtida, é o resultado de um agente homogêneo à vitalidade; esse agente goza ademais de uma ação dinâmica particular que age no sentido da própria natureza; e por ele em seguida, como demonstramos, podem-se combater muitas desordens concomitantes da afecção ou resultando da operação.

Mas, apressemos-nos a dizer, a aplicação da insensibilidade do magnetismo será agora bem raramente tentada pelos cirurgiões, e os grandes fenômenos que ela apresenta, bem mais completos e mais curiosos do que os dos novos agentes anestésicos, não figurarão mais, durante muito tempo, a não ser como um título na história desta parte da fisiologia patológica. Pois lembraremos ainda, terminando, que os magnetizadores anunciavam aos médicos, há muitos anos, um meio de fazer suportar as operações mais dolorosas sem que a sensibilidade fosse impressionada; e durante todo esse tempo, os médicos trataram as comunicações que lhes foram feitas de charlatanice e compadrio! A insensibilidade não era possível!.... O princípio da abolição da insensibilidade não é mais contestável; é um progresso imenso. Resta provar que o magnetismo goza, como o éter e o clorofórmio, do poder de extinguir essa sensibilidade, e que, além desses agentes, ele pode dar aos doentes insensíveis a consciência e a inteligência durante a operação, faculdades das quais os priva o torpor de morte que os invade, quando se opera com os dois agentes de que falamos.

O tempo demonstrará este grande fenômeno fisiológico e psicológico. Marcamos encontro no futuro.

Limitaremos aos desenvolvimentos que acabamos de expor nossas reflexões sobre a medicina do magnetismo, abstenho-nos de seguir de maneira mais metódica e mais completa

sua aplicação a cada doença. Esse trabalho não podia encontrar lugar aqui.

Que a crítica não vá tentar fazer crer que, de acordo com nossos escritos, quisemos dotar todas as doenças de um remédio único e infalível. Esta ridícula e pífida insinuação é demasiado insensata para que procuremos nos munir contra ela das armas do raciocínio.

Reconhecemos que há doenças incuráveis pelo magnetismo, e que os sonâmbulos não podem, às vezes, curar a si mesmos; com maior razão, acreditamos que seus conselhos para os outros são, guardadas as proporções, com mais frequência ineficazes do que os dos médicos.

Além do mais, explicamo-nos suficientemente a esse respeito.

Procuramos somente neste capítulo fazer pressentir a utilidade desta nova medicina, examinando seus princípios fisiológicos, e citando, dentre inúmeras observações, aquelas que podiam ajudar a demonstrar as pretensões da doutrina de Mesmer, e a fazer compreender os auxílios que a humanidade dela retiraria, se a medicina atual quisesse fazer aliança com ela. Mas as Academias desencaminhadas por seus próprios membros sempre declararam que haviam julgado a nulidade do magnetismo.

Em vão vozes se levantaram para fazer compreender as consequências funestas que resultariam da repulsão do magnetismo do seio dos médicos, respondeu-se a isso só pela injúria e o desprezo. Os germes cresceram, e o mundo inteiro tem nas mãos um elemento de bem e de mal! O mundo restabelece ou abala as saúdes zombando dos médicos! O mundo penetra os mistérios de uma metafísica de que os cientistas não suspeitam, e, esses mistérios sublimes, como ele os usa!

Acadêmicos, duplicai os trabalhos de vossos candidatos; moralistas, promulgai leis para a sociedade, o mundo; este

mundo que ri de tudo, que quer gozar sem consideração pelas leis de Deus e pelos direitos do homem, frustra vossos esforços, pois ele tem a seu serviço um poder do qual não suspeitais e que deixastes aumentar de tal forma que não tendes mais como detê-lo.

A exemplo de pensadores profundos, de práticos experientes, aprofundamo-nos com frequência sobre esta grave questão: É preciso aniquilar o magnetismo? E como todos aqueles que conhecem o que é hoje esta ciência na Europa, e no universo, pode-se mesmo dizer, confessamos a nós mesmos que a coisa era impossível. Associar-se à imprudente conduta das Academias e da maioria dos médicos, seria ignorar o que vale e o que pode o magnetismo como ciência e como arte, em medicina como em filosofia. Ora, estamos longe de ignorar o que é e o que pode ser o magnetismo, seríamos portanto mais culpado do que aqueles que censuramos, pois seria deixar os inconvenientes sem antagonismo, e por mais fraco que possa parecer o esforço de uma palavra, o dever de fazê-la conhecida existe apesar disso.

Resumir-nos-emos aqui dizendo:

O sonambulismo não é todo o magnetismo.

O magnetismo é uma ciência que aprende novas leis na vida funcional e relativa dos seres da criação, uma arte que ensina a restabelecer a saúde daqueles que sofrem, unicamente pela influência dos fluidos imponderáveis do corpo humano. Nova esfera de um eletromagnetismo ainda desconhecido.

Como arte, o magnetismo tem dificuldades que podem fazer nascer perigos para aquele que se submete à ação magnética de um homem inexperiente. Esse fato irrecusável traz portanto consigo a necessidade de agregar o magnetismo à medicina.

O sonambulismo é um estado físico e psíquico diferente daquele que é habitual no homem. Ele é comumente o resultado da magnetização.

Nesse estado, as percepções intelectuais e sensitivas são incomparavelmente mais extensas. É por isso que o sonâmbulo sente e vê tudo aquilo que o faz sofrer dentro de si como fora de si. Ele sente e vê por simpatia o que pode combater esse sofrimento.

O sonambulismo não é mais isento de imperfeições do que o estado ordinário do homem. Ele tem graus e nuances. A apreciação desses diversos graus constitui uma arte difícil e contudo muito importante, pois da confusão das nuances e da confiança ilimitada saem os abusos mais grosseiros, os inconvenientes mais sérios e perigos mortais.

Estes fatos positivos demonstram o imenso abismo de erros ao qual podem arrastar os sonâmbulos que estão sem direção conveniente, e eles fazem também pressentir que já que o magnetizador nem sempre pode impedir os erros dos sonâmbulos, não se poderiam exigir dele garantias demais para deixar em suas mãos a prática dessa ciência ainda tão conjectural em algumas de suas aplicações.

CAPÍTULO QUARTO

PROCEDIMENTOS MAGNÉTICOS

Os procedimentos são para a maioria uma alavanca que ajuda a dar um movimento à vida, mas aquele que ama e crê com entusiasmo pode dispensá-los.

A exaltação psíquica comunica um poder incalculável, mas de curta duração.

Modificar a eletricidade dinâmica de um organismo, assim como o modo de circulação dessa eletricidade, tal é o fim ao qual tende toda magnetização. Para operar essa ação, o meio mais simples, mais poderoso, mais rápido, é *querer* que seja assim, mas querer com uma vontade calculada, refletida e persistente.

Esta vontade tendo por objeto a emissão do fluido magnético que sabeis que circula em vós, determina, quando ela encontra um indivíduo que aceita permanecer passivo, toda a série de fenômenos que expusemos, em virtude da absorção desse fluido pelo organismo daquele que é magnetizado.

É útil que a intenção que vos anima se traduza por gestos que têm um duplo objetivo, o de fixar melhor vossa atenção e o de conduzir mais diretamente o fluido que, sob a ação da vontade sem expressão exterior, irradia mais e vai atingir menos diretamente o objeto sobre o qual se procura dirigi-lo.

Esses gestos fazem-se com os braços e as mãos, que se consideram com razão como os condutores imediatos do fluido nervoso que o cérebro lhes envia.

As mãos e os dedos são as partes pelas quais a emissão do fluido magnético opera melhor. A estrutura anatômica das redes nervosas que se dirigem a essas extremidades explica perfeitamente esse fenômeno fisiológico, como já notamos ao falar dos corpúsculos de Paccini.

Pode-se magnetizar sem tocar de modo algum, e passando somente uma das mãos diante da pessoa que se submete à vossa ação, desde a testa até abaixo do epigástrico. Depois à medida que se observar algum sinal particular, concentra-se a ação, ou sobre a cabeça, ou sobre o epigástrico, ou sobre os membros, para responder aos efeitos que a organização tende a produzir.

O método mais geral consiste em sentar-se diante ou ao lado do magnetizado, pegar seus polegares entre os vossos e os outros dedos; depois, fixando os olhos sobre ele, fica-se assim cinco ou dez minutos, agindo sempre mentalmente, para saturar o organismo do fluido que se emite de si.

Concentra-se em seguida sua ação sobre a testa e os olhos, depois carrega-se o peito e o epigástrico por passes descendentes. Continuam-se os passes ao longo dos braços e das pernas, sem tocar de modo algum, e após um quarto de hora ou vinte minutos, deve-se ter produzido uma grande parte dos efeitos que deverão sobrevir, se ocorrerem. Após alguns minutos de repouso, feito em silêncio, recomeçam-se os passes sobre a cabeça, e como acaba de ser dito. Ao fim de quarenta ou cinquenta minutos, se não obtivestes nada, cessai por esta vez. Se efeitos manifestos se mostraram, continuai ainda pelo mesmo tempo, se quiserdes saber, nesta sessão, o que esta organização promete.

A magnetização de que acabamos de falar pode ser chamada de *saturante*. Sua ação é geral, seu objetivo tende a invadir o organismo todo, e nada de especial foi procurado; quer-se obter uma saturação que torne o organismo sensível à força à qual se vai doravante submetê-lo.

Para obter do magnetismo os diferentes efeitos que se podem esperar dele como agente terapêutico, é preciso dirigir sua aplicação em virtude de certas leis e por certos procedimentos.

Pensamos que se pode dividir a magnetização em *nove grupos* de procedimentos, tendo cada qual um modo de ação diferente.

Primeiro grupo. - Nós chamamo-lo *magnetização saturante*; já a descrevemos.

Segundo grupo. - *Magnetização sedativa.* - Ela é geral ou local; convém todas as vezes em que houver exagero no dinamismo do organismo. Todas as doenças agudas a exigem num certo período, quer sozinha, quer combinada com uma outra ação, aquela dita *revulsiva* ou aquela dita *desembaraçadora*, segundo as circunstâncias.

Ela se opera fazendo passes lentos e gerais, deixando algum tempo a mão diante dos focos de irritação, soprando docemente morno ou frio sobre essas partes.

Durante essas manobras, a vontade deve ser calma e moderada. Não se trata de dar muito, é preciso agir lentamente, mas com força.

Terceiro grupo. - *Magnetização excitante.* - Ela convém nas afecções nervosas, nas quais a vitalidade está diminuída ou deslocada, e convém produzir movimentos nervosos críticos. Ela convém ainda nas doenças orgânicas em que a fraqueza domina. Opera-se depois de ter saturado todo o organismo dirigindo correntes magnéticas aos principais nervos da parte que se quer estimular, ou para o epigástrico, o cérebro e a espinha dorsal, segundo se queira produzir uma ação que alcance todo o sistema nervoso cérebro-espinhal, ou o do grande simpático.

Quarto grupo. - *Magnetização tônica.* - Aqui é preciso magnetizar fortemente todo o corpo, fazer passes gerais bastante rápidos, depois carregar e ativar o órgão que se quer tonificar. Deixam-se aí as mãos alguns minutos; aquece-se o órgão pelo hálito enviado através de um lenço.

Esta magnetização convém em muitas doenças crônicas; é combinada, segundo os casos, com as seguintes.

Quinto grupo. - Magnetização fundente. - Ela convém nas obstruções orgânicas ordinariamente crônicas. Esta magnetização é muito poderosa, e obtém-se carregando fortemente a parte doente, depois dirigindo para a frente os dedos colocados em ponta e imprimindo-lhes um movimento circular. Estas manobras são alternadas e combinadas à magnetização tônica e à seguinte.

Sexto grupo. - Magnetização derivativa. - Ela determina o deslocamento dos líquidos que formam a obstrução de uma parte. Ela transfere o fluido nervoso que está acumulado num órgão, e imprime-lhe um deslocamento que concorre para facilitar a resolução da inflamação. Muito poderosa nas doenças da cabeça, do peito, e para facilitar as menstruações.

Pratica-se fazendo passes repetidos e bastante rápidos, a partir da parte doente até as extremidades, depois opera-se somente nas pernas ou nos braços, segundo o caso.

Sétimo grupo. - Magnetização entorpecente. - Ela produz o entorpecimento, a catalepsia, a paralisia e a insensibilidade. Obtém-se acumulando, na parte que se quer entorpecer, uma grande quantidade de fluido magnético, isolando em seguida essa parte da circulação nervosa própria do organismo, e carregando, ao mesmo tempo, o cérebro, se foi produzida a saturação geral, e se houver uma operação longa e importante a executar.

Oitavo grupo. - Magnetização desembaraçadora. - Seu efeito é desembaraçar uma parte ou a organização inteira do fluido que se acumulou aí. Opera-se fazendo passes que conduzem à extremidade mais próxima da parte a desmagnetizar, ou retirando diretamente com os dedos o fluido condensado. Ela é empregada para retirar do estado magnético; para tal, desembaraça-se a cabeça, o tronco pelos braços, e todo o corpo por passes feitos nas pernas até além dos pés.

Nono grupo. - Magnetização à distância. - Embora tudo pareça fazer crer que esta propriedade extraordinária de que goza o magnetizador depende igualmente do fluido magnético que seria enviado pela vontade, através dos obstáculos e do espaço, até o indivíduo que ele atingiria realmente, precisamos de estudos novos para compreender bem esse modo de ação que é difícil de admitir em certas circunstâncias. A causa é totalmente física ou mista como nos outros fenômenos magnéticos? A distância à qual a ação do magnetizador pode agir sobre sujeitos já sonâmbulos magnéticos é limitada? As experiências que se citam de indivíduos magnetizados a uma distância muito grande não tiveram sucesso a não ser em virtude da ação de que o sujeito goza sobre si mesmo, estando seu espírito preocupado com aquilo que devia ocorrer? Tais são as questões que precisam ser elucidadas.

Acreditamos que na mesma casa, em cômodos separados, a magnetização à distância pode operar pela transmissão do fluido. Um grande número de exemplos corrobora nossa opinião. Para magnetizar à distância, é preciso primeiro dirigir-se a uma organização muito impressionável pela ação magnética; é preciso depois ser dotado de grande força de concentração da vontade, e depois de se ter recolhido, representa-se a pessoa a magnetizar, e age-se mentalmente. Caso se queira fixar melhor a vontade, executam-se os gestos como se estivessem na presença um do outro. Os efeitos produzidos por essa magnetização variam muito segundo os sujeitos.

O sonambulismo desenvolve-se comumente como pela magnetização direta. Mas os inconvenientes são inúmeros, e não aconselhamos a usá-lo, sobretudo unicamente com objetivo experimental.

Um desses inconvenientes é o de habituar o organismo a realizar por si só a crise sonambúlica. E, como dissemos, nada sendo mais fácil para o sistema nervoso que repetir espontane-

amente as afecções insólitas que o impressionaram, concebem-se os perigos desses sonos súbitos, desses semissonambulismos. Dentre vários fatos desse gênero, citaremos dois que darão o que pensar àqueles que se lançam imprudentemente nesses tipos de experiências.

Uma doméstica era frequentemente magnetizada por seu patrão. Era dotada de uma lucidez assaz notável para excitar a inveja de um particular que, desejando-a para sonâmbula, encontrou meio de atraí-la para sua casa e magnetizá-la uma vez. Fez a jovem prometer que voltaria. Mas, sem dúvida desviada dessas relações que se queriam obter dela, ela deixou o magnetizador muito descontente não voltando mais à casa dele.

Este disse a diferentes pessoas que viam a jovem que ele conseguiria adormecê-la à força, de longe e quando bem entendesse. Com efeito, aconteceu uma vez primeiro, depois duas, depois muitas outras, em que a pobre moça caía repentinamente adormecida, com frequência andando ou perto da lareira. O sonambulismo se declarava, e ela dizia que esse senhor a magnetizava. Seu patrão era muito inexperiente em magnetismo, e não pôde combater essa influência distante. Zangaram-se, ameaçaram com o Procurador do Rei; enfim, recorreram a outro magnetizador o qual, mais instruído do poder da vontade, aniquilou esses adormecimentos acidentais.

O outro fato é mais trágico.

Era ainda uma doméstica que se tornara sonâmbula pela magnetização de um grande apreciador de magnetismo. Fizeram-se durante muito tempo muitas experiências, depois, como em todas as coisas, cessaram.

Esta moça, jovem, era muito nervosa, um pouco histérica, com frequência doente. Ela tinha grande confiança no magnetismo, e ficou contrariada quando cessaram de sonambulizá-la.

Alguns meses depois, ela acordou na cozinha, numa outra vez à janela. Enfim, esse sonambulismo espontâneo ocorreu tão frequentemente, e em todas as horas, que a patroa despediu a doméstica para que fosse tratar-se em casa.

Essa moça veio consultar-nos. Disse-nos que esses adormecimentos existiam porque aquele senhor a magnetizava de longe. Essa idéia era puramente gratuita, pois nada lhe podia assegurar que isso ocorresse; ela conjecturava que isso devia ocorrer, e era impressionada por isso.

Nós não acreditamos nessa magnetização por muitas razões, e persuadido de que esses sonambulismos eram espontâneos, e o produto da imaginação impressionada dessa moça, asseguramos-lhe que tomando um remédio que lhe demos, ela não adormeceria mais. Esse remédio era uma pitada de açúcar em pó. Queríamos somente dar uma direção oposta à imaginação. Mas a jovem só acreditou em nós pela metade. Assim as crises sonambúlicas reapareceram, e cada vez mais frequentes.

Ela foi para seu vilarejo onde em breve passou por pitonisa. Quando seus sonos vinham, ela consultava os doentes, dava-lhes indicações, via à distância, enfim gozava de algumas faculdades do sonambulismo lúcido, dizemos algumas, pois ela se enganava muitas vezes; não estava isolada, e dizia às vezes coisas disparatadas.

Dizia com frequência que ninguém a curaria, e que morreria em breve. Em vão, a pessoa que a magnetizara outrora voltou várias vezes para tentar regularizar essas crises espontâneas, não conseguiu resultado e abandonou-a.

Esse estado durou mais de seis meses, durante os quais a jovem permanecia sem ocupação, visto que durante o dia como de noite entrava em sonambulismo. Teve várias conversas com o padre de seu vilarejo que procurou restabelecer esse espírito que se desarranjava evidentemente aos olhos de um observador

atento. Num desses sonambulismos, ela lhe disse que ia se jogar no rio Loire, e que ninguém a poderia impedir.

Dois meses talvez depois, camponeses encontraram essa desgraçada e lhe perguntaram aonde ia. Vou afogar-me, respondeu-lhes ela. Essa fala pareceu-lhes uma brincadeira, e deixaram-na ir. Mas ela dissera a verdade, e pescaram seu cadáver alguns dias depois.

Poderíamos talvez encontrar uma *décima forma* de magnetização que chamaríamos *magnetização de surpresa*.

Eis o que dizíamos dela em nossa primeira edição:

Excitai durante alguns instantes vossa vontade, acumulai-a em vosso cérebro, depois subitamente lançai-a na cabeça daquele que quereis magnetizar de surpresa, projetai esse raio com uma palavra, uma única palavra, *encontrada pelo abade Faria*, e no mesmo minuto vosso sujeito cairá presa de uma convulsão leve, imperceptível mesmo, e não estará mais em seu estado normal. Então, para que essa perturbação nervosa traga a crise magnética perfeita, invadi rapidamente todo o organismo com a vossa eletricidade, e em poucos minutos o sono magnético será completo; será calmo como aquele que os procedimentos comuns obtêm em mais tempo.

Quando não se viu este gênero de magnetização, não se pode ter ideia dele, e quando se viu, e se fez, estremece-se com temor do que poderia acontecer. Imagine-se uma pessoa inexperienced no magnetismo, produzindo essa espécie de fulminação! O pavor tomará conta dela, ela quererá fazer cessar esse estado e recolocar o magnetizado em estado de vigília, sem suspeitar de que corre o risco de provocar graves acidentes.

Sonambulizamos assim várias pessoas, das quais uma, doente de histeria convulsiva, fora refratária ao método comum. Sabe-se que o abade Faria não agia de outra forma em suas experiências públicas. Depois de ter exaltado a imaginação por um discurso, pelo prestígio de seus sucessos e por aquele

que qualquer assembléa exerce, ele estendia vivamente a mão para a testa da pessoa a magnetizar, e gritava ao mesmo tempo: Dormi! Se a perda dos sentidos não sobrevinha imediatamente, ele recomeçava ainda duas vezes, depois declarava insensível se houvera resistência.

O modo de agir deste método é, a nosso ver, diferente da magnetização comum. Pensamos, efetivamente, que por este procedimento a invasão do sujeito pelo fluido magnético é apenas secundária, e que a principal ação reside na perturbação do sistema nervoso que determina uma crise magnética espontânea. O magnetismo regulariza-a em seguida.

Achamos este método perigoso, e não recorremos a ele a não ser muito excepcionalmente.

Consultado por uma jovem sofrendo de uma afecção nervosa de forma histérica convulsiva, e tendo constatado que era insensível aos procedimentos comuns, empregamos o método de surpresa. Um ataque de nervos se manifestou logo, e em vez de procurar acalmá-la, continuamos a magnetizar. A perturbação trazida ao sistema nervoso durou várias horas, depois a calma voltou pouco a pouco. A jovem voltou no dia seguinte para casa (era a filha de um médico afastado), e ficou dez meses sem ter nenhum ataque de nervos. Antes ela não passava oito dias sem cair em suas convulsões acompanhadas de gritos e soluços. O lado esquerdo era sede de uma dor surda e de um batimento muito forte que se sentia por cima das roupas; esses fenômenos mórbidos desapareceram desde o fim da crise artificial que se manifestara por nossa operação. Explicamo-nos perfeitamente esta longa suspensão da doença pelo equilíbrio que se restabelecera subitamente entre os centros nervosos, particularidade da patologia das afecções nervosas na qual nos detivemos no primeiro capítulo desta segunda parte.

- Quando, após o sono magnético, o sonambulismo tiver vindo, e tiverdes tomado as precauções de que se falou no se-

gundo e terceiro capítulos, então desejareis despertar vosso magnetizado. O que é preciso para isso é ainda querê-lo. É útil avisar o sonâmbulo, pois sem seu consentimento seria difícil para vós e nocivo para ele.

Se houver somente sono magnético, é por mil circunstâncias, em relação com o objetivo que se havia proposto magnetizando, que se é guiado. Comumente, um quarto de hora de sono é insuficiente, três quartos de hora são o termo médio. Portanto, uma vez decidido, vós não despertareis nem brusca nem imperativamente; esta conduta nas mãos de todos é tão perniciosa quanto o método de Faria para adormecer; mas é lentamente que trasfegareis pelos membros o fluido com o qual havíeis saturado o sistema nervoso do magnetizado. Agindo do mesmo modo para a cabeça e para o estômago, em dez minutos o magnetizado deve estar perfeitamente restabelecido; ele não deve ficar com nenhum incômodo, nenhuma cefalalgia, nenhum tremor.

Os despertares súbitos causam espanto nos espectadores, mas têm o inconveniente de perturbar a lucidez e de não separar convenientemente o estado sonambúlico do estado de vigília.

Quando no primeiro ensaio se depara com uma organização muito impressionável pelo magnetismo, ocorre frequentemente que, depois de alguns minutos de ação, sobrevém uma agitação nervosa mais ou menos violenta. Este espetáculo tão novo, tão estranho para aquele que não está habituado, alarma o magnetizador e leva-o a procurar restabelecer a calma do estado de vigília. Pois bem! Esse despertar precipitado corta no meio de sua intensidade a crise magnética, e em vez de pôr outra vez o indivíduo em seu estado primeiro, ele é deixado numa semicrise perigosa. É preciso, portanto, se prevenir contra esses despertares súbitos, e dar livre curso à crise que sobreveio; nada

de deplorável pode resultar daí se *vós vos possuís* e se estiverdes penetrado de tudo o que precede.

Várias vezes fomos chamados para remediar semelhantes desordens, e vimos algumas muito complicadas que demandaram muito esforço para serem reparadas. Entre outras desgraças deste gênero, citaremos uma das mais recentes:

Um médico iniciante pusera em sonambulismo uma jovem mulher. Quis obter em alguns dias os efeitos da maior lucidez. Cada sessão, aliás, respondia aos desejos do magnetizador; mas os assistentes tiveram a imprudência de *relatar* à jovem mulher as conquistas de seu sono. Esses relatos perturbaram-lhe o espírito, e um dia sobretudo em que sua cabeça estava vivamente preocupada com essas coisas estranhas, ela foi magnetizada mais energicamente do que de hábito, e sem método. Logo sobrevieram convulsões. A força delas alarmou o magnetizador, pouco habituado a esses fenômenos. Para deter essas pavorosas crises nervosas, impellido pelos assistentes, ele rompeu o estado magnético. Mas foi pior... Dois homens não podiam conter a pobre mulher sobre um colchão onde eles a haviam jogado. Enfim felizmente o magnetizador pensou em voltar a mergulhar sua convulsionária no estado magnético; então sobreveio a calma, e a sonâmbula predisse que acessos semelhantes voltariam a horas fixas, duas vezes por dia, durante catorze dias!... e que não havia nenhum meio de prevenir esses acidentes.

Resignaram-se. À noite, na hora indicada, a pavorosa crise reapareceu, e como único consolo, como único remédio, ela achou que magnetizando-a cada vez meia hora antes do acesso, moderar-se-ia sua violência.

Nosso confrade veio iniciar-nos na sua desventura e pedir-nos conselho. Quisemos ver as coisas, e no dia seguinte assistíamos à cena anunciada. A sonâmbula nos proibiu de nos aproximarmos dela, sob pena de aumentar seus sofrimentos;

obedecemos a essa ordem, mas resolvemos submetê-la à nossa ação entre os dois acessos. No meio do dia, magnetizamos então com tanta prudência, com tantos cuidados a doente, que a pusemos em sonambulismo, após meia hora de passes em grandes correntes, procurando com isso saturar gradualmente e em toda a parte ao mesmo tempo o conjunto do organismo.

Uma vez vinda a lucidez, essa doente nos disse que esses acidentes tinham por causa o medo que lhe haviam feito do magnetismo e do despertar súbito que seu magnetizador errara ao determinar; mas não obtivemos nenhuma resposta satisfatória sobre os meios a adotar para evitar os vinte e quatro acessos que deviam ainda sobrevir. Compreendemos que a sonâmbula era menos lúcida do que se pensara, e fizemo-nos seu senhor, sem nos embarçarmos mais com suas sinistras profecias. Nós lhe intimamos com uma voz troante, e por uma vontade que só se tem nesses momentos, nós lhe intimamos a ordem de adormecer nessa mesma noite, às seis horas, e de não despertar senão no dia seguinte ao meio-dia. Então, dizemos-lhe, os dois acessos serão evitados, e estareis curada para sempre: *andai, despertai!*

Bem recuperada, mandamo-la embora acompanhada pela mãe, à qual recomendáramos deitá-la assim que o sono a tivesse tomado.

À noite, às sete horas, nosso confrade chegou para ir acompanhar sua doente. Contamos-lhe o que se passara. Mas sua fé no magnetismo não chegava até aí. Fomos à casa da doente.

- “E vossa filha? dizemos à mãe.

- “Às seis horas adormeceu; coloquei-a na cama, e está dormindo.”

No dia seguinte, fomos ainda visitar a jovem mulher. Eram onze horas. Era a hora fatal! Mas a doente ainda repousa-

va!..... Ao meio-dia, despertou, e nos dias seguintes não teve mais suas horríveis convulsões.

Falamos acima do perigo que podia apresentar a experiência de paralisia e de catalepsia que se estabelecia à vontade sobre os membros do sonâmbulo, fenômeno que se podia fazer continuar no estado de vigília.

Conhecemos uma senhora, sonâmbula muito impressionável, que uma de suas amigas tentara magnetizar de brincadeira. Alguns gestos bastaram para produzir o sonambulismo. Divertiram-se muito, riram muito tempo; a magnetista, orgulhosa de seu poder, demonstrava-o à sociedade detendo a voz da sonâmbula no meio de uma frase e paralisando tal ou tal membro. Veio o tempo de despertar, e o instante foi desastrosamente escolhido depois de uma dessas paralisias instantâneas.

O despertar foi difícil, pois a senhora estava longe de conhecer o magnetismo; enfim, depois de dificuldades infinitas, os sentidos foram devolvidos ao seu estado normal; mas a fala não reapareceu... Perturbada, fora de si, a magnetista aumentou a desordem por seus passes confusos e sua aflição; enfim, muito assustada, ela fugiu, abandonando a pobre muda, cuja inquietação se tornou pavorosa. Correram atrás de magnetizadores, e um deles conseguiu, depois de várias horas, reparar o desastre.

- Eis uma carta de um farmacêutico de La Rochelle, que relata um fato desse gênero:

“Um indivíduo, que não tinha *nenhuma noção do magnetismo*, e que não acreditava nisso, divertiu-se a acionar com o olhar, segurando-a pela mão direita, uma jovem de dezesseis anos, bastante sensível ao magnetismo. Em poucos instantes esta senhorita passou ao sono. O incrédulo continuou a agir e carregou tanto seu sujeito, que quando quis acordá-lo, não conseguiu. M.... chegou então, e depois de se ter posto em relação com sua sobrinha, tentou os meios habituais de desembaraçá-la. Após muita dificuldade, conseguiu despertá-la; mas nunca pôde

destruir a catalepsia do braço direito pelo qual a segurara seu imprudente magnetizador.

“M..., muito embaraçado, trouxe-me a garota; tentei, mas sem sucesso, dar outra vez movimento ao braço. Adormeci-a de novo e fiz outros esforços: vã esperança!

“À noite, fui à casa de M... com o médico do hospital militar. Adormeci ainda a jovem para saber dela mesma quando se poderia fazer cessar a crise. Ela me respondeu que seria dentro de dois dias, mas que amanhã de manhã seu dedo indicador tornaria a levantar-se. Com efeito, o dedo levantou-se outra vez, mas voltou a fechar-se ao meio-dia para não mais se mover. Na quarta-feira, tentei de novo sem sucesso.

“Magnetizei decididamente minha sonâmbula ordinária; ela me disse que só ela poderia destruir essa catalepsia; mas que, como ela ficaria impressionada durante oito dias, isso não lhe convinha.

“Ficamos então vários dias sem saber o que fazer, quando uma noite, jantando, a jovem parálitica teve uma espécie de previsão; levantou-se da mesa pedindo para ser magnetizada imediatamente. Adormecida, disse que sua mão ia abrir-se, mas que para isso era preciso um emplastro, que ela mesma compôs de substâncias as mais bizarramente juntadas e que ela escolheu na farmácia do tio, o qual é veterinário. A mão se abriu, mas voltou a fechar-se. Alguns dias depois ela se fez conduzir, em sonambulismo, à minha farmácia. Ali, pegou ela mesma os frascos que queria e fez verter as quantidades de medicamentos que devia acrescentar ao primeiro emplastro.

“Enfim, depois de ter usado esse singular tópicico durante mais de uma semana, o braço recuperou seus movimentos naturais.”

Estes exemplos devem então tornar muito circunspecto no emprego do magnetismo. É um poder que, embora sem

efeito sobre dez pessoas que lhe forem submetidas, é capaz de impressionar profundamente a décima-primeira.

A prudência manda nunca o experimentar para zombar de sua não existência, pois o mais incrédulo pode encontrar um sistema nervoso muito sensível, e causar os acidentes de que falamos. Isso será tanto mais grave quanto mais completa for a ignorância das leis do magnetismo por parte do experimenter.

Se uma vontade alheia pode trazer a um organismo alheio uma modificação da natureza daquelas que observamos no estado magnético, a vontade de um indivíduo pode também produzir *nele mesmo* os mesmos fenômenos; entretanto, isso é muito mais raro, e o sonambulismo só se manifesta assim em indivíduos nos quais essa crise já fora estabelecida pela ação magnética de uma outra pessoa. Têm-se todavia alguns exemplos de sonambulismo, espontaneamente produzidos pela concentração do pensamento de indivíduos que jamais foram magnetizados.

É incontestável que a vontade de um homem, fortemente concentrada, goza sobre a sua pessoa de um certo poder. Esse é o segredo dos instintos domados, das paixões corrigidas, das resistências às dores da alma, da inocuidade sobre o corpo dos sofrimentos físicos, das soluções de trabalhos imensos. Mas essa ordem de ações não sai das funções fisiológicas do organismo; isso não é senão a integridade e o equilíbrio dos poderes físico e moral; ao passo que se encontram indivíduos nos quais uma concentração enérgica e sustentada da vontade perturba o equilíbrio da circulação nervosa, acumulando em certos pontos do sistema nervoso a eletricidade dinâmica que nele se encontrava regularmente distribuída. Esta derivação nervosa, este deslocamento da vitalidade, determinam às vezes o estado sonambúlico, que não cessa por si só a não ser após o restabelecimento do equilíbrio.

A vontade, ajudada por passes dirigidos de certas maneiras pelo próprio indivíduo, age mais prontamente, mas também a crise é mais durável, mais forte, e há perigo em provocá-la em si mesmo.

Os brâmanes indianos têm, como dissemos, o hábito de mergulhar assim numa espécie de êxtase. As crônicas citam vários exemplos de fatos semelhantes em diversas pessoas, e às vezes nossos sonâmbulos obtêm também por si mesmos o estado sonambúlico. Sabe-se, com efeito, que muitos sonâmbulos de consultas, sobretudo em Paris onde esse gênero de sonambulismo é infelizmente tão comum, adormecem e despertam à vontade.

O doutor Despine, tendo dirigido as pesquisas de suas sonâmbulas para essa curiosa parte da arte magnética, obteve daí informações muito preciosas que vamos expor sucintamente⁴⁶.

“O que é muito notável é que todas as minhas sonâmbulas, para produzir esse efeito, agiam sobre as mesmas ramificações nervosas, sem nunca terem estudado anatomia.

“Micheline, no estado de sonambulismo, podia à sua vontade mergulhar em síncope ou em letargia. Para fazê-lo, eis qual era sua fórmula:

“Ela se deitava de costas na cama; cruzava em seguida os antebraços sobre o peito, e colocava a extremidade do dedo médio na covinha existente no pescoço, diretamente acima da parte média da clavícula esquerda; ela procurava em seguida o ponto correspondente do outro lado com o dedo médio da outra mão, e quando o achava, ela apoiava, no momento em que queria determinar a síncope, a ponta do dedo sobre a covinha em questão, e alguns minutos bastavam para obter o efeito desejado.

⁴⁶ *Loco citato*, p.169.

“Toda sensibilidade externa estava então extinta; ela não era impressionável por nenhum dos cinco sentidos; não era mais possível ser ouvido por ela, ou, se ouvia, não podia mais responder. Enfim, era preciso necessariamente esperar que esse estado acabasse espontaneamente.

“Alexandrine pôde diferentes vezes, por meio da *fórmula de Micheline*, entrar em síncope como ela. Um dia mesmo fez-me muito medo; ela estava na cama, e seus cobertores estavam por acaso amontoados sob os cotovelos, de maneira a apoiá-los contra a queda que devia sobrevir assim que entrasse em síncope, unicamente pelo efeito da gravitação. Alexandrine então, tendo obtido o estado de síncope, e seus braços estando retidos na posição *sincopante*, permaneceu nela sem poder sair. Ela nunca teria saído dessa posição se um feliz acaso, que posso chamar de providencial, não me tivesse trazido para perto dela.....

“Conhecendo os efeitos da posição na qual a encontrava, apressei-me em descruzar-lhe os braços e colocá-los sobre as duas partes laterais do corpo; eles já estavam frios como mármore, a respiração insensível, e os movimentos do coração diminuíam de instante em instante; os pés estavam gelados, e todo o calor vital se concentrava no epigástrico e no coração. Empreguei a insuflação pulmonar, e alguns minutos depois obtive da doente sinais inequívocos de que ela me ouvira: era pelo epigástrico; mas ela não podia responder-me. Em breve o retorno das forças lho permitiu; e foi sempre em sonambulismo que me forneceu as curiosas observações que vou traçar aqui.

- “Alexandrine, o que vos aconteceu?”

- “Não sei, mas eu me sentia morrer.... Quis procurar passes como me havíeis dito para fazer. Caí por acaso naquele que servia a Micheline para passar à síncope. Achando-me sem sofrimento nesse estado, prolonguei-o um pouco mais do que devia; meus cotovelos, detidos nas dobras do meu cobertor,

não puderam afastar-se, e quando quis fazê-lo, sentindo que me ia embora, não pude e fiquei sem força... Eu me sentia morrer.....Eu me via desfalecer rapidamente, e se vós não tivésseis vindo socorrer-me, estaria morta com toda a certeza daqui a quatro ou cinco horas.”

O doutor Despine cita ainda várias observações semelhantes, que são de natureza a jogar novas luzes sobre a prática do magnetismo e as leis fisiológicas que regem o sistema nervoso.

As reflexões às quais acabamos de nos entregar fazem-nos crer num valor dos *passes magnéticos*. É portanto possível ao homem que sofre aliviar algumas vezes a si mesmo, operando sobre a parte afetada por meio de certos procedimentos, que tendem quer a desviar uma *espécie de flogose nervosa* suscitando uma irritação local, ou então a excitar o curso dos fluidos e a prevenir assim acidentes mais graves. Nós não admitimos todavia essa magnetização sobre si mesmo a não ser em dores que não reagem sobre o conjunto das funções, e que permitem à vontade ter todo o seu poder. Demais a mais, essa é uma faculdade especial com a qual cada indivíduo é muito desigualmente favorecido.

Não tendo tido a intenção de fazer de nosso livro um tratado prático de magnetismo, limitar-nos-emos às reflexões que acabamos de emitir sobre os procedimentos. Mas prevenimos aquele que gostaria de magnetizar que há uma infinidade de questões secundárias em aparência e contudo muito importantes, que deverão ser ainda examinadas antes de obter todos os resultados vantajosos que é possível ter pela ciência do magnetismo. Declaramos então que é indispensável estudar as obras da maioria dos magnetizadores antigos e modernos. Pois estando o magnetismo ainda no berço para a nossa época, é certo que nenhum autor pôde tratar a matéria com todos os desenvolvimentos de que ela é susceptível. Cada dia novas descobertas

tas vêm aumentar as que obtivemos; e é absolutamente necessário associar-se a elas para ter uma ideia precisa da arte magnética e para aplicá-la com utilidade e sem perigo.

Acabamos de tratar bem sucintamente dos procedimentos mais úteis e mais eficazes nas diferentes fases que os fenômenos magnéticos podem apresentar. – Mas supondo a ação magnética completamente eficaz e o sonambulismo determinado, existe algum procedimento, algum meio de constatar esse estado particular?

Esta face da questão prática do magnético ainda não foi suficientemente examinada, e é incontestável que com muita frequência se acredita ter formado um sonâmbulo quando apenas se foi logrado por um paciente hábil. Que não se proteste contra o que estamos dizendo; enganar-se-iam se acreditassem ser fácil reconhecer um sono fingido, ou um sonambulismo mentiroso. Conheçemos magnetizadores muito sábios que se deixaram enganar durante muito tempo. Vimos reuniões concorridas admirativas de experiências feitas por indivíduos bastante hábeis para mascarar suas velhacarias sob as aparências da verdadeira clarividência. Ouvimos consultas médicas que espantavam e forçavam quase a convicção de incrédulos, bem dispostos aliás, e que não eram ditadas pelo sonambulismo.

Desejosos de tornar vãs essas pérfidas disposições de alguns sujeitos que se entregam a isso, seja pelo instinto da astúcia, seja por uma malícia passageira, seja por um interesse qualquer mais ou menos poderoso, nós pesquisamos se a modificação que se opera no modo funcional do sistema nervoso não seria apreciável por meios físicos ou por alguns sinais externos, mas não encontramos nada de geral. Não se deve renunciar a essas importantes pesquisas, pois elas ofereceriam eminentes vantagens.

Somente a experiência e um longo hábito de ver e de produzir o sonambulismo, e também a de frequentar os doen-

tes, podem guiar nesta via difícil da arte do magnetizador. Não relataremos aqui os exemplos numerosos que observamos, eles não serviriam; pois, segundo cada pessoa, os fenômenos variam. Não é uma desconfiança injuriosa e malévola que pretendemos recomendar; não, é a prudência do observador calmo e benevolente, mas justo e severo que aconselhamos.

Muitas pessoas alheias à medicina terão dificuldade e repugnância em nos compreender. Para lhes dar uma ideia do que é capaz o espírito astucioso, vamos relatar uma observação de doença simulada, compilada no hospital da Charité.

Joséphine Roulliez queixava-se que desde uma queda que dera no fim do verão de 1808, a urina cessara de seguir seu curso pelas vias naturais; que essa evacuação era substituída por frequentes vômitos de um líquido análogo à urina; que cada mês também vômitos de sangue ocorriam no lugar do fluxo menstrual. Em breve, durante sua estada no hospital, os excrementos tomaram a mesma via que a urina e a menstruação. Alguns meses depois, a urina e o sangue das regras pareceram ressumar abundantemente pelo umbigo, e continuaram desde esse momento a escorrer em aparência por essa parte. Grande número de médicos foi convidado a visitar a doente, e não foi levantada nenhuma dúvida sobre a realidade desses fenômenos inexplicáveis. No dia 14 de fevereiro seguinte, Boyer acabou por suspeitar de alguma trapaça. Manteve-se a doente no leito; puseram-lhe luvas brancas, e cuidou-se para que ela não as tirasse. Nos dias 15, 16 e 17, esponjas colocadas sobre o umbigo ainda ficaram embebidas de urina, e os vômitos de matérias fecais ocorreram como precedentemente. Todavia, as suspeitas aumentaram: fechou-se inteiramente a camisola de lã que a doente vestia, e fizeram-na pôr um calção costurado a essa camisola, de maneira a fazer uma roupa de uma única peça; não se deixou a descoberto senão a região umbilical, e dois alunos foram colocados ao lado do leito para examinar se escorreria uri-

na. A moça Roulliez em breve se viu forçada a confessar que, durante os dezenove meses que passara no hospital, todos os seus males tinham sido simulados.

Este exemplo, de uma simulação inconcebível por parte de uma mulher cuja conduta anterior, a moralidade bem atestada e a ignorância aparente, afastavam de início toda suspeita, deve pôr as pessoas que se ocupam de magnetismo em guarda contra armadilhas dispostas com demasiada frequência à sua boa fé.

Os meios de constatar a realidade do sonambulismo são frequentemente muito difíceis. Tentou-se revelar a fraude, dizendo ao magnetizado que se ia despertá-lo, enquanto pela vontade e por gestos combinados àqueles que se tem o hábito de fazer para determinar o despertar se fazia perseverar o estado magnético. Em nossa opinião, é um meio muito ruim; pois há alguns sonâmbulos cuja imaginação age tanto sobre eles mesmos quanto o magnetismo, e que despertam, embora a vontade do magnetizador esteja em desacordo com suas palavras e seus gestos.

Vários exemplos de trapaça, como assinalamos que se introduzem frequentemente, não provam nada, quando se considera o magnetismo sob seu ponto de vista científico, pois cem fatos negativos não podem destruir um único que é positivo. O princípio permanece e o fenômeno fisiológico entra para a ciência. Mas do ponto de vista prático, esses feitos de fraude sonambúlica demonstram, como dizia muito bem o doutor Frapart, que o magnetizador mais probo pode ser enganado, e que igualmente, o magnetizador mais confiante é aquele que é enganado mais frequentemente. Eles provam ainda que é da maior urgência, sob pena de ver o erro se propagar, ou o magnetismo transviar-se, o que já começou, que os médicos estudem com atenção o magnetismo e que uma lei severa regule sua aplicação prática.

TERCEIRA PARTE.

METAFÍSICA DO MAGNETISMO.

CAPÍTULO PRIMEIRO.

PSICOLOGIA TRANSCENDENTE.

Estudai o magnetismo com longa perseverança, e vosso espírito se elevará às altas regiões de uma filosofia espiritualista que não tardará a introduzir-vos nos sublimes mistérios do cristianismo.

O espírito profético é natural ao homem.
DE MAISTRE.

Uma meditação séria sobre o conjunto dos fenômenos que o magnetismo apresenta indubitavelmente àquele que busca com persistência penetrar nessa fonte de maravilhas, leva naturalmente o espírito a concluir que o homem possui certas faculdades cuja manifestação não é possível no seu estado normal.

Essas faculdades, de que falamos nos capítulos anteriores, podem ser recapituladas assim:

Apreciação das coisas convenientes para restabelecer a saúde cujo equilíbrio está perturbado;

Sentimento exato dos sofrimentos das pessoas presentes ou ausentes;

Percepção num sentido geral e num sentido determinado do pensamento de outrem;

Visão através dos corpos opacos;
Visão à distância de certas coisas, de certos fatos atuais;
Previsão em certos casos; visão retrospectiva de acontecimentos passados.

Não temos mais aqui de deter-nos sobre cada um desses fenômenos, já os estudamos em si mesmos e em suas diversas relações fisiológicas.

Mas o que nos importa pesquisar é se esse conjunto de fenômenos anormais forma um grupo de faculdades inerentes ao homem, ou se eles seriam apenas uma exaltação mórbida e fortuita das faculdades sensoriais comuns.

Fomos atrás dos vestígios de todos os fenômenos que surgem no sonambulismo magnético em cada época da Antiguidade, e apoiamo-nos nessa universalidade de fatos análogos para tornar racional a doutrina que tira dessa universalidade a prova de um estado intelectual e físico diferente daquele no qual o gênero humano percorre hoje os períodos de sua vida. Mas ao lado das pretensões que levantamos não se pode dizer também que a síntese fenomenal que interpretamos no nosso sentido, seja um grupo artificialmente formado de individualidades efêmeras e mórbidas que tiram seu caráter de universalidade apenas dessa lei constante pela qual o homem esteve em todos os tempos submetido às doenças, e por conseguinte, segundo os casos, ao desenvolvimento dos fenômenos nervosos patológicos que nós tomamos por fenômenos naturais.

Sem dúvida a fisiologia patológica poderia facilmente estabelecer uma síntese de todas as afecções que apresentaram, seja como elemento principal, seja como epifenômeno, fenômenos análogos àqueles que o sonambulismo magnético apresenta, e pretender então que não há neles o caráter de faculdades verdadeiras, e sim o de um exagero mórbido de uma faculdade sensorial fisiológica.

Assim a visão à distância, a visão na obscuridade, através das pálpebras, através mesmo de faixas, não seria mais do que o produto de uma intensificação doentia do poder do aparelho nervoso que preside à visão; a audição dos sons distantes seria devida à mesma modificação do nervo auditivo, e o mesmo ocorreria para os outros sentidos. Quanto ao tocante às operações que dependem da inteligência, a fisiologia poderia explicá-lo pela mesma causa, ou seja, a excitação cerebral nas partes destinadas pela frenologia aos atos intelectuais. Citam-se fatos análogos (em miniatura, podemos dizer) aos do magnetismo, que sobrevieram em afecções cerebrais agudas, em neuroses diversas, e baseiam-se neles para dizer-nos: As faculdades que vós acreditais latentes no homem não são faculdades, não são mais do que produtos dos aparelhos sensoriais ou cerebrais elevados por um estado patológico até seu auge de vitalidade e de manifestação fenomenal.

A esta doutrina negativa responderemos que todos os fenômenos que ela pode reunir como sendo análogos aos que indicamos sumariamente, aparecem no meio de um estado doentio nitidamente caracterizado; que eles são efêmeros, e que, em razão do estado mórbido, intensificam-se e desaparecem com ele, de tal sorte que se vê perfeitamente a relação que existe entre a causa e o efeito, entre a perturbação do organismo e a exaltação das propriedades dos aparelhos sensoriais e dos centros cerebrais. Dever-se-ia portanto pesquisar nesses fenômenos, que se ligam a um estado patológico, se os órgãos cerebrais podem produzir certas ordens de fenômenos, e resolveríamos imediatamente a discussão.

Mas continuando o paralelo, achamos que os fenômenos, que acreditamos fazer depender de faculdades especiais, se produzem, no estado magnético, fora de toda condição patológica, que eles podem atingir seu auge de intensidade sem que se encontre nada de profundamente alterado nas funções dos ór-

gãos; e o indivíduo no qual os observamos retoma imediatamente seu estado habitual, sem conservar nenhum traço das desordens que não deveriam deixar de aparecer, se esses fenômenos insólitos fossem verdadeiramente o produto da sobre-excitação das fibras nervosas do órgão cerebral.

Além disso, esses fenômenos, ainda que muito pouco determinados em sua aplicação prática, o que se deve à impossibilidade de naturalizar o estado extático e aniquilar a reação física do estado ordinário, são mais constantes, mais perfeitos, mais completos e oferecem uma fisionomia completamente diferente daqueles que a patologia pode reivindicar.

Estes motivos, que um estudo mais profundo tornaria mais poderosos, nos levam então a crer que os fenômenos psicológicos observados no sonâmbulo lúcido não são devidos a uma sobre-excitação e a uma extensão das propriedades sensoriais e cerebrais, mas que eles pertencem a faculdades próprias do homem, faculdades que não se desenvolvem a não ser nas circunstâncias em que o estado estático normal é rompido em seu modo fisiológico.

Mas se essas faculdades extraordinárias fazem parte da natureza humana, por que permanecem escondidas e perdidas? Por que é tão difícil fazê-las surgir? Por que só aparecem raramente, incompletas, vacilantes, e desaparecem para sempre?

Não cabe a nós tratar destas questões de alta filosofia. Nossa tarefa é mostrar a coincidência que existe entre os resultados filosóficos a que nos conduziram o estudo dos fenômenos sonambúlicos e as pretensões das doutrinas filosóficas que fazem um dogma fundamental da decadência do homem de um estado superior àquele que constitui nossa vida atual.

Parece que para combater o poder crescente do racionalismo, que se apoia na ciência despojada da vida, Deus permitiu ao homem desvelar algo do tenebroso invólucro que, há tantos séculos, é tomado pela obra mesma do criador, a fim de deixar

brilhar um pouco dessa luz que pode dar uma ideia do que ele disse ser feito à sua imagem! Nobres destroços que se tentariam em vão reunir para reedificar numa harmonia perfeita.... O véu se ergue e logo volta a cair; vós podeis por aí compreender todo o mistério da vida do homem, mas não podeis ir além, o selo do tempo da prova não está rompido.

Assim sendo, parece-nos que jamais a lucidez que o homem adquire no sonambulismo magnético será persistente, nem determinada, nem ilimitada, nem isenta de erros. Relâmpagos brilhantes que é preciso saber aproveitar, mas que é preciso aprender a distinguir das vãs produções da imaginação, eis o que o magnetismo promete e pode dar.

O homem, dizemos nós, pode então, em certas circunstâncias, reconquistar alguma coisa das faculdades que caracterizam por natureza sua espécie, mas essas faculdades são inerentes ao homem tal como o conhecemos, ou ao homem decomposto; numa palavra, o homem é um ser simples ou duplo? Tem ele um corpo e uma alma? O corpo desfrutaria dessas propriedades dinâmicas, intelectuais e extraordinárias que constatamos? Ou então elas constituem a essência do ser simples e imaterial que a filosofia espiritualista alia ao corpo para compor, por uma dualidade harmônica, o indivíduo único que chamamos *homem*.

Pode o magnetismo trazer alguma luz a esta nova questão, que parece bem resolvida apenas para os metafísicos e os fisiologistas, dois campos opostos que se acreditam ambos tão fortes em si mesmos que desprezam fazer qualquer excursão séria e refletida no domínio do adversário.

Tentemos lançar o fio de Ariadne, para que, apanhado por algum filósofo de grande mérito, ele sirva para guiar a ciência nessa estrada difícil. Estamos efetivamente convencidos de que no dia em que os psicólogos e os teólogos tiverem penetrado no magnetismo, estudos novos serão feitos sobre o homem.

As pesquisas a que nos entregamos na primeira parte desta obra deram-nos a certeza de que os fenômenos cujo conjunto constitui a vida do homem não eram o produto único das propriedades de que a matéria dos órgãos podia ser dotada, como também não da combinação que resulta das diversas peças do mecanismo orgânico. Nós encontramos no homem vivo dois elementos distintos, a saber, a matéria organizada e um imponderável que vivifica essa matéria. Este imponderável, dissemos nós, é ele mesmo material. Eis o que saiu nitidamente de nossos estudos analíticos e comparativos; e a série de fenômenos que encontramos pôde explicar-se em grande parte pelo conhecimento das leis fisiológicas da vida. Mas tudo o que observamos nos fenômenos do sonambulismo magnético pode ser explicado em virtude das mesmas leis fisiológicas e depender somente do organismo?

Tomemos, para nos determinar em nosso trabalho, qualquer uma das faculdades que se mostram no sonambulismo lúcido: a visão através dos corpos opacos, por exemplo.

Uma sonâmbula, dotada deste gênero de lucidez, é colocada à nossa disposição. Colamos os olhos com várias tiras de tafetá colante; recobrimos esse aparelho com uma faixa que desce até as narinas, e as bordas dessa faixa são também coladas sobre a pele das asas do nariz subindo da bochecha às orelhas, em seguida depois de ter alisado as fissuras que poderiam ter-se produzido nesta última aderência, o que para nós não teria eliminado o obstáculo subjacente aplicado imediatamente nas pálpebras, vemos como impossível a passagem de um único raio luminoso. Então damos à sonâmbula objetos diversos, elas nomeia-os logo; colocamos cores na sua frente, ela distingue cada uma delas; abrimos-lhe um livro, ela lê muito fluentemente. Ora, o tato não tem nenhuma influência aí, o eixo visual está rompido, pois por momentos a cabeça se inclina e apresenta a região temporal ou frontal. Em uma palavra, estamos convenci-

dos de que a visão se opera apesar do obstáculo opaco que colocamos sobre o aparelho ótico.

Mas aqui o foro íntimo não é afetado em sua convicção. Diz-se: se toda a cabeça estivesse coberta, não haveria mais meio de crer em algum imperceptível trajeto que a luz pode muito bem encontrar ao longo dessas bordas bem coladas sem dúvida, mas *descoláveis!*

Pois bem! Vimos o fato seguinte, e observamo-lo bem diversas vezes.

A sonâmbula da qual queremos falar é Prudence. Esta jovem, dotada de várias faculdades sonambúlicas transcendentes, oferece, como muitas pessoas puderam convencer-se, a visão através dos corpos opacos. Seu magnetizador, o Sr. Laurent, estimulado pelas objeções, rejeitou a faixa e o tafetá, depois a máscara de argila que os incrédulos viam fissurar-se pela dessecação, e adotou como o melhor meio de oclusão uma máscara de metal moldada sobre o rosto de Prudence, e oferecendo em direção ao nariz e à boca um leve abaulamento, a fim de permitir a acumulação de um pouco de ar para uma respiração de cerca de cinco minutos. Nenhuma abertura; a voz devia ressoar através do metal.

A máscara aplicada cobre toda a face até as orelhas, e é presa por correias. Examinamos esse aparelho, e achamo-lo impenetrável à luz; nós o aplicamos e em seguida envolvemos a cabeça com uma pele que, caindo sobre os ombros, foi apertada por um lenço em volta do pescoço. Com a cabeça assim encerrada, Prudence distinguiu todos os objetos, todas as cores, todas as grandes letras que lhe foram apresentadas. A visão se operava apesar da enormidade dos corpos opacos; pois seu magnetizador afastado ignorava os objetos apresentados, e frequentemente acontecia o mesmo com o que interrogava Prudence.

Vimos ainda Alexis, o sonâmbulo do Sr. Marcilet, ler uma ou várias palavras num bilhete dobrado em quatro. E tivemos o cuidado de decompor a experiência, ou seja, retirar a faculdade da transmissão do pensamento, fenômeno pelo qual Alexis, como ele mesmo nos diz, adquire o conhecimento do que lhe é pedido. Numa experiência que o Sr. Esquiros, literato bem conhecido, fazia com Alexis, ele lhe remete um papel dobrado várias vezes. É a letra do Sr. Abade Lacordaire. - Não. - Ah! é de Laménais. - Sim. - E depois a vossa. - Não. - Mas vejo bem Esquiros. - Não. - Ah, como não, diz ele a Alexandre Dumas, pegai, olhai, é bem a assinatura do Sr. Esquiros. Abre-se o papel. Era um salvo-conduto concedido ao Sr. de Laménais e contra-assinado por Esquiros, que esquecera essa particularidade. Alexis vira então realmente através das dobras do papel.

Agora, qual é a lei geradora deste fenômeno? Expusemos antes uma teoria física mediante a qual dizemos que o imponderável chamado pelos físicos de *eletricidade natural* é luminescente para o sonâmbulo muito lúcido. Este fluido, interposto entre todos os átomos moleculares de cada corpo, torna possível sua transparência para aquele que percebe a luz do fluido magnético combinado à eletricidade natural, que estabelece uma continuidade absoluta entre todos os corpos da natureza.

Ao lado desta teoria, poremos a que, completamente espiritualista, explica o fenômeno da visão através dos corpos opacos pela ação direta e imediata da alma, libertada do modo funcional orgânico pelo fato da sonambulização.

Estas duas teorias, cujo espírito é totalmente oposto, podem aplicar-se à explicação da causalidade do fenômeno do qual nos ocupamos, é impossível considerar como forçosamente necessária a admissão de um terceiro princípio constitutivo da individualidade humana, visto que a combinação das duas

partes que a fisiologia pode encontrar no homem basta para explicar o fenômeno em questão.

O mesmo acontece para a visão orgânica e a apreciação que o sonâmbulo faz das coisas convenientes para o restabelecimento de sua saúde; e como a lucidez aplicada a um outro doente que não o próprio sonâmbulo é somente uma extensão da faculdade genérica que constatamos no doente vindo para si mesmo, resulta daí que esses dois gêneros de lucidez se confundem, como dizemos, em faculdade genérica.

Ora, esta faculdade pode muito bem explicar-se pelas leis fisiológicas que regem a vida comum de todos os seres; noutros termos, esta faculdade depende do magnetismo universal.

Se o mesmo elemento de vida viesse a ser o motor de todas as individualidades da criação, daí resultaria naturalmente um estado harmônico que estabeleceria entre todos os seres uma simpatia perfeita, e esta simpatia produziria para um ser inteligente o sentimento das qualidades respectivas das individualidades alheias. O instinto resulta desta disposição mais ou menos generalizada.

Mesmer compreendeu perfeitamente esta grande lei de ontologia, sendo o primeiro a formular estes Aforismos notáveis:

“A faculdade de sentir na harmonia universal, a relação que os seres e os acontecimentos têm com a conservação de cada indivíduo, é o que se deve chamar *instinto*.

“Todos os animais são dotados desta faculdade.

“O instinto é um efeito da ordem, da harmonia.”

Mas esta harmonia do universo e dos seres diversos que o constituem não existe seguramente, e é só temporariamente que o homem consegue estabelecer um estado harmônico factício pelo fato da crise sonambúlica.

Como se vê, o instinto medicinal que se observa no sonambulismo deve-se a leis fisiológicas e pode, até certo grau, explicar-se sem a intervenção da alma.

Podemos vincular ao instinto, ou melhor, à harmonia simpática, o fenômeno da percepção do pensamento? Formamos muitas vezes em nosso pensamento imagens fictícias, e os sonâmbulos viam essas imagens como realidades. Obtivemos com frequência uma palavra, um sinal, uma ação, segundo um pedido mental. Outros, dirigindo a sonâmbulos perguntas em línguas estrangeiras desconhecidas pelos magnetizados, obtiveram respostas indicando a inteligência não do idioma, mas do pensamento daquele que falava, pois se o experimentador falava sem compreender, o sonâmbulo era incapaz de perceber o sentido da pergunta.

Esta ordem de fenômenos oferecidos pela lucidez sonambúlica apresenta certas relações que se ligam bastante estreitamente à teoria do simpatismo harmônico para ser, em grande parte, explicada por essa teoria fisiológica.

Não se deve dissimular, efetivamente, que a percepção do pensamento é muito limitada, e que o sonâmbulo não aprende senão o sentido geral do pensamento se ele não se concentra sobre objetos positivos. É preciso lembrar também que para que o pensamento seja nitidamente percebido, o sonâmbulo precisa de uma relação imediata, e que quanto mais o experimentador goza da faculdade de concentrar seu pensamento com exclusão de toda imagem alheia, melhor o sonâmbulo revela esse pensamento. Não se vê portanto nesse fenômeno senão a reflexão de uma imagem ou de uma ideia que impressiona vivamente o experimentador, num ser cujo aparelho nervoso foi tornado perfeitamente simpático ao daquele que age. No momento da experiência, o sonâmbulo fica passivo, e o pensamento que o magnetizador forma se repete no cérebro que se tornou simpático.

Comprendemos bem até aqui o modo de transmissão do pensamento, mas ficamos impotentes para compreender, por estas leis de simpatismo harmônico, o mistério pelo qual o homem forma em si mesmo tal ou tal ideia, tal ou tal imagem, e isso sem a solicitação de objetos externos. Isto foge às propriedades do organismo, e a psicologia encontrando nesta faculdade rememorativa ou criadora, segundo o desejo do homem, algo de antagônico às propriedades do organismo, a faz depender de um ser substancial diferente da matéria.

Começamos portanto a encontrar no fenômeno da transmissão do pensamento alguma lacuna entre a capacidade das leis fisiológicas do organismo e o resultado obtido. O rudimento do fenômeno, caso se possa exprimir-se assim, é fisiológico, mas sua extensão, às vezes verdadeiramente prodigiosa, não o é mais, e é preciso aqui admitir que o homem goza de uma faculdade que não pertence a nenhum dos dois elementos materiais dos quais até o presente nós o encontramos composto. O observador de boa fé reconhecerá então a partir daqui uma terceira parte que entrará na composição do homem, parte que começa a se revelar a ele, do ponto de vista da psicologia magnética, por caracteres novos e que se relacionam com aqueles que os filósofos atribuem à alma.

Mas a existência da alma fica mais fortemente demonstrada pelo estudo de algumas outras faculdades do sonambulismo magnético. Assim, a visão à distância, quando ela é completa e nitidamente separada da transmissão de pensamento, não poderia, em nossa opinião, explicar-se pela extensão do simpatismo orgânico.

Um dia em que consultávamos uma sonâmbula para um doente, ouvimo-la falar sozinha num desses instantes em que a deixávamos consigo mesma.

Ela estava em Versalhes, visitando o quarto do irmão; ela se regozijava pelo prazer que ele experimentaria voltando de

uma excursão distante que fazia naquele momento, ao encontrar uma carta da família, e tanto mais, dizia ela, que essa carta podia bem ficar perdida, pois tinham posto seu endereço no nº 10, e a casa tem o nº 20.

Nesta visão, como em muitas outras que poderíamos relatar, e cuja exatidão verificamos, não encontramos os elementos necessários para obter a solução do problema, numa relação física que se estabeleceria entre o sistema nervoso do sujeito e o objeto afastado. O objeto afastado está com efeito no mesmo estado fisiológico que todos os outros que o cercam, e não é ele que, se fazendo centro de ação, impressiona o sonâmbulo. É ao contrário este que age sozinho, sem impulso, unicamente por seu desejo e sua faculdade própria. Ora, como explicar este fenômeno pelas leis que conhecemos? Não há uma incompatibilidade pronunciada entre os poderes do organismo vivo e a natureza do fenômeno? Aqui portanto ainda é preciso recorrer a uma outra entidade que não aquelas conhecidas no homem, e reconhecer uma das faculdades da alma, do ser simples que procede à sua maneira.

Alguns magnetizadores procuraram explicar o fenômeno da visão à distância, dizendo que a alma se separava do corpo durante o sonambulismo e que ela ia conhecer lugares distantes. O corpo continuava a viver uma vida puramente orgânica e como que vegetativa; permanecia vivificado pelo imponderável que todos admitimos. Este desdobramento do homem seria acima de tudo muito pronunciado no êxtase, o que explicaria os perigos deste estado quando é prolongado.

Um magnetizador da Escola espiritualista, Sr. Cahagnet, relata nestes termos a conversa que teve sobre este assunto com uma de suas extáticas:

A extática: - “A falta de movimento de meu corpo, em meus grandes êxtases, deveria provar-te que não estou mais nele..... Quando estou no céu, meu corpo não pode mais fazer

gestos, visto que não há mais alma dentro dele. Se te respondo logo, é porque ainda estou presa ao meu corpo por fios simpáticos, que tu pareces segurar como cordas que me forçam a descer de novo quando tu as puxas por tua vontade. – Nas visões à distância, embora os sonâmbulos estejam noutros lugares, seu corpo não está privado de movimento. Não há comparação.....Eles não estão no estado extático necessário para comunicar com o céu, e por isso a separação da alma e do corpo não é a mesma.”

O Sr. Cahagnet ainda duvidava desta separação da alma, e querendo fazer uma experiência decisiva, pôe Adèle em êxtase e deixa-a ir à sua vontade. Eu adormeço em seguida Bruno, diz este magnetizador; coloco-o em relação com ela, e peço-lhe que a siga tão longe quanto possível; que ele não tenha medo, e que me avise somente se visse perigo. Eu desejava me assegurar por mim mesmo dos pretensos perigos do êxtase. Várias vezes Adèle me dissera que estivera prestes a não voltar a seu corpo; eu acreditava que ela procurava me preocupar sem motivo; queria então saber como haveria de proceder. Depois de um quarto de hora, Bruno grita muito assustado: Perdi-a de vista; despertai-a, é mais do que tempo.....Eu confiara nele, e prestara pouca atenção a Adèle, cujo corpo durante esse tempo esfriara a ponto de estar quase gelado; não tinha mais pulso nem respiração; seu rosto estava de um amarelo verde, os lábios azuis, o coração não dava nenhum sinal de vida; pus um espelho diante de seus lábios, não ficou embaçado; magnetizei-a com força para chamar a alma ao corpo; não obtive nada durante cinco minutos. Acreditei que a obra estava consumada, e que eu tinha a prova indubitável de que a alma saíra de seu corpo. Fui obrigado a fazer passar as pessoas presentes a outra peça para recuperar um pouco de energia. Após alguns instantes, tive a esperança de que não teria tal desgraça a deplorar, mas não podia fisicamente mais nada. Ajoelhei-me, pedindo de volta a

Deus essa alma que eu deixara partir. Depois de um minuto ainda de angústia, obtive esta palavra: “Por que me chamaste de volta? Acabara!.....”⁴⁷.”

Esta passagem é explícita; mas não podemos aceitar a doutrina que ela parece tornar indubitável. Não cremos possível a unidade do homem se decompor sem que haja morte, e não adotamos a *mensambulação* a não ser em sentido figurado. Para nós, as faculdades de visão à distância, as comunicações espirituais dos extáticos são somente extensões dos poderes da alma, e a maior parte do fenômeno se opera no organismo que sofre tal modificação dinâmica que a alma vê diretamente. Aliás, explicamo-nos sobre este fenômeno em nossa fisiologia.

Para nos apoiar em nossa opinião, teríamos, aliás, as de filósofos cuja autoridade é do maior valor. Tertuliano diz: “A alma nunca está sem a carne enquanto ela estiver na carne. *Nusquam anima sine carne quandiù in carne est.*” Santo Atanásio, Santo Agostinho, São Tomás, Bossuet, sustentam, como faz muito logicamente notar o abade Loubert, a mesma doutrina da indissolubilidade da alma e do corpo durante a vida⁴⁸.

Tínhamos, como se vê, grandes motivos para antecipar que o estudo dos fenômenos do magnetismo tinha estreitas relações com a filosofia e a psicologia. Assinalamos um trabalho a fazer, e convidamos para tanto os homens especiais.

Mas antes de terminar nossas reflexões sobre a psicologia do magnetismo, detenhamo-nos ainda sobre uma faculdade do sonambulismo lúcido, *a previsão*.

Órfã aos vinte e cinco anos, a Srta. Emée fora recebida por uma família que motivos de força maior obrigavam a essa adoção. O desgosto que sentiu pela morte da mãe aumentou o

⁴⁷ *Arcanes de la vie future [Arcanos da vida futura]*, por Alph. Cahagnet. 1 vol. in-12. 1848.

⁴⁸ V. *Défense théologique du magnétisme [Defesa teológica do magnetismo]*. Página 141.

estado de sofrimento habitual da jovem, e logo uma melancolia profunda veio acabar de minar sua existência semiextinta pela doença. A inutilidade dos tratamentos habituara a olhar Emée como incurável, e tudo fazia temer uma morte próxima.

Relações médicas nos haviam introduzido às vezes na casa, mas nunca tínhamos suspeitado da existência dessa jovem. Ela parecia, com efeito, estar tão perto do fim da vida que quase não se ocupavam mais dela. Aliás, seu caráter triste e seu gosto pela solidão haviam contribuído para legitimar perante sua própria consciência o abandono em que a deixavam aqueles que a haviam acolhido como irmã. Entretanto, um dia penetramos nesse aposento, e vimos um cadáver vivo. Porém, em meio à deterioração física, o espírito permanecia com todas as suas forças, talvez estivesse até mesmo mais ativo; mas era somente para se exercer nas penas da terra e nas delícias do céu. Ou seja, Emée chegara a não ter intimidade a não ser consigo mesma, e a pedir a morte para se libertar desta vida, que a devorava pelas lembranças do passado, pela amargura do presente e pela esperança tão consoladora da imortalidade.

- “Senhor, disse a doente, é necessário ter confiança no magnetismo para sarar?”

Estas palavras traduziam um profundo desânimo ao mesmo tempo que uma resignação sublime. Desânimo, porque ela, mulher, não acreditava mais sarar, e não queria mais viver; resignação, porque ela, cristã, queria deixar agir tudo o que a Providência suscitava para trazê-la de volta à vida.

- “Não, senhora, não precisais crer que o magnetismo seja alguma coisa.

- “Então, magnetizai-me se o desejais.”

Em poucos dias o sonambulismo foi lúcido. Melhoras notáveis ocorreram; a suspensão da tosse trouxe de volta o sono, e os vômitos tendo cessado permitiram que os alimentos fossem digeridos. Porém, tinham-se passado semanas, e a expe-

riência nos revelava que a melhora devia ser maior, que era preciso então que a sonâmbula tivesse falta de lucidez. Questionada de novo, ela respondia como sempre: “É possível sarar, fazemos o que é preciso....” Mas havia na inflexão da voz alguma coisa que respirava a dúvida e a ironia.

Estas magnetizações, junto com todas as que éramos obrigados a operar em outros lugares, esgotaram nossas forças; fomos acometidos por uma doença grave. Durante esses dias, Emée teve uma recaída; era o *reflexo* dos sofrimentos de seu magnetizador que ela sentia. Explicamos noutra parte este fato. Esta simpatia delicada que se desenvolve entre os sistemas nervosos deve tornar os magnetizadores muito circunspectos, pois eles podem inocular em seus magnetizados o princípio das dores que eles sofrem no corpo como na alma.

Deleuze e muitos outros relatam exemplos dos perigos que resultam de uma magnetização efetuada por um doente. Vivas inquietações ou profundos desgostos podem ter resultados igualmente funestos. O sonâmbulo sente as angústias do magnetizador com tanto mais dor quanto não sabe ao que atribuir essa perturbação medonha que o oprime. Por menos que exista em seu espírito alguma disposição à tristeza ou alguma semente de aflição moral, ele a exalta e se encontra assim levado a tal grau de sofrimento moral, que a vida lhe parece um pesado fardo do qual deseja desembaraçar-se.

Uma jovem mulher fora sonambulizada diante do marido, cuja incredulidade cedeu lugar a uma admiração extrema à vista das maravilhas que produzia a lucidez extraordinária da esposa.

Reflexões profundas sobre a natureza do homem, sobre sua vida e seu futuro após a morte, tomaram conta de seu espírito, e, com a alma toda agitada por esses pensamentos, ele se retirou para outro aposento onde suas meditações assumiram um caráter cada vez mais sério. A vida pareceu-lhe amarga e

reles; a morte pareceu-lhe doce e, na excitação a que chegara, procurou em suas lembranças se não tinha uma arma à disposição para terminar seu suplício.... Esta cena, que parecia não ter por testemunha e por juiz senão aquele que formulava seu suicídio, e Deus que esperava, se refletia porém palpitante e dilacerante para o magnetizador. As ideias da sonâmbula haviam sido as da melancolia, as do desânimo; depois, chegada de repente a uma exaltação terrível, ela gritou com amargura:

- “Sim, se eu tivesse uma arma, estourava os miolos!....”

A alteração dos traços dessa mulher revelava a angústia de sua alma; uma luta curta, mas pungente, terminou essa situação penosa. O sangue frio, a enérgica vontade do magnetizador haviam triunfado; a sonâmbula confessava seu erro.

O marido tinha voltado ao ouvir os gritos de aflição. - A causa? respondia a sonâmbula a seu magnetizador, a causa?... é ele! Ouve, disse ela ao marido, debes viver, e foste bastante covarde para querer morrer....”

Sede portanto calmos e sem sofrimentos, vós que magnetizais, pois a ação magnética pura dá paz e repouso, a ação má injeta perturbação e inquietação.

Logo que a prudência o permitiu, Emécé foi de novo magnetizada.

- “Como me fizestes mal! exclamou ela assim que ficou lúcida. Oh! Cessai de magnetizar-me.... Não entendeis? Pois bem! Vou falar, devo fazê-lo... Um remorso me cansa, e, na minha vida ordinária, não explico a mim mesma este descontentamento que sinto comigo mesma; fui eu que arruinei vossa saúde... Eu estaria curada se não tivesse lutado contra vossa ação salutar.... Eu repelia vosso magnetismo, e ele voltava a entrar em vós carregado de um fluido doente e febril; vós, sem desconfiar, não vos libertáveis, e pouco a pouco vossos órgãos se irritaram; depois a frequência das magnetizações vos esgotou... Vós queríeis fazer-me viver, eu não queria.... Hoje estou

vencida; vossa caridade, vossos sofrimentos me forçam a me humilhar e a suplicar-vos que me abandonéis....”

Se esta revelação foi cruel, pelo menos esclareceu-nos bem sobre as circunstâncias que a ciência deixara ininteligíveis, e imediatamente compreendemos que era preciso servir-nos de todo o poder de nossa vontade para arrancar do espírito da doente uma ideia evidentemente má, e despertar outras completamente opostas. Era uma tarefa difícil, suscitando uma grande responsabilidade; mas era um dever, e o dever, conscienciosamente cumprido, é um ato de virtude.

Emée foi então levada a reconhecer seu erro, a desejar curar-se e a não se opor mais à ação de seu magnetizador, e tendo essas mudanças morais passado ao seu estado de vigília, ela obteve prontamente melhoras inesperadas.

Várias vezes Emée nos relatara que experimentava durante a noite visões em nada semelhantes aos sonhos comuns, pelo cansaço que sentia ao despertar. Um dia, entre outros, ela nos disse:

“Eu acreditava estar suspensa no ar, sem forma material, mas toda vapor e luz; eu vos mostrava meu corpo estendido na cama, fazendo-vos notar sua palidez e sua magreza, pois não era mais do que um cadáver, eu o deixara. Vós vedes este corpo, dizia-vos, ele está morto, e ele estará assim dentro de trinta dias. Depois insensivelmente esta luz vaporosa que eu sentia ser *eu* se aproximou do cadáver, uniu-se a ele, e recuperei os sentidos, alquebrada como após um longo e penoso sono magnético.”

Embora houvesse nesse sonho certos caracteres do êxtase, não lhe demos importância. O tempo passou sem que se tratasse desse sonho particular. Estávamos a oito dias do prazo fixado, quando, em sonambulismo, Emée disse espontaneamente:

“Vós tratais levemente minha revelação, entretanto não é uma ilusão; estarei morta na noite de quinta-feira. Des-

perta, creio nisso seguramente menos do que vós; mas agora vejo que minha visão era verdadeira... O estado em que entrava nessas noites é superior àquele em que estou magnetizada; vejo tudo então com uma precisão incrível.

- “Se vistes o dia de vossa morte, podeis saber como ela ocorrerá?”

- “Está demasiado distante; entretanto será por um acontecimento completamente fora de minha doença.... Adormecei-me na véspera, é indispensável.”

Naquele dia, ocorreu uma feliz circunstância. A Sra. Laas estava na cidade; magnetizamos portanto Emée. Ela viu imediatamente que sua amiga seria a causa da catástrofe do dia seguinte, por uma nova aflição que lhe ocasionaria.... Tão logo ela ficou agitada, sua lucidez se turvou; foi tomada de febre; ...depois de repente ela exclamou:

“Despertai-me, ela está vindo;... voltai às três horas, estarei sozinha.”

Essa visão era tão espontânea, tão habitual nos fenômenos magnéticos, que nos apressamos a despertar a sonâmbula, crendo que a Sra. Laas estava próxima. Entretanto essa senhora voltou só duas horas depois. Emée fora vítima de uma ilusão de imaginação! Esse erro nos tranquilizou, e, lembrando-nos dos fatos que demonstravam que com frequência os sonâmbulos tomam por realidade um produto de sua imaginação, achamos provável que o resto da predição também não se confirmaria. Porém nós nos perguntávamos se a preocupação de nosso espírito sobre a chegada da Sra. Laas não se refletira no cérebro da sonâmbula, e se isso não suscitara a visão da aproximação dessa senhora.

Voltamos às três horas; Emée estava deitada, doente, mas alegre; ficamos sozinhos com ela, e não a adormecemos... A razão sufocara a crença em suas predições.

O dia seguinte era um dia de festa para a cidade; os hóspedes da casa estavam na festa; pudemos então penetrar sozinho até o aposento de Emée.... Ela estava na cama, e a cama rangia debaixo das convulsões de uma violenta crise nervosa! Ela estava fria, sem pulso, sem sentidos!... Foi preciso uma longa e difícil magnetização para desenvolver o sonambulismo, de curta duração, exigindo a doente ser assim deixada muito pouco tempo.

- “Tende força, não me deixeis nem um instante; magnetizai negativamente a cabeça e o estômago; atraí poderosamente às extremidades... Se os acessos que voltarem várias vezes durante a tarde não forem mais fortes à noite, eu viverei...”

“Ela me matou com uma palavra!...”

Lidávamos com uma espécie de febre perniciososa que, segundo a forma do acesso que acabávamos de ver e numa pessoa tão fraca, devia, de acordo com as probabilidades da arte, causar a morte de Emée. Era tarde demais para se arrepender de não ter acreditado nas palavras da sonâmbula; restava para reparar essa falta extrair suficiente energia para vencer crises novas.

O dia foi desolador e parecia assegurar a morte para a noite. Toda a noite o corpo permaneceu quase frio, sem movimento; o coração mal batia; era impossível obter o menor sinal de consciência. Esse estado de morte era interrompido por agitações convulsivas das mãos, que anunciavam um redobro dos acessos; isso voltava aproximadamente a cada três horas.

As magnetizações, que ocorreram quatro vezes, faziam também mudar de cara essa agonia, e então somente se sabia que Emée ainda vivia. Ela falava baixinho, mas com a mesma calma, a mesma exatidão que na saúde; dava suas opiniões, motivadas sobre a marcha da doença; mas assim que a tiravam do

sonambulismo, ela voltava a ser um cadáver sem sentidos, sem pensamentos! Que contraste!

Nessa noite terrível, na terceira magnetização, a sonâmbula dizia-nos:

“Deus restaurou vossas forças! Obrigada, vós dais vossa vida, mas eu viverei!... Vós *quisestes*, sem ficardes abalado pelo aspecto da morte, e vencestes....”

Ela recusara os medicamentos que a ciência aconselha.

“Meu estômago está demasiado doente para suportar a menor dose de quinina, e se me tirásseis sangue, os acessos nervosos redobriariam de violência; o magnetismo sozinho, e dirigido como fazeis, me curará; mas não *sucumbi* de agora até amanhã ao meio-dia....”

A confiança e a coragem não nos abandonaram, e os sintomas alarmantes extinguiram-se gradualmente. O estado normal da doente restabeleceu-se no quarto dia, e foi então que ousamos medir os perigos que acabávamos de ultrapassar. - Cura que se poderia chamar de miraculosa, operada por um ser doente e débil, e cuja glória deve retornar a Deus!...

Portanto, quem não entreviu todas as conseqüências filosóficas deste relato?

Assinalemos somente aqui, para desenvolvê-la mais longe, a obra da mudança das ideias fixas de desprezo pela vida e a consumação de um suicídio lentamente realizado, ideias que foram modificadas por suas opostas, sob a influência da vontade. Mas detenhamo-nos no fato da previsão da morte com um mês de antecedência, por uma causa independente da doença existente.

Dizendo: “Não cai do céu um único pardal que não seja pela vontade de Deus. - Todos os cabelos de vossa cabeça estão contados.”

Nosso Senhor Jesus Cristo estabeleceu o dogma da predestinação, mesmo dentro da ordem natural, e a Igreja acredita

na ação incessante da providência divina nos destinos humanos. Trata-se de fatalidade? Não, pois a ação providencial não infirma em nada a liberdade do homem.

Todo acontecimento foi visto na presciência eterna com suas causas e suas consequências.

A vida humanitária, coletiva das vidas individuais, não é senão o conjunto das ações e reações que cada individualidade sofre e faz sofrer dentro de sua esfera de atividade. Se um instinto, um sentimento, uma determinação de um dos membros da grande família engendra um fato, esse fato era conhecido de Deus, desde o começo, como devendo nascer da livre vontade do homem e como devendo produzir tal resultado.

É em vão que a incredulidade e o raciocínio gostariam de se elevar contra esse princípio da fé cristã; os numerosos exemplos de previsão oferecidos pelos extáticos desmenti-los-iam.

- Segundo todas as leis físicas, a morte deve resultar do estado em que se encontrar o cérebro de Emée no dia que ela prediz, contudo esse dia não é o último da vida dessa mulher pelos decretos da Providência. Sua alma, em êxtase, tem conhecimento da horrenda desordem que, dentro de um mês, vai marcar seu corpo com todos os sinais da morte; ela o vê frio, pálido, enrijecido, sem pensamentos; ela julga que isso é a morte, ela o diz; ela vê ainda que essa morte será consequência de uma profunda aflição de coração.

Os tempos se cumprem; a aflição, involuntária, impossível de suspeitar, mesmo na véspera, chega; a perturbação nervosa, a irritação do cérebro se operam, e vê-se nessa noite fatal um corpo enrijecido, frio, sem batimentos arteriais, um corpo que se teria tornado em algumas horas o cadáver de um morto, se a Providência não tivesse determinado que uma fé ardente reanimaria as forças esgotadas daquele que ela chamara para recolocar essa mulher no caminho da vida!....

- Mas a extática não morreu?

- Não, ela conhecera somente o que era preciso revelar para excitar o desenvolvimento das causas que deviam preencher seu destino; sua visão era limitada; o futuro levantara de seu véu apenas o que era necessário..... Provavelmente uma outra extática teria visto mais longe.

Ocorre com bastante frequência que um sonâmbulo, assustado pelas desordens que seu organismo sentirá, num certo dia, crê que a morte o atingirá; ele vê efetivamente um corpo no qual toda a vitalidade está suspensa; tem consciência de pensar fora desse cadáver, entretanto cura-se. Estes exemplos devem incitar o magnetizador a só abandonar seus recursos quando constatou uma morte bem real.

Ficar-se-ia tentado a colocar o fenômeno que acabamos de relatar entre aqueles que interessam o organismo, e, assim, retirar-lhe o caráter de visão do futuro? Para nós que acompanhamos as circunstâncias, não podemos aceitar essa opinião; mas a fim de provar que aquilo que foi exposto sobre a marcha providencial dos acontecimentos não é iluminismo, vamos extrair de outros autores os fatos seguintes que recomendamos à meditação dos homens sérios.

Em fevereiro de 1830, a Srta Coeline, posta em sonambulismo, disse-me¹⁰: “No dia 17, à meia-noite, terei um vômito de sangue, ocasionado por um acidente que ocorrerá nesse dia entre nove e dez horas da noite.” Ela pediu que lhe fosse feita uma sangria logo depois, se se quisesse prevenir o vômito; mas não pôde dizer mais.

No dia 17, a família inquieta se reunira à volta dela; eu também fui. Soam nove e meia; congratulamo-nos interiormente de que a previsão sonambúlica se enganou, quando a Srta Coeline, precisando pegar alguma coisa em cima da lareira,

¹⁰ Foissac. *Rapports et discussions de l'Académie royale de Médecine sur le magnétisme* [Relatórios e discussões da Academia Real de Medicina sobre o magnetismo]. 1883. 1vol. in-8. Página 452.

levanta-se, escorrega e cai para a frente sobre a quina de um aquecedor. Apesar da dor que ela sentia, eu adiei a sangria. O vômito de sangue ocorreu à meia-noite, e não houve mais meio de me recusar a seguir tudo o que ela se prescreveu.

Alguns dias depois, ela previu que seria envenenada em 11 de março, sem poder divulgar as circunstâncias de que essa desgraça se acompanharia. Eu via chegar a época com terror; entretanto na véspera ela disse: “Não serei envenenada senão amanhã às onze horas da noite; adormeci-me às dez, verei talvez do que se trata.”

Fui à casa dela no momento indicado; ela estava na cama. Assim que ficou em sonambulismo, ela viu que o veneno estava numa xícara de leite posta em cima da sua mesa de cabeceira. Eis a explicação do fato: a Srta Coeline tomava todas as noites uma pílula de sulfato de quinino; restava apenas uma. Sua mãe, crendo dar-lha, colocou por engano na xícara de leite uma caixa de pílulas de acetato de morfina, que a Srta Coeline usara um mês antes. Verifiquei essa xícara no mesmo instante, e encontrei ali doze pílulas dissolvidas pela metade, que teriam infalivelmente causado a morte da sonâmbula.”

- Deve-se convir que essas duas previsões se referem a acontecimentos fortuitos, ou, para falar uma linguagem mais filosófica, a acontecimentos cujas causas nos são desconhecidas.

O doutor Teste relata em seu *Manual*⁵⁰ dois exemplos de previsões de acontecimentos que têm relação com a vida dos sujeitos, mas que são completamente alheios a uma causa orgânica.

“No dia 8 de maio, diz esse médico, magnetizei a Sra. Hortense; nesse dia, ela estava com uma lucidez admirável. Descobria o futuro, mas numa única direção, a que ela devia percorrer. Entre outras coisas surpreendentes, disse-nos:

⁵⁰ Teste. *Manuel pratique de Magnétisme animal* [*Manual práctico de magnetismo animal*]. 3ª edição. 1846. 1 vol. in-18. Página 120.

“Estou grávida de quinze dias, mas não darei à luz no final, e já sinto por isso uma tristeza pungente. Na terça-feira que vem *terei medo de alguma coisa*; sofrerei uma queda, e resultará daí um aborto espontâneo.

- “Do que tereis medo então?”

- “Não sei, como também não sei onde cairei.

- “E não há nenhum meio de evitar tudo isso?”

- “Nenhum.

- “Se entretanto nós não vos deixássemos sozinha?”

- “Não faria diferença nenhuma.

- “E ficareis muito doente?”

- “Sim, durante três dias.

- “Sabeis exatamente o que sentireis?”

- “Sem dúvida: terça-feira, às três e meia, logo depois de ter ficado assustada, terei uma fraqueza que durará oito minutos; depois dessa fraqueza, terei dores violentas nos rins que se prolongarão por toda a noite. Na quarta-feira de manhã, começarei a perder sangue; essa perda aumentará com rapidez e se tornará muito abundante. Na quinta, estarei muito melhor, poderei sair da cama; mas à tarde, às cinco e meia, terei uma nova perda que será seguida de delírio. A noite será boa; mas na sexta à noite terei perdido a razão.”

Sem acreditar explicitamente no que a Sra. Hortense nos dizia, estávamos tão surpresos que não pensávamos mais em interrogá-la. Entretanto seu marido, vivamente comovido, perguntou-lhe se ela ficaria muito tempo em demência.

- “Três dias”, respondeu ela com uma calma perfeita. Depois acrescentou com uma doçura cheia de graça: “Ora, não te preocupes, não ficarei louca; sofrerei, eis tudo.”

A Sra. Hortense foi despertada, e como de hábito não conservou nenhuma lembrança do que se passara durante o sono. Assim que fiquei a sós com o Sr. ***, recomendei-lhe expressamente guardar segredo, sobretudo com sua mulher,

sobre acontecimentos que, ainda que talvez quiméricos, seriam entretanto capazes de afetá-la penosamente se deles soubesse.

Chegada a terça-feira fatal, *o medo* da Sra. Hortense era a única coisa que me ocupava. Quando cheguei a sua casa, a senhora almoçava na companhia do marido, e pareceu-me nas melhores disposições do mundo.

Terminado o almoço, a Sra. Hortense foi magnetizada e logo adormeceu.

- “Como estais?”

- “Muito bem; mas não por muito tempo.

- “Como assim?”

A Sra. Hortense repetiu sua frase da sexta-feira: “Entre as três e as quatro horas terei medo de alguma coisa, sofrerei uma queda; resultará daí uma perda abundante.

- “Então, se o que dizeis se realizar, é preciso admitir uma fatalidade nos acontecimentos que nos sucedem?”

- “Sim, senhor.

- “E não há nenhum meio de se subtrair a essa fatalidade?”

- “Nenhum.”

A isso eu não tinha no momento nada a responder; era preciso esperar, e esperei.

Desperta, a Sra. Hortense não se lembra de nada, e seu rosto, entristecido pelas visões do sono, retoma toda a serenidade habitual.

Seu marido e eu, bem decididos a não a deixar nem por um segundo, observamos os seus menores movimentos. Fechamos hermeticamente as janelas, de medo que algum acidente na rua viesse realizar a profecia; enfim, se a campainha toca, é um de nós que vai atender na antecâmara.

Eram pouco mais de três e meia, a Sra. Hortense, encantada com os pequenos cuidados de que a cercávamos, e que

não compreendia o mistério de nossas precauções, disse-nos levantando-se da poltrona na qual a tínhamos feito sentar-se:

- “Permitir-me-eis escapar um pouco de vossa inconcebível solicitude?”

- “Aonde pretendeis ir?” exclamei com um ar de preocupação que não poderia ter dissimulado.

- “Oh! Meu Deus! Que tendes? Pensais que eu tenho projetos de suicídio?”

- “Não, mas... sinto que sou indiscreto; mas vossa saúde me interessa.

- “Então, mais uma razão para me deixar sair,” retruca ela rindo.

O motivo era plausível, e não havia meio de insistir. Entretanto, o Sr. *** disse à mulher:

- “Pois bem, minha amiga, permitir-me-ás acompanhar-te até lá?”

- “Como! Mas é então uma aposta?”

- “Precisamente.”

A Sra. Hortense olha-nos a ambos, e está longe de adivinhar.

Aceita o braço do marido e sai rindo às gargalhadas.

Eu também ria, porém sentia um pressentimento de que o momento decisivo chegara. Não pensei em voltar ao aposento durante a ausência deles, e permaneci como um guarda suíço à porta da antecâmara, onde não tinha o que fazer.

De repente ouviu-se um grito agudo, e o barulho de um corpo que cai ressoou na escada. Subo correndo, à porta do banheiro, o Sr. *** segura sua mulher desvairada, morrendo nos seus braços. No instante em que ela acabava de largar o braço do marido para entrar no banheiro, um rato, ali onde há vinte anos não se via um único, se apresentara à sua vista, e lhe causara um terror tão intenso e tão súbito que ela caíra de costas sem que tivesse sido possível segurá-la.

Eis o fato tal qual se passou, juro-o pela minha felicidade.

O primeiro ponto da predição se realizara, o resto se cumpriu com a mesma exatidão.”

Eis outro exemplo de previsão cuja autenticidade podemos garantir.

Uma sonâmbula acabava de responder a um assistente que queria saber se teria um menino ou uma menina, que seria uma menina. Um jovem, presente nessa sessão experimental, pôs-se a conversar com a sonâmbula, e perguntou-lhe se se casaria.

- “Sem dúvida, disse a sonâmbula.... mas é singular, começou ela após um silêncio de alguns instantes, é com a senhorita cujo lenço segurei na última sessão pública.

- É verdade, continuou o jovem, que penso muito nessa senhorita, mas isso me parece pouco provável.

- Pouco provável! Se vós mudais de ideias, sim.... porém não vos vejo mudar. O que recua em vosso espírito esse casamento são papéis... Mas, não sei como isso acontece, eu vos vejo casado antes do tempo necessário para ter esses papéis....

- Eu não estou esperando nenhum papel.

- Não sei nada a respeito, mas há papéis, e esse casamento se fará apesar desses papéis, ou vós os tereis antes do que pensais.

O jovem compreendeu um ano mais tarde que se tratava de papéis relativos ao seu diploma de doutor que obteria somente dentro de dois anos, e, como ele não previa saída possível sem isso, esqueceu sua conversa com a sonâmbula.

Mas no ano seguinte, circunstâncias particulares mudaram suas disposições, e ele se casou com a jovem da qual a sonâmbula falara, sem precisar de seu diploma, pois mudara de direção.

- Quem ousaria, após semelhantes fatos, definir a vida humana? Não somos forçados a reconhecer a verdade destas palavras escritas nos livros sagrados:

“A sabedoria divina conduz cada coisa do começo até o fim, com força e doçura, e ela dispõe todos os acontecimentos.”
(*Sap.* 8, 1.)

A observação seguinte, que tende ao mesmo objetivo, é ainda do confrade que acabamos de citar:

“Eu fora, diz o Sr. Teste⁵¹, fazer minha visita habitual à Sra. B.... Encontrei-a ocupada a enxugar e a pôr em ordem belíssimos pratos de porcelana trabalhada, pelos quais a parabeneizei.

“Alguns instantes depois, a Sra. B.... estava em sonambulismo. Pôs-se a falar de si mesma com volubilidade e num tom ácido, de coisas sem sequência e sem nenhuma relação com o que lhe diziam. (Sonho no sonambulismo).

- “Ah! Sou bem desgraçada... Desgraça em cima de desgraça, é tudo o que me acontece.

- “Eh! Senhora, é culpa vossa!

- “Achais?... Ah! Essas *porcarias* de pratos!

- “O que vos fizeram eles?”

- “Fizeram que eu quebrasse um.

- “Que pena, mas essa perda não merece que fiqueis triste.

- “Céus! Para vós, a casa podia queimar que seria motivo de riso...”

A Sra. B.... continuou nesse mesmo tom, falou-me de sua doença, e foi despertada.

- “Pois bem! disse-lhe eu então, quando há pouco vos parabeneizei pelo bom gosto da vossa porcelana, devo ter, bem

⁵¹ *Loco citato*. Página 130.

involuntariamente, afligido vosso coração, pois ignorava que tivésseis quebrado um de vossos pratos.

- “Quebrado um dos meus pratos! replicou ela com uma inimitável expressão de terror, que o bom Deus me preserve! Tenho-lhes mais apego do que aos meus olhos!

- “Outra pessoa talvez tenha cometido esse descuido, mas....

- “Ninguém tocou neles a não ser eu, e ides ter a prova disso....”

A Sra. B.... conta e reconta seus pratos até ao décimo-segundo; não falta nenhum.

Isso me pareceu estranho. Deixei a Sra. B...., e despedi-me dela.

Ora, eu não descera a metade dos degraus, que o barulho de uma peça de louça que se quebra ao cair no assoalho ressoou acima da minha cabeça. Volto a subir, e encontro a Sra. B.... chorando copiosamente.

Um de seus preciosos pratos acabava naquele mesmo instante de lhe escapar das mãos. A Sra. B.... tomara, em seu sono, o futuro pelo passado.”

- Esta anomalia magnética, que parece à primeira vista contrária ao fenômeno de previsão, confirma entretanto o princípio da ligação dos acontecimentos no longo período de vida que a humanidade deve percorrer. Esta negligência do valor do tempo, que deixa ver a um sonâmbulo um fato vindouro como já ocorrido, demonstra que as causas e as consequências desse fato estão como latentes no futuro, que é o conjunto das leis que conduzem o *mundo* à finalidade a que o Eterno quer levá-lo.

Quando essas leis se repetem uniformes e regulares, a inteligência do homem pode, quando ela pôde adquirir o conhecimento dos princípios dessas leis, prever o fato que ainda não existe, mas que nascerá necessariamente da evolução sucessiva

das leis geradoras estabelecidas pela Providência divina, como causas da manutenção da vida de tal ou tal ordem de criaturas.

Assim, aquele que sabe que o som percorre 333 metros por segundo pode parecer gozar da faculdade de previsões perante homens que ignoram completamente essas leis físicas. Ele dirá efetivamente em que minuto, a 50 quilômetros de distância, o fogo terá sido posto numa peça de canhão cuja detonação se ouve.

Com o auxílio da trigonometria, de elementos de física, prediz-se a hora da aparição de um cometa cem anos antes que isso ocorra.

À vista de uma bolota de carvalho, anuncia-se a árvore, descreve-se, prediz-se uma floresta, prevêm-se os pássaros e os animais que nela se abrigarão.

Se todas essas previsões não parecem extraordinárias a ninguém é porque são obra de todas as inteligências, e que sua causa é conhecida.

Numa ordem mais elevada de combinações fenomenais, os acontecimentos cessam de nos parecer contidos em germe dentro de causas que os desenvolvem com a mesma certeza, e isso se deve somente à imperfeição de nossos meios intelectuais, para apreciá-los e para julgar os resultados das relações. Deste modo, todos os fenômenos orgânicos que escapam a nosso julgamento parecem ainda encerrados na noite do nada, contudo a experiência ensina que eles são apreciáveis pela alma assim que ela pode agir no estado sonambúlico. O mesmo acontece com os fenômenos que, menos relacionados ao organismo, lhe interessam o suficiente para influenciá-la notavelmente quando tiverem ocorrido.

Mas à medida que as relações se multiplicam, que as circunstâncias se complicam, as dificuldades de apreender os vínculos que conduzem a esse resultado final aumentam, e é preciso que a alma tenha uma maior liberdade de ação para poder

prevê-los. Assim, a previsão que entra no âmbito dos acontecimentos fora daquilo que toca o indivíduo unicamente, se torna incerta e vacilante; pois na realização dos acontecimentos um pouco importantes, intervêm sempre mais ou menos pessoas; e esses indivíduos cujo concurso parece acessório, são dotados de uma vontade livre, que pode perturbar, complicar, recuar e modificar o acontecimento. Ora, nós não cremos que a inteligência possa prever o que depende do livre-arbítrio e não de uma necessidade.

A previsão aplicada à maioria dos acontecimentos vindouros é portanto incerta e enganadora. É um enorme abuso querer fazer sonâmbulos predizerem o futuro, no sentido em que a maior parte das pessoas entendem essa palavra. Os erros mais funestos vêm quase sempre pagar uma curiosidade representável e uma credulidade exagerada.

Não interrogai os sonâmbulos *lúcidos* a não ser sobre o futuro que interessa a doença deles. E se espontaneamente eles anunciam alguma coisa que saia da esfera à qual limitamos sua presciência, meditai as palavras deles e dirigi-vos com prudência no sentido que eles predisseram. Então, com efeito, sua previsão se realiza às vezes; é um relâmpago de lucidez que não poderia ser provocado.

A faculdade de previsão nos parece então própria da alma; mas deve-se concluir daí que todas as previsões, das quais os anais da história oferecem exemplos tão notáveis, são naturais e foram o resultado do estado extático espontaneamente desenvolvido?

Deus nos preserve dessa opinião exclusiva, tão contrária à verdade. É indubitável para nós, e precisamente por causa das leis fisiológicas que esboçamos neste trabalho, que a alma humana pode ser iluminada diretamente, seja por Deus, seja por uma outra inteligência.

Creemos que esta comunicação sobrenatural pode ocorrer no estado normal como no estado extático, seja ele espontâneo ou artificial.

Muitos magnetizadores, pela observação das faculdades sonambúlicas, e principalmente a da previsão, naturalizaram tudo, e caíram assim num erro profundo.

Outros, fisiologistas, estudando os fenômenos dos sonhos, das alucinações, da loucura, explicaram a previsão por uma alucinação e a concordância dos acontecimentos pelo acaso. A afirmação do Sr. Michelet sobre Jeanne d'Arc estava de acordo com esta maneira de fazer a ciência do homem.

Deste duplo ponto de vista, os profetas que Deus suscitou, e que ainda suscita nos tempos difíceis da vida de um povo, cessariam de depender da inspiração sobrenatural, para manifestar somente a faculdade inerente à espécie humana, faculdade que a agitação dos tempos solicita a aparecer.

Esta opinião é ridícula e pouco filosófica, sem falar de sua irreligião. O estudo completo e bem consciencioso da antropologia a exclui e arruína.

No profeta sagrado, a previsão está fora de sua pessoa; ela se refere comumente a acontecimentos frequentemente muito afastados do presente, a acontecimentos que interessam os destinos, a vida moral, religiosa e política de todo um povo. Ademais, a maneira de ser durante o ato de previsão é tão diferente, que unicamente por esse caráter é fácil distinguir o profeta inspirado do extático agindo sobre sua própria virtualidade. Com efeito, as profecias sobrenaturais são reveladas no estado de vigília normal; o homem tem suas faculdades ordinárias, ele vê e ouve cada qual, fala a todos e lembra-se do que anuncia. O extático ao contrário só pode predizer quando entra em crise; está isolado de todos aqueles dos quais não se ocupa, e esquece quase sempre o que disse.

Sabemos que há fatos excepcionais notabilíssimos que apresentaram indivíduos para os quais o êxtase se tornara um estado quase normal, e que, para aí entrar, lhes bastava desejá-lo. Então a revolução fisiológica se operava sem que o observador notasse qualquer mudança nos hábitos dessas pessoas, porém elas adquiriam de repente as faculdades do estado extático.

Nesses exemplos, bem raros todavia, os indivíduos haviam sido anteriormente solicitados à crise extática por causas fisiológicas, e em dois fatos que conhecemos, o magnetismo fora a primeira causa.

Mas voltamos a dizer que a previsão natural do homem é limitada e não poderia ser tão precisa, tão constante, e tão amplamente exposta quanto as previsões que foram feitas pelos profetas sagrados ou pelos homens que eram inspirados por uma inteligência superior à alma humana.

Mesmer, cujo gênio parece ter penetrado na filosofia dos maiores fenômenos do magnetismo, explicava a previsão pela mesma lei que preside ao desenvolvimento do instinto e da qual falamos páginas antes.

Para ele, a faculdade do instinto estava submetida às leis comuns das sensações, e essa sensação, diz ele, é mais forte em razão do maior interesse que os acontecimentos têm sobre nossa conservação.

Como se vê, a faculdade de previsão tornar-se-ia natural à medida que a harmonia universal se estabelecesse, e que por conseguinte, o sentido íntimo do homem fosse afetado por um acontecimento que deveria por sua natureza interessá-lo profundamente.

Esta doutrina, desembaraçada das formas materialistas que a envolvem, vincula-se além disso àquelas que a filosofia do cristianismo ensina relativamente ao dogma providencial. Mas qual é este sexto sentido cuja manifestação produz este instinto de que fala Mesmer? Este instinto que goza de tantas faculda-

des? É possível ver nele apenas um centro nervoso de propriedades latentes no estado ordinário? Por que o Criador teria dotado o homem de um sentido do qual ele não gozaria, pois é verdadeiramente uma raríssima exceção a manifestação das faculdades extáticas de que falamos, e o conhecimento que adquirimos da possibilidade de fazê-las surgir é demasiado dependente dos caprichos do espírito humano para que se possa reconhecer, nestas faculdades anormais, um fenômeno que pertenceria a um aparelho sensorial cuja localização seria todavia irrealizável.

Não podemos portanto encontrar outra causa para a manifestação das faculdades instintivas esclarecidas da inteligência no homem senão num ser particular que não tem outra natureza a não ser essas mesmas faculdades, cuja incompatibilidade com o organismo nos parece tão manifesta. A teoria de Mesmer, *modificada pelas ideias espiritualistas* que expusemos, explica perfeitamente os fatos de previsão que citamos; ela nos ajuda ainda a compreender, pela mesma lei, os pressentimentos cuja autenticidade e realização embaraçaram muitos psicólogos e fisiologistas; ela faz desaparecer a palavra acaso com a qual se explicavam tão facilmente as previsões de certos sonhos.

O pressentimento que obceca e se apodera tão vivamente de alguns indivíduos, por que lei fisiológica e psicológica se poderia explicá-lo? Gostaríamos de reforçar estes pensamentos com alguns exemplos, e nosso espírito hesita entre todos aqueles que se oferecem à nossa memória.

Lemos, nos *Souvenirs de Mme de Créqui* [*Lembranças da Sra. de Créqui*], o relato seguinte:

“O príncipe de Radziwil adotara uma de suas sobrinhas órfã. Ele morava num castelo na Galícia, e esse castelo tinha uma sala muito grande que separava os aposentos habitados pelo príncipe daqueles ocupados pelas crianças; de maneira

que para comunicar de uns para os outros, era preciso atravessar essa sala, ou então passar pelo pátio.

A pequena Agnès, com idade de 5 ou 6 anos, lançava sempre gritos dilacerantes todas as vezes que a faziam atravessar a grande sala. Ela indicava, com expressão de terror, um enorme quadro suspenso por cima da porta, o qual representava a sibila de Cumes. Tentaram durante muito tempo vencer essa repugnância que se atribuía a alguma obstinação infantil; mas acidentes sérios resultando dessa violência, acabaram por lhe permitir não entrar mais nessa sala, e a garota preferiu, durante dez ou doze anos, atravessar com chuva, neve e frio, o vasto pátio ou os jardins, a passar debaixo dessa porta que lhe causava uma impressão tão desagradável.

“Chegara a idade de casar a jovem condessa, e já noiva, havia um dia recepção no castelo. O grupo quis, durante a noite, dedicar-se a algum jogo barulhento, e foram todos para a grande sala onde, aliás, o baile de núpcias devia ocorrer. Animada pelos jovens que a cercavam, Agnès não hesitou em seguir os convidados; mas mal passou a soleira da porta ela quer recuar e confessa seu terror. Haviam-na feito passar em primeiro lugar, segundo o costume, e o noivo, os amigos, o tio, rindo de sua criancice, fecham a porta atrás dela. Mas a pobre jovem quer resistir, e agitando um batente da porta, faz cair o quadro que estava por cima. Essa enorme massa quebra-lhe o crânio com uma das quinas e mata-a instantaneamente.”

Esta teoria da harmonia e do simpatismo universais, entendida à previsão, parece entretanto receber às vezes um desmentido formal, a menos que o vínculo estabelecido escape à nossa inteligência tão pouco segura de si mesma nestas regiões metafísicas.

Se efetivamente a apresentação dos acontecimentos futuros é uma faculdade inerente ao sonambulismo lúcido como o instinto médico, como explicar que ela se manifeste em tão

poucos sujeitos, e tão raramente mesmo naqueles que já a mostraram.⁹ A visão ou o simpatismo patológico e medicinal aperfeiçoa-se pelo exercício, mas a previsão não. Entretanto, que sonâmbulo, que extático, não se acha ameaçado por algum acontecimento bastante sério para interessar vivamente seu destino? Há portanto nisto alguma coisa difícil de apreender claramente, e deve-se pensar que a faculdade de previsão não é necessariamente um resultado do estado lúcido: uma força inteligente parece dispor dela e deixá-la brilhar apenas em certas circunstâncias. Se fosse de outro modo, o magnetismo reedificaria o homem completamente, durante o período de seu êxtase pelo menos, e isso não é possível.

CAPÍTULO SEGUNDO.

PSICOLOGIA APLICADA.

Mens agitat molem....
Em boas mãos o magnetismo é um
benefício; em más é a peste.
FRAPART.

As considerações psicológicas a que acabamos de nos entregar tiveram como resultado fixar-nos na necessidade de admitir, na composição da individualidade humana, uma verdadeira trindade, e encontrar, nesse composto trinário, um elemento de uma natureza essencialmente diferente das duas outras partes, elemento apreensível antes por suas faculdades fenomenais, do que por suas propriedades constitutivas; pois a natureza de um ser espiritual escapa aos nossos meios de investigação.

O homem é portanto um ser misto, um organismo de dupla composição, a saber: combinação de átomos formando os órgãos, e um elemento de natureza material, mas indecomponível, dinâmico por essência, numa palavra, um fluido imponderável. Isso para a parte *material*.

Agora, como elemento característico da espécie hominal: esse ser simples, inteligente, livre e voluntário, que os psicólogos chamam *alma*.

Não temos de pesquisar em que consiste a ação que cada uma destas três partes desempenha no desenvolvimento dos fenômenos que constituem a vida, queremos somente indicar aqui, como via de novas pesquisas de antropologia, o papel que pode ter a substância espiritual na manifestação dos fenômenos magnéticos, lembrando que, sob esta denominação, agrupamos todos os fenômenos que fazem parte da grande família psicológica, que com exatidão se pode chamar *Êxtase*.

Em tudo o que vimos antes, estudamos o magnetismo como naturalista; fizemos dele uma ciência, uma arte, analisamos seus fenômenos, decompusemo-los para classificá-los; e, de acordo com os estudos físicos que fizemos sobre a causa determinante destes fenômenos, causa que achamos totalmente fisiológica, visto que ela consistia no fluido nervoso diversamente posto em ação; pareceria, dizemos, de acordo com estes estudos, que os fenômenos magnéticos são o resultado da ciência, da arte e de condições físicas particulares. Pois bem! Não é assim, e não há, nesta conclusão dada pelo estudo experimental, senão a metade da solução do problema de causalidade.

Vamos então continuar a procurar a solução completa da lei que rege este grande grupo de fenômenos que o homem pode apresentar. Quando tratamos da *Fisiologia do Magnetismo*, já insistimos na dualidade da causa dos fenômenos, e mostramos suficientemente a parte que o pensamento detinha na produção dos fenômenos magnéticos, fosse ele formulado enquanto vontade expressa, como no magnetizador, ou quer ele estivesse nesse estado misto entre a vontade e o desejo, entre a persuasão, a esperança ou o temor do desenvolvimento de um estado insólito, como no próprio sujeito.

A parte da ação psíquica no magnetismo artificial ou espontâneo está portanto para nós perfeitamente estabelecida. Mas que distância há ainda da admissão deste princípio às consequências que se podem encontrar nele! Quais são os limites onde se pode deter o poder da alma, seja sobre o corpo ao qual ela está unida, seja sobre aquele em cujo hospedeiro e quase senhor ela se constituiu? Qual é a parte dessa força inteligente nos grandes fenômenos do magnetismo? Qual é a do organismo? Questões cheias de interesse, questões graves para o filósofo, para o moralista, para o médico.

Como essa vontade, cujo poder é tão manifesto, quando ela age sobre o sujeito que sonambulizastes, permanece tão fra-

ca quando é de vós mesmos que se trata? Vós modificais o organismo, o moral, a inteligência de um sonâmbulo, e não fazeis nada, ou muito pouca coisa sobre vós mesmos, vós que sabeis querer, que conheceis as leis fisiológicas que presidem ao desenvolvimento de todos esses fatos; ao passo que algum outro indivíduo, sem conhecimento nenhum, sem vontade precisa, não tendo senão a crença que tal efeito vai produzir-se nele pela ação de uma causa na qual ele crê, mas que não é nada menos do que quimérica, esse indivíduo vai sofrer modificações sensoriais extraordinárias, sob a influência de seu próprio pensamento!

Que outra causa se poderia dar a este fenômeno, que chamaremos *o selo da resistência magnética*?

Tendes um sonâmbulo, e para evitar que sua lucidez se perturbe, não quereis que ele seja magnetizado por outro que não vós.

Para que vosso desejo, bem fundado seguramente, não seja contrariado, não vos fieis na promessa que vosso magnetizado vos dará. De boa vontade para resistir, em muitas ocasiões, às solicitações prementes que lhe são dirigidas, ele sucumbirá em breve pelo efeito de causas diversas. Uma vez, o amor próprio vencerá suas boas resoluções, em outra, a emoção de ter que sustentar um poder magnético contra o qual ele se sente fraquejar, fá-lo-á cair, quase a contragosto, nas mãos de um novo magnetizador.

Ora, se num de seus sonambulismos ele estiver sinceramente de acordo convosco, para permanecer fielmente vosso sonâmbulo, e que então vós lhe manifestásseis vossa vontade com firmeza, dizendo-lhe: Toda tentativa será doravante impotente para vos adormecer! Eu o quero!... Despertai!... Podeis ter perfeita certeza de que vosso sonâmbulo afrontará os ensaios múltiplos que se poderão tentar contra ele.

Pois bem, a causa deste fenômeno, onde está ela? Que papel o fluido magnético pode desempenhar? O sonâmbulo não se lembra desta invulnerabilidade de que está revestido, contudo, fica calmo e insensível diante de tal magnetizador que já o sonambulizara. – É preferível seguramente que a lembrança de seu poder de resistência lhe fique. – Nós executamos várias vezes esta útil prerrogativa da vontade energicamente expressa, e não pudemos achar a explicação desse fenômeno a não ser no poder da alma do sujeito que, nessas circunstâncias, dominava suficientemente o organismo para que a perturbação nervosa não se pudesse operar sob uma influência alheia. Entretanto, como há um fluido que deve necessariamente penetrar num sistema nervoso que ele saturava antes com facilidade, nós pensamos, de acordo com experiências, que com tempo e perseverança, obtêm-se os mesmos resultados e que se aniquila essa força de resistência. A crise se efetua com dificuldade, com sofrimento para o magnetizado, e leva-se mais do quádruplo do tempo que se empregava antes.

Esta faculdade que o magnetizador possui não deixa de ter grandes vantagens, pois para que seja anulada, é preciso sempre que o sujeito queira permanecer bastante tempo deixando-se magnetizar; e se ele quiser se subtrair ao poder daquele do qual se quis preservá-lo, tem tempo de se afastar, o que não podia fazer antes dessa espécie de selo que o torna quase invulnerável.

A parte que a alma desempenha nos fenômenos magnéticos operados à distância parece-nos imensa; e se em todos, o fluido magnético e as condições fisiológicas também contam, não é menos evidente que a ação psíquica parece dominar a cena.

Vosso sonâmbulo está longe de vós; casas, ruas, praças vos separam; quereis que ele entre em crise; ele adormece e fica lúcido. Quereis que ele venha para vós, e no meio de suas

ocupações um mal-estar particular toma conta dele, a ideia de ir encontrar-vos apresenta-se a ele; essa ideia é vaga de início, depois mais forte, por fim torna-se importuna, ele cede-lhe.

Compreendemos muito mal que neste gênero de fenômenos que, além disso, se observam demasiado raramente, tendo em vista o pequeno número de sujeitos suficientemente sensíveis para ser assim impressionados à distância, sem ser prevenidos e sem poder suspeitar de uma experiência, pois então o fenômeno entraria na ordem psíquica da própria ação do sujeito sobre si mesmo, compreendemos mal, dizíamos nós, a ação do fluido. Como esse fluido, imponderável, físico, atravessaria esses espaços cheios de seres animados, mais ou menos simpáticos com ele? - Como age a alma? perguntar-se-á. É recuar a dificuldade emprestar a esse ser incompreensível o que não podeis conceder a um agente físico. Nós admitimos a alma, responderemos, e o gênero de fenômeno que examinamos cabe bem melhor no apanágio das faculdades de um ser espiritual que nas propriedades de um agente físico. Eis porque acreditamos dever explicar certos fenômenos magnéticos operados à distância pela ação da alma, sem por isso apreender nitidamente o modo de ação desses mistérios de psicologia.

Quanto à ação psíquica do sujeito sobre si mesmo, seria preciso, para explorar convenientemente essa parte da psicologia ainda tão pouco estudada, longas considerações, e nosso objetivo é somente assinalar algumas das interessantes pesquisas que estão por fazer sobre esse importante ramo da antropologia.

O que é primeiramente essa imaginação, cuja palavra está em todas as bocas? Qual é sua causa, sua natureza, seu poder e seus limites de ação? Que parte desempenha o organismo na produção de todos os fenômenos que se vinculam à imaginação?

Um doente está gravemente comprometido pelo aparecimento de um soluço que vem complicar uma doença séria. Este epifenômeno atinge tais proporções que inquieta o médico impotente para combatê-lo por todos os meios que a terapêutica põe à sua disposição; mas felizmente um outro médico chamado a consultar, apreendendo a disposição constitucional, lança no meio da conversa uma notícia cuja natureza deve preocupar vivamente o doente e sua família. Os espíritos mudam de direção subitamente, e interrogam o narrador para obter informações detalhadas sobre o assunto que lhes toca. O médico observador encerra-se em palavras evasivas, desculpa-se por sua indiscrição, promete dizer mais no dia seguinte, e retira-se deixando todos preocupados. No dia seguinte, o soluço não reaparecera⁵².

Este outro doente que, alarmado à vista do sangue que perde por uma hemorragia rebelde, fica péssimo, recupera os sentidos e vê seu sangue parar subitamente, porque o médico lhe diz entrando: É tão pouco sangue perdido que vou fazer-vos uma sangria.

Tal é o efeito da imaginação. É a reação da força psíquica sobre a vitalidade.

Nenhum método de trabalho levará a conhecer as leis que regem este grupo de fenômenos bem mais extensos do que o que suporá sem dúvida a maioria de nossos leitores, assim como o magnetismo. Efetivamente, já indicamos as relações das quais queremos falar, em algumas passagens da nossa *Fisiologia do Magnetismo*. Nesses capítulos, pôde-se ver o que pensávamos do sonambulismo, do êxtase determinado pela imaginação, e quanto sabíamos emprestar ao poder próprio do sujeito em certos fenômenos.

⁵² Latour, *Influência da imaginação*.

Acabamos de dizer algumas palavras sobre a ação do magnetismo exercido à distância; mas isolamos essa ação de toda cooperação mental do sujeito, ou seja, supomos nesses casos que ele não desconfia nem do dia, nem da hora em que a experiência será tentada. Na falta destas medidas indispensáveis para poder apreciar o valor do fato, muitos experimentadores se equivocaram sobre a causa.

Tentemos, por alguns exemplos, chamar a atenção para os fenômenos magnéticos devidos à própria ação do indivíduo sobre si mesmo. O doutor Bertrand, cujo espírito analítico lançou alguma luz sobre a lei unitária que preside ao desenvolvimento dos fenômenos do magnetismo, escrevia o seguinte:

“Obrigado a ausentar-me, deixei a um amigo, para continuar o tratamento, uma sonâmbula que me havia apresentado fenômenos extremamente curiosos. Até então eu ouvira evidentemente falar de corpos aos quais se comunicava a virtude magnética, virtude que se conservava por um tempo bastante longo; mas não pondo fé em tudo o que me contavam, eu não prestara a isso uma atenção séria; mais tarde, quis experimentar esse poder e procurar se não podia agir sobre minha sonâmbula, apesar das cem léguas de distância que me separavam dela.

“Escrevi por conseguinte ao meu amigo, e enviei-lhe um bilhetezinho magnetizado, que lhe pedi para pôr sobre o estômago da doente. A experiência foi feita: deu certo, e a doente teve um sono acompanhado de todos os fenômenos que apresentava comumente. Porém, não me esqueci de que a doente tendo sido prevenida da experiência que se queria tentar, podia ocorrer que o sono, apesar de bem real, tivesse sido produzido unicamente por sua imaginação. Escrevi uma segunda carta que não magnetizei, e enviei-a como se tivesse sido magnetizada, prevenindo a doente de que ela devia fazê-la cair no sono. Ela caiu, com efeito, nesse estado, que apresentou ainda essa vez todos os caracteres que tinha o costume de oferecer.

“Participei o resultado de minha experiência aos magnetizadores que frequentava; eles pareceram bem surpresos, e não podendo resolver-se a reconhecer o poder da imaginação de uma maneira tão marcante, pretenderam que se a última carta produzira o efeito que eu dizia, era unicamente porque ao escrevê-la, eu a impregnara (mesmo sem querer) com meu fluido. Preparei-me para fazer uma experiência que me ensinaria o que eu devia pensar disso. Pedi a um dos meus amigos para escrever algumas linhas no meu lugar, procurando imitar minha letra, de maneira que aqueles que lessem a carta pudessem se equivocar. Assim fez: foram enganados por seu estratagema, e o sono foi produzido como teria sido por uma das minhas cartas. Não se podia levantar nenhuma dúvida sobre a conclusão a tirar dessa experiência a favor do poder da imaginação. Para que não se pudesse mais falar do fluido emanado sem meu conhecimento, eu pedira a meu amigo para escrever longe de mim, e mesmo sem que eu soubesse o momento em que ele escreveria.

“Depois de ter constatado, como acabo de fazer, os efeitos da imaginação, independentemente do magnetismo, era natural que eu buscasse o que o magnetismo produziria sem a imaginação. Não deixei de fazê-lo, mas nunca me foi possível produzir sobre a doente desperta algum efeito por meio de objetos magnetizados que se colocavam sobre ela sem seu conhecimento³³.”

A esta narração precisa seria supérfluo acrescentar outras; nós mesmos produzimos fatos análogos, seja fazendo crer que magnetizávamos diretamente, seja dando ou enviando ao longe objetos que passavam por estar impregnados de nosso fluido, seja enfim tornando a relação possível entre espectadores e as sonâmbulas com a ajuda desses objetos. Antes de sair-

³³ Bertrand. *Du magnétisme en France [Do Magnetismo na França]*. 1826.

mos para nossos negócios durante o sono dessas sonâmbulas, dizíamos às pessoas presentes: quando quiserdes ser ouvidos, poreis no dedo este anel, ou bebereis um pouco da água deste copo, e o fluido que absorvereis vos porá em relação. Ora, aconteceu várias vezes que nada estava magnetizado, e a relação se estabelecia, entretanto, subitamente. Pensamos que nestas últimas experiências as sonâmbulas nos ouviam dar essas instruções, e que então seu isolamento cessava pela persuasão que elas tinham de que ele devia cessar.

Estas experiências curiosas só deram certo contudo com sonâmbulas de uma lucidez superior, e repetidas com muitos outros sujeitos, confirmaram a realidade da ação do fluido magnético condensado sobre quaisquer objetos. Concluímos desta anomalia nas leis fisiológicas do magnetismo que a reação do pensamento, ou da imaginação, sobre o próprio organismo onde ele se forma, não é um fato geral, mas que sua existência não podendo ser recusada, é preciso proceder com a maior prudência na apreciação das causas de todos os fenômenos do magnetismo.

Depois destas reflexões lançadas como *en passant* sobre esses sonambulismos, sobre esses êxtases, sobre esses fenômenos nervosos de uma ordem particular, teríamos de penetrar no exame de fenômenos mais espantosos ainda, no aspecto em que eles se produzem quase sempre sem que o estado extático se desenvolva, e todavia trazem uma modificação persistente nas funções fisiológicas de uma parte do organismo, ordinariamente subtraída à ação da vontade.

Vamos dizer algumas palavras sobre isso.

Pela mesma razão que um magnetizador pode fazer sentir ao seu sonâmbulo que uma coisa sem gosto é suave ou amarga, que um corpo frio é ardente, e prolongar suas sensações sem objeto no estado de vigília, ele pode igualmente fazer com

que uma dor fictícia produza uma marca de ferida, ou que um sinapismo ideal deixe a pele rubra.

O que expomos hoje se produziria e seria já bem conhecido se os magnetizadores acreditassem tanto nesse poder quanto no poder das criações fictícias que eles operam todos os dias com sonâmbulos muito lúcidos para a percepção do pensamento. Estamos convencidos com efeito que a generalidade dos sonâmbulos espontâneos ou artificiais desenvolvem suas faculdades no sentido das ideias e das crenças daqueles que deles se aproximam comumente, sem ser por isso positivamente escravos de uma influência à qual obedeceriam necessariamente; não, pois eles gozam de uma certa liberdade intelectual e de um certo grau de espontaneidade que se esquivam manifestamente da influência que os cerca.

Relativamente à possibilidade de fazer persistir as marcas de uma sensação que se fez sentir sem que houvesse causa real, encontramos na *Biblioteca do Magnetismo* que uma sonâmbula, sofrendo de uma inflamação da garganta, conseguiu em pouco tempo, com o auxílio e a vontade de seu magnetizador, e sem nenhuma aplicação nem contato, fazer aparecer no exterior uma inflamação, muito sensível, que fez desaparecer o mal interno.

Mas aqui, como em todos os fenômenos magnéticos, o que o poder psíquico do magnetizador pode produzir, a alma do indivíduo disposto moral e fisicamente ao desenvolvimento dessas excentricidades fenomenais, a alma, dizemos nós, que crê sentir uma sensação profunda em alguma parte do corpo e que vê essa sensação deixar sua marca, pode às vezes modificar com bastante força a vitalidade do aparelho tegumentário para que uma desordem funcional se opere aí e para que uma marca visível indique o ferimento que o indivíduo acredita ter recebido.

A menor emoção cobre o rosto de um rubor súbito; o medo dá-lhe a palidez da morte; o terror faz frequentemente embranquecer os cabelos em alguns instantes; outras vezes ele perverte as funções da secreção biliar e determina uma icterícia da pele. O doutor Rostan relata que uma mulher, pelo efeito de uma emoção de terror e de vergonha, ficou negra em todo o corpo.

Estes fenômenos fisiológicos são como o primeiro grau daqueles mais elevados cuja história abordamos, fenômenos que parecem inadmissíveis ou incompreensíveis, porque ainda não foram estudados.

Se quiséssemos tratar esta questão nova com o cuidado que ela pediria, teríamos de compulsar a Antiguidade, a Idade Média, e encontraríamos aí materiais preciosos. Contentar-nos-emos com citações tomadas em tempos mais recentes, e falaremos primeiramente dos convulsionários de Saint-Médard.

Já falamos antes desses convulsionários, espécie de seita que, em 1732, ocupou todos os espíritos. Dentre os fenômenos fisiológicos extraordinários que eles ofereciam ao observador, há um cujo caráter se vincula diretamente ao assunto que expomos no momento.

Esse fenômeno fisiológico acha-se atestado por várias testemunhas oculares e mesmo por inimigos da seita dos convulsionários. Está constatado que enquanto os crentes estavam estendidos para figurar a crucificação, com os braços em cruz e a palidez da morte no rosto, viam-se em vários se formar, sob os olhos das pessoas presentes, vermelhidões ou marcas, precisamente nos lugares em que as mãos de Nosso Senhor Jesus Cristo foram atravessadas por pregos. O autor das *Lettres d'un ecclésiastique de province* [*Cartas de um eclesiástico de província*], que atesta como testemunha ocular a verdade desses fatos, pretende que as mulheres convulsionárias sentiam nessas partes impressões dolorosas, que elas conservavam mesmo quando

tinham voltado ao estado ordinário; e ele acrescenta que, como elas não tinham então mais nenhuma lembrança do que haviam feito durante as convulsões, e que, ademais, tinha-se o cuidado de não as avisar, elas ficavam em grandes embaraços para explicar a causa dessas dores⁵⁴.

Esta estigmatização entre os discípulos de Jansenius se explicaria pela ação sobrenatural de Deus ou pela do demônio, para as pessoas que não gostariam de encontrar sua explicação na fisiologia psicológica natural.

Mas por que procurar causas sobrenaturais quando as coisas podem explicar-se por leis antropológicas muito naturais? O fenômeno dos estigmas foi observado, sabemos-lo, em muitos Santos que pertenciam à religião católica, mas essa particularidade fisiológica não determina, ou pelo menos não poderia determinar a crença de uma ação direta de Deus sobre os membros dessas pessoas. Os santos personagens que foram estigmatizados podem muito bem ter-se elevado a um grau superior de santidade, ter mesmo comunicações com Deus ou com seus anjos, sem que por isso os estigmas dos quais sua carne se cobriu *tenham sido sempre* o efeito da ação evidente e direta de um poder sobre-humano.

Por ser santo, por chegar ao êxtase sobrenatural, não se está menos submetido às leis fisiológicas que presidem à manifestação desse grande fenômeno psíquico tanto quanto fisiológico⁵⁵. Nesses êxtases sobrenaturais, mesmo o próprio poder

⁵⁴ Convidamos aqueles que gostariam de se convencer da autenticidade dos singulares fenômenos de Saint-Médard, a consultar as obras contemporâneas, entre outros Carré de Montgeron, - Hume, - Dulaure, - e a do doutor Bertrand já citada.

⁵⁵ Não se deve perder de vista que empregamos a palavra *êxtase*, quer dizer, estado fora daquele que é normal, circunstância que exige uma modificação fisiológica podendo seguramente ser determinada por uma causa sobrenatural, mas que quase sempre se opera pela ação de causas naturais; ao passo que nos profetas sagrados, nos apóstolos e alguns outros inspirados, havia aparição de novas faculdade sem que houvesse êxtase, particularidade diferencial que,

psíquico goza de toda a sua energia, e tanto mais que esse poder da alma extrai seu apoio de uma fé ardente e devotada.

O padre Debreyne, consultado relativamente a uma estigmatizada, respondia: “O que dizer dos estigmas? O fato é real, não podemos negá-lo. Acreditamos portanto que todas as sextas-feiras a ferida do pé deixa verter um pouco de sangue, e sangue verdadeiro. É preciso, sobre esse ponto, se confessar vencido e reduzido ao silêncio. Tentemos porém gaguejar uma resposta. Os fisiologistas sabem muito bem que é fácil fazer o organismo contrair certos hábitos, seja nervosos, seja hemorrágicos. Um médico célebre tornou uma epilepsia periódica com a finalidade de cortá-la pela quina, e teve sucesso. O que impediria de fazer o mesmo para uma ferida, fazendo-a sangrar num dia, numa hora fixos? Isso parece muito fácil com o tempo necessário, sobretudo se, no momento em que se quer que o sangue apareça, se exerce uma compressão circular acima da ferida.... É o que se vê ser praticado todos os dias pelos cirurgiões para a sangria. Se eles não aplicassem uma ligadura acima da dobra do braço, o sangue não viria pela abertura da veia. Assim, de acordo com isso, parece muito fácil produzir mecanicamente uma exsudação sanguínea periódica. Viram-se mesmo diapedeses periódicas (exsudação de sangue através da pele), sem nenhuma espécie de ferida nem qualquer lesão cutânea. Eram jogos ou aberrações patológicas, e não o efeito da astúcia e do artifício. Estou mesmo persuadido de que uma simples compressão circular, exercida artificialmente e com arte, bastaria sozinha, independentemente do hábito, para produzir o fato do sangramento periódico, e isso pode ser sempre feito às escondidas. É assim que nós explicamos os estigmas nos sujeitos cuja conduta em seu conjunto, ou seja, uma evidente santidade, não nos garante essa certeza.

a nosso ver, decide nitidamente a questão do natural e do sobrenatural na grande maioria dos casos.

“Outra pretensa estigmatizada, cega sem dúvida pelo orgulho, caiu num ardid grosseiro. Um eclesiástico apresentou-lhe um livro cheio de impiedades condenadas pela Igreja. Fingiu atribuir a esse livro o maior apreço, e deu-o à visionária exatamente lacrado. Pediu-lhe para suplicar a Jesus Cristo, na próxima aparição, que aprovasse o conteúdo do livro imprimindo nele seu selo divino. A visionária aceita a proposta, e, pouco tempo depois, ela devolve o livro marcado com caracteres vermelhos traçados, diz ela, pela própria mão de Nosso Senhor que se serviu, para isso, do sangue que corre da ferida de sua mão! Eis, certamente, uma moça na mais completa ilusão, isso é grosseiramente visível!” (*Teologia moral*)

Estas reflexões do padre Debreyne não são justas; mostram uma ignorância completa da fisiologia psicológica. Os estigmas não precisam, para se produzir fora do êxtase divino, da astúcia e do artifício. Assinalamos a causa fisiológica de sua aparição em circunstâncias naturais. Essa moça, que santifica um livro ímpio, pode muito bem, apesar disso, ter sido realmente afetada por estigmas naturais. Se a causa da estigmatização tivesse sido sobrenaturalmente divina, seguramente ela teria evitado o erro; mas, segundo nossa maneira de ver, bastava que ela acreditasse no que lhe diziam, para que sua imaginação a fizesse ter uma alucinação na qual ela via Jesus Cristo aprovando aquele livro. Não se viram essas religiosas de Loudun entrar em convulsões pelo contato de santas relíquias, o que era para muitos um sinal da presença do demônio, ou quando o duque de Lude entrega a uma delas uma caixa encerrando ossadas santas?... e a caixa aberta não continha mais do que penas! Não vimos, muito recentemente, um fato de patologia nervosa bem singular que desaparecia quando se pronunciava o nome de Deus, não cessar absolutamente quando, sem avisar ninguém, pronunciávamos essa palavra em grego?

Os fisiologistas não acreditam nos fenômenos de que falamos, é por falta de ter estudado a lei antropológica, em virtude da qual eles podem se produzir, e também de negligenciar, de desprezar mesmo a leitura dos relatos desse gênero de fatos. Censuramo-los fortemente por se deixarem deter por obstáculos que se aplainariam diante da boa vontade, e abririam então à inteligência regiões inexploradas nas faculdades do homem.

Sim, pode-se dizer: *Mens agitat molem!* Poder da alma, quem poderá fixar teus limites e conhecer bem as leis pelas quais ages? É nesse motivo espiritual que estão encerrados os elementos dos sucessos em magnetismo, pois, como escrevemos antes, a fé e o entusiasmo dominam toda a arte e toda a ciência do magnetizador. Comparai as obras daquele que pratica com a regularidade, com a apatia, com o egoísmo do cientista que espera seu salário ou que procura a razão dos efeitos que ele produz; comparai-as com as do homem que, sem pensar em sua reputação, no seu futuro, esquecido do tempo e de sua saúde, procura curar para aliviar; sustentado em suas lutas contra os males mais complicados pelo ardor de sua convicção, pela confiança que dá uma vida calma e severa, pelo amor de seus irmãos e o sentimento do apoio de Deus; esse homem, crede, não tem nenhuma necessidade de estudos sobre as leis que regem o magnetismo; ele crê, ele quer e ele obtém curas numerosas e que espantam pela gravidade das doenças que venceram. Que magnetizador não observou por si mesmo o que estamos dizendo? Para muitos, sabemos, foi um tempo demasiado curto, infelizmente! em que a dedicação e o sacrifício os impeliam por toda a parte onde havia alguma dor a dissipar. A esses homens de coração perguntamos-lhes se os efeitos que se manifestavam sob sua influência magnética não eram da ordem do prodígio, comparados àqueles que mais tarde obtiveram, quando esfriados seja pela idade, seja pelos desenganos de todo gênero, eles continuavam sua prática magnética?

Mas esse grau de exaltação da alma não é de longa duração, é rapidamente substituído por outro móbil dos atos do homem, a razão, produzindo fatos menos brilhantes e menos impressionantes, mas mais duráveis e mais vivazes.

Se nossos leitores nos seguiram nos desenvolvimentos que procuramos apresentar, de maneira a dar uma ideia nítida e precisa do magnetismo considerado nos três pontos de vista que, por seu conjunto, constituem essa ciência antropológica, devem ter compreendido que relações a fisiologia, a medicina e a psicologia tinham com o magnetismo. As curtas dissertações que acabamos de fazer em psicologia seriam incompletas se não entrássemos agora, para acabar o que interessa diretamente *a psicologia aplicada*, no exame do valor moral do magnetismo prático.

Abordemos portanto esses estudos delicados e tão importantes.

Influência moral. - Quando dizíamos que voltaríamos a examinar o que pode o magnetizador sobre as ideias dos sonâmbulos, não nos dissimulamos que havia aí uma alta questão de moral a tratar, e tememos dar um golpe na verdade que defendemos.

Entretanto não é um dever para nós, que abordamos o magnetismo de seu ponto de vista filosófico, descer aos seus mais profundos mistérios, para pô-los a nu diante das inteligências e mostrar-lhes os caminhos que, levando à sabedoria, não serpenteiam menos ao longo de precipícios perigosos?

O homem traz ao nascer inclinações para o vício e para a virtude; asfixiá-lo-eis, no temor de que se torne criminoso?... Cercai-o, ao contrário, de cuidados vigilantes, desmascarai seus maus instintos para que se desconfie deles, e então, ou fareis um ser bom e útil, ou paralisareis suas perniciosas tendências.

A modificação do moral pelo magnetizador não é possível a não ser no sonambulismo, e ela é então apenas uma ex-

tensão da faculdade que ele tem de perverter e de deslocar os sentidos; nesse caso, com efeito, seu modo de ação é fisiológico, e essa ação se opera seja sobre todos os centros nervosos da vida orgânica, seja sobre as partes do encéfalo que recebem os nervos sensoriais.

Contudo, a essa ação fisiológica junta-se evidentemente uma outra que é psíquica, e que resulta da vontade e da comunicação dos pensamentos.

Por que a ação que modifica tão profundamente as faculdades sensoriais não se estenderia às massas cerebrais que são destinadas aos instintos, aos sentimentos e à inteligência? É preciso que isso seja assim, quer dizer, que a influência de uma vontade alheia sobre as ideias, as afecções e as inclinações tenha, independentemente da ação psíquica, uma causa fisiológica, pois não é somente o ser essencialmente pensante e ativo que se modifica, mas também seus órgãos de relação.

Certos experimentadores, impressionados com a influência que podiam exercer sobre o moral de seus sonâmbulos, procuraram a explicação disso na frenologia. Sistematizando os fenômenos obtidos, pensaram que magnetizando isoladamente cada um dos órgãos frenológicos, eles podiam, no estado de sonambulismo, desenvolver as faculdades de um órgão sobre-excitando-o a um grau extraordinário, e chamou-se esse sistema de *Frenomagnetismo*.

Foi na Inglaterra sobretudo que um magnetizador, Spencer-Hall, procurou dar autoridade ao frenomagnetismo, e, pelos resultados maravilhosos de que fez testemunhas grande número de pessoas, esse ramo novo do magnetismo fixou um momento a atenção dos magnetizadores e dos frenologistas. Estes, vendo nessas sobre-excitações espontâneas de cada faculdade uma prova das mais racionais da frenologia, aceitaram o magnetismo e explicaram seus fenômenos por uma concentração da vitalidade no sistema cerebral, e em particular em um

dos grupos destinados aos instintos, aos sentimentos ou à inteligência.

É preciso apressar-se a alertar aqueles que teriam experimentado pouco ou que experimentariam somente sob prevenção esse sistema, contra as consequências filosóficas que evidentemente esta maneira de pensar fará nascer sobre este gênero novo de magnetização. Que nos compreendam bem entretanto, não é a impressionabilidade orgânica que queremos combater; não, visto que fomos o primeiro a formulá-la, é somente o modo pelo qual se pretende obter fatal e constantemente essa impressionabilidade.

Como a arte aconselhará a favorecer a sobre-excitação da memória, da poesia, da veneração, da amatividade? O magnetizador, dizem os doutores Edwin-Lee e Elliotson, obterá a sobre-excitação dos diversos instintos, sentimentos e faculdades intelectuais, aplicando sucessivamente o dedo sobre cada um dos órgãos cerebrais correspondendo frenologicamente ao fenômeno fisiológico. Assim Spencer-Hall, tendo posto em sonambulismo a pessoa sobre a qual deve experimentar, põe o dedo sobre o órgão da veneração, e imediatamente o sonâmbulo fica com um tom de submissão e uma expressão de humildade impressionante. Depois, assim que o magnetizador põe seu dedo sobre o órgão da auto-estima, essa humildade dá lugar ao orgulho mais desdenhoso, à fisionomia mais arrogante; o sonâmbulo parece comandar.

Será que vedes nestas experiências, perguntaremos àqueles que estudaram muito tempo os fenômenos do magnetismo, o caráter de uma ação direta sobre os motores orgânicos dos sentimentos que o sonâmbulo exprimiu, e pensais ser necessário que a mão seja posta sobre o órgão frenológico, como um excitante físico, para que um sonâmbulo sinta e traduza os sentimentos que quereis solicitar? O que eles pensam a esse respeito, os magnetizadores habituados às maravilhas de sua ciên-

cia, sabemos-lo de antemão: eles pensam que, em vez de precisar tocar o órgão frenológico para excitar o poder de uma faculdade, basta-lhes querer mentalmente que a faculdade se traduza por seus sinais característicos, para que o sonâmbulo a sinta e a exprima. O magnetizador não tem nenhuma necessidade de saber se existe uma circunvolução que corresponde a uma faculdade, e nós desafiamos mesmo os frenomagnetizadores a desenvolver a atividade funcional de um órgão instintivo, sentimental ou intelectual, se eles não souberem de antemão qual é sua qualidade e sua expressão. Pois, se, de olhos vendados, um magnetizador, ignorando a localização frenológica, tocar ao acaso um ponto da cabeça de um sonâmbulo, nada obterá, embora esteja em contato com um órgão frenológico, órgão que deveria entrar em ação pelo efeito do contato pretensamente existente.

Nós tentamos estas provas, vimos-las reproduzidas por diferentes magnetizadores, exaltamos em graus diversos o sentimento da poesia, da prece, do furor, mas nunca o ponto de partida esteve no órgão frenológico correspondente. A modificação do moral do sonâmbulo tem sua causa em outro motivo que não a magnetização direta e física do cérebro. Esse motivo poderoso é a *consciência* que o magnetizador tem do que ele quer, e a *vontade* que ele mantém formada em seu pensamento. Então o que o magnetizador mantém em si, sob forma abstrata, reflete-se na inteligência do sonâmbulo cujos órgãos formulam ativamente a *ideia*, realizando-a pela ação, se sua força moral pessoal não reagir como antagonista. Retirai estes dois elementos da magnetização, e não obtereis o que propondes, ou seja: a sobre-excitação de uma qualidade moral. Aí está o mistério da influência do magnetizador sobre o moral do magnetizado, e esse mistério, acreditai, é temível.

No sonambulismo lúcido, a inteligência do sujeito percebe inicialmente mais ou menos vagamente o objetivo do pen-

samento do magnetizador, antes que os órgãos cerebrais sejam impressionados. Aqui, o modo de relação é inverso ao do estado ordinário. No estado normal, com efeito, os sentidos são os primeiros impressionados, e a atenção, a deliberação e a determinação, faculdades puras e espirituais, vêm apenas depois da solicitação orgânica. A alma, digamos a palavra, a alma do sonâmbulo vê, compreende segundo sua força, pois ela tem uma força mais ou menos desenvolvida, ela reflete, aceita ou recusa. Até aí, nada de orgânico; e se o sonâmbulo possuísse ainda só para si seu sistema cerebral, não teria tido senão a vantagem de ter compreendido um pensamento em sua essência antes que fosse formulado, e permaneceria livre para corresponder ao desejo que mantendes em vós, ou para deixá-lo esgotar-se, como o homem pode fazer para si mesmo nos primeiros momentos de um desejo. Mas, pelo fato mesmo da sonambulização, o sistema cerebral do sonâmbulo está sob a influência de uma eletricidade alheia que se assimilou à sua. Esta eletricidade, potência dinâmica que é o último termo da matéria fluidificada e tornada imponderável, tem como propriedade essencial ser dinamizada e modificada pelo ser simples e pensante, pela alma, enfim. Ora, a perturbação funcional que ocorreu no magnetizado, privou-o em parte da simultaneidade de reação que existe entre o fluido eletrovital e a alma, e isso em benefício daquele que permanece o agente ativo, o magnetizador. Daí resulta que tudo o que a vontade deste quiser energeticamente, poderá modificar o sistema nervoso daquele que é invadido por essa força alheia. Mas até onde pode ir essa modificação? Ela vai até tornar o sonâmbulo completamente automático, e tire o caráter essencial de sua constituição humana, a liberdade? Seguramente, se o sistema dos frenomagnetistas fosse verdadeiro, o sonâmbulo cessaria de se opor ao que se exigisse dele, e realizaria todos os atos que o magnetizador quisesse determinar, sob uma impulsão irresistível. Todos os seus atos seriam a

expressão de uma sobre-excitação cerebral, e como o monomaniaco, o alienado, o homem bêbado, ele obedeceria fatalmente. Seria uma inconsequente restrição não admitir a perda da liberdade para todas as manifestações instintivas ou morais; pois tão logo acreditais poder decuplicar o poder de um órgão frenológico, podê-lo-eis igualmente para todos os outros; e em frenologia qual sentimento, qual faculdade intelectual não tem seu foco cerebral? Esta pretensão extrema é falsa e contrária à sã filosofia; ela seria a negação do ser simples, pois consagraria a geração da vontade, do sentimento moral, da alma enfim pela matéria organizada; monstruosa filosofia que faz engendrar o infinito pelo finito, o simples pelo composto, o ser pelo nada.

A faculdade essencial da liberdade não pode ser portanto roubada ao sonâmbulo pelo fato de uma sobre-excitação cerebral, operada espontânea e passageiramente segundo o desejo do magnetizador. Esta questão de alta filosofia já foi examinada por Puységur. Este grande experimentador escrevia, com efeito: “Eu questionava um dia a sonâmbula Geniève sobre a extensão do império que eu podia exercer sobre ela. Eu acabava, sem nem lhe falar, de forçá-la, por brincadeiras, a bater-me com um caça-moscas que ela tinha na mão. Pois bem, disse-lhe eu, visto que sois obrigada a bater-me, pode-se apostar que, se eu o quisesse absolutamente, poderia igualmente fazer de vós tudo o que eu quisesse, fazer-vos despir, por exemplo. - Não, senhor, disse-me ela, não seria o mesmo: o que acabo de fazer não me parecia bem, resisti muito tempo, mas era uma brincadeira, e cedi, visto que vós o queríeis absolutamente; mas quanto ao que acabais de dizer, nunca poderíeis forçar-me a isso.

E em outra parte: “Catherine dizia rindo que no sonambulismo poder-se-ia levar as coisas tão longe quanto se quisesse. Tive ocasião, meia hora depois, de pôr essa moça em sonambulismo, e lembrei-lhe o que ela acabava de me dizer no estado natural. “Pois bem, respondeu ela, não vejo da mesma maneira

agora. – Mas enfim, se eu quisesse absolutamente vos fazer tirar vossas roupas? – Eu acordaria, senhor, e ficaria bem mal.”

Assim pensava Puységur, assim pensam aqueles que conhecem o magnetismo por uma longa prática, e têm razão, encerrando-se todavia em condições semelhantes às daquelas dos exemplos que acabamos de relatar. Algumas pessoas disseram que era completamente diferente, e sem explicar o fato pela magnetização do órgão cerebral que gostariam de solicitar, tendem às mesmas consequências. Dentre estes, pode-se principalmente citar o doutor Rostan e o doutor Teste. O Sr. Gauthier refutou essas opiniões³⁶, e, pensando como esse autor quanto ao princípio da questão, não podemos, como ele, rejeitar exclusivamente a possibilidade de mudar completamente o moral de um sonâmbulo, mesmo contra sua vontade. Vamos em breve expor as circunstâncias excepcionais que permitem essa influência.

Têm-se fatos, dir-se-á, e muitas vezes levou-se sonâmbulos a sentir as emoções de uma paixão e a compartilhá-la. – Sabemos isso; mas sabeis por quê? Era porque os sujeitos sobre os quais agíeis estavam moral e fisicamente dispostos a receber vossas impressões. O caráter, a disposição particular e íntima eram no sentido físico e moral que solicitastes. Mas não pervertestes nada: acendestes uma paixão a que a discrição e as conveniências do estado de vigília obrigavam. Desejastes, quisestes que vos cedessem, e antes que vosso desejo fosse formulado, a inteligência do sonâmbulo o percebera; ele o aceitara, e ele deixou o organismo se perturbar sob vossa influência. Mas se tivésseis encontrado uma alma cuja virtude fosse a lei, teríeis visto a fisionomia daquele que acreditáveis vosso escravo exprimir o espanto, depois o nojo; e se, mais confiante em vosso poder,

³⁶ Gauthier (Aubin). *O magnetismo católico*, ou introdução à verdadeira prática, e refutação das opiniões da medicina sobre o magnetismo, seus princípios, seus procedimentos e seus efeitos. 1844. 1 vol. in-8º.

tivésseis querido perseverar, teríeis visto a luta da vítima. Não, não se paralisará a liberdade do sonâmbulo que não quer verdadeiramente dar seu consentimento a uma palavra ou a um ato qualquer. Magnetizar-se-ão em vão todos os lugares de seu cérebro, e aliás ele não deixaria mais continuar uma ação que faria sua tortura; haveria alguma crise funesta.

Retomemos um exemplo: o roubo. Quereis que vosso sonâmbulo furete alguma coisa no aposento onde está. Ele vê vosso pensamento, sente seu impulso, e obedece à vossa vontade mental que se fixou e que precisou fixar-se sobre o objeto a pegar. Nessa experiência, não há participação moral por parte do sonâmbulo; ele age automaticamente; ele pega o que lhe indicais, mas não tem consciência de realizar um roubo. Desperto, manterá ele a mesma propensão a pegar certos objetos? Não, se sonâmbulo ele não consentiu, de acordo com seu magnetizador, que fosse assim. Magnetizai o órgão da *aquisição*, nada obtereis se o sonâmbulo não quiser conservar, desperto, o desejo do roubo. É indispensável que exijais dele seu consentimento na modificação que quereis produzir. Se ele o der, despertará ladrão por instinto, mas terá sido imoral, pois era livre. Ocorre o mesmo para todos os pensamentos, todas as inclinações, todas as modificações morais que o magnetizador quer fazer passar para a vida ordinária do sonâmbulo: é preciso que este *consinta que seja assim*.

Se fosse sempre assim, a influência do magnetizador não seria mais temível do que aquela que pode agir no convívio habitual da vida social. Mas esta influência, devemos fazê-lo reconhecer, tem um modo de ação particular que a torna mais ou menos temível, mais ou menos pernicioso, segundo os indivíduos e as circunstâncias. O sonâmbulo conserva sua liberdade moral, é incontestável; mas pelo fato do isolamento que o subtrai a todas as impressões externas e o torna mais susceptível a sentir as impressões que partem do magnetizador, ele é mais

facilmente influenciável e impressionável por aquele ao qual ele se identifica por vínculos fisiológicos: de modo que suas determinações, seus pensamentos e seus sentimentos tendem, por um impulso natural, a revestir a forma das disposições morais do magnetizador. Qual de nós não sabe que, perfeitamente livres de pensar e de agir em tais circunstâncias e na presença de tais pessoas, cessamos de sê-lo completamente em condições opostas? Quem não viu uma vontade obstinadamente contrária acabar, sob o efeito do tempo e de uma perseverança antagonista, por perder gradualmente sua força de resistência para se confundir na harmonia de uma outra vontade? O homem é um poder que pode permanecer seu senhor em qualquer gênero que ele quiser; mas, sensível às reações da ordem física, e sobretudo às da ordem moral, esse poder não pode persistir muito tempo em seu isolamento e sua fixidez. Essa permanência, sustentada por uma luta moral, não está na natureza humana a qual, em virtude de leis de uma ordem superior, tende à simpatia e à união. Ora, se para o homem, no estado habitual, é difícil subtrair-se a esta misteriosa atração para uma vontade alheia, não hesitamos em dizer que o sonâmbulo tem menos força para permanecer na sua individualidade moral, e que tendo o poder de rejeitar energicamente uma participação qualquer num ato que lhe repugnaria, ele perde pouco a pouco esse poder de antagonismo à medida que a influência atrativa continua a abalá-lo, lentamente, mas de maneira persistente.

Assim como o magnetizador, atingido por um mal embora sem gravidade aparente e sem grandes sofrimentos para ele, inoculá-lo-á na maioria dos sonâmbulos pela frequência das relações, igualmente, depois de um tempo mais ou menos longo, ele atrairá para uma espécie de comunhão intelectual o espírito de seu sujeito, que inicialmente era seu oposto.

Eis então revelada a fonte dos perigos que o magnetismo encerra, perigos que se assinalaram, mas que se exageraram

crendo-os necessários a toda relação magnética, e podendo relacionar-se a todos os desvios do espírito. Os magnetizadores-frenologistas, que pela nova teoria dariam fundamento aos temores que se têm dessas perturbações instantâneas dos instintos e das faculdades, enganaram-se, visto que é falso que, pelo simples fato da magnetização de uma parte do órgão cerebral, se exaltam ou se aniquilam suas funções de relação. Por outro lado, os magnetizadores que negaram a possibilidade das perversões morais no sonambulismo generalizaram demasiado, visto que esta perversão, impossível quando é imposta bruscamente, deixa de sê-lo se a persistência e a insinuação assediarem durante mais ou menos tempo o magnetizado.

Destas conclusões, que baseamos numa longa experiência prática, ressaltamos a importância da escolha de um magnetizador. Efetivamente, se nada há a temer de um ensaio tentado por um magnetizador que não se verá mais ou que vos sonambuliza somente às vezes, não é a mesma coisa quando um tratamento deve ser seguido durante um ou vários meses, ou então se por algum motivo se consente em servir de sonâmbulo habitual.

No primeiro caso, que inconveniente, que aparência de perigo se poderia encontrar? O doente, mesmo curado, esquece um magnetizador tão depressa, mais depressa mesmo do que um médico; o reconhecimento extingue-se com a lembrança das dores.

No segundo caso, pode ser diferente. A magnetização, frequentemente repetida, torna o magnetizado submetido ao duplo inconveniente da influência física e da influência moral. Todos os autores falaram da ação perniciosa de um magnetizador doente: quanto a nós, assinalamos a da disposição moral do magnetizador.

As qualidades que constituem o bom magnetizador devem ser seriamente levadas em consideração. Tão frequente-

mente se vê o homem do mundo curar melhor e mais doentes, pelo magnetismo, do que o médico e o cientista; em compensação, estes laboriosos e sábios magnetizadores são mais convenientes para inspirar a confiança moral: pois a imaginação neles deixa-se seduzir menos, e nós não conhecemos nada mais temível do que um magnetizador cujo coração é agitado por uma imaginação ardente que lhe faz incessantemente almejar um ideal de que ele procura apoderar-se com o auxílio da maioria de seus sonâmbulos. O caráter científico e a idade madura são portanto condições de alta importância na escolha de um magnetizador.

Para completar as considerações às quais acabamos de nos entregar sobre a influência moral que pode ser exercida no estado do sonambulismo, vamos apoiá-las com alguns fatos.

- Vimos antes uma sonâmbula, a Srta. Emée, tomada de um desalento tão profundo e de uma determinação tão imperiosa de se deixar morrer, que os efeitos das magnetizações ficavam aniquilados e só a atormentavam deixando-a entregue em seu sonambulismo a uma luta dolorosa contra si mesma.

Esta viciação de sentimentos, entretanto tão naturais, extinguiu-se pela excitação fisiológica das tendências opostas, apesar do desgosto e das tentativas de resistência da doente, que sentia perfeitamente a influência que sofria, sem poder neutralizá-la completamente. A transformação foi longa sem dúvida, porque nos repugnava violentar e obter com rigor, temendo as crises nervosas que uma luta demasiado obstinada teria infalivelmente suscitado, segundo a própria sonâmbula.

Em outra ocasião, chegamos a um resultado análogo bem mais prontamente; mas não foi durável, tendo as relações sido interrompidas. Eis o fato:

Clémentine, jovem de 21 anos, tornara-se uma sonâmbula muito notável sob a ação de um magnetizador que ela viera a odiar, em consequência da brutalidade com a qual ele se fazia

obedecer. Clémentine, despreocupada com o futuro, incapaz de uma reflexão moral, sem remorsos do passado que ela manchara, levava uma vida desregrada.

Observáramos sua bela lucidez, em companhia de magnetizadores, e lamentáramos o destino dessa mulher. Um dia em que estava livre de seu magnetizador habitual, ela quis ser magnetizada por nós. Era diante de algumas pessoas que nos embaraçavam muito, pois não ousávamos nos fazer de moralista em semelhante situação. Entretanto, exercendo seu sonambulismo sobre diversas coisas, não podíamos deter os pensamentos que surgiam em nós; tínhamos pena dessa pobre criança; gostaríamos de fazê-la compreender o mal que a degradava, a calma e o mérito da virtude: tudo isso nos entristecia e acabou por se refletir em sua alma; pois, detendo as experiências, ela se pôs a dizer-nos:

–“Vós quereis tornar-me calma, feliz, obrigada, mas não podereis..... Oh! Encontrei poucos como vós!..... Por que vos interessar por mim, eu que tudo, mesmo Deus, abandona? Deixai, deixai acabar minha vida; será curta e acabará no mal.....Oh! desgraçada, que fiz eu para morrer assim?.....E virá!.....eu vejo, vejo o dia..... Vós quereis lutar; mas eu vos digo que não me arrancareis ao inferno!..... Ah! Se conseguísseis fazer-me romper esta terrível ligação! Mas não, as cadeias vão se apertar mais!!.....”

Ao despertar, a mesma alegria, a mesma loucura de antes; mas a noite foi sem sono; os remorsos, desconhecidos até aquela hora, oprimiam a jovem; ela passeou pela casa, fez mil projetos de fuga, depois a firmeza lhe faltava! E nossa lembrança estava sempre lá! Nossa voz que a chamava para o bem!!!... De dia, ela se fechou, recusou todo mundo e admitiu-nos. Foi ainda magnetizada; então chorou, agradeceu-nos de toda a sua alma, mas persistiu em nos pedir para abandoná-la; torturávamo-la em vão, seu destino estava ali....; sua morte devia ocorrer

num dia ainda distante que ela determinou!....Persistimos em nossa vontade de fazê-la deixar seu gênero de vida, sua cidade, e despertamo-la. A luta consigo mesma continuou vários dias. Enfim vencida, Clémentine perguntou-nos por que meios podia mudar sua posição.

Passamos alguns dias sem ver a nova convertida, pensando nos meios de melhorar sua sorte; mas a pessoa com a qual ela tinha uma ligação culposa lembrou-se de magnetizá-la. Então tudo ficou perdido. Clémentine tornou-se em sonambulismo o que era na vigília.

Deleuze relata o fato seguinte, que se relaciona também com nosso assunto:

“O doutor Chapelain encontra numa rua de Paris uma jovem que fora machucada e estava mal. Oferece-se para levá-la a casa, dá-lhe o braço, chega com ela a seu quarto e magnetiza-a.

“A jovem entra imediatamente em sonambulismo: então geme sobre sua posição e sobre a infâmia de sua profissão (rapariga pública); ela quer deixar esse gênero de vida que lhe causa horror, e ir para a província se jogar aos pés dos pais. Suplica ao Sr. Chapelain para a fortalecer nessa boa resolução. Este emprega toda a sua vontade. Desperta a jovem e vai-se embora.

“No dia seguinte a pecadora foi à casa dele; agradeceu a seu benfeitor e disse-lhe que havia marcado seu lugar num carro para partir no dia seguinte e ir para casa dos pais. Com efeito, segundo informações seguras, o Sr. Chapelain soube que ela partira no dia designado.”

Estes fatos curiosos demonstram que a influência exercida sobre o moral dos sonâmbulos, durante o estado magnético, pode continuar no estado de vigília, se o magnetizador o quiser firmemente.

Servimo-nos desta influência para ajudar a instrução dos sonâmbulos, para gravar na memória deles lembranças difíceis de guardar no estado de vigília.

Aproveitamo-la ainda com frequência para forçá-los a tomar remédios que eles recusavam ou para fazê-los perder hábitos nocivos à sua saúde.

Entre outros exemplos, citaremos o de uma mulher que tinha o deplorável hábito de beber cada dia quase meio litro de café. Continuamente doente, era fora de dúvida que o abuso que fazia do café a fatigava muito; mas ela não queria ou não podia abandonar sua bebida favorita. Magnetizada devido a uma pneumonia e tornada sonâmbula, sua convalescença mal começara já ela retomou seu café, e não pudemos desviá-la a não ser proibindo-lho energicamente no estado de sonambulismo e querendo que desperta tivesse por ele uma verdadeira aversão.

Embora os exemplos citados tenham uma tendência útil e de alta moralidade, concebe-se facilmente que o contrário poderia ocorrer, e é com isso que se deve tomar cuidado na escolha de um magnetizador e nas relações que ele estabelecerá com seus doentes.

Esses perigos assustadores ao primeiro aspecto perdem contudo muito de sua gravidade quando se consideram as condições necessárias para que eles possam atingir com todo o seu poder. Se efetivamente os relatos precedentes mostraram uma ação quase súbita, na maioria das vezes a influência não é instantânea. É preciso tempo, muito tempo para que uma alma honesta receba um desvio sensível de seus deveres; e se uma falta grave ocorre em alguns dias, sob a vontade de um magnetizador imoral, é, sem dúvida, que já existia uma violenta tendência a essa satisfação, e que a moralidade do sujeito não era das melhores.

Notar-se-á também que é muito mais fácil tornar moral uma sonâmbula que se desviou do bom comportamento, do que perverter uma mulher virtuosa.

Com efeito, desde os primeiros rasgos da lucidez, o sonâmbulo é sempre levado a chorar seus desvarios.

Essa mudança, que faz de uma pessoa um ser em contradição completa consigo mesmo, se opera assim que a alma se acha desprendida do império dos sentidos; voltada para si mesma, ela aprecia as coisas de um ponto de vista completamente diferente, e despreza o que um instante antes idolatrava. Esta oposição do indivíduo surge sempre quando a lucidez é grande e o magnetizador *deixa livres* os primeiros impulsos do sonâmbulo; é o sentimento do verdadeiro que se desenvolve; eis porque as influências que tendem a excitá-la são mais ativas e mais prontas do que aquelas que procuram extingui-la.

Nada é mais tocante do que ouvir um sonâmbulo se censurar, dar-se conselhos, como se falasse com um outro; mas fica-se muito aflito quando ao despertar não resta nem mesmo a lembrança de todas essas boas resoluções. É portanto aqui que o magnetizador deve fazer uso de seu poder e esforçar-se para que o sentimento de virtude que acaba de despertar seja duradouro.

A este respeito, Deleuze³⁷ relata que uma senhora distinta, tendo perdido sua fortuna, determinou-se, segundo o marido, a entrar para o teatro onde seus talentos lhe asseguravam rendimentos consideráveis. Durante a conclusão do compromisso, ela adoeceu, foi magnetizada e tornou-se sonâmbula. Em seus sonambulismos, ela se opunha completamente ao partido que tomava. Seu médico pediu explicações, e obteve respostas que estava longe de esperar:

- “Por que quereis então entrar para o teatro?”

³⁷ Deleuze. *História crítica do Magnetismo animal*, 2ª edição. 1819. 2 vol. in-8°. Tomo 1, p.188.

-“Não sou eu, é ela.

-“Mas por que não a dissuadir?”

-“Que quereis que lhe diga, é uma louca!”

Este fenômeno do sentimento da dualidade que certos sonâmbulos experimentam depõe ainda a favor da espiritualidade da alma e da sua tendência natural para o verdadeiro, tão logo ela se encontra desprendida da reação fisiológica dos sentidos pervertidos, desprendimento que a crise sonambúlica mais ou menos propicia.

Despojai-vos do homem velho, com suas obras, e revesti-vos do homem novo; imediatamente, pelo conhecimento da verdade, este se renova segundo a imagem do Criador. (S. Paulo.)

As reflexões precedentes deixaram entrever qual podia ser o valor moral do magnetismo.

Aquele que só viu no magnetismo uma ciência física e médica não viu senão a sombra da luz; cura poucas enfermidades e deixa subsistir o mal moral.

Bem desgraçado aquele que profana os sublimes fenômenos do sonambulismo, que os explora vergonhosamente, e que põe nas mãos de todos este poder de bem e de mal! Vergonha e desgraça àquele que os faz servir a seus prazeres e suas paixões! Esse perverteu uma obra santa, enganou a humanidade, é sacrílego!

CAPÍTULO TERCEIRO.

MAGNETISMO SOBRENATURAL.

Anjos e demônios! Crença tão antiga quanto o mundo; crença bem abalada e que porém a filosofia racionalista vem fortalecer, visto que povoa o infinito de almas imortais.

“A alma, tendo em vista sua qualidade de imortal, pode por si mesma e por sua própria virtude prever o futuro e curar as enfermidades e as doenças. Por que então atribuir essa glória aos demônios?”

S. Justino, S. Atenágoras.

A ciência e a crença no mundo sobrenatural foram e são ainda quase sempre dois estados antagônicos da inteligência humana. Ambas, entretanto, se enraízam no *espírito de verdade*. Por que então não puderam aliar-se e uma tende a asfixiar a outra na maioria dos homens? Não é porque o cientista, habituado a tocar a matéria e a compreender o mecanismo de suas leis, perde pouco a pouco a ideia das coisas invisíveis e sobrenaturais e acaba por não crer mais no que sai da esfera do raciocínio e das leis físicas? Não é também porque os homens de fé, os homens de crenças místicas, seguros de sua convicção, negligenciam demasiado, em geral, o estudo das leis físicas, e arrasados por uma falta de conhecimentos suficientemente exatos, propõem e sustentam fatos que parecem incompatíveis com leis conhecidas e que, por vezes, vêm a ser desmentidos pela experiência prática?

O racionalismo e o misticismo têm cada um limites que o espírito humano não poderia ultrapassar sem cair no delírio; mas um e outro têm bases reais, bases que podem e que devem mesmo se confundir numa única.

A alma humana que sente o *verdadeiro* não começou por amar? E o amor é a crença, é a fé. A infância no homem ou na humanidade ama e crê. Nesse estado, a inteligência não poderia formular sua crença, e ela não examina o que ama. Mas a posse demorada do objeto amado modifica o sentimento vivo do amor e converte-o num outro mais sério que ousa examinar aquilo que o amor surpreendera. - O exame é a ciência. - A ciência sonda o que a fé lhe transmitiu; ela se faz sua igual; esta não a comanda mais, é ela ao contrário que vai dominá-la e, para muitas inteligências, reduzi-la a nada. Tal é, geralmente, a marcha que a razão segue, quando, seduzida pelo brilho de suas próprias forças, ela quer discutir e compreender as coisas metafísicas. No nascimento do sentimento orgulhoso que se ergue no espírito do homem, encontra-se a força que rompe a lei e o vínculo simpático pelo qual a alma se liga ao mundo espiritual.

A inteligência do homem deve respeitar certos limites nas altas regiões da ideia, e acreditar-se impotente para atravessá-los. Ela deve aceitar crenças que o testemunho dos séculos lhe transmitiu; ela deve submeter-se à fé que uma revelação primitiva depositou no gênero humano.

Entretanto, é preciso reconhecê-lo, a razão foi levada à sua incredulidade pelos exageros do misticismo. Pesquisando os anais dos místicos, fica-se impressionado com sua linguagem; ela é ardente, apaixonada; eles emitem ideias que parecem absurdas à razão severa, sem se dar ao trabalho de comentá-las; eles crêem, e isso lhes basta; falam com a convicção da fé; dizem ver o invisível; produzem o que contam, e não suspeitam de que se possa duvidar. Mas quantas causas diversas podem produzir um mesmo fenômeno! O estudo do magnetismo não nos pôs no caminho de muitos segredos que outrora pareciam ligados a causas sobrenaturais, e a ciência de Mesmer não deu ao misticismo o mais terrível golpe? A razão, a ciência, não são

portanto desculpáveis por se fazerem antagonistas de toda doutrina que vai buscar os motivos de sua ação num mundo sobre-humano, cujo império parece a cada dia abalado pelas descobertas da ciência humana?

Eis o que propúnhamos, ao começar este capítulo: ciência e crença no mundo sobrenatural são dois termos antagônicos; mas, apressemo-nos a dizê-lo, é em consequência dos exageros que surgiram de ambos os lados. É possível, em nossa opinião, que a ciência e a fé façam aliança, e então o espírito humano se encontre no nível de sua perfectibilidade terrestre.

Seguramente, o assunto que abordamos é de uma delicadeza extrema e de uma dificuldade que talvez esteja acima de nossas forças para ser convenientemente tratado; mas era-nos possível deixar de lado esta parte importante e quase característica da metafísica do magnetismo?

Duas considerações poderosas nos determinaram ainda a escrever este capítulo.

A primeira, é que certas pessoas creem que a causa dos fenômenos magnéticos é diabólica;

A segunda, é que uma escola de magnetizadores pretende que essa causa é totalmente angélica, e que comunicações, pode-se dizer permanentes, se estabelecem entre os sonâmbulos e os anjos.

Ora, nós acreditamos que é necessário examinar o que essas opiniões têm de fundado e de exagerado, a fim de combater as influências perniciosas que elas devem ter sobre as inteligências que procuram esclarecer-se relativamente ao magnetismo.

Uma classe de homens muito influentes sobre uma grande parte da sociedade crê seriamente que os fenômenos magnéticos são cabalísticos, e são positivamente o efeito de uma intervenção dos espíritos do inferno. Esses homens se encontram entre alguns membros do clero.

Então quando eles são consultados, o que ocorre mais frequentemente do que se pensa, eles proíbem entregar-se aos cuidados do magnetismo, e paralisam assim o bem que poderia daí resultar para os doentes e para os progressos da filosofia.

O Evangelho, dizem eles, consignou a realidade das possessões e das obsessões demoníacas, e a Igreja determinou os sinais que os fazem reconhecer.

Ora, a maioria dos fenômenos magnéticos tem os caracteres indicados como denotando a ação diabólica.

Logo o magnetismo é uma obra satânica.

Para que não nos acusem de exagero e de parcialidade, queremos citar um dos escritores eclesiásticos que sustentam esta tese tão ridícula quanto ignorante, quando ela se aferra ao princípio da questão.

“Os demônios têm frequentemente prazer em só entrar em possessão de um corpo humano e em abandoná-lo depois em circunstâncias tais que a impiedade possa, com alguma aparência de boa fé, atribuir tudo o que eles operam a causas naturais. Eis porque eles cedem mais frequentemente às invocações do magnetismo, quando elas têm por objeto a possessão sonambúlica de pessoas fracas ou doentes. – O diabo é o macaco de Deus. Vendo que Jesus Cristo instituiu sinais sensíveis aos quais a graça está ligada, ele estabeleceu igualmente sinais sensíveis aos quais ele associa sua proteção. Não contente com isso, ele quer ainda macaquear as práticas e as instituições da Igreja. Por exemplo, como ela costuma benzer com certas cerimônias a água das pias batismais sagradas e diversas substâncias, para torná-las mais salutares para os fiéis, o demônio quer que se faça água magnetizada, observando que se envie por cima o hálito duas ou três vezes, conforme o que os bispos e os padres costumam praticar em diversas bênçãos. Sendo a água benta empregada na maioria das cerimônias e preces da Igreja, e sendo o uso dessa água singularmente recomendado aos fiéis, por

causa de sua virtude, o macaco de Deus não deixa de persuadir seus patetas de que nada é mais salutar nem mais maravilhoso do que sua água magnetizada. O objetivo do inferno, em suas odiosas imitações, é evidentemente aviltar as práticas augustas da Igreja: procura confundi-las com as tolices mágicas que ele propaga por sua constante intervenção nas crises dos sonâmbulos.⁵⁸”

Como corolário do raciocínio do sábio filósofo, abade Wurtz, relataremos o que nos dizia outro padre que compartilhava as mesmas ideias.

“Vós dizeis, senhor doutor, que o demônio não poderia intervir quando magnetizais, porque não só vosso desejo é oposto a toda comunicação demoníaca, mas que mesmo vosso pensamento está muito afastado dele; depois, ainda, que obtivestes os fenômenos magnéticos em pessoas tão piedosas quanto possível e acabando de receber a Santa Eucaristia. Mas todas essas condições não impedem que a possessão se estabeleça. Vós sois, sem o saber, sem mesmo suspeitar, o agente do Espírito das trevas... Minhas palavras espantam-vos; é porque ignorais a origem de vossa arte tenebrosa... Invocais sempre esse fluido magnético; mas esse fluido, não é o demônio sob a aparência de um vapor de fogo, como dizem vossos sonâmbulos?... E, sabei-o, quando fazeis vossos gestos chamados *passes*, fazeis o sinal sacramental combinado entre o demônio e aquele que foi o primeiro a receber essa revelação. O demônio prometeu intervir logo que o sinal fosse feito com o desejo de obter os fenômenos sonambúlicos. Essas manobras foram transmitidas, e com frequência aquele que as pratica ignora sua fonte diabólica; ele age portanto sem ser culpado, mas não deixa de obter uma verdadeira possessão.”

⁵⁸ *Superstições e Prestígios dos Filósofos do século 18*, pelo abade Wurtz, de Lyon.

Tal era também a linguagem do autor do *Étude raisonnée du Magnétisme animal* [*Estudo racional do Magnetismo animal*], relativamente a Deleuze:

“Que não se imagine entretanto que o Sr. Deleuze seja um desses mágicos, insignes celerados, que se entregaram conscientemente aos demônios. O Sr. Deleuze respeita nos seus escritos as doutrinas católicas, e goza aliás de uma honrosa reputação... Vários fatos nos levam a pensar que o Sr. Deleuze serve, sem o saber, de instrumento ao inferno e nunca enfeitiça ninguém com intenções de que tenha que envergonhar-se.”

Basta de citações para dar uma ideia do que são capazes a exageração em metafísica e a ignorância das ciências físicas e fisiológicas.

Para falar seriamente e para elucidar essa questão que parece, para certos espíritos, dominar o sonambulismo magnético, diremos, com a maior convicção, que a própria dúvida nos parece bem pouco fundada, quando depois de ter meditado sobre as duas primeiras partes desta obra se reflete sobre o modo de produção dos fenômenos magnéticos e do sonambulismo em particular. Quando esse estado se manifesta, o sistema nervoso passa por modificações fisiológicas tão sensíveis, tão graduais, que é impossível não reconhecer nessa marcha fenomenal a ação completamente natural das leis fisiológicas. Vendo ainda o pequeno número de indivíduos que chegam à lucidez, número esse tomado dentre outros que permanecem em estados nervosos inferiores, e todos formando uma espécie de escada descendente até o estado normal do indivíduo cuja organização é refratária; observando a influência da juventude, do sexo feminino, de uma saúde débil; notando enfim que a natureza dos costumes, a diversidade das crenças e das religiões são absolutamente sem valor para a produção do estado sonambúlico, deve parecer evidente que, quando o sonambulismo magnético aparece, é somente em virtude de disposições

fisiológicas dos indivíduos, e que o homem goza por sua natureza de faculdades muito mais extensas do que seu estado normal deixa suspeitar.

As pretensões e os escrúpulos exagerados de católicos insuficientemente instruídos em antropologia e em magnetismo para serem competentes na questão que nos ocupa, afastaram da Igreja muitos cientistas, e fizeram cair muitos médicos e magnetizadores numa pretensão oposta e igualmente exagerada, a saber: a negação dos milagres e da intervenção dos espíritos em certas circunstâncias da vida do homem.

Do fato que certas passagens do Evangelho e a doutrina da Igreja estabeleçam a possibilidade da possessão de nossos corpos por espíritos maus, decorre daí que todo fenômeno cujos efeitos são análogos é determinado pela mesma causa? Não, seguramente.

Os fenômenos de todos os gêneros que examinamos nos capítulos precedentes, aparecendo nos tempos em que ainda se estava sob a impressão dos milagres dos primeiros cristãos, não devem ter sido naturalmente postos entre os prodígios dos demônios? Negar isso seria ignorar o que é o espírito humano; deve portanto ter sido assim, ao menos em algumas circunstâncias.

Mas quão distantes estão todos os fenômenos magnéticos deste fato relatado por São Mateus e São Marcos:

“Jesus passava no país dos Gadarenos; dois possessos, tão furiosos que ninguém ousava passar por ali, saíram do cemitério e vieram ao seu encontro. Jesus exclamou: Espírito impuro, sai destes homens! – E os demônios, saindo, foram, com a permissão de Jesus, para uma vara de porcos que fuçava à beira-mar. Logo, toda a vara, de cerca de dois mil, correu a se precipitar no mar, onde se afogou... E os possessos recuperaram os sentidos; mas as pessoas da região, tendo ocorrido, suplicaram a Jesus que abandonasse suas terras.”

O Antigo, como o Novo Testamento, assim como os anais da história de todos os povos, estão cheios de fatos que não se podem explicar a não ser pela ação de seres superiores ao homem. Aliás, os estudos de antropologia, de metafísica e de ontologia provam a realidade da existência de seres intermediários entre o homem e Deus, e a possibilidade de sua influência sobre a espécie humana.

Acreditamos então que só a ignorância ou a má fé podem desconhecer esta ordem de fatos sobrenaturais que compreende as possessões demoníacas, as comunicações angélicas e os milagres.

Mas, por outro lado, também não compreendemos que se queira ver no magnetismo apenas superstição e magia.

Porque uma mulher que se torce sob horrendas convulsões obedece à *ordem mental* de um homem que a exorciza, que ela permanece insensível a toda dor, compreende as perguntas que lhe fazem em latim, e suas crises param ao comando do padre, não decorre *absolutamente* que haja intervenção do demônio.... Todos esses fenômenos podem ser muito naturais; mas confundiu-se e generalizou-se demais, viu-se em toda a parte a obra do demônio, e todo fenômeno se tornou possessão. Erro funesto!

Assim, o que pode haver de mais análogo ao que ocorreu em muito exorcismo do que a observação do doutor Barrier, de Privas? Vamos extrair algumas particularidades do memorial que esse doutor enviava, em 1835, a Cuvier, para ser lido no Instituto:

“Os fenômenos observados em Euphrosine Bonneau são:

“1^o Insensibilidade completa, salvo no epigástrico, onde toda a vida está concentrada;

“2^o O dom de adivinhar o pensamento da pessoa que se põe em relação com ela; esta faculdade é tão pronunciada que

Euphrosine mantém uma conversa seguida, na qual o interlocutor fala apenas *mentalmente*,

“3^o A produção de fenômenos eletromagnéticos notabilíssimos;

“4^o O aniquilamento da visão, do paladar e do olfato nos órgãos desses sentidos, e seu transporte ao epigástrio;

“5^o A previsão de acontecimentos futuros, relativos à sua doença;

“6^o A apreciação do valor dos remédios propostos; o sentimento dos sofrimentos alheios;

“7^o Grande disposição a desempenhar o papel de profetiza.

“Por ocasião de minha segunda visita, encontrei Euphrosine dobrada em arco no meio do aposento; ela descansava no chão pelos calcanhares e o topo da cabeça.

“Aproximei-me, entrei em contato, e desejei bom dia à doente, dedicando-me a reter *minha língua e meus lábios*.

- “Bom dia, senhor Barrier.

- “Quando quereis ir à Voûte?”

- “Vossa filha adivinha o pensamento, disse eu à mãe; tentai. E Euphrosine respondeu sempre às perguntas *mentais*.

“Se, tendo formado uma corrente de várias pessoas, os dois extremos tocavam a nu o epigástrio de Euphrosine, ela dava um salto precipitado para um canto, passando entre os braços e as pernas dos assistentes; ali, seus cabelos esparsos, seus gestos desordenados, tudo retraçava a imagem dos antigos endemoninhados.

“Euphrosine gritava e urrava se alguém tinha cera de Espanha ou seda. Os metais talhados em ponta, dirigidos para o epigástrio, faziam-na sofrer horripelmente. Assim, logo no segundo dia da chegada da jovem ao convento da *Voûte*, uma freira, vendo-a numa crise, recorreu depressa a seu crucifixo; pousou-lho sobre o estômago, mas Euphrosine lançou gritos

horrendos e jogou longe o pequeno crucifixo de ferro. Esta prova, tentada várias vezes, teve sempre os mesmos resultados e alarmava a comunidade. À minha chegada, contaram-me essa desventura. “Tentai, disse eu às freiras, a aplicação de um crucifixo de madeira.” Tentaram, e Euphrosine ficou tranquila. Todos os temores das senhoras trinitárias se desfizeram.” (*V. para a ação dos metais*, capítulos 1^o e 2^o da primeira parte.)

O que teria acontecido à Srta. Bonneau? O que teria ocorrido no convento, se houvesse um diretor pouco esclarecido, e se um médico, como o Sr. Barrier, sobretudo, não tivesse aparecido?

Observamos, há alguns anos, um caso de doença nervosa, que apresentava tão bem os caracteres de uma obsessão, que por um instante (breve, aliás) estremecemos acreditando ter de lutar contra uma verdadeira possessão.

A Srta. Louise tinha vinte anos. Há vários anos era presa várias vezes ao dia de crises que se chamavam ataques de nervos. Ela se torcia, rolava pelo chão dando gritos agudos; então não conhecia ninguém, delirava, e depois de um quarto de hora desse estado recuperava os sentidos, com os membros doloridos e o coração cheio de tristeza.

Os pais, cansados dos antiespasmódicos administrados sob todas as formas, e da esperança sempre enganadora que cada dia os médicos se obstinavam em dar, recorreram ao magnetismo.

Tivemos uma dificuldade inaudita para obter o sonambulismo. Pouco a pouco as crises do dia se acalmaram, depois desapareceram; mas foi para aparecer no estado magnético sob uma forma mais assustadora. As primeiras que vimos perturbaram-nos tanto, e sentimos tanta dor à vista desses sofrimentos agudos, dessas convulsões inimagináveis, que resolvemos fazer uso de nosso *poder de vontade* para deter essas desordens medonhas. Mas a desgraçada jovem gritou que íamos matá-la, que

era preciso deixar livre curso a esses acessos dos quais só a violência podia curá-la.

Passaram-se três meses sem alívio muito sensível; a doente não via nada em seu corpo; dizia-nos que os nervos do ventre estavam *retraídos e como atados*. Era esse um dado que pudessemos satisfazer um médico? Outra sonâmbula examinou a Srta. Louise, e achou os intestinos distendidos e vermelhos; mas isso não nos explicava nada. Essas sonâmbulas receitavam como medicamentos só o magnetismo e banhos!

Todas as noites vínhamos então assistir a um espetáculo que nunca esqueceremos. Após um quarto de hora de sono magnético, a respiração ficava ansiosa, precipitada, ruidosa, o ventre elevava-se e abaixava-se com rapidez, acontecia um tumulto singular nos intestinos; Louise agitava-se na sua poltrona, depois, dando um grito brusco, agudo e prolongado, erguia-se subitamente, saltava para o meio do quarto, e, caindo no chão, rolava-se urrando, curvava-se para trás, fazendo arco, depois girava sobre si mesma e apoiava-se sobre o ventre. Pegava e jogava longe dela tudo o que se colocava para protegê-la das batidas que dava contra os móveis; se tocava alguém, ela gritava mais forte e afastava-se; se éramos nós que queríamos protegê-la, abraçava-nos e nos rolava com ela.

Uma noite, a crise durou três horas!! Estávamos aniquilados; não acreditávamos mais em nada natural em semelhante coisa; por instantes a convulsionária tinha pavor de um fantasma que ela via, conjurava-nos para afastá-lo; mas não nos ouvia mais quando a queríamos tranquilizar. De repente ela se curva, ergue-se urrando e grita:

“Ah! Afastai essa horrenda besta!...”

Por Deus, estremecemos, e, confessamos, acreditamos que o diabo tinha participação!.... Entretanto a calma voltou, e Louise nos *agradeceu por essa crise*, que muito a aproximara da cura.

- “Tivestes medo, disse ela, é a força da dor que me dá o delírio.... Não tenhais medo, ficarei curada....

A Srta. Louise sarou, e o magnetismo pôs fim a essa doença que seguramente se teria exorcizado se tivéssemos contado essas particularidades a certos professores de teologia, e que teria infalivelmente causado a morte da jovem, se tivéssemos sido menos firme e menos *seguro de nosso magnetismo*.

Os sonâmbulos magnéticos não recebem portanto *necessariamente* nenhuma de suas faculdades de um poder sobrenatural. A manifestação das faculdades do sonambulismo, por mais extraordinárias que nos pareçam, é naturalmente inerente à natureza humana, e se a influência do demônio pode às vezes ser aí reconhecida, isto ocorre em todos os casos da vida que estiverem nas condições próprias a essas comunicações. O sonâmbulo, como qualquer outra pessoa, deve temer a tentação: *adversarius vester sicut leo rugiens circuit, quærens quem devoret*. Mas não é porque ele é sonâmbulo que está em comunicação com os espíritos das trevas, e é possuído por eles.

Se um indivíduo estivesse persuadido de que a crise sonambúlica o põe em relação com *espíritos maus*, e procurasse essa crise para obter esse suposto comércio, seguramente veríamos nessa obra uma tentativa perversa e sacrílega, e poderíamos a rigor encontrar nessas circunstâncias as condições de uma comunicação sobrenatural e satânica, pois ali estaria o pacto, um ato de desejo, de consentimento, de vontade mesmo. Mas ainda, pelo fato de um homem acreditar que pode se unir ao demônio pondo-se em crise nervosa, decorreria que se unisse a ele realmente? Seus discursos, seus sonhos, suas visões fantásticas mereceriam algum crédito, e não seriam o resultado de uma imaginação obcecada?

O que acabamos de dizer ocorreu entre aqueles que, ora sem razão, ora com razão, receberam o nome de *feiticeiros*. Convencidos de que, no sonambulismo artificial que tomava

conta deles, iam ao sabá, tornaram-se culpados e sacrílegos; mas na verdade, a maioria desses crisiacos não tinha nenhuma relação sobrenatural.

Não queremos nos estender mais sobre essa parte do magnetismo sobrenatural, remetemos com instância nossos leitores à notável obra do abade Loubert, a qual muito especialmente sobre essas questões de metafísica não deixa nenhuma sem solução satisfatória³⁹. De acordo com as considerações precedentes, deve-se ter visto que, para nós, a causa virtual dos fenômenos do magnetismo dependia completamente dos poderes vitais do homem, poderes físico e psíquico. Mostramos porque não podíamos reconhecer no princípio das leis magnéticas a ação de um poder inteligente sobre-humano, poder que muitos membros do clero creem ser ainda o ser designado nas escrituras sob os nomes de *Satã, o impostor, o antigo adversário que ronda em volta da terra, o príncipe do ar!* Para responder àqueles que, menos exclusivos, reconhecem o naturalismo das leis fisiológica e psicológica do magnetismo, mas que sustentam que o caráter particular dos fenômenos, sobretudo sonambúlicos, faz que o espírito do mal se sirva precisamente do magnetismo para tentar o homem e comprometê-lo nos mais funestos erros, sob as aparências das verdades mais sublimes, respondemos-lhes, dizíamos nós, que a coisa sendo virtualmente boa, não poderia ser má e perniciosa senão pelo abuso que o homem pode cometer; ela pode ser perigosa no grau supremo se se quiser, mas não ser condenável em si mesma; é um perigo relativo que não tem nada de geral e que, por conseguinte, não pode legitimar uma proscricção absoluta.

³⁹ *Défense théologique du Magnétisme humain [Defesa teológica do magnetismo humano]*, ou o Magnetismo é superstição, magia? É condenado em Roma? Os magnetizadores e os sonâmbulos estão em segurança de consciência? Podem ser admitidos à participação nos sacramentos? 1 vol. in-12. 1846. Ed. Poussielgue.

Oh! Gutenberg, cujo gênio deu asas ao pensamento! Tu a quem o povo deve a emancipação! Tua sublime descoberta é sem dúvida maldita por esses espíritos escrupulosos, pois a imprensa não leva tanto o veneno quanto a luz? Não fomenta ela a perturbação nas nações tanto quanto eleva e dirige os sentimentos dos povos?

Em oposição a esta doutrina de espiritualismo demoníaco, de que acabamos de nos ocupar, existe outra que faz também do magnetismo uma ciência oculta cujo princípio decorre dos espíritos de luz, enquanto a vontade das partes interessadas estiver afastada de toda comunicação com os espíritos maus, pois os magnetizadores espiritualistas, consequentes em suas crenças, admitem a possibilidade da influência dos seres espirituais, chamados *anjos das trevas*.

Deus, dizem os seguidores desta doutrina, não ligou à nossa pessoa um anjo para iluminar e sustentar nossa alma nos caminhos perigosos da vida, e para nos proteger contra a tentação do *adversário*? Não é essa a crença da antiguidade, crença de tradição adâmica, crença transmitida pela Bíblia, crença conservada entre todos os povos, estudada pelos filósofos mais notáveis da Grécia? Platão, Sócrates, Hesíodo e tantos grandes gênios não tinham fé na existência dos anjos, e sua fé não repousava sobre visões realizadas? Quando a luz do Evangelho regenerou o mundo, a crença nos anjos e em sua ação sobre o homem não foi consignada e dada como certa nesse livro sublime?

Sim, a alma e a razão exclamam de comum acordo: Entre Deus e o homem há uma série de seres gradualmente crescente em inteligência. A alma humana não é o último termo da criação; existem puros espíritos acima dela, e acima dessas criaturas celestes plana à distância que separa o criado do incriado, o Ser eterno, o Ser que é porque é!!!

Por que então, homens cruéis e desconfiados, quereis vós que a alma humana seja entregue às caprichosas e funestas influências dos espíritos das trevas em vez de à ação salutar dos bons anjos? Por que sempre o demônio? Cremos na sua tentação; conhecemos suas astúcias para aparecer aos videntes magnéticos; mas temos fé na bondade de Deus, e sabemos que o anjo de luz está sempre pronto a vir em auxílio daquele que repele o gênio do mal.

Assim falam os magnetizadores espiritualistas puros! Dissidentes quanto às doutrinas religiosas, eles concordam sobre a base dessa crença na comunicação dos espíritos com os sonâmbulos magnéticos. Para eles, o homem no sono magnético é dominado por esse auxiliar inteligente; e conseqüentemente os fenômenos magnéticos não são produzidos, como pretende a escola fisiológica, por uma extensão das propriedades do sistema nervoso e das faculdades da alma.

O pouco valor atribuído ao dogma religioso pelos místicos permite-lhes seguir sua doutrina até os tempos mais recuados da antiguidade, e formar assim uma escola imponente por sua genealogia e a massa de fatos que ela pode encontrar em seus anais. Encontram-se com efeito as mesmas teorias, os mesmos fatos porém com as modificações dos tempos e dos costumes, entre os egípcios, os caldeus, os persas, os alexandrinos, entre vários místicos da Idade Média, no suco Swedenborg e nos inúmeros discípulos do Iluminismo criado por esse filósofo, e em parte entre os de Saint-Martin; família de crenças verdadeiramente imponente, cujos membros pretendiam, e é preciso acreditar, a menos que se rasgue a história, produzir os mesmos fenômenos que se obtêm em nossos dias por meio do que chamamos o magnetismo humano.

Por mais estranha que nos possa parecer esta página da história fisiológica e psicológica do homem, acreditamos tê-la explicado em nosso trabalho pelo estudo das leis antropológi-

cas. Mas ao nosso lado, nós, magnetista cuja doutrina é mista, ou seja, física e psíquica, a nosso lado continuam as teorias místicas de que falamos, e como chefes dessa escola, distingue-se o doutor Billot, sábio tão estimável por sua piedade sólida, seu devotamento ao catolicismo, e por seus escritos cujo valor apreciamos, embora não compartilhem todas as ideias; depois outros magnetizadores dos quais alguns também escreveram: assim os Srs. Possin, Chambellan, Wiessèke, Cahagnet, o doutor ordinário de Mâcon, etc.

Os *iluminados*, bem mais conhecidos na Alemanha do que na França, não creem de modo algum no valor do fluido magnético, e rejeitam os procedimentos magnéticos. Querer curar o doente e rezar por ele, eis tudo. Então, dizem eles, segundo os desígnios de Deus, os anjos agem sobre o doente, esteja ele perto ou longe de nós.

Quereis participar das mesmas vantagens? escrevem eles.

Tende firme confiança em Deus, - inteira submissão à sua vontade, - um coração preparado para receber a verdade, um ardente desejo de conhecê-la, *somente* para avançar no bem; - sede de uma indiferença extrema pelos assuntos temporais que vos dizem respeito; - sede de uma caridade *ativa* e sem limites; - sede puro, - rezai e meditai logo que vossos deveres sociais estiverem cumpridos. - Se fordes assim, querei curar, curareis, e às vezes, se for necessário, vós e vossos doentes recebereis comunicações dos anjos.

Os magnetizadores espiritualistas que constituem a escola de que citamos alguns membros são menos exclusivos do que os místicos do Norte, e admitem o fluido magnético como agente produtor dos fenômenos fisiológicos do magnetismo; mas fazem decorrer a lucidez de que é iluminada a inteligência do sonâmbulo da assistência direta de um ser sobrenatural.

Para reproduzir fielmente as pretensões dos magnetizadores espiritualistas, nada melhor do que citar eles mesmos, e

nada é mais apropriado para dar uma justa ideia dessa doutrina do que a discussão de Deleuze com o doutor Billot. Tomemos então algumas cartas desses dois homens respeitáveis, documentos escolhidos na curiosa obra do Sr. Billot⁶⁰.

Carta de Deleuze ao doutor Billot.

“.....O magnetismo é um agente, o sonambulismo um estado particular que se apresenta naturalmente em algumas doenças, sem que se tenha empregado o magnetismo, e que é mesmo habitual em alguns indivíduos. O magnetismo produz o sonambulismo em vários doentes, como produz calor, transpiração, ou então o sono e diversas sensações. Não vejo nisso nada que suponha a intervenção de um ser espiritual outro que não a alma humana. Não digo que essa intervenção não possa ocorrer em certos casos; mas então, essa intervenção é alheia à ação do magnetismo. Conheci vários magnetizadores dotados de grande poder, e que não tinham nenhuma crença religiosa. Também conheci vários que os fenômenos do magnetismo e do sonambulismo levaram à crença na espiritualidade e na imortalidade da alma. Conheci enfim outros que, sendo antes incrédulos, se tornaram bons católicos em consequência do exame desses mesmos fenômenos.

“É certo também que há sonâmbulos muito religiosos e outros que não o são. Vós sabeis que havia na Suécia vários tratamentos magnéticos, e uma Sociedade em correspondência com a de Estrasburgo. Naquela época, a doutrina de Swedenborg estava em voga na Suécia, e particularmente em Estocolmo. Pois bem! Todos os sonâmbulos eram pregadores dessa

⁶⁰ *Pesquisas psicológicas* sobre a causa dos fenômenos extraordinários observados nos modernos videntes, impropriamente ditos sonâmbulos magnéticos, ou correspondência sobre o magnetismo vital, entre um solitário e o Sr. Deleuze. 2 vol. in-8°. 1839.

doutrina que é toda espiritualista, mas que difere muito da fé católica.

“.....É incontestável, a meu ver, que a ação do magnetismo demonstra a espiritualidade da alma.

“.....O sonambulismo é ao mesmo tempo uma exaltação das faculdades intelectuais, uma extensão, um desenvolvimento da sensibilidade dos órgãos internos. Nesse estado, a alma se desprende de algum modo da matéria, ela recebe sensações, ideias e conhecimentos, sem o auxílio dos órgãos de que se serve no estado habitual; ela pode mesmo agir por suas próprias forças sobre as pessoas das quais se ocupa.

“.....Os sonâmbulos não duvidam de que a felicidade ou a desgraça que experimentaremos na outra vida será a consequência necessária de nossa conduta nesta aqui, e segundo o que vi e ouvi de alguns, não posso duvidar de que a opinião deles seja uma verdade. Todavia não me parece provado absolutamente que as inspirações dos sonâmbulos sejam devidas a comunicações com seres de uma natureza superior. Eles podem crer nisso, porque não têm essas inspirações no estado ordinário e ignoram sua causa; mas se isso existe, é pelo menos muito raro.

“.....O único fenômeno que parece estabelecer a comunicação com as inteligências imateriais são as aparições. Há vários exemplos, e como estou convencido da imortalidade da alma, não vejo razão para negar a possibilidade da aparição das pessoas que, tendo deixado esta vida, se ocupam daqueles que lhes eram queridos, e vêm apresentar-se a eles para lhes dar avisos salutares. Acabo de ter um exemplo, ei-lo:

“.....Uma jovem, sonâmbula, que perdera o pai, viu-o duas vezes muito distintamente. Depois de lhe ter feito elogios sobre sua conduta, ele contou-lhe que ia apresentar-se um partido para ela; que esse partido parecia conveniente e que o jovem não lhe desagradaria, mas que ela não seria feliz com ele, e

ele lhe aconselhava que o recusasse. Acrescentou que se ela não aceitasse esse partido, outro logo se apresentaria depois, e que tudo estaria concluído antes do fim do ano. Era no mês de outubro.

“O primeiro jovem foi proposto à mãe, mas a filha, impressionada pelo que o pai lhe dissera, recusou.

“Um segundo jovem, que chegava da província, foi apresentado à mãe por amigos. Ele pediu a jovem, e o casamento foi decidido no dia 30 de dezembro.

“Não pretendo dar esse fato como uma prova sem réplica da realidade das aparições, mas ao menos ele a torna verossímil, tanto mais que se sabe que existem outros fatos desse gênero.

“De resto, quer se admita ou se negue a realidade das aparições, não se pode contestar sua possibilidade, quando se está, como vós e eu, convencido da imortalidade da alma. Quanto à aparição das pessoas vivas, têm-se vários exemplos. Explica-se pela ação do magnetismo entre dois indivíduos que estão perfeitamente em relação, e dos quais um é ordinariamente sonâmbulo.”

Relativamente às aparições, eis o que pensamos:

Não é muito raro observar indivíduos susceptíveis do sonambulismo magnético, que recebem, no silêncio da noite ou no recolhimento de uma meditação solitária, a aparição de seu magnetizador. Essas pessoas estão perfeitamente conscientes, estão em seu estado normal, e a imagem que se apresenta diante delas é tão nítida, tão semelhante à verdade, que elas quase não ficam perturbadas, tão natural lhes parece ver perto delas aquele que veem às vezes todos os dias. Elas falam a esse fantasma, ouvem-no responder, e não é senão depois de seu desaparecimento, depois de alguns instantes de reflexão, que se persuadem de que tiveram uma visão. Muitos outros exemplos análogos existiam e existem ainda sem que o magnetizador te-

nha aí o menor papel. Esse fenômeno se mostra nas organizações dotadas dessa disposição extática que mil causas podem desenvolver. A centralização vital que faz a individualidade se romper, e todo o ser não é mais do que um foco de sensibilidade requintada que se acha posto subitamente em relação com objetos que não podiam afetar o eu quando as leis de sensações ordinárias deviam efetuar-se. A magnetização excita essas tendências de desenvolvimento e de relações infinitas. Entretanto só se observa a realização desse fenômeno nos extáticos magnéticos, ou seja, nos indivíduos predispostos organicamente a essa crise fisiológica e gozando de sentimentos afetivos muito desenvolvidos.

É provável que o primeiro motivo de uma aparição seja o pensamento que um dos dois indivíduos forma a respeito do outro. Nenhum pensamento se pode elevar no homem sem dar lugar a um desprendimento de fluido magnético. Esse desprendimento irradia mais ou menos em torno do foco que o engendra segundo a concentração do poder seja mais ou menos forte e mais ou menos prolongada. O estado do fluido tem relação com o gênero de ideia. Se ela for afetiva, instintiva, o fluido participa do caráter essencial do poder, do pensamento. Essas leis explicam por si sós as comunicações dos desejos e das paixões. Com efeito, os sistemas nervosos bastante sensíveis para sentir o efeito magnético da irradiação que se opera dentro de sua esfera de atração, impressionam-se subitamente segundo o pensamento engendrado pelo ser que é o centro de ação. Quanto maior for a expansão sensitiva, menos as distâncias terão força sobre o enfraquecimento do efeito simpático, de modo que existem seres que têm tal expansão vital, que o pensamento de uma pessoa simpática produz sobre eles o efeito de que falamos. Se, nesse momento, o pensamento deles se ocupava com relações que tendiam a favorecer a receptividade magnética que irradia para eles, a contiguidade se encontra estabelecida em

princípio, e a faculdade criadora de seu espírito termina a forma cujos elementos se acham neles mesmos.

As aparições entre pessoas vivas podem portanto explicar-se fisiologicamente, sem ser forçoso recorrer à intervenção de um ser sobrenatural, como faz o doutor Billot para os fatos seguintes:

“O Sr. R..., diretor de nossa sociedade teosófica, diz este autor, estava em Marselha. Virginie, sonâmbula da sociedade, viu-o aparecer na casa dela enquanto ela estava no estado semimagnético. Ele abriu a porta da casa e voltou a fechá-la. Avançou para perto dela e tocou-lhe a mão. Expôs-lhe o estado doentio em que se encontrava, e recomendou-lhe que se ocupasse dele quando ela tivesse uma perfeita clarividência, pedindo que mandasse escreverem-lhe o que se devia fazer para sua cura. Essas prescrições foram-lhe enviadas.

“Em 1824, durante as férias, o mesmo Sr. R... deixou a cunhada e subiu para o quarto por volta das dez horas da noite. Ela foi também para o seu para se deitar. Mal estava ela na cama e o viu entrar no quarto, levando uma lamparina na mão, e ele disse-lhe:

- “É preciso despedir vossa empregada.

- ”Por quê?

- “Despedi-a, amanhã falaremos disso; e retirou-se.

“A Sra. R... ouviu o cunhado descer de seu quarto e voltar a subir.

“No dia seguinte, esperou que ele retomasse a conversa. Aquela visita noturna fazia supor que a coisa era urgente, e contudo ele não dizia nada. Enfim, à tarde, estando a sós com ele, ela lhe disse:

- “O que tendes então a dizer-me de minha empregada?

- “Por que me fazeis essa pergunta?

- “Como, retrucou ela, ontem à noite viestes ao meu quarto depois que me tinha deitado, para falar disso, e agora não dizeis nada?”

“O Sr. R... assegurou-lhe que não se tinha movido de seu aposento, e eles reconheceram ambos que era uma aparição que ela tivera... Entretanto a explicação foi dada, e algum tempo depois a empregada foi despedida.”

Estes espantosos fenômenos explicam-se muito bem segundo nossa maneira de ver, sem que se seja forçado a crer em aparições reais e substanciais.

Mas os fatos de aparições de mortos a pessoas vivas, como por exemplo o relatado por Deleuze, não se podem mais explicar pela teoria que emitimos, e a menos que se invoquem alucinações, o que não explica todos os casos, é preciso dizer, com todos os espiritualistas, que a coisa é possível.

A doutrina da Igreja católica ensina, aliás, que os indivíduos que têm as disposições morais necessárias, e mesmo sem isso às vezes, podem ser favorecidos com aparições de seres espirituais.

As crianças cuja natureza pôde assumir todas as condições fisiológicas de que falamos, e que reconhecemos como favoráveis ao desenvolvimento das faculdades extáticas, são mais aptas a essas comunicações. Parece que Deus realiza sua palavra de amor por essa idade, e que ele gosta de deixar gozar essas jovens criaturas da vida do céu. Essas comunicações celestes desde a infância são uma prova manifesta da predestinação à santidade. - Emerich, esta jovem alemã cuja vida foi um sacrifício contínuo ao amor de seu Deus, acreditou durante muito tempo que todas as crianças viam os anjos. Ela não falava disso porque como as outras também não lhe falavam, ela achava que era por serem discretas e queria imitá-las⁶¹.

⁶¹ V. *La douloureuse Passion de N. S. Jésus-Christ [A dolorosa Paixão de N. S. Jesus Cristo]*. 1 vol. Ed. Debecourt.

É raro que as crianças que gozam desse favor permaneçam na terra; morrem quase sempre, e seguem seu pai ou mãe que lhes aparecem amiúde. Quando a providência as chama para alguma missão entre os homens, sua vida é um tecido de dor e de amargura. O sofrimento segue-as até a morte, e elas são sempre adoradoras dessa cruz que as identifica mais intimamente com Jesus crucificado.

Seria sair demasiado de nosso assunto entrar em mais longos desenvolvimentos sobre as aparições, e citar exemplos desses interessantes fenômenos de psicologia metafísica. Voltemos portanto ao magnetismo.

O doutor ordinário de Mâcon expressa-se assim:

“O êxtase e o magnetismo provam a ação das inteligências superiores imateriais sobre todos os seres materiais da criação.

“É a esses seres imateriais, a esses anjos invisíveis que todos os sonâmbulos, sem distinção⁶², atribuem sua lucidez.....

“Tivemos à nossa disposição três crisiacos, de educação, de idade e de sexo bem diferentes. Todos os três concordaram em reconhecer que tinham por guias espíritos superiores. Provas *tangíveis* da existência e da influência desses espíritos foram-nos dadas muitas vezes.

“Eis a opinião de uma extática.

“Uma série de inteligências existe do Pólipo a Deus. O homem é o elo que une as inteligências inferiores, associadas à matéria, às inteligências superiores imateriais. Do homem a Deus encontra-se uma série semelhante àquela que existe do Pólipo ao homem, ou seja, uma série de seres etéreos mais ou menos perfeitos, gozando de especialidades diversas, tendo empregos, funções variadas.

⁶² Esta afirmação é seguramente um grande exagero.

“Eis agora como pudemos constatar a verdade de tal opinião.

“O primeiro sujeito magnético que observamos nunca respondia a uma de nossas perguntas sem dizer: Vou consultar o *outro*. Muito naturalmente, precisamos perguntar qual era esse *outro*. Responderam-nos: É o gênio encarregado de me guiar, de me iluminar. E, efetivamente, esse sujeito adquiria, em sonambulismo, faculdades, conhecimentos que lhe eram estranhos no estado de vigília, e que não podiam pertencer senão a um ser superior.

“Após seis meses de magnetizações repetidas várias vezes por dia, esse sujeito anunciou-me que ia trocar de gênio e chegar a uma lucidez superior; que ficaria louco furioso durante vinte e quatro horas, e que eu o mandasse vigiar para evitar alguma desgraça. Ficarei louco, acrescentou ele, porque minha alma me deixará para entrar em relação com o novo ser que me deve guiar. Este novo gênio é muito versado no conhecimento das plantas, e iniciar-me-á em sua ciência. Não me aviseis, ao meu despertar, do que acabo de dizer-vos, a fim de que eu ignore a loucura que me ameaça e que me assustaria.

“No dia marcado, a loucura sobreveio com uma insensibilidade de todo o corpo, tal que o crisíaco batia os membros contra os móveis, a ponto de quebrar móveis e membros sem experimentar a menor sensação. Passada a loucura e tendo o novo gênio assumido as funções, meu sujeito indicou-me a virtude de mais de cem plantas diversas. Aquelas que não podia nomear, designava-as de maneira a não se poder enganar. Desperto, não conhecia nem dez.

“É charlatanice, dirão provavelmente alguns céticos que só admitem aquilo que veem e sobretudo o que podem compreender. Esse crisíaco era um farsante! Ainda que o tivéssemos suposto, nossa suspeita devia ceder ulteriormente diante de dois outros exemplos conscienciosamente observados. Uma

de nossas sonâmbulas que mudava de gênio ficou igualmente louca e tornou-se poeta, porque seu novo guia gostava de poesia. Tendo-lhe pedido uma prova de seu novo talento poético, ela nos instou a dar-lhe no mesmo instante um assunto. Nós lhe indicamos *seus amigos*. Prontamente sem hesitar, novo Pradel, ela recitou, tão rapidamente quanto a fala, os versos seguintes, que pecam contra as regras da prosódia, mas são ricos em pensamentos e mesmo em harmonia.

A MEUS AMIGOS.

Sou como um cego perdido nos desertos;
Encontrei apoios e amigos bem caros.
Sofrendo há muito tempo, minha alma aniquilada
Permanecia no nada, vós lhe dais a vida.
Sede sempre para mim amigos e irmãos.
A vida me parecerá menos longa e menos amarga.
Guiada por um gênio que não posso descrever,
Em vossos corações lerei a mágoa, o prazer;
Tende sempre para mim agradáveis pensamentos,
E fazei que doravante eu não seja abandonada.

“Desperta, essa pessoa não era capaz de juntar as duas rimas mais pobres.

“Dois dias depois, querendo experimentar essa nova e singular faculdade poética, pedi-lhe que me fizesse versos. Mal expressara meu desejo e ei-lo realizado.

Sou como uma planta dessecada pelo calor,
Vós sabeis guiá-la, servir-lhe de tutor.
Uma espessa atmosfera que me segue, me cinge,
Vela ainda a vossos olhos uma bela coroa.
Cultivai este jardim queimado pelo sol,

É um terreno propício onde nascerão maravilhas,
É um sol fecundo do qual sairá um dia
Um perfume e frutos dignos de vosso amor.

“Algum tempo depois, este *gênio-poeta* foi substituído por outro mais prosaico. Essa mudança foi ainda acompanhada de loucura, e a pobre inspirada teve de renunciar à poesia. Ficou impossibilitada de fazer um único verso.

“Eis fatos que, conscienciosamente observados, não uma ou duas vezes, mas cem vezes no mínimo, descobrem um novo mundo, o mundo das inteligências. O fogo sagrado, a *influência secreta* de Boileau, a inspiração, não provêm então desta ou daquela bossa, desta ou daquela contextura do cérebro, tal como pretendem os frenologistas, mas de uma alma poética, em relação com um gênio mais poético ainda. Ocorre o mesmo com a música, a pintura, etc. Não seriam essas inteligências superiores almas desprendidas da matéria e se elevando gradualmente à medida que se depuram até a grande, a universal inteligência que as abraça todas, até Deus? Nossas almas, após diversas migrações, não estariam entre esses seres imateriais? Eis questões que caberá ao homem resolver, quando o sonambulismo for mais bem estudado.

“Para que a alma manifeste no exterior as secretas inspirações que percebe, a boa organização do cérebro, que é o instrumento, é certamente necessária; mas um cérebro bem organizado sem a alma, sem o músico que deve fazer-lhe vibrar as cordas, pode tornar-se um instrumento incompleto. O que explica porque loucos possuem uma bela forma do crânio, e depois de sua morte, não apresentam, na contextura do encéfalo, nada que possa explicar a loucura.

“Isto leva-nos a dizer nosso pensamento sobre a loucura e a citar um singular fato que vem apoiar nossa opinião.

“Apresentei um dia uma doente a um sonâmbulo; eu ignorava a afecção da pessoa que apresentava. Os parentes que a acompanhavam tendo pedido que nenhuma pergunta lhe fosse dirigida por mim, o crisíaco mal entrou em contato com essa mulher disse-me: “Doutor, eis uma interessante observação a fazer. Esta doente sofre há dois anos de idiotismo, não pode responder sensatamente às perguntas que lhe são dirigidas neste momento, e desde que está em relação comigo, oferece um singular fenômeno: está insensível.” Constatei que com efeito podia-se beliscá-la, picá-la, queimá-la sem que ela manifestasse a menor sensação.

“- Sabeis por que essa insensibilidade existe? disse-me o sonâmbulo, é porque sua alma acaba de se retirar para entrar em relação com a minha alma, e pedir-lhe para interceder junto ao seu gênio que a abandonou, o único a poder devolver-lhe a razão, não estando seu cérebro seriamente afetado.

“Logo que essa mulher largou as mãos do crisíaco, a sensibilidade reapareceu, mas não a razão.

“Assim a insensibilidade que se observa na loucura, visto que tantos loucos se dilaceram, se quebram contra as paredes sem perceber sensação, - no suicídio, visto que tantos suicidas puseram, em seus golpes, uma persistência, uma crueldade que não se podem explicar a não ser pela insensibilidade, consequência da loucura, - em certas operações cirúrgicas, durante as quais os pacientes não sentem nenhuma dor, - nos mártires que sorriam aos carrascos. Essa insensibilidade que se encontra mesmo nos campos de batalha durante uma dura peleja e nos mostra soldados mortalmente feridos, tendo perdido um membro, continuando a bater-se sem se queixarem das feridas que não são dolorosas. Essa insensibilidade, sobre a qual a douta academia ainda não se dignou a fixar sua atenção, explica-se pela retirada da alma, à qual pertence a sensibilidade, visto que ela domina o sistema nervoso. No sonambulismo, essa insensi-

bilidade é completa, porque a alma está desprendida da matéria e plana no mundo das inteligências de que falamos.

“Concluamos do que precede que o estudo da alma, a psicologia, está ainda na infância; que, visto que do pólipó ao homem existe uma série de inteligências, e que nada se interrompe bruscamente na natureza, deve racionalmente existir do homem a Deus uma outra série de inteligências.

“Que essas inteligências superiores se revelam *tangivelmente* no sonambulismo artificial.

“Que essas inteligências têm com nossas almas relações íntimas.

“Que é a essas inteligências que devemos nossos remorsos quando agimos mal; nossa satisfação quando praticamos uma boa ação.

“Que é a essas inteligências que os homens superiores devem suas belas inspirações.

“Que é a essas inteligências que os extáticos devem a faculdade de prever o porvir e anunciar acontecimentos futuros.

“Que para agir sobre essas inteligências e torná-las propícias, a virtude e a oração têm uma ação poderosa.”

Eis certamente uma doutrina nitidamente exposta, e nos seria fácil fazer intervir outros magnetizadores que sustentariam as mesmas ideias.

Mas o que dissemos é suficiente para pôr em condições de julgar esta doutrina espiritualista demasiado exagerada em suas pretensões.

A experiência convenceu-nos de que, para apreciar o valor das comunicações sobrenaturais, não se devia ater-se ao que o sonâmbulo diz para admitir sua realidade. Não se ignora efetivamente que as convicções do sonâmbulo, os pensamentos daqueles com os quais está em relação, desperto ou sonâmbulo, têm grande influência sobre as ideias que ele manifesta em estado de crise. Ele diz ver, e ele vê com efeito seres no seu

êxtase, mas vê uma ficção de sua imaginação. Quantas vezes tivemos provas dessas alucinações, bem mais frequentes no sonambulismo do que no estado de vigília e no sonho natural! Quem não viu sonâmbulos, conversando muito bem convosco, raciocinando seriamente sobre matérias interessantes, levantar-se de chofre, gritarem que um fantasma, um animal os perseguia ou se prendia a eles. Em vão faz-se-lhes observar que não há nada, que estão sonhando: eles respondem, exasperados, que estão plenamente conscientes, que tocam o objeto.... e alguns minutos de luta, de ansiedade, fazem voltar a calma ao cérebro deles; depois tudo desaparece....

Se a visão assume um caráter mais calmo, mais sério, se o sonâmbulo fala com dignidade sobre algum ponto de religião, inspirado como crê estar pela presença de um anjo que ele vos descreve, certamente é difícil se defender de uma impressão profunda a qual, segundo as circunstâncias, pode determinar a convicção. Não obstante, como estabelecer uma linha de demarcação entre a ilusão e a aparição verdadeira? Essas fontes de incertezas e de erros nos fazem portanto considerar como um método muito nocivo aos progressos do estudo e da prática do magnetismo dirigir-se por essa via de experimentação.

Independentemente dos inconvenientes que assinalamos, a crença na inspiração dos sonâmbulos por anjos tem perigos relativos à filosofia.

Nada é mais comum efetivamente do que ver magnetizadores questionarem seus sonâmbulos sobre objetos de psicologia, de teologia e de doutrinas religiosas. Ora, será que se compreende o caos filosófico que pode resultar da confiança absoluta em suas pretensas revelações?

Não é abrir o infinito aos devaneios do espírito humano? Não é lançá-lo nas vias perigosas de sistemas orgulhosos, sem outra base de crença que uma comunicação sobrenatural demasiado problemática? Aliás, a divergência das revelações sonam-

búlicas não é por si só uma prova bem suficiente para arruinar a crença nessas comunicações com seres do outro mundo? Se a religião católica é verdadeira, é preciso necessariamente que quase todas as doutrinas místicas dos sonâmbulos que estão em oposição com um único ou com vários de seus dogmas, sejam ilusões quiméricas. Aqui, com efeito, ouvis proclamar a indiferença das religiões, ali a negação da eternidade das penas, alhures é a migração das almas. Na verdade, é preciso ser bem pouco lógico em matéria de filosofia, para crer que o espírito do homem é livre para fazer que este ou aquele sistema de filosofia seja o verdadeiro! É a mesma heresia que aquela sustentada pelo racionalismo, heresia pela qual a razão não admite outro *criterium* senão ela mesma, o que faz que a razão de cada um admita ou recuse, julgue ou absolva, o que pode entrar na sua esfera particular.

Não é a diversidade de religião que é um obstáculo ao princípio da possibilidade das comunicações sobrenaturais. Não, a passagem seguinte é uma prova disso: “Corneille disse-lhe (ao apóstolo Pedro): Há quatro dias que estando em jejum, me pus a rezar em minha casa, na nona hora, e vi um homem trajando vestes brancas, que veio apresentar-se diante de mim, e me disse: Corneille, vossa prece foi ouvida, e Deus se lembrou de vossas esmolas. Por isso enviai alguém a Jope [Jafa], e fazei vir de lá um dito Simão, apelidado Pedro: está alojado na casa de Simão, curtidor, perto do mar.

“Mandei chamá-lo na mesma hora, e vós me fizestes a graça de vir. Eis-nos agora reunidos diante de vós para ouvir de vossa boca o que o Senhor ordenou dizer-nos de sua parte.

“Então Pedro disse: *Na verdade, vejo bem que Deus não tem consideração pela qualidade das pessoas. Mas que em toda nação, aquele que o teme e cujas obras são justas, lhe é agradável* (At. Após. X).”

Os anjos podem então aparecer, *segundo os desígnios de Deus*, a todo homem cujo coração é íntegro segundo a lei de sua religião, mas eles não podem dar instruções com um sentido diferente sobre as coisas metafísicas que têm somente uma maneira de ser.

Assim nós conhecemos magnetizadores que ensinaram e escreveram que os anjos de seus sonâmbulos lhes haviam feito conhecer o mistério da imortalidade da alma pela inteligência da metempsicose... “As almas fazem migrações sucessivas até que, suficientemente instruídas e esclarecidas, sejam chamadas ao seio de Deus. A alma pode ter pertencido a um célebre músico, a um grande poeta, a um hábil pintor, a um filósofo, e se encontrar uma feliz conformação do cérebro, ela revela antes da idade, ao ser privilegiado, as faculdades que adquiriu em suas primeiras migrações.” (Dr. Ordinário).... A sonâmbula de outro magnetista da mesma doutrina (Dr. Wiesseké), dizia a um de nossos conhecidos: Vós tendes a alma de Abraão!

Em oposição a essas ideias, não veem os extáticos de outros magnetistas as almas das pessoas mortas há mais ou menos tempo, almas que entram imediatamente em posse da vida espiritual, qualquer que tenha sido seu mérito, aliás, circunstância que não influi, segundo esses sonâmbulos, senão sobre o grau de beatitude. Assim, um extático inspirado (segundo os crentes) pelos espíritos, dizia: Um espírito é como ar, mas ele pode tomar a forma que quiser.... A alma humana, após a morte, sobe ao céu como uma bolha de sabão, um pouco de ar que sobe na água. Não tem forma ao sair do corpo, mas esta se desenha pouco a pouco, e ao entrar no céu é a forma do homem, que aí se conserva sempre.

“Vejo na hora de vossa morte, dizia o mesmo sonâmbulo a seu magnetizador,⁶³ vossa alma sob a forma de uma nuvem de

⁶³ Bruno ao Sr. Cahagnet. *Arcanos da vida futura*, p. 36.

incenso, que sai por todos os vossos poros, toma muito docemente a forma de vosso corpo. Depois vós subis também docemente, atravessais os dois círculos, chegais ao terceiro; recebeis a admoestação devida a vossas faltas por parte de Deus; não sois bastante puro para permanecer no círculo que é o mais divino, voltais a descer para terminar de vos purificar....”

Ser-nos-ia fácil, continuando o exame das ideias expostas pelos sonâmbulos místicos, encontrar as contradições mais evidentes sobre pontos de doutrina que não podem receber duas interpretações. Circunstâncias que nos confirmam em nossa maneira de julgar as pretensões dessas doutrinas espiritualistas que ensinam que a lucidez dos sonâmbulos é devida à revelação direta de um ser sobre-humano; que os espíritos respondem ao apelo dos sonâmbulos, e que eles lhes transmitem a maior parte dos conhecimentos que eles podem pedir.

Mas o que cremos exageros não é nada em comparação com outras pretensões de alguns magnetistas dessa escola mística. Eles creem efetivamente que os espíritos trazem aos sonâmbulos que se acham em certas condições morais, objetos materiais. Citam-se fatos, fatos que se dizem autênticos e verdadeiros! Visto que essas coisas estão em obras entregues ao público, podemos citar os fatos e os nomes.

Carta do Dr. Billot a Deleuze.

30 de setembro de 1831.

“As bases sobre as quais fundamento a doutrina que professo, ou seja, a existência dos espíritos e a influência deles nos fenômenos do sonambulismo, não vos pareceram até aqui estar suficientemente provadas para determinar vossa convicção, e fazer-vos renunciar à teoria que uma prática magnética de trinta a quarenta anos vos fez adotar.

“As novas observações que ponho hoje debaixo de vossos olhos vão fornecer provas tais como as exigis? Penso que sim.

“Tomo Deus por testemunha da verdade do conteúdo das observações que se seguem.

- “Uma senhora, vítima há algum tempo de cegueira incompleta, solicitava de nossos sonâmbulos alguns auxílios para deter os progressos da amaurose, quando num dia de sessão a sonâmbula, consultada, disse:

“Uma jovem virgem me apresenta uma planta..., está florida; não a conheço..., não me dizem seu nome..., no entanto ela é necessária à senhora.

- “Onde a encontrar, digo-lhe eu, pois não temos nenhuma planta florida na *estação fria* em que estamos?”

- “Não vos preocupeis, respondeu a sonâmbula, conseguí-la-ão para nós se for preciso.

“E como insistíamos para saber em que lugar a *jovem virgem* no-la indicaria, a senhora cega exclamou:

- “Mas apalpo uma no meu avental; vede então; é a que vos apresentavam?”

- “Sim, senhora, é essa; que cada um de nós louve e bendiga Deus!

“Examino então a planta. Era um arbúsculo aproximadamente como uma planta média de tomilho. Suas flores, labiadas em espiga, soltavam um perfume delicioso. Pareceu-me ser o tomilho de Creta. De onde vinha essa planta? De seu país natal ou de alguma estufa quente? Foi o que não se soube.”

O Sr. Billot relata outros fatos do mesmo gênero do precedente; mas acreditamos poder nos dispensar de citá-los.

“Antevejo, continua o doutor Billot, todas as objeções; mas não tenho senão a replicar: esses fatos, ou se acredita que são verdadeiros, ou se acredita que são falsos. Neste último caso, sou um impostor, e toda polêmica deve cessar. Mas caso se

acredite que são verdadeiros, a que teoria recebida na França se pode vinculá-los? A nenhuma. Efetivamente, seria a força, a energia da vontade do magnetizador que teria suscitado semelhantes fenômenos?

“Seria a alguma faculdade latente da sonâmbula que é preciso atribuir esse poder? Nenhum magnetizador ousará sustentar isso. No entanto ouço o filósofo gritar-me:

- “Repeti a experiência e acreditarei.

- “Tomai cuidado, diz outra voz (é o abade ***), esses fatos são bem verdadeiros, porque são obra do demônio.

“Para repetir a experiência e obter os mesmos resultados, digo ao filósofo, seria preciso ter esse poder. Ora, essa força vem de cima.

- “Estais enganados, replica M..., ela vem de baixo.

- “Pois bem! Que seja, de baixo ou de cima, não está no poder do magnetizador nem do magnetizado produzir tais *prodígios* ou *prestígios*. Assim, vós, senhor filósofo, fareis sempre vãs pesquisas, e jamais fareis do magnetismo uma ciência positiva tal como almejais; e vós, M..., respondei: quando uma sociedade, a cada abertura de suas sessões, invoca o Espírito Santo, quando, com intenção de afastar dali absolutamente o adversário, ela recita entre outros o salmo *Exurgat Deus et dissipentur inimici ejus*, utiliza assim um meio de evocar ou de invocar o espírito de Píton? E esse espírito, aliás, quando aparece aos homens, será que já se mostrou sob a forma de uma pomba e carregando no bico relíquias de santos mártires, com a intenção de reavivar a fé dos societários? Se essa é a obra do demônio, então ele trocou de profissão!!”

Resposta de Deleuze.

“Seis de novembro de 1831.

“Respeito, admiro vossos sentimentos religiosos; pois é ao magnetismo que devo também minha volta ao cristianismo; mas esses sentimentos não estão para mim apoiados no gênero de prova que vos fez tanta impressão.

“O magnetismo demonstra a espiritualidade da alma e sua imortalidade; ele prova a possibilidade da comunicação das inteligências separadas da matéria com aquelas que estão ainda unidas a ela; mas ele nunca me apresentou fenômenos que me tenham convencido de que essa possibilidade se realiza amiúde, e não creio que ela seja a causa de vários fenômenos magnéticos, nem que ofereça a explicação mais satisfatória.

“Não vi fatos análogos aos que me comunicais, mas devo responder-vos que *peessoas dignas de toda a minha confiança mos contaram, embora em pequeno número.*

“Recebi esta manhã a visita de um médico muito distinto. Vinha para me falar do magnetismo. Contei-lhe alguns fatos relatados por vós. Ele me respondeu que não se espantava, e citou-me grande número de fatos análogos que vários sonâmbulos lhe apresentaram. Fiquei bem surpreso. Entre outros fenômenos, citou-me o de objetos materiais que a sonâmbula fazia chegar diante dele, o que é da mesma ordem que o galho de tomilho e outros objetos chegados diante de vós. Não sei o que pensar de tudo isso; mas tenho certeza da sinceridade de meu médico como tenho da vossa. Os sonâmbulos de que ele me falou nunca estiveram em comunicação com seres espirituais, mas não acredita tal coisa impossível. Quanto a mim, não posso conceber que seres puramente espirituais possam mover e transportar objetos materiais. Que espíritos comuniquem com nossa alma que é espiritual, isso é muito simples; mas se eles pudessem agir sobre a matéria inanimada, toda a ordem da natureza seria transtornada. Não ousou negar mais nada, e contudo, se eu mesmo tivesse sido testemunha de semelhantes fatos, ainda teria dúvidas sobre a causa.

“O que o magnetismo demonstra rigorosamente é a espiritualidade da alma e sua imortalidade. É ainda que as almas separadas do corpo podem, em certos casos, se pôr em relação com os seres vivos e comunicar-lhes seus sentimentos. O estudo dos fenômenos do sonambulismo é sob esse ângulo mais importante e mais útil do que a cura das doenças.”

O doutor Billot está longe de ser o único a ter anunciado o fenômeno do transporte de objetos materiais por espíritos. Esta crença, baseada segundo as testemunhas, em fatos evidentes, era muito mais difundida na Idade Média do que hoje. Relatos de fatos análogos estão consignados em muitos livros de piedade ascética, e se essas histórias desapareceram das lendas sagradas, é que o clero, mais severo na apreciação dos fatos sobrenaturais, compreendeu perfeitamente que era imprudente deixar as inteligências se dirigirem por essas vias de um misticismo exagerado, cujo espírito não era encorajado pela Igreja.

Semelhantes fenômenos não figuravam então mais do que para mera informação, por assim dizer, quando alguns magnetistas chamaram de novo a atenção para essas estranhas aberrações das leis naturais. Já o dissemos, não podemos depositar nossa confiança em semelhantes relatos, mas permanecemos confundido e incerto diante das afirmações de homens de fé, de homens de honra e incapazes, de acordo com toda probabilidade, de se deixar impressionar. No entanto, quando a experiência nos lembra quanto a boa fé se deixa facilmente induzir ao erro pela astúcia, permanecemos em nossa incredulidade, e persistimos em crer que aqueles que sustentam os fatos de que falamos foram enganados.

Como acreditar, por exemplo, nessa coroa recebida por Ferdinand das mãos da Virgem Maria? Escutai a narração do Sr. Possin.⁶⁴

⁶⁴ V. Jornal *Le Somnambule* [O Sonâmbulo], publicado em 1845 pelo Sr. Possin.

“Após várias consultas, Ferdinand, o qual, desde a sexta-feira santa, se preparava para receber da Virgem o presente que ela lhe prometera, pediu-me para o pôr em êxtase... Recomendai-lhe elevar sua alma a Deus; ele reza alguns instantes, enquanto eu, que uma dúvida atroz torturava, ergui os olhos para o céu, e do fundo de meu coração, desta vez, dirigi-lhe mentalmente esta prece: *Fazei, ó meu Deus! que minha incredulidade não impeça este bom jovem de receber o que lhe foi prometido.* De repente, Ferdinand levanta-se, levanta as mãos para o céu, canta um hino cuja harmonia é comovente e divina, depois exclama: *Apagai as luzes!*

“Levam-se as velas, a Sra. Savin segura o braço esquerdo de Ferdinand, minha mulher a mão que deve receber o presente. Assim que ficamos na obscuridade, ouvimos distintamente o barulho, o roçar de folhas que faziam uma harmonia que seria impossível fazer compreender. O aposento inteiro estava tomado por esse barulho que ouvíramos: não se deve chamá-lo barulho, mas cadência harmoniosa. - A Sra. Savin, toda alegre, disse: É um buquê, eu senti. - Acendei as velas, disse Ferdinand, ainda não mereci que elas se reacendam sozinhas. Trazem-se os candelabros. Vemos Ferdinand segurando uma coroa de flores brancas e de flores prateadas. Ela resplandece de brilho e de luz.....

“Vede como minha coroa é bela, dizia-nos Ferdinand, acordado, e meu Espírito Santo, como tem um belo brilho! - Por que falais de Espírito Santo, de brilhante? Não vemos nada. - Não vedes, no meio destas flores, uma jóia que se chama Espírito Santo? - Não. - Mas eu a vejo bem.

“Devo a este respeito uma explicação, continua o Sr. Possin, foi ainda ao Sr. Chambellan que recorri, e eis o que esse espiritualista me disse⁶⁵: A coroa de vosso sonâmbulo foi

⁶⁵ Numa outra passagem, escrita antes desta que acabamos de copiar, eis o que o Sr. Possin diz sobre o Sr. Chambellan: “Este senhor teve a bondade de me

fabricada na terra, isso é certo, visto que é feita como todas as desse gênero. Foi-lhe trazida por um favor divino; e para torná-la mais deslumbrante, Deus quis dar-lhe um objeto espiritual, ou seja, que nós não podemos ver, a não ser que fôssemos extáticos, e mesmo assim, isso não está ao alcance de todos.”

A esses magnetizadores, poderíamos acrescentar outros, o doutor Wiesseké particularmente, ele cuja sonâmbula pretende que o sonâmbulo Ferdinand é um impostor, porque a coroa sendo material, não pôde passar através das portas e das janelas fechadas do aposento onde a cena se passava.... A Srta. Celeste, de sua parte, recebeu diferentes objetos, entre outros folhas de lúpulo; mas as portas estavam abertas, diz ela; um anjo passa apesar das obscuridades, ao passo que não pode ser assim para os objetos materiais que os espíritos pegam na terra.

Basta sobre esta parte do magnetismo sobrenatural; expusemos os motivos pelos quais quisemos abordar esta doutrina sobre a qual resumiremos nossa maneira de pensar, dizendo:

Deleuze, e muitos outros com ele, creem que os fenômenos do sonambulismo demonstram a espiritualidade da alma e a existência de seres imateriais. Eles pensam também que a comunicação perceptível do homem com o mundo espiritual, de uma natureza diferente da nossa, é possível, mas às vezes somente no estado magnético superior, e que essas relações estão inteiramente subtraídas da vontade do homem.

dar alguns conselhos. Eu não lhe escondera minha incredulidade, não só quanto a esses fenômenos, mas a todas as verdades de nossa religião, na qual eu não acreditava. Vosso jovem, disse-me ele, tem todas as disposições necessárias para receber o que lhe foi prometido. Eu vos afirmo, eu que obtive semelhantes fenômenos (contou-nos vários), que isso é possível.”

O Sr. Chambellan é um homem muito honrado, residindo em Batignolles, e ocupando-se do magnetismo, com o único objetivo de fazer o bem.

Esses magnetizadores pensam ainda que o *êxtase* se manifesta quase sempre independentemente de nossa vontade, e que mesmo sendo ele produzido, as *inspirações superiores* não podem ser solicitadas a nosso bel-prazer; nenhuma teoria de magnetismo pode então ser fundamentada nessas ideias metafísicas.

Essa opinião, plena de sabedoria, reconhece portanto, como *causa primeira* dos fenômenos magnéticos, a *ação física* que, sob o poder da vontade, impressiona o sistema nervoso e o leva ao estado extático, se a disposição orgânica do indivíduo o permitir. Ela reconhece que nesse estado, a sensibilidade nervosa se tornou tamanha, que a alma pode *sentir* e *perceber* a outra classe de seres que não são senão *espírito* ou *luz* no sentido do apóstolo.

O que há aí de tão chocante? Podem os nossos próprios sentidos transmitir-nos o conhecimento da existência do fluido magnético? Os sentidos são demasiado concentrados, demasiado limitados para apreciar essa substância, mais pura ainda do que os outros agentes fluidos da física, porém o sonâmbulo aprecia esse fluido; ele o vê, declara-o luz. Por que ele o vê? Porque esses sentidos não limitam mais as faculdades de sua alma que dispõe de um fluido mais sutil e que irradia fora da periferia do corpo.

Se as criaturas, que existem acima do homem, são *espíritos*, ou seja, *luz*, luz ainda mais pura e de uma natureza outra que a do princípio de nossa vida, o fluido magnético, concebe-se sem dificuldade que o sonâmbulo que apreciava esse fluido magnético não apreciará mais o ser espiritual, essa *luz celeste* de uma ordem mais elevada e diferente. Precisaria, também ele, de uma exaltação nova, de uma perfeição maior de seus sentidos. Pois bem! Esse desabrochar necessário para a visão e o sentimento dos *espíritos* é obtido pelo estado magnético superior. Resta aguardar e explicar a causa direta da comunicação.

Esta causa nasce segundo os desígnios de Deus; ela está sem dúvida submetida a leis, como a comunicação de um homem com um sonâmbulo se opera apenas em certas circunstâncias; mas ela não é, a nosso ver, susceptível de se produzir só pela invocação do extático ou do magnetizador.

Que vários indivíduos, ignorando as leis que regem o magnetismo, se achem na presença de um extático natural ou magnético, serão incapazes de estabelecer com ele qualquer relação, e olharão como impostor ou sonhador aquele que, longe deles, afirmasse entrar em comunicação com o extático quando desejasse. Qual de nós então pode negar a analogia espantosa que existe entre o que acabamos de dizer e o que ocorre entre *certos* extáticos e o *mundo espiritual*?

Por que rejeitar um mundo superior? ... Tinha-se razão de negar o *mundo do sonambulismo*? Não temos nós, sobre a existência do mundo espiritual, senão provas de sentimento e de raciocínio? ... Aonde será conduzido o homem sem prevenção pelas citações deste capítulo? Ele será, não duvidamos, levado a refletir sobre tudo o que haviam proposto, antes do magnetismo, o Antigo e o Novo Testamento.

O magnetismo portanto, o magnetismo que é verdade em seus fenômenos, trará sua contribuição à glória da divindade. O magnetismo, bem entendido, esclarecerá as inteligências de boa vontade, e tornar-se-á para elas o começo de um espiritualismo que não tardará a conduzir ao cristianismo diminuindo muitas repugnâncias da razão e da ciência vulgar.

Pois, estudado com uma perseverança infatigável, o magnetismo demonstra a conveniência, o valor e a *virtude* de todos os dogmas, de todos os mistérios do Evangelho. Aqui, mostramos somente a estreita conexão que o ligava ao espiritualismo desprendido de toda forma; mas mais tarde, talvez, estenderemos nossas pesquisas ao espiritualismo formulado pelo dogma católico, e mostraremos os vínculos poderosos que exis-

tem entre a abstração da ideia e a realização da forma: em outros termos, entre a *ideia* e o *sacramento*.

Esta questão já foi tratada pelo abade Loubert na obra intitulada: *Le Magnétisme et le Somnambulisme devant les Théologiens [O Magnetismo e o Sonambulismo diante dos Teólogos]*, etc., p. 498 e seguintes. Convidamos a ler essas linhas que fazem conhecer as opiniões dos teólogos sobre esse assunto que tem algumas relações com o magnetismo, relações de analogia, mas não de identidade como infelizmente compreenderam alguns magnetizadores.

Homens de filosofia, há entre vós os que compreenderam o grande alcance do magnetismo, e que, assustados com sua grandeza, com seu poderio sobre o mundo físico e moral, desejaram detê-lo em sua marcha. Esses puseram seus esforços em destruir a crença dos homens na existência dessa ciência; sua intenção pode ser louvável; mas quem lhes revelou a vontade de Deus? Ignoram eles que invariável ela nos descobre, em dias fixos, uma parcela dos mistérios que a imensidão divina encerra? Aliás, a aparição das grandes verdades não suscitou sempre entre os homens perturbações e abalos, inábeis como são para compreender a missão da nova descoberta?

Uns lutam, mas é em vão; os outros servem-se da *verdade* para suas criminosas satisfações. Mas o que faz essa desordem momentânea ao cumprimento dos decretos providenciais? Os séculos que se sucedem julgam e reúnem.

Temamos pois, por um zelo ininteligente, ser culpados, não detenhamos o desenvolvimento de uma ciência que vem abalar tantos erros, consolidar a fé do espiritualista, do cristão, e dar enfim ao homem o conhecimento de si mesmo.

No entanto, que a prudência vele tanto do lado do propagador quanto do lado daquele que recorre a essa arte maravilhosa!

Onde estão os tratados de magnetismo que tenham considerado sua dupla ação sobre o mundo, e que encerrem uma sólida instrução? Onde está o ensino, tal como a gravidade da questão pede? Nós perguntamos, e por quase toda parte onde alguma centelha de vida se manifesta, não encontramos senão trabalho incompleto ou perigo!.... Acusaremos os magnetizadores? Oh! não, a maioria despendeu boa parte de seu repouso, de sua vida, de sua fortuna, para chegar a algum bem; eles eram um contra dez mil, e sem outro apoio além de suas crenças. Mas é às faculdades científicas, *aos poderes que governam* que é preciso reenviar o mal que se fez e *aquele que se fará* por muito tempo ainda!

Criaram-se cátedras de filosofia, de fisiologia, de teologia, e nelas se ensina a conhecer o homem apenas muito imperfeitamente. Que se estabeleça uma cátedra de magnetismo, a fim de que se possa encontrar aí o que é indispensável para exercer esta arte *com fruto e sem perigo*, e então aqueles que se confiarão aos cuidados de um magnetizador terão todas as garantias de conhecimentos e de moralidade que se tem o direito de exigir.

Mas que não baste reconhecer o magnetismo como um ramo da arte médica, e que seu ensino não seja confiado exclusivamente à cátedra de fisiologia, pois o mal seria muito grande. Considerar-se-ia com efeito o magnetismo apenas como um fenômeno nervoso, além disso, sem supor aí a menor coisa metafísica. Seria então que se veria bem melhor ainda surgirem essas teorias materialistas da inteligência, dos êxtases, dos milagres e de tudo o que é sobrenatural.

Nosso voto mais ardente é que o magnetismo seja ensinado conjuntamente na Faculdade de Medicina e na Sorbonne, tornando-se assim o objeto das meditações dos médicos, dos filósofos e dos teólogos.

Pedimos ainda, como expressamos no decurso desta obra, que leis especiais venham regulamentar e fiscalizar a prática do magnetismo.

Cabe-vos portanto, ministros dos poderes espirituais e temporais, a responsabilidade do futuro. De nossa parte, desenrolamos diante de vós o que podia dar de bem e de mal esta ciência que vos pedimos para manter no bom caminho!



QUARTA PARTE.

UMA BREVE HISTÓRIA DO MAGNETISMO.

A história é o livro no qual os atos dos homens se inscrevem para serem apreciados por seu justo valor pela posteridade.

O mundo e a maior parte dos médicos creem sinceramente que o magnetismo foi examinado pela Academia de Ciências e pela Academia de Medicina, e que essas sociedades, usando do legítimo poder que a confiança pública lhes conferiu, lançaram um veredicto de condenação sobre o magnetismo depois de se terem convencido de sua nulidade. Erro funesto, que os poderes despóticos, considerações sociais e a conduta da imprensa enganada, mantiveram na generalidade dos espíritos.

A Academia de Medicina repete aos que a consultam que a falsidade do magnetismo foi demonstrada em 1784 por Bailly e Lavoisier;

Em 1837, pelos Srs. Dubois (de Amiens), e Bouillaud;

Enfim, pela última vez, em 1838, pelos Srs. Girardin, Dubois (de Amiens), e Velpeau.

Os médicos que leram nas gazetas de medicina as sessões da Academia, receberam essas declarações com tanto mais facilidade quanto suas tendências (deles), estão longe de ser favoráveis ao magnetismo. Acreditando nos relatórios dos acadêmicos, os senhores médicos creem-se dispensados de revisar por si mesmos as pretensões do magnetismo, e citam por sua vez as sentenças inapeláveis dos grandes homens da capital.... O público, pouco disposto a acreditar em coisas que vêm humilhar sua razão, combate também, entrincheirado atrás dos *relatórios da Academia!*

Homens do mundo e vós médicos, estais enganados! Desejaríamos como prova apenas vosso concurso ao estudo do magnetismo, pois se vos désseis ao trabalho de ler vossos tratados de magnetismo, e se operásseis em seguida sobre uma dezena de doentes, ficaríeis estupefatos ao refletir no pouco valor que têm realmente os exames da Academia de Medicina em matéria de magnetismo.

EXAME DE 1784.

Extrato do discurso do doutor Husson à Academia de Medicina em 1837:

“Não acrediteis que os comissários de 1784 fossem os comissários das companhias às quais eles pertenciam; deveis enganar-vos a esse respeito. A Academia de Ciências repeliu constantemente as tentativas de aproximação de Mesmer para torná-la testemunha de suas experiências. A Faculdade de Medicina fez-lhe a mesma recusa. Foi depois de todas essas recusas que Luís XVI nomeou, com sua soberana autoridade, comissários que precisou naturalmente escolher nas companhias que se haviam recusado a examinar a doutrina nova.

“Lembram-se as conclusões tomadas por esses comissários, e invoca-se a autoridade dos nomes célebres de Franklin, Bailly, Lavoisier, Darcet; mas não se diz como esses homens ilustres fizeram suas experiências. Vou remediar essa omissão, e a Academia julgará se há muita imparcialidade em não a ter avisado desses detalhes.

“*Relatório dos comissários do rei*: página 8. – Os doentes distintos, que vêm ao tratamento para sua saúde, poderiam ser importunados por nossas perguntas; o cuidado de observar poderia ou incomodá-los ou desagradar-lhes; os próprios comissários ficariam embaraçados com sua discricção. Determinamos

então que nossa assiduidade não sendo necessária, bastaria que alguns de nós viessem a esse tratamento de vez em quando.”

Não se pode deixar de reconhecer que não é assim que se fazem agora experiências, nem que se observam fatos novos. E seja qual for o brilho que a reputação de Franklin, Bailly, Lavoisier, Darcet, reflita sobre uma geração que não é mais a deles; seja qual for o assentimento geral que, durante quarenta anos, foi concedido ao relatório deles, é indubitável que o julgamento que fizeram peca pela base radical.

Escondeu-se também que de Jussieu, um dos comissários da Sociedade Real de Medicina, que observara assiduamente os fenômenos que se manifestavam nos tratamentos magnéticos, recusou-se a acrescentar sua assinatura às dos outros comissários. Fez um relatório particular dos fenômenos que observara rigorosamente; relatou-os, e, afrontando o ridículo, de Jussieu teve a coragem de se separar de Franklin e de Lavoisier, e de publicar a verdade.

EXAME DE 1837.

“Foi em 27 de fevereiro de 1837 que a comissão se reuniu pela primeira vez, no domicílio do doutor Berna, que o exigira da Academia. A comissão era composta dos Srs. Bouillaud, Cloquet, Caventou, Emery, Oudet, Pelletier, Roux, *presidente*, e Dubois, de Amiens, *relator*.”

Eis as conclusões do relatório:

“Resulta inicialmente, de todos os fatos e de todos os incidentes de que fomos testemunhas, que previamente nenhuma prova especial nos foi dada sobre a existência de um estado particular dito *estado de sonambulismo magnético*; que foi unicamente por via de asserção, e não por via de *demonstração* que o magnetizador procedeu sob esse aspecto, *afirmando*-nos

a cada sessão, e antes de toda tentativa de experimentação, que seus sujeitos estavam em estado de sonambulismo.

“O programa a nós entregue pelo magnetizador estabelecida, é verdade, que antes da sonambulização assegurar-se-ia que o sujeito das experiências gozava da integridade da sensibilidade, que para esse efeito poder-se-ia picá-lo, e que ele seria em seguida *adormecido* na presença dos comissários. Mas resulta dos ensaios tentados por nós, e antes de toda prática magnética, que o sujeito das experiências não parecia sentir mais as picadas antes do sono suposto que durante o sono; que sua atitude e suas respostas foram, com pequenas diferenças, as mesmas antes e durante a operação dita magnética. É bem verdade em seguida que a cada vez nos disseram que os sujeitos estavam adormecidos, mas *disseram*-nos, e eis tudo.

“Que se entretanto as provas do estado de sonambulismo devessem resultar ulteriormente das experiências feitas sobre os sujeitos presumidos nesse estado, o valor ou a nulidade dessas provas ressaltarão das conclusões que vamos tirar dessas mesmas experiências.

“De acordo com os termos do programa, a segunda experiência devia consistir na *constatação* da insensibilidade dos sujeitos, mas após ter lembrado as restrições impostas a vossos comissários; que a face estava colocada fora e subtraída a toda tentativa desse gênero; que ocorria o mesmo para todas as partes naturalmente cobertas, de modo que restavam apenas as mãos e o pescoço.

“Após ter lembrado que sobre essas partes não era permitido exercer nem beliscões, nem puxões, nem contato de nenhum corpo, seja em ignição, seja de uma temperatura um pouco elevada; que era preciso se limitar a enfiar pontas de agulhas à profundidade de uma meia linha;

“Que enfim a face estando em grande parte coberta por uma faixa, não podíamos julgar a expressão da fisionomia enquanto se procurava provocar a dor.

“Após ter lembrado todas essas restrições, estamos fundados a deduzir desses fatos:

“1^o Que não se podiam provocar senão sensações dolorosas muito moderadas;

“2^o Que não se podia fazê-las nascer senão em partes talvez habituadas a esse gênero de impressão;

“3^o Que esse gênero de impressão era sempre o mesmo, que ele resultava de uma espécie de tatuagem;

“4^o Que o rosto, e sobretudo os olhos onde se mostram mais particularmente as impressões dolorosas, estavam escondidos de vossos comissários;

“5^o Que em razão dessas circunstâncias, uma impassibilidade, mesmo completa, absoluta, não poderia ter sido, para nós, uma prova *conclusiva* da abolição da sensibilidade no sujeito em questão.

“O magnetizador devia provar aos comissários que, unicamente pela intervenção de sua vontade, tinha o poder de desenvolver, seja total, seja parcialmente, a sensibilidade à sua sonâmbula, o que ele chamava restituição da sensibilidade.

“Mas como lhe fora impossível provar-nos experimentalmente que ele retirara, que isolara a sensibilidade nessa jovem, essa experiência era correlativa da outra, foi-lhe por isso mesmo impossível provar a restituição dessa sensibilidade; e aliás resulta dos fatos por nós observados que todas as tentativas feitas nesse sentido fracassaram completamente.

“A sonâmbula mostrava coisa diferente do que anunciara. Vós o sabeis, Senhores, estávamos reduzidos, para a verificação, às *asserções* da sonâmbula. Na verdade, quando ela afirmava aos comissários que não podia avançar a perna direita por exemplo, não era uma prova para eles de que ela estivesse

com esse membro magneticamente paralisado; mas então ainda sua fala não estava de acordo com as pretensões de seu magnetizador, de modo que de tudo isso resultavam asserções sem provas, em oposição a outras asserções igualmente sem provas.

“O que acabamos de dizer para a abolição e a restituição da sensibilidade pode aplicar-se em todos os pontos à pretensa abolição e à pretensa restituição do *movimento*. Nem a mais leve prova pôde ser administrada a vossos comissários.

“Um dos parágrafos do programa tinha por título: *Obediência à ordem mental de cessar, no meio de uma conversa, de responder verbalmente ou por sinais a uma pessoa designada*.

“O magnetizador procurou provar à comissão que o poder tácito de sua vontade chegava a produzir esse efeito; mas resulta dos fatos que ocorreram nessa mesma sessão que, longe de produzir esse resultado, sua sonâmbula parecia não mais ouvir quando ele ainda não queria impedi-la de ouvir, e ela parecia ouvir de novo, quando positivamente ele *não queria mais* que ela ouvisse; de modo que, segundo as asserções dessa sonâmbula, a faculdade de ouvir ou de não mais ouvir teria estado nela completamente em revolta com a vontade do magnetizador.

“*Transposição do sentido da visão*. - Cedendo às solicitações dos comissários, o magnetizador, assim como vistes, acabara abandonando suas abolições e suas restituições de sensibilidade e de movimento, para passar aos fatos principais, ou seja, aos fatos de visão sem o auxílio dos olhos.

“Pelo poder de suas manobras magnéticas, o Sr. Berna devia mostrar aos comissários uma mulher decifrando palavras, distinguindo cartas de jogar, seguindo os ponteiros de um relógio, não com os olhos, mas pelo occiput, o que implicaria ou a transposição, ou a não necessidade, ou a superfluidade do ór-

gão da visão no estado magnético: as experiências foram feitas, vós sabeis como elas fracassaram completamente.

“Tudo o que a sonâmbula sabia, tudo o que ela podia inferir do que se acabava de dizer perto dela, tudo o que ela podia naturalmente supor, ela o disse de olhos vendados; desde logo concluiremos primeiro que não lhe faltava uma certa destreza; assim o magnetizador convidava em voz alta um dos comissários a escrever uma palavra num cartão, e a apresentá-lo ao occiput dessa mulher, ela dizia que via um cartão, e mesmo a escrita nesse cartão; perguntavam-lhe o número de pessoas presentes, como ela as vira entrar, dizia aproximadamente o número dessas pessoas; perguntavam-lhe se ela via um dos comissários colocados perto dela, e ocupado em escrever com uma pena cuja ponta chiava sobre o papel, ela levantava a cabeça, procurava vê-lo por baixo da faixa, e dizia que esse senhor tinha alguma coisa branca na mão; perguntavam-lhe se ela via a boca desse senhor o qual, parando de escrever, acabava de se colocar atrás dela, ela dizia que ele tinha alguma coisa branca na boca: de onde tiramos esta conclusão de que a dita sonâmbula, mais treinada, mais engenhosa do que a primeira, sabia fazer suposições mais verossímeis.

“Mas, quanto ao fatos realmente próprios a constatar a visão pelo occiput, fatos absolutos, decisivos e peremptórios, não só falharam, e falharam completamente, mas são de natureza a fazer nascer estranhas suspeitas sobre a moralidade dessa mulher, como faremos notar daqui a pouco.

“*Clarividência.* - Perdendo a esperança de provar aos comissários a transposição do sentido da visão, a nulidade, a superfluidade dos olhos no estado magnético, o magnetizador quis ao menos se refugiar no fato da clarividência ou da visão através dos corpos opacos.

“Conheceis as experiências feitas a esse respeito: os fatos trazem aqui consigo sua conclusão capital, a saber, que um ho-

mem colocado diante de uma mulher numa certa postura não lhe pôde dar a facilidade de distinguir através de uma faixa os objetos que lhe apresentavam. Mas aqui uma reflexão mais grave preocupou vossos comissários; admitamos por um momento esta hipótese, aliás muito cômoda para os magnetizadores, de que em muitas circunstâncias os melhores sonâmbulos perdem toda lucidez, e que, como o comum dos mortais, eles não podem mais ver pelo occiput, pelo estômago, nem mesmo através de uma faixa; admitamos tudo isso, se se quiser; mas o que concluir, a respeito dessa mulher, da descrição minuciosa de objetos *diferentes* dos que lhe apresentavam; o que concluir de uma sonâmbula que descreve um valete de paus numa carta completamente em branco? Quem, num jetom de academia, vê um relógio de ouro, mostrador branco e com letras pretas? E quem, se se tivesse insistido, teria talvez acabado por dizer-nos a hora que esse relógio marcava?

“Que se agora vós nos perguntais que conclusão última e geral devemos inferir do conjunto de todas as experiências feitas debaixo de nossos olhos, nós vos diremos que o Sr. Berna se iludiu, sem dúvida nenhuma, quando escreveu à Academia Real de Medicina que se vangloriava de nos dar a experiência pessoal que nos faltava; quando se oferecia a fazer ver a vossos delegados fatos *conclusivos*; quando afirmava que esses fatos seriam de natureza a esclarecer a fisiologia e a terapêutica: esses fatos são todos conhecidos por vós; sabeis, como nós, que eles não são nada *conclusivos* em favor da própria doutrina do magnetismo, e que não podem ter nada em comum, seja com a fisiologia, seja com a terapêutica.

“Teríamos encontrado outra coisa em fatos mais numerosos, mais variados, e fornecidos por outros magnetizadores? É o que não procuraremos decidir; mas o que há de bem comprovado é que, se existem ainda efetivamente hoje outros mag-

netizadores, eles não ousaram mostrar-se à luz do dia; não ousaram aceitar, enfim, ou a sanção, ou a reprovação acadêmica.”

O Sr. Berna protestou em vão contra a inexatidão da relação dos fatos; ele não estava dentro dos muros da Academia, seus escritos não tiveram apoio. O relatório foi entregue aos jornais, mas abstiveram-se de falar da refutação do Sr. Berna e da crítica à qual um membro da Academia submeteu, em plena assembleia, o trabalho do Sr. Dubois. Eis algumas passagens da réplica do Sr. Husson:

“O relatório que acaba de ser apresentado reduz-se à exposição das experiências feitas em *dois indivíduos* se dizendo sonâmbulos, e a conclusões apresentadas sob uma forma geral, e tiradas desses *dois fatos particulares*. Precisei assinalar-vos esta primeira inexatidão. A comissão estava encarregada de fazer um relatório sobre as duas sonâmbulas do Sr. Berna, e não um relatório sobre o magnetismo.

“Na exposição dos motivos que levaram a Academia a formar uma comissão, o relator omitiu a operação de J. Cloquet. Essa omissão é totalmente parcial, porque, citando a extração de um dente, em estado de insensibilidade magnética, o relator devia seguir a ordem cronológica e falar da extirpação de um seio praticada no sono magnético. Era seguramente uma operação mais grave, mais longa, mais dolorosa; mas queria-se evitar essa atestação de um de nossos confrades, professor de cirurgia clínica; o relatório continha apenas fatos negativos.

“Declarei-me abertamente contra o silêncio mantido pelo relator sobre os trabalhos dos comissários nomeados em 1826. Não foi difícil fazer-vos perceber a parcialidade, comunicando-vos fatos negativos, e calando-vos as experiências positivas, observadas, recolhidas por vossos primeiros comissários, com tantos cuidados quanto os que a nova comissão pôs em recolher os que vos apresenta.

“.....As cinco experiências negativas que foram feitas não podem jamais destruir os fatos positivos que a primeira comissão (1826) observou, porque, embora diametralmente opostos, eles podem ser e são igualmente verdadeiros.

“Digo-vos que não podeis vos constituir mais juízes do magnetismo do que de qualquer outra questão científica, porque vossos julgamentos podem ser eles próprios julgados pelo progresso das ciências, e vosso julgamento de hoje pode ser reformado amanhã.”

EXAME DE 1826.

As experiências apresentadas pelo Sr. Berna ocasionaram o relatório de que acabamos de falar. Havia sete anos que nenhum trabalho acadêmico fora feito sobre o magnetismo, e o último relatório preenchia bem demais os desígnios de nossos antagonistas para não ser exclusivamente propagado. O relator, Sr. Dubois, sentira muito bem que, para dar ao magnetismo um poderoso golpe, era preciso aniquilar a obra de uma comissão anterior, que declarara a realidade de todos os fenômenos do magnetismo. Sabendo aliás que em 1831 a maioria da Academia recusara a impressão do relatório favorável, segundo a proposta do Sr. Castel, que exclamou: Se os fatos anunciados pela comissão são reais, eles destroem a metade dos conhecimentos fisiológicos, é portanto perigoso propagá-los por meio da impressão; sabendo que o relatório do Sr. Husson *fora somente autografado* e depositado nos arquivos, medidas que detiveram a divulgação desse trabalho entre o público médico, o Sr. Dubois (de Amiens) achou muito útil, para dar força à comissão da qual fazia parte, passar rapidamente sobre esse episódio notável do magnetismo.

De modo que os médicos só conhecem as sanções acadêmicas concedidas sob a instigação do Sr. Dubois em 1837, e

dos Srs. Bouillaud, Velpeau, em 1838, para o caso do doutor Pigeaire.

O mundo não está muito mais avançado, não tendo acompanhado os trabalhos que a comissão da Academia de Medicina relatou em 1831, pois nessa época os assuntos políticos ocupavam ainda os espíritos; e os documentos publicados pelo doutor Foissac, sobre o relatório de 1831, formando uma obra bastante importante, a curiosidade não foi suficiente para que se buscasse obter esse volume.

De nossa parte, devemos dizer que existe um trabalho realizado por nove acadêmicos, os quais reconheceram a realidade dos fenômenos do magnetismo; esse trabalho realiza uma boa e válida contrapartida das experiências negativas feitas sobre *dois sujeitos* diante de outros nove acadêmicos.

Na sessão de 28 de fevereiro de 1826, a Academia estabeleceu, para proceder ao exame do magnetismo, uma comissão de nove membros. Esses comissários permaneceram vários anos a procurar fatos e a repetir suas experiências; enfim, em junho de 1831, entregaram à sociedade que os investira de sua confiança um relatório do qual está aqui uma parte das conclusões:

“Um certo número dos efeitos obtidos nos pareceu depender unicamente do magnetismo, e não se reproduziu sem ele. São fenômenos fisiológicos e terapêuticos bem constatados.

“Os efeitos produzidos pelo magnetismo são muito variados: ele agita uns, acalma outros; quase sempre causa a aceleração momentânea da respiração e da circulação, movimentos convulsivos fibrilares passageiros, assemelhando-se a espasmos elétricos, um entorpecimento mais ou menos profundo, adormecimento, sonolência, e, num pequeno número de casos, o que os magnetizadores chamam sonambulismo.

“Operam-se comumente mudanças mais ou menos notáveis nas percepções e nas faculdades dos indivíduos que caem em sonambulismo pelo efeito do magnetismo.

“Alguns, no meio do barulho de conversas confusas, ouvem apenas a voz de seu magnetizador; vários respondem de maneira precisa às perguntas que este, ou que as pessoas com as quais os puseram em relação, lhes dirigem; outros mantêm conversas com todas as pessoas que os rodeiam: todavia é raro que ouçam o que se passa em volta deles. Na maior parte do tempo estão completamente alheios ao barulho externo e inopinado feito em seus ouvidos, tal como a ressonância de vasos de cobre em que se bate vivamente perto deles, a queda de um móvel, etc.

“Os olhos estão fechados, as pálpebras cedem dificilmente aos esforços que se fazem com a mão para abri-las; esta operação, que não é sem dor, deixa ver o globo do olho crispado e voltado para a parte superior, e às vezes para a parte inferior da órbita.

“Por vezes o olfato está como aniquilado. Pode-se fazer-lhes respirar ácido muriático ou amoníaco, sem que fiquem incomodados, sem nem mesmo perceberem. O contrário ocorre em alguns casos, e eles são sensíveis aos cheiros.

“A maioria dos sonâmbulos que vimos estava completamente insensível. Pôde-se fazer-lhes cócegas nos pés, nas narinas e no ângulo dos olhos pela aproximação de uma pena, beliscar-lhes a pele de maneira a fazer equimose, picá-la debaixo da unha com alfinetes espetados inesperadamente a uma profundidade bastante grande, sem que tenham testemunhado dor, sem que se tenham apercebido. Enfim, viu-se uma sonâmbula que ficou insensível a uma das operações mais dolorosas da cirurgia, e cujos rosto, pulso, respiração não denotaram a mais leve emoção.

“Não vimos que uma pessoa magnetizada pela primeira vez caísse em sonambulismo. Às vezes foi somente na oitava ou décima sessão que o sonambulismo se declarou.

“Vimos constantemente o sono comum, que é o repouso dos órgãos dos sentidos, das faculdades intelectuais e dos movimentos voluntários, preceder e terminar o estado de sonambulismo.

“Enquanto estão em sonambulismo os magnetizados, que observamos, conservam o exercício das faculdades que têm durante a vigília. Sua própria memória parece mais fiel e mais extensa, visto que se recordam do que ocorreu durante todo o tempo e todas as vezes que estiveram em sonambulismo.

“Vimos dois sonâmbulos distinguirem, de olhos fechados, os objetos que se haviam colocado diante deles; designaram, sem as tocar, a cor e o valor das cartas; leram palavras traçadas à mão, ou algumas linhas de livros que se abriram ao acaso. Este fenômeno ocorreu mesmo quando com os dedos se fechava exatamente a abertura das pálpebras⁶⁶.

⁶⁶ “Em 12 de janeiro, a comissão reuniu-se de novo na casa do Sr. Foissac. Este médico nos anunciou que ia adormecer Paul; que, nesse estado de sonambulismo, aplicar-se-lhe-ia um dedo sobre cada olho fechado, e que, apesar dessa oclusão completa das pálpebras, ele distinguiria a cor das cartas, que leria o título de uma obra e algumas palavras ou linhas indicados ao acaso no próprio corpo da obra. Ao fim de dois minutos de gestos magnéticos, Paul adormeceu. As pálpebras sendo mantidas fechadas constante e alternadamente pelos Srs. Fouquier, Itard, Marc e o relator, apresentam-lhe um baralho de cartas novas, cuja tira de papel com o selo do Estado se rasga; baralham-se, e Paul reconhece fácil e sucessivamente: os reis de espadas, ás de paus, dama de espadas, nove de paus, sete de ouros, dama de ouros e oito de ouros.

“Apresentam-lhe, mantendo-lhe as pálpebras fechadas pelo Sr. Ségalas, um volume de que o relator se munuiu. Ele lê no título: *História da França*. Não pode ler as duas linhas intermediárias, e lê na quinta somente o nome *Anquetil*, que está precedido da preposição *por*. Abre-se o livro na página 89, e ele lê na primeira linha: *o número de suas... pula a palavra tropas*, e continua: *No momento em que o acreditavam mais ocupado com os prazeres do carnaval...* Lê igualmente o título corrente *Luís*, mas não pode ler o número romano que o segue. Apresentam-lhe um papel no qual se escreveram as palavras *aglutinação* e *magnetismo animal*. Ele soletra a primeira e

“Encontramos em dois sonâmbulos a faculdade de prever os atos do organismo mais ou menos afastados, mais ou menos complicados. Um deles anunciou com vários dias, vários meses de antecedência, o dia, a hora e o minuto da irrupção e do retorno de acessos epiléticos; o outro indicou a época de sua cura. As previsões deles realizaram-se com uma exatidão notável. Elas não nos pareceram aplicar-se senão a atos ou lesões do organismo deles.

“Encontramos uma única sonâmbula que indicou os sintomas da doença de três pessoas com as quais a haviam posto em contato. Fizéramos entretanto pesquisas sobre um número bastante grande de sonâmbulos⁶⁷.

pronuncia as duas outras. Enfim apresentam-lhe a ata desta sessão; lê bastante distintamente a data e algumas palavras escritas mais legivelmente do que outras. Em todas essas experiências, os dedos foram aplicados sobre a totalidade da comissura de cada olho, apertando de cima para baixo a pálpebra superior sobre a inferior, e notamos que o globo do olho estivera num movimento constante de rotação, e parecia se dirigir para o objeto submetido à visão. (*Texto do relatório*.)

⁶⁷ “A comissão encontrou entre seus membros alguém que aceitou submeter-se à exploração da sonâmbula; foi o Sr. Marc. Pediu-se à Srta. Céline que examinasse com atenção o estado de saúde de nosso colega. Ela aplicou a mão sobre a testa e a região do coração, e ao fim de três minutos disse que o sangue se dirigia à cabeça; que atualmente o Sr. Marc tinha dor no lado esquerdo daquela cavidade; que ele tinha frequentemente opressão, sobretudo depois de ter comido; que ele devia ter amiúde uma tossezinha; que a parte inferior do peito estava cheia de sangue; que alguma coisa incomodava a passagem dos alimentos; que essa parte (e ela designava a região do apêndice xifóide) estava encolhida; que para curar o Sr. Marc era preciso fazer-lhe uma grande sangria, aplicar-lhe emplastos de cicuta, e fazer-lhe fricções com lãudano na parte inferior do peito; que ele bebesse limonada com goma, que comesse pouco e com frequência, e que não passeasse imediatamente depois das refeições.

“Estávamos ansiosos por saber do Sr. Marc se ele sentia tudo o que essa sonâmbula anunciava; ele nos disse que efetivamente tinha opressão quando andava ao sair da mesa; que com frequência tinha tosse, e que antes da experiência tinha dor no lado esquerdo da cabeça, mas que não sentia nenhum incômodo na passagem dos alimentos.

“Ficamos espantados com a analogia entre o que sente o Sr. Marc e o que a sonâmbula anuncia; anotamo-lo cuidadosamente, e aguardamos outra ocasião

“Alguns dos doentes magnetizados não sentiram nenhuma melhora. Outros experimentaram um alívio mais ou menos acentuado, a saber: um a suspensão de dores habituais, o outro a volta das forças; um terceiro um retardamento de vários meses da aparição dos acessos epiléticos, e um quarto a cura completa de uma paralisia grave e antiga.

“Considerado como agente de fenômenos fisiológicos ou como meio terapêutico, o magnetismo deveria encontrar seu lugar no quadro dos conhecimentos médicos, e por conseguinte só os médicos deveriam empregá-lo ou controlar seu emprego, assim como é praticado nos países do Norte.

“A comissão não pôde verificar, porque não teve ocasião, outras faculdades que os magnetizadores haviam anunciado existir nos sonâmbulos. Mas ela recolheu e comunica fatos assaz importantes para pensar que a *Academia deveria encorajar as pesquisas sobre o magnetismo, como um ramo muito curioso de psicologia e de história natural.*

“*Assinaram:* BOURDOIS DE LA MOTTE, - FOUQUIER, - GUENEAU DE MUSSY, - GUERSENT, - ITARD, - J. LEROUX, - MARC, - THILLAYE, - HUSSON, relator. »

Acabamos de citar o trabalho que os acadêmicos antagonistas do magnetismo gostariam muito de fazer desaparecer; o homem imparcial julgará se os nomes dos cientistas que se entregaram durante vários anos a experiências práticas num grande número de indivíduos não valem os nomes dos acadêmicos que estabeleceram um relatório *sobre o magnetismo*, referindo-se ao exame de *dois sujeitos!*

para constatar de novo essa singular faculdade. Esta ocasião foi oferecida ao relator, sem que ele a tivesse provocado, pela mãe de uma jovem que ele tratava há muito pouco tempo. (*Texto do relatório.*)

EXAME DO DOUTOR PIGEAIRE.

Em 1838 o Sr. Pigeaire, médico em Montpellier, mostrara em sua própria filha o fenômeno da visão apesar da oclusão perfeita dos olhos, aos membros da Faculdade de Montpellier. A constatação desse fenômeno fez o magnetismo fazer verdadeiros progressos entre os cientistas dessa Faculdade, ainda que um número bastante grande tenha persistido em negar. O Sr. Pigeaire acreditou servir a ciência enviando à Academia de Medicina de Paris a relação dos fatos, acompanhada de uma ata detalhada, assinada pelo Sr. Doutor Lordat, professor de fisiologia na Faculdade de Montpellier. Ele terminava convidando os dois membros mais incrédulos da última comissão, que haviam renegado o magnetismo, a vir examinar esse fenômeno. Eram os Srs. Dubois, de Amiens, e Bouillaud. O Sr. Pigeaire prometia indenização de viagem se eles reconhecessem um erro.

Os comissários, que continuavam nomeados, impressionaram-se com essas novas propostas, e responderam que o Sr. Burdin oferecera 3.000 francos à pessoa que lesse sem o auxílio dos olhos e do tato, que por conseguinte o Sr. Pigeaire podia vir a Paris apresentar o fenômeno que anunciava.

O Sr. Pigeaire deslocou-se a Paris, e após diversas visitas a alguns membros da Academia, cometeu a imprudência de fazer *em sua casa* experiências preparatórias àquelas que a comissão devia julgar. Jornais fizeram resenhas das mais favoráveis dessas sessões; atas foram redigidas e assinadas por médicos da Academia, e todo o mundo anunciava o triunfo do magnetismo. Esses relatórios puseram os comissários numa posição difícil, eles que por suas palavras, seus escritos, haviam constantemente declarado a falsidade dos fenômenos magnéticos. O orgulho afrontou o dever, e o orgulho venceu.

Nenhum dos comissários vira as experiências feitas em casa do Sr. Pigeaire; mas os Srs. Cornac e Velpeau, *embora* antagonistas, assistiram a algumas. Esses médicos reuniram-se à comissão, e comunicaram a seus membros como as experiências ocorriam. Restava um meio para escapar à derrota, era estabelecer uma condição inadmissível. O Sr. Burdin, pedindo que se lesse sem os olhos, não especificara como se impediria a visão. Os Srs. comissários souberam que o aparelho com o qual se cobriam os olhos da Srta. Pigeaire se estendia apenas até debaixo do nariz e até sobre as sobrancelhas, e que o Sr. Pigeaire declarara que a criança não podia ler se a parte de baixo do rosto estivesse coberta. Foi fácil propor precisamente essa condição, e apresentou-se ao Sr. Pigeaire uma espécie de máscara. O Sr. Pigeaire objetou seus motivos, alegando que era fácil impedir a visão com o aparelho de que se servia. O Sr. Pigeaire disse também que o livro, trazido evidentemente pela comissão, seria colocado fora da direção dos raios visuais.

Os comissários recusaram, e fizeram à Academia um relatório do qual eis a maior parte:

“Numa primeira entrevista, a comissão se ocupou das condições da faixa.”

- Não houve senão uma entrevista!

“Essa faixa compõe-se de um pedaço de tecido, de uma camada espessa de algodão e de três camadas de veludo, o todo tendo *quatro* dedos de largura; é perfeitamente opaca.”

- Eram seis dedos de largura! E o que dizer de *é perfeitamente opaca?*

“A comissão, diz o Sr. Pigeaire, poderá colar sobre a pele a borda inferior da faixa com goma e tafetá.”

- Ah! Senhores, é assim que isso sempre se fez!

“A comissão achou que esse modo de experimentação não oferecia todas as garantias requeridas, pois com uma faixa

tão estreita nada impede algum raio luminoso de passar por sua borda inferior.”

- A comissão não sabe nada disso, ela não experimentou o aparelho, ela não viu a experiência! Ela devia se assegurar disso antes de dizer algo.

“A comissão passou ao exame do segundo ponto, ou seja, a posição do livro que a sonâmbula devia ler. Ainda aqui o Sr. Pigeaire tinha seu plano formado. É preciso, disse ele, que minha filha faça o que ela quer uma vez que está magnetizada: sua clarividência não se exerce a não ser de baixo para cima, ela põe habitualmente seu livro no regaço.

- O que é falar sem saber! O livro sempre foi colocado, por ocasião das experiências, sobre uma mesa, e mesmo sobre uma estante de música posta sobre essa mesa!

“A comissão fez observar que o livro estando no regaço, não oferecia uma condição segura; exigiu por conseguinte que o livro fosse colocado numa direção horizontal.”

- Não tínheis necessidade de exigir o que se fazia em cada uma de nossas experiências.

“Em consequência de suas recusas, o Sr. Pigeaire achou-se fora das condições do programa do Sr. Burdin. A comissão tinha efetivamente como missão constatar a realidade do fenómeno magnético, com as precauções próprias para assegurar-se contra toda espécie de embuste; foram justamente essas precauções que o Sr. Pigeaire não acreditou dever aceitar.”

- Fostes vós, Senhores comissários, que recusastes as condições que pareceis pedir, tanto no que se refere à posição do livro quanto à constatação severa da oclusão dos olhos.

“Em consequência, o Sr. Pigeaire limitou-se a fazer funcionar sua sonâmbula à sua maneira.”

- Quem não acreditaria, lendo esta frase, que os Srs. Comissários viram funcionar *esta máquina viva?*

“A sonâmbula leu, com efeito; mas, pelo que se presume, com a ajuda de fracos raios que penetravam pela borda inferior da faixa, e depois de uma hora e meia de contorções do rosto e do corpo, capazes de deslocar mais ou menos a faixa.”

- As atas que foram transcritas, e as assinaturas que aí estão apostas, dão um desmentido formal à alegação dos comissários: se um deles tivesse assistido a uma única experiência, não teria havido *conjectura*, teria havido *certeza*. Pode-se ousar fazer semelhante relatório!

Quatro membros da Academia, os Srs. Delens, Adelon, Jules Cloquet e Pelletier, que haviam assistido às experiências *particulares*, quiseram em vão demonstrar que a comissão não cumprira sua missão. Ela estava encarregada de examinar o fato que o Sr. Pigeaire anunciava, com o risco de declará-lo falso; ela se absteve de tal e parece fazer crer que o examinou.

O que podiam esses cientistas?

Os jornais da Faculdade publicaram que a fraude e o embuste do Sr. Pigeaire tinham sido desvelados..... e muitas pessoas acreditaram nisso!.....

Entretanto, os médicos de boa fé que assistiram às sessões preparatórias, não duvidando, em vista do que se passara debaixo de seus olhos, de que a comissão reconheceria o fato em litígio, não hesitaram em fazer atas das experiências e assiná-las.

Essas peças permaneceram para abalar o singular memorial do Sr. Girardin, o relator, e elas puseram naturalmente aqueles que as assinaram numa posição um pouco desagradável, pois os *fortes* da Academia *lamentam*-nos por se terem deixado enganar. Os leitores vão julgar se os homens cujos nomes seguem são tão simples quanto os Srs. Bouillaud, Dubois e outros gostariam de fazer crer.

Ata redigida pelo Sr. Bousquet. - “Em 7 de julho de 1838, às quatro horas em ponto, os Srs. Arago, Orfila, Ribes, Gerdy, Réveillé-Parise, Bousquet e Mialle, reuniram-se em casa do Sr. Pigeaire, para serem testemunhas de uma experiência dita magnética. O sujeito da experiência é a Srta. Pigeaire, com doze anos.

“Diz-se que quando esta jovem está em estado de sonambulismo magnético, tem a singular propriedade de ler com os olhos cobertos por uma faixa perfeitamente opaca.

“O objeto da experiência era verificar o fato.

“A faixa, com seis dedos de largura, é composta por uma tira de tecido fino, que se aplica primeiro sobre os olhos, depois põem-se dois tampões de algodão em rama, e finalmente três camadas de veludo preto que se fixam em torno da cabeça. Em seguida colam-se duas tiras de tafetá da Inglaterra, que aderem às bochechas e ao nariz, e aplica-se ainda uma tirinha desse tafetá perpendicularmente de alto a baixo, para aumentar as aderências das primeiras tirinhas, ao longo do nariz.

“O Sr. Arago aplicou este aparelho sobre seus olhos, e conveio que não enxergava nada.

O Sr. Orfila submeteu-se à mesma operação, e declarou que lhe seria impossível distinguir as trevas da luz.

“O Sr. Gerdy disse que distinguia as trevas da luz, mas que lhe seria impossível ver os objetos, mesmo os mais aparentes.

“Depois destes preparativos, chamou-se a Srta. Pigeaire; ela sentou-se numa poltrona, perto de uma mesa, e após alguns passes feitos por sua mãe, declarou que estava suficientemente magnetizada.

“Puseram-lhe sucessivamente e com a mais minuciosa atenção as diversas peças de que se compõe o aparelho.

“Mal essa aplicação fora feita, ela disse que estava doente, tinha dor de cabeça; agitou-se, queixou-se amiúde, tanto, que

as testemunhas, tocadas por suas queixas, convidaram várias vezes a Sra. Pigeaire e a própria sonâmbula a adiar a sessão para outro dia.

“Nesse momento, o Sr. Gerdy, que seus negócios chamavam a outro lugar, deixou a sessão. (O Sr. Gerdy sai sempre no meio das experiências e conta-as a seguir do começo ao fim.)

Enfim, depois de uma hora de espera, a sonâmbula disse que estava disposta a ler. O Sr. Orfila tinha na mão uma pequena brochura in-8^o, intitulada *Relatório da Clínica do Hôtel-Dieu*, ele a recebera na véspera do autor; ainda não estava cortada.

“Colocada *sobre a mesa*, ela foi aberta na página 11, e essa página recoberta por uma lâmina de vidro transparente. Então a sonâmbula, na atitude de uma pessoa que lê, passeou o dedo indicador da mão direita sobre o vidro, e leu distintamente e quase fluentemente cerca de uma dezena de linhas, e indicando exatamente a pontuação. Não se detinha a não ser em palavras que, tais como cirurgia, Dupuytren, exigiam de sua parte um pouco mais de atenção. Chegada ao fim da página, o Sr. Arago virou algumas folhas, e a sonâmbula leu ainda algumas linhas da página 17.

“Enfim ela começou com o Sr. Orfila uma partida de cartas, com a intenção de designar sempre as cartas que ela jogava e as de seu adversário. Nunca se enganou.

“Terminadas as provas, uma das testemunhas destacou a faixa de cima para baixo, lentamente e de maneira a permitir que os outros se assegurassem de que nenhuma peça do aparelho se deslocara. *O tafetá aderiu tão fortemente* que deixou marcas sensíveis nas bochechas da sonâmbula.

“A sessão durou duas horas.

“*Assinaran*: BOUSQUET, D. M., secretário da Academia de Medicina. - RIBES, do Instituto, médico do Hôtel-des-

Invalides. - ORFILA, decano da Faculdade de Medicina. - RÉVEILLÉ-PARISE, D. M. - MIALLE, literato.”

Seis outras atas constataram o fato que a comissão delegada para examinar não quis observar.

Desde então, a Academia foi intimada para a constatação de um fenômeno semelhante, mas a voz dos antimagnetistas abafou a dos homens ponderados, e a Academia declarou que nenhuma reivindicação relativa ao magnetismo seria, no futuro, submetida a qualquer exame.

No decurso de nossa obra, dedicamo-nos a destacar a gravidade dos inconvenientes que nascem a cada dia da proscrição do magnetismo pelos médicos. Não nos repetiremos; contentar-nos-emos com lembrar que as Academias do norte foram mais ponderadas declarando que o magnetismo, sendo um agente terapêutico, devia ser concentrado relativamente a sua aplicação nas mãos dos médicos, diminuindo assim os abusos que o charlatanismo não deixa de explorar.

Vós acreditais, médicos franceses, que os Passavent, os Ennemoser, os Hufeland, os Kluge, os Volfart, os Frank, não sejam capazes de examinar seriamente e de apreciar o valor de um fato científico? Vós duvidais talvez de que esses homens, cujo mérito não recusais, estejam verdadeiramente convencidos da realidade dos fenômenos magnéticos. Pois bem! Lede o que tiramos do 3º volume de patologia de Joseph Frank.

“Por um exame severo e experimental que fizemos com objetivo fisiológico-patológico, asseguramo-nos de que se pode, por meio do magnetismo animal, produzir, sobretudo nos rapazes e nas moças, um estado tal que essas pessoas, depois de terem experimentado arrepios, um calor vago, piscadelas, etc., podem responder às perguntas que lhes são feitas, fazer uma apreciação muito exata de sua saúde, anunciar as mudanças que ocorrerão e os remédios que convêm, seja para conservar sua saúde, seja para restabelecê-la. Uma vez despertas, não conser-

vam a menor lembrança do que disseram. Quase sempre o acontecimento confirmará o que tiver sido dito por essas pessoas, mas não será sempre assim....

“*Obs.* 3. Em 24 de abril de 1815, como eu visitava o marquês L. de Vilna, fui convidado a submeter à ação magnética a camareira de uma senhorita G... Essa doméstica queixava-se do peito. Consenti, e essa pessoa, cujo aspecto já fazia supor a existência de obstrução nas vísceras do baixo-ventre, experimentou, ao fim de seis minutos, os efeitos magnéticos. Então, dirigi-lhe aproximadamente estas perguntas: P. Este estado vos agrada? R. Não; sinto uma opressão no peito. P. A que causa atribuíis essa afecção? R. A um vício hemorroidal. P. Devo repetir convosco a prova do magnetismo? R. Duas vezes ainda: na sexta-feira desta semana e na quinta-feira da semana seguinte. P. A que horas? R. Às dez horas da manhã. P. Que remédios são mais apropriados para vossa doença? R. A decoção de chicória com soro de leite. P. Quando é preciso começar esse tratamento? R. Nos primeiros dias do mês de maio. Então essa moça teve alguns movimentos convulsivos e despertou toda surpresa.

“Na sexta-feira seguinte, fui ver a doente; era perto do meio-dia. Cerca de vinte minutos transcorreram antes que a doente caísse num estado semelhante ao sono. Ao fim de quarenta minutos, o magnetismo produziu seu efeito.

“P. Por que adormecestes com tanta dificuldade? R. Porque não viestes às dez horas. P. Quando seria necessário submeter-vos a uma nova operação magnética? R. Quinta-feira, mas absolutamente às dez horas da manhã ou às cinco horas da tarde. P. O soro de leite com chicória ser-vos-á útil? R. Muito útil, desde que o soro esteja bem clarificado. P. Os banhos mornos devem ser empregados? R. Sim, pondo neles artemísia. P. Como se deverão tomar esses banhos? R. Duas vezes por semana, de quatorze em quatorze dias, depois quando eu sair

do banho dar-me-ão um copo de vinho da Hungria. P. Vosso sistema nervoso está então enfraquecido? R. Não, mas meu sangue está estragado.

“Na quinta-feira seguinte, fui vê-la, às dez horas em ponto. Mal fizera algumas manipulações que ao fim de cinco minutos ela caiu no estado magnético. P. Lembrais-vos das sessões anteriores? R. Sim. P. Como podereis recuperar a saúde? R. Nos primeiros dias de maio tomarei soro de leite com chicória, e continuarei esse remédio durante duas semanas; depois tomarei quatro banhos mornos. P. Quando aparecerão vossas regras? R. Amanhã. P. Vosso fígado está completamente saudável? R. Ele apresenta pústulas. P. Elas desaparecerão? R. Sim. – Então eu quis explorar o olfato, e aproximei almíscar do seu nariz, perguntando-lhe: Que cheiro é este? Mas em vez de uma resposta, ela teve fortes convulsões. Acalmeei-as com alguns passes, e logo a doente despertou. No dia seguinte, às dez horas, a menstruação chegou. Entretanto a doente curou-se pelo emprego dos remédios indicados, no espaço de um mês.”

Mas, dir-se-á, embora o magnetismo seja reconhecido pelos cientistas do Norte, nada prova que se sare melhor e mais amiúde do que na França. A questão não é essa. Nós não pretendemos fazer do magnetismo uma doutrina médica, queremos somente que fatos reais não sejam negados, só porque a fisiologia, admitida até hoje, não os explica. Nós queremos que o magnetismo assuma entre a ciência antropológica o lugar que merece, e queremos que as prevenções caiam diante da verdade. Colocamos nas mãos de todos os documentos da história do magnetismo. Esses documentos são autênticos, e remetemos, para consultar seus originais, aos livros especiais⁶⁸. Agora então que cada um possui as peças do grande processo que se

⁶⁸ *Puissance de l'électricité animale [Poder da eletricidade animal]*, pelo doutor Pigeaire. – *Relatório da Academia sobre o Magnetismo*, pelo doutor Foisac, etc.

levantou entre os acadêmicos e os magnetizadores, cada um poderá exercer seu julgamento e fazer justiça a quem de direito.

SUMÁRIO.

INTRODUÇÃO. - Filosofia do progresso. - Vínculos do magnetismo com a antropologia e o espiritualismo. - Marcha e futuro do magnetismo. - Garantias científicas e morais exigíveis para a prática. - Plano da obra.
..... i a viii.

PRIMEIRA PARTE. **Fisiologia do Magnetismo.**

CAPÍTULO 1. - *Geração do fluido magnético e suas analogias com os outros fluidos imponderáveis.* - A vida. - Seu princípio. - Suas modificações. - Escala ontológica. Anatomia do sistema nervoso. - Experiências demonstrando o fluido nervoso.

Comparação dos fluidos imponderáveis. - Existência do fluido magnético animal. - Comparação desse fluido com o fluido elétrico, o fluido galvânico, o fluido dos ímãs, o fluido eletromagnético, a eletricidade natural, a luz. - Ação simpática e antipática em cada reino da natureza. - Magnetismo.
..... 1 a 35.

CAPÍTULO 2 - *Magnetismo humano.* - *Ação magnética.* - *Fenômenos nervosos.* - Natureza do magnetismo humano. - Seu modo de produção. - Divisão de seus fenômenos. -

Ação magnética sobre o homem. - Efeitos diversos. - Ação sobre si mesmo. - Ação sobre os animais. - Ação sobre os vegetais. - Ação sobre os corpos inorgânicos. - Pêndulo magnético. - Farmacomagnetismo. - Imantação pelo fluido nervoso. - Varinha divinatória.
..... 36 a 61.

CAPÍTULO 3. - *Sonambulismo.* - Seus caracteres. - Leis de produção. - Faculdades especiais desse estado. - Sonambulismo natural e artificial. - Atração parcial ou completa. - Extensão e deslocamento dos sentidos. - Criação de sensações sem causa real. - Pré-sensação orgânica. - Visão à distância. - Visão retrospectiva. - Ação da imaginação como causa produtora do sonambulismo.
.....62 a 88.

CAPÍTULO 4. - *Êxtase.* - Condições de seu desenvolvimento. - Seus caracteres. - Suas faculdades. - Dom das línguas. - Visão à distância. - Moralidade dos extáticos. - Dualidade humana. - Comunicações espirituais. - Êxtase espontâneo. - Causas morais e físicas do êxtase espontâneo. - Crises nervosas naturais. - Afecções nervosas determinando o êxtase.
.....89 a 124.

CAPÍTULO 5. - *Universalidade dos fenômenos magnéticos.* - Estado primitivo do homem. - Analogia com o estado extático. - Aparição do êxtase entre os hebreus. - Profetas sagrados. - Êxtase entre os egípcios; - na Grécia; - na Índia. - Medicina sonambúlica. - Êxtase entre os romanos; - na Gália; - na Alemanha. Êxtase nos primeiros tempos do cristianismo. - Sortilégios. - Êxtase nas Cevenas; - entre os convulsionários de

Saint-Médard. - Curas do padre Gasner de Gretreukes. - Dupla visão dos escoceses.
.....125 a 147.

SEGUNDA PARTE.
Medicina do Magnetismo.

CAPÍTULO 1. - *Medicina magnética.* - Estudo sobre o vitalismo. - O princípio vital. - Doutrina de Mesmer. - Modo de aplicação do método magnético de Mesmer. - Ação dos aparelhos. - Modo de magnetização dos modernos. - Ação dinâmica sobre o organismo. - Fatos patológicos. - Ação do magnetismo nas doenças agudas e crônicas. - Fatos patológicos. - Apreciação do valor terapêutico do magnetismo.
.....148 a 182.

CAPÍTULO 2. - *Medicina sonambúlica.* - Faculdade instintiva medicinal no homem. - Anomalia na aparição dessa faculdade. - Sonambulismo magnético. - Comparação com o método clássico para o diagnóstico das doenças. - O sonambulismo sob Mesmer. - Aplicação do sonambulismo lúcido ao tratamento das doenças. - Fatos diversos.

Sonambulismo com lucidez estendida a outros que não o sonâmbulo para si mesmo. - Visão e simpatismo. - Grau de certeza da lucidez sonambúlica. - Fatos diversos. - Relação com o sonâmbulo por intermédio de objetos diversos. - Exemplos de doenças curadas por esse modo da medicina sonambúlica. - Grau de confiança a conceder a essas consultas.
.....183 a 246.

CAPÍTULO 3. - *Cirurgia.* - Ação dinâmica do magnetismo. - Modificação da natureza dessa ação segundo os casos.

- Magnetização nas complicações secundárias das afecções cirúrgicas. - Magnetização em certas luxações, necroses e outras doenças. - Insensibilidade com auxílio do éter, do clorofórmio e do magnetismo. - Insensibilidade parcial. - Paralelo entre os agentes produtores da insensibilidade. - Conclusão sobre o valor do magnetismo e do sonambulismo aplicados à medicina.....247 a 268.

CAPÍTULO 4. - *Procedimentos magnéticos.* - Objetivo fisiológico da magnetização. - Modo de operação. - Métodos. - Magnetização saturante; - sedativa; - excitante;- tônica; - fundente; - derivativa; - entorpecente; - desembaraçadora; - à distância; - por surpresa. - Regras diversas. - Perigos da ignorância de certas leis. - Magnetização sobre si mesmo. - Fórmulas de procedimentos. - Diagnóstico do sonambulismo real ou simulado.....269 a 289.

TERCEIRA PARTE.

Metafísica do Magnetismo.

CAPÍTULO 1. - *Psicologia transcendente.* - Faculdades do sonambulismo lúcido. - Relações dessas faculdades com as da alma e do organismo. - Estudos psicológicos sobre a visão através dos corpos opacos; - sobre a visão à distância; - sobre a comunicação de pensamentos. - Lei da harmonia universal. - Separação da alma dos corpos. - Estudos sobre a previsão; - sobre a predestinação. - Fatos particulares. - Previsão entre os profetas sagrados. - Pressentimentos.....290 a 326.

CAPÍTULO 2. - *Psicologia aplicada.* - Trindade do homem. - Ação particular de cada uma das três partes do homem nos fenômenos magnéticos. - Ação da alma sobre o cor-

po. - Resistência magnética. - Imaginação. - Magnetização à distância; suas causas diversas. - Fenômenos dos estigmas. - Poder da fé e do entusiasmo. Modificação do moral do sonâmbulo pelo magnetismo frenomagnetismo. - Natureza dos perigos morais do magnetismo. - Escolha do magnetizador. - Exemplos de modificações morais sob a ação da vontade, durante o estado magnético lúcido.
327 a 357.

CAPÍTULO 3. - *Magnetismo sobrenatural.* - Anjos e demônios. - Opiniões dos teólogos. - Possessões. - Apreciação comparativa. - Escola magnetista, espiritualista, mística. - Aparições. - Intervenção dos anjos no sonambulismo magnético. - Entrega de objetos materiais. - Os espíritos. - Escola espiritualista racional. - Conclusão. - Apelo aos cientistas.
358 a 400.

QUARTA PARTE.

Pequena história.

Os antecedentes do magnetismo não são conhecidos do público sob seu verdadeiro aspecto. - Exames dos cientistas em 1784, - em 1826, - em 1837, - em 1838. - Apreciação dos trabalhos de Bailly, - Jussieu, - Husson, - Bouillaud, - Dubois de Amiens, - Berna, - Pigeaire. - Estado do magnetismo na Alemanha. - O magnetismo vinculado à medicina.
401 a 425.

FIM DO SUMÁRIO.